



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

**MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES, AS POÉTICAS DO CONTAR-SE: UMA
HISTÓRIA DOS CAMPOS E MOTORES DE AGAVE
(CUBATI, PB 1950 – 1980)**

SILVANO FIDELIS DE LIRA

Orientador: Profº. Drº. João Batista Gonçalves Bueno
Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

João Pessoa – PB
Maio de 2015

**MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES, AS POÉTICAS DO CONTAR-SE: UMA
HISTÓRIA DOS CAMPOS E MOTORES DE AGAVE
(CUBATI, PB 1950 – 1980)**

SILVANO FIDELIS DE LIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História e Cultura Histórica.

Orientador: Profº. Drº. João Batista Gonçalves Bueno
Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

João Pessoa - PB
2015

MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES, AS POÉTICAS DO CONTAR-SE: UMA
HISTÓRIA DOS CAMPOS E MOTORES DE AGAVE
(CUBATI, PB 1950 – 1980)

SILVANO FIDELIS DE LIRA

Dissertação de Mestrado avaliada em 05/05/2015 com conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Profº. Drº. João Batista Gonçalves Bueno – PPGH/UFPB
Orientador

Profº. Drº. Durval Muniz de Albuquerque Júnior – PPGH/UFRN
Examinador Externo

Profª. Drª. Telma Cristina Delgado Dias Fernandes – PPGH/UFPB
Examinadora Interna

Profª. Drª. Maria de Fátima Guimarães – PPGE/USF
Suplente Externa

Profª. Drª. Cláudia Engler Cury – PPGH/UFPB
Suplente Interna

L768m Lira, Silvano Fidelis de.
Memórias e sensibilidades, as poéticas do contar-se: uma história dos campos e motores de agave (Cubati, PB 1950-1980) / Silvano Fidelis de Lira.- João Pessoa, 2015.
198f. : il.
Orientador: João Batista Gonçalves Bueno
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL
1. História. 2. História e cultura histórica. 3. Ensino de história. 4. Memórias - experiências - Cubati-PB. 5. Agave - cultivo - subsistência.

UFPB/BC

CDU: 930.1(043)

Dedicatória:

*Para madrinha Nelma (in memorian) porque ela
permanece comigo...*

*Para mainha, vida de minha vida, que sempre me
perguntava: “E isso não tem fim não?”, talvez
dela eu tenha herdado o gosto pela finitude, por
tudo aquilo que passa...*

*Para a Prof^a. Maria Carolina Galzerani (in
memorian) que mesmo na distância me ensinou a
olhar a história e o mundo com sensibilidade...*

*Para os homens e as mulheres que rasgaram suas
vidas nos campos e motores de agave em Cubati...*

Agradecimentos:

Um texto é resultado de encontros, de olhares, de sorrisos e também de lágrimas. Aqui não estão apenas palavras, frases, aqui estão escondidos por trás de cada palavra, sensibilidades, amizades, parcerias, risos, lágrimas, enfim, um texto repleto de vidas.

Quando se conclui um texto é costume agradecer, nomear alguns sujeitos e prestar-lhes uma homenagem, e como queria falar de todos, como é grande o meu desejo de trazer todos aqueles que viveram comigo esta dissertação, desde seu início. Eis o primeiro desafio que se apresenta.

Agradecer a algo ou a alguém é uma tarefa difícil. O ato de agradecer exige um movimento de si em busca de coisas e pessoas que, de maneira significativa cruzaram nossos caminhos. E são tantas coisas, tantas pessoas que nos alteram, nos modificam e fazem com que esse movimento de si aconteça. Ao concluir um ciclo, o meu eu exige que eu olhe um pouco para o passado e pense o presente, tentando encontrar em meios ao (s) tempo (s) as pessoas que me ajudaram, fizeram com que eu fosse um fluxo ininterrupto, me modificando a cada encontro, a cada afeto. Agradeço profundamente a tudo e a todos...

A Ti meu Deus, meu Deus humano que vejo a cada dia e posso tocar. Obrigado por tudo que sou e pelo que estou sendo, a Ti elevo meus agradecimentos, assim como Nietzsche, olho para *“Tu, que me penetras a alma e, qual turbilhão, invades a minha vida”* e mais uma vez te agradeço.

Quero agradecer ao meu orientador, Prof. João Bueno, que desterritorializado chegou a Paraíba e se fez um paraibano de corpo e alma, aprendeu nossos costumes, nossos *“pantins”* e as *“mulestas”* de nosso dia a dia. Me orgulha o fato de dizer que fiz parte de sua primeira turma de orientandos, juntamente com Kátia Adriano e Paulo Hipólito. Agradeço por sua paciência, generosidade e confiança. Sem ele nenhuma linha desse texto seria possível, tudo que está escrito aqui tem um pouco dele, de sua sensibilidade e de seu carisma. João, mais uma vez, obrigado. Desculpe-me pelas minhas limitações de aprendiz.

Ao meu querido Durval Muniz, pelo carinho e pela atenção de sempre. Agradeço a ele não apenas o presente, mas também o passado, a convivência, a amizade e a alegria. Seu riso e sua fala permanecem presentes em minha vida, seus ensinamentos precisos me ajudaram em toda a trajetória acadêmica, e também humana. A ele agradeço pelo que sou, por que através de suas palavras e de sua escrita eu construí grande parte de meu eu historiador. Agradeço a ele por nos proporcionar um esse encantamento de escrever uma história *“com*

um sorriso nos lábios”. O texto que aqui apresento é também um pedaço dele, e, portanto, a ele também o dedico. *Ao mestre, com carinho*.

A Telma, a quem devo o carinho, a atenção a as várias horas de conversa. Com ela aprendi que a história deve ser prazerosa, deve fazer rir, chorar a até mesmo viajar através da imaginação, e, por que não brincar com a literatura? Seu abraço sempre me deu conforto e segurança diante das angústias que tive durante a pesquisa, diante dela confidenciei por diversas vezes a minha limitação e meus medos, que nunca foram poucos e nem pequenos. E ela sempre esteve comigo, me aconselhando e sendo um porto seguro. Os vários almoços e cafés, juntos serviram não apenas para alimentar o corpo, mas também para alimentar minha alma. Telma, eu te “lovo” muito.

Em nome da Professora Carla Mary gostaria de agradecer a todos os professores do PPGH/UFPB, cada um deles à sua maneira deram sua imensa contribuição para minha formação, o aprendizado durante as aulas, eventos e conversas informais foram sempre importantes, guardo saudade do convívio e dos bons momentos de aprendizado. De maneira especial cito Carla Mary que, para mim foi sempre uma amiga e conselheira, sempre com uma conversa agradável e um apoio sincero ela acreditou em mim, viu em mim qualidades e competências que eu mesmo desconhecia. Agradeço as sugestões de leitura, as conversas tão agradáveis e as várias lições, seja nas aulas ou no trabalho na Revista Saeculum, na qual tive grande aprendizado durante estagiário, exercido nos dois anos de mestrado. Carla Mary foi para um modelo de pessoa, de profissional e amiga. Carla, obrigado pela conversa, pelo café e pelo olhar.

Aos professores e professoras que passaram por minha vida e ficaram comigo, ocupando espaço no meu coração. Uns professores de aula, outros professores de vida. Elisa Mariana, Geralda Nóbrega, Mariângela Nunes, Cristiane Nepomuceno, Patrícia Aragão, Nilda Câmara, Auricélia Lopes, Regina Célia, Pedro Paulo Funari, Resilson Rosa, Nathália Amedi, Margareth Rago, Azemar Júnior, Juciene Ricarte, Regina Coeli, Marina Ertzogue, Iranilson Buriti, Lindaci Gomes, Senyra Martins, Maria José Oliveira, Vanuza Souza, Martha Lúcia e tantos outros. Ainda tenho marcas de cada um de vocês.

Aos meus colegas do mestrado, a cada um deles agradeço pelo convívio e aprendizado. Mas, de maneira especial agradeço a Ivam Lima, vindo lá de Recife tornou-se um grande amigo desde o dia da entrevista do processo de seleção. Ivam é uma pessoa muito “massa”, sempre amigo e carinhoso, mais que um amigo, um verdadeiro irmão. Ao lado de Ivam eu consegui outro irmão, Raphael, que sempre foi um grande e verdadeiro companheiro, parceiro de longas conversas e discussões teóricas. Meus amigos, vocês dois desenharam

novas linhas de amizade em minha existência. Obrigado, que nosso trio permaneça unido por muito tempo, por muitas jornadas.

Durante os anos do mestrado a família suporta nossas ausências, nossas angústias e nossas limitações. Eu não tenho a família perfeita, eu tenho a minha família, e a ela agradeço. Em especial meu agradecimento se direciona a painho e a mainha, que acreditaram em mim e sempre se preocupavam, quando eu “*ganhava o méi do mundo*” sem hora ou sem dia para voltar. Agradeço minhas irmãs, Sandra e Silvana, e aos meus sobrinhos (Laênio, Rafael e Rafaela), em especial a Lara Sophia que alegrava meus dias na capital paraibana. Agradeço o olhar distante e quase imperceptível de Toinho, que deixou nossa família quando eu ainda nem me entendia de gente, já fazem dezoito anos de sua morte, porém ele continua comigo, meu irmão mais velho, aquele que muitas vezes eu precisei de sua presença. Agradeço a Vanuza, minha prima que está sempre lá em casa e nos ajuda a viver.

Um amigo muito querido, Durval Muniz, escreveu certa vez em um de seus livros que “*O amigo é aquele que faz o outro alçar voos para fora de si mesmo, eu que faz o outro na busca de si encontrar entre-se. O amigo marca, ocupa, é atuante. Ele forma e transforma na amizade*”. A amizade é isso, uma marca, e tantas pessoas deixaram essa marca em mim. Meu agradecimento especial ao Padre André Moraes, um grande amigo, que a cada dia me inspira a ser uma pessoa melhor, mais humana e mais sensível.

Agradeço de maneira especial a minha grande amiga Silvana Maria, que está presente em cada página através de seu olhar atento e gargalhada estridente. A Mahcsuel que me acompanha desde o antigo “*pré I*”, deixando de ser amigo e se tornando um irmão. A ele meu reconhecimento e a lembranças de tantos momentos bons vividos, e falando de Mahcsuel não tenho como não lembrar de seu pai, Jurandir, que sempre me perguntava como iam os estudos, e durante minha graduação me ofereceu um teto e amizade, saudades do velho amigo e de nossas longas e divertidas conversas.

Não poderia deixar de agradecer a atenção e ao empenho de Mayara Arruda que, tarde chegou em minha vida e logo passou a ocupar espaço no meu coração, sem ela este texto não teria sido lapidado. Suas correções, observações e dicas foram preciosas, e mesmo fundamentais. Obrigado minha querida e doce, Mayara Arruda. A todos os que marcaram minha existência com a amizade sincera, Agradeço a vocês, meus queridos amigos, os que foram mencionados aqui e aqueles que estão escritos em minha alma, cada um significa muito para mim. A todos que participaram dos cursos, minicursos, gt's e oficinas que coordenei durante esses anos, muitos se fizeram preciosos amigos.

Um agradecimento especial aos companheiros da Secretaria Municipal de Cubati, Adilma, Adelma, Janice, Waldivia, Geane, Renice e Alekssandro, que acreditaram no meu trabalho e nos últimos meses souberam, com muita paciência, tolerar minhas ausências e limitações por conta do andamento da pesquisa e da escrita do texto, de uma maneira toda especial agradeço. Abraço, Tânia Dantas, por seu carinho e por acreditar em mim. A eles meu agradecimento pela paciência e pelo aprendizado que tenho a cada dia de trabalho.

Finalmente, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram de uma maneira ou de outra. Especialmente, agradeço aos homens e mulheres que, narraram suas experiências, abriram suas casas e seus corações para que eu pudesse escrever este texto, cada uma delas habita as linhas de minha escrita. Seus risos, suas lágrimas e suas memórias estão escondidas por trás de cada palavra, em alguns momentos, elas precedem as palavras.

Meu texto tem o afeto de seus olhares e de seus abraços. Sem elas este texto não seria possível, ou melhor, ele não seria. Agradeço a gentileza, a confiança e o café quentinho, o bolo saído do forno feito especialmente para me receber. Mas, sobretudo, agradeço o sorriso de cada um. A alegria dessas pessoas, especialmente dos idosos que, ao narrarem suas lembranças, se constituíam diante de mim, traçavam as linhas de sua existência, e que muitas vezes me envolviam, me abraçavam e faziam me sentir humano, até mesmo me emocionaram, lembrando de cada pessoa, uma lágrima se encontra com meu riso.

Por fim, um agradecimento ao apoio financeiro da CAPES que possibilitou uma dedicação quase que exclusiva para a pesquisa, participação em eventos e redação do texto.

*“Não me pergunte quem sou e não me diga para
permanecer o mesmo...”*

Michel Foucault, um filósofo mascarado de historiador.

RESUMO:

Esta dissertação pretende discutir, através das memórias e sensibilidades, algumas das experiências vividas pelos sujeitos da cidade de Cubati, interior da Paraíba, durante as décadas de 1950 e 1980. Nesse período, ocorreu neste município, a alteração da produção agrícola baseada no cultivo de alimentos para a subsistência para um processo de produção e comercialização em grande escala de agave, o qual era destinado ao mercado interno e externo. Nessa cidade, o processo de exploração econômica do agave resultou na alteração das vidas dos sujeitos, nas mudanças dos seus costumes e na alteração de suas práticas de trabalho. Através de discursos de políticos e religiosos, percebemos que o agave passou a ser visto como a principal via para a salvação do Nordeste, região esta assolada pela seca e foco de diferentes políticas públicas. Nesse sentido, políticos, religiosos, agrônomos e jornalistas revezaram-se na produção de discursos em defesa do agave, para o qual atribuíam um aspecto diabólico e destrutivo. Através de análises à *contra-pêlo* desses discursos (BENJAMIN, 2012) procurei identificar como eles foram importantes para a aceitação do agave em terras cubatienses, e também, como foram utilizados a positivação desse tipo de agricultura. Este estudo não tem como objetivo privilegiar as visões produzidas pelas elites sobre o agave. Ao contrário disso, busco identificar, através das narrativas e das sensibilidades produzidas por depoimentos orais, como o processo de exploração do agave alterou a vida dos trabalhadores que viveram nesta cidade. Ao analisar as fontes orais, propus indagações que pudessem me revelar os sentidos e os objetivos das sequências de rememoração das pessoas entrevistadas. No que se refere ao trabalho com as fontes orais, trabalhei com a metodologia da História Oral (FERREIRA, 1998), pois percebi que ela seria a única maneira de compreender o olhar dos agricultores sobre a introdução do agave como novo produto agrícola e como era o processo de trabalho com aquela planta estranha. Ao pensar a relação entre os discursos e suas múltiplas formas de atuação me baseio em Michel Foucault (1972; 2012), esse filósofo nos mostra que os discursos são perpassados por uma relação de saber-poder, os quais partem de um determinado lugar/instituição exercendo um papel nas relações sociais, culturais e políticas. Foucault, ainda me inspirou a pensar a maneira como os trabalhadores se relacionavam com suas memórias, como, ao rememorem exerciam a “*função de autor*”. Foi importante pensar a relação dos trabalhadores com o mundo do trabalho a partir do olhar da historiografia inglesa, (THOMPSON, 1981; 1997; 1998) percebi que os trabalhadores do agave de Cubati e suas memórias estão inscritos neste trabalho através de uma poética, que não pretende contar uma só história, mas que se conta através das várias vozes, que compõem esse texto.

PALAVRAS CHAVE: Agave; Memória; Sensibilidades.

ABSTRACT:

This thesis aims to discuss, through the memories and the sensibilities, some of the life experiences of people who lived in the city of Cubati, located at the interior of the state of Paraíba during the 1950s until 1980. In this period, occurred in this city the change of agricultural production based on food cultivation for subsistence to a production process and large-scale commercialization of agave, which was destined for the domestic and foreign markets. In this city, the process of economic exploitation of agave resulted in some changes on the lives of the people, changes on their everyday life and working practices. Through political and religious speeches, we realize that the agave was seen as the main route for the salvation of the Brazilian Northeast, a region hit by the drought and focus of different public policies. In this sense, political, religious, agronomists and journalists took turns on the production of speeches in defense of the agave, for which attributed an evil and destructive aspect. Through analysis of these discourses (BENJAMIN, 2012) I sought to identify how they were important for the acceptance of agave in Cubati, and also, how they were used for positivization of this type of agriculture. This study has not the objective to privilege the visions created by the elitist groups about the agricultural production of the agave. For the contrary, I intend to identify, through narratives and the sensibilities produced by oral speech, how the process of the exploration of the agave changed the lives of the workers who lived in this city. After analyzing the oral sources, I proposed some questions which could reveal to me the senses, the objectives of these senses and the objectives of the sequences of remembrance of the people who were interviewed. With regard to the work with the oral sources, I used the Oral History Methodology (FERREIRA, 1998), because I realize that it would be the best manner to comprehend the visions of the farmers about the introduction of the agave as a new agricultural product and how it was the manner of work with that strange plant. When we think on the relationship between the speeches and its various forms of actuation, I based myself in Michel Foucault (1972; 2012), because this philosopher showed us that the speeches are passed by a knowledge-power relation which starts from a particular place/institution playing a role in social, cultural and political relations. Foucault inspired me to think the manner how the workers were related to their memories, and how, when they remembered, exercised the "*author function*". It was also important to think the relations of the workers with the working world from the look of English historiography, notably through (THOMPSON, 1981; 1997; 1998) realized that the agave's workers from Cubati and their memories are inscribed in this study through a poetic, that do not intend to tell just one story. This story is told through the various voices that make up this text.

KEY-WORDS: Agave; Memory; Sensibilities.

LISTA DE IMAGENS:

Imagem 1		34
Imagem 2		35
Imagem 3		39
Imagem 4		42
Imagem 5		46
Imagem 6		65
Imagem 7		67
Imagem 8		71
Imagem 9		73
Imagem 10		77
Imagem 11		79
Imagem 12		118
Imagem 13		120
Imagem 14		122
Imagem 15		127
Imagem 16		135
Imagem 17		137
Imagem 18		141
Imagem 19		151

SUMÁRIO:

Introdução	15
Capítulo I - Cenas de “um novo tempo”: o agave e o mito da salvação	31
Primeira cena – Os discursos modernizadores da agricultura	32
Segunda cena – Chega a “salvação”: o agave em terras paraibanas	49
Terceira cena – A “civilização dourada” e a idealização do agave	69
Quarta cena – Entre o céu e o inferno: batalhas de representações	75
Capítulo II – Memórias e sensibilidades, as poéticas do contar-se: narrativas de trabalhadores	85
Entre o eu e os outros: os cenários dos diálogos	86
Paisagens e memórias: <i>“Hoje mesmo onde você mora era um campo de agave melhor do mundo”</i>	94
As memórias do trabalho e a construção do corpo masculino	109
<i>“Menino, eu cantava tanto, era aquelas canção do tempo antigo”</i> : a invenção da felicidade	122
Capítulo III – “Era pra eu contar muita história”: a tessitura do passado, a História entre a memória e o esquecimento	131
Quadros de imagens de memórias e de sentimentos	132
As particularidades do narrar e do (re) inventar o passado	146
É preciso não ter lugares: trajetórias dos “candangos de motor de agave”	155
Essas mulheres: narrativas femininas	167
Considerações finais – “Acho que tá bom, obrigado!”	176
Referências	179
Lista de entrevistas	189
Apêndice	190
Anexos	195

INTRODUÇÃO:

A História não é como um castelo, com sua torre central, de onde um sujeito soberano pode visualizá-la em seu devir e pode tomar as decisões que vão mudá-la de rumo. A História é como um labirinto de corredores e portas contíguas, aparentemente todas semelhantes, mas que, dependendo da porta que o sujeito escolhe para abrir, pode estar provocando um desvio, um deslizamento para um outro porvir.

Durval Muniz de Albuquerque Jr.

Ao iniciar este estudo sobre o período auge de produção e comercialização do agave¹ no Município paraibano de Cubati², especificamente entre os anos 1950 à 1980, tornou-se imprescindível uma pesquisa que mantivesse um (in)tenso diálogo com a memória e com a narrativa dos sujeitos que estiveram envolvidos naquela trama de acontecimentos em que, homens e mulheres das diferentes classes sociais tivessem suas vidas, de uma maneira ou de outra, entrelaçadas pelos fios dourados do agave, que movimentava não apenas a economia local, mas movimentava subjetividades, criava e destruía sonhos e sentidos.³

Então, através observações, análises, escuta de sujeitos, diálogos com outros pesquisadores o meu olhar de historiador foi sendo alterado, deixei de ver a História a partir da torre do castelo e me perdi por inúmeras vezes no labirinto, muitas vezes até desprovido do fio de Ariadne. Perdi-me em meio a multiplicidade de vozes e de interpretações do

¹ O agave (*Agave Sisalana* Pierre) é uma planta origem mexicana e que é trazida para o Brasil entre o início dos séculos XIX e XX. Cercada por mitos e tradições, no México, e em outros países da América Latina essa planta é revistida por mitos que lhe atribuem características mágicas e mesmo divinas. Pertencendo a família das *amarelidaceas*, que abrange mais de 300 outras espécies, foi muito utilizada pelos povos da península de Yucatan, no México. Quando chegou ao Brasil, o sisal passou a ser mais conhecido como agave, por esse motivo, adotaremos para a redação do texto essa nomenclatura, tendo em vista que é a mais comum na área pesquisada. Mesmo já introduzida no Brasil desde o início do século, é somente no fim da década de 1930 o agave passou a ser visto como alternativa economicamente viável, inicialmente, devido às condições climáticas propícias, foi introduzida nos estados da Paraíba, Bahia e Rio Grande do Norte, mais tarde espalhando-se por outros Estados do Norte do Brasil.

² Cubati está localizada na região do Seridó Oriental Paraibano, possui uma área territorial correspondente a 136,967 km². Foi emancipada em 1959, quando deixou de ser distrito do município de Picuí. De acordo com o Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população, em 2010 era de 6.866 habitantes sendo em sua maioria mulheres.

³ Utilizo o conceito de trama inspirado no conceito de Paul Veyne, para este, o historiador realiza um “corte” selecionando os fatos a que abordará, de acordo com sua discussão, a palavra “trama” tem ainda a importante vantagem de lembrar que o objeto de estudo do historiador é tão humano quanto um drama ou um romance. Nas palavras de Veyne: “*Os fatos não existem isoladamente, nesse sentido de que o tecido da história é que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco ‘científica’ das causas materiais, de fins e de casos, de um corte de vida que o historiador tomou, segundo sua conveniência [...]*”. Cf. VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 2ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, p, 28.

passado. Durante os (des) caminhos da pesquisa entrei e saí por inúmeras portas, o que me proporcionou preciosas experiências.

Assim escolhi o desvio, o desvio de uma história que não pretende contar o passado tal qual ele aconteceu, mas de uma história contada a partir das elaborações subjetivas dos sujeitos, de suas sensibilidades e múltiplas maneiras de ver o mundo e a si mesmos. Me desviei inclusive de mim mesmo, e não quis mais saber de como foram os anos dourados do agave em Cubati, fui buscar narrativas, colhi memórias e as (per) verti em história, exercendo assim a violenta tarefa do historiador. Não me interessei em quantificar nem mesmo em calcular as cifras de um ciclo econômico, preferi adentrar no campo das subjetividades, das invenções de si, invenções de um passado que só podem existir através da força criadora da memória e da narrativa.

O que aquelas pessoas contam do passado? Como cartografam as suas lembranças e compõem suas narrativas? Quais sentimentos agregavam em suas rememorações? Questões desse tipo passaram a me inquietar, me impulsionando a pensar a história a partir de outros olhares. Assim, entendi, depois de várias leituras e reflexões, que o passado é algo que não mais existe, ele é uma experiência perdida na vastidão e na força do tempo, a memória, então, se contitui em um esforço, em uma busca incessante das imagens do passado. Fui entendendo que as pessoas narravam suas memórias e não apenas me falavam sobre aconteceu, mas de como rememoravam. Tudo isso foi alterando minha própria concepção de história e de memória⁴, uma diferenciava-se da outra, de forma violenta uma negava e expurgava a outra. Como se fossem irmãs, só que, sempre em um intenso embate, não se separam, mas opõem-se.

A cada novo incursu parecia me perder mais. Cada encontro era uma nova porta que abria. Amigos, professores, colegas de mestrado, de eventos, cada um contribuiu ainda mais para que eu me perdesse, uma perdição orientada, semelhante aquela de que fala Walter Benjamin⁵. Perdições que me fizeram dialogar com outros sujeitos, co-autores deste texto, personagens que estiveram comigo por noites inteiras, madrugadas e dias ensolarados, que ajudaram a dar forma, cores, e a desenhar as curvas e encruziladas do meu texto. Misterioso diálogo estabelecido com Michel de Certeau, Michel Foucault, Paul Ricouer, Gilles Deleuze e tantos outros que foram essenciais para que este texto pudesse surgir, pudesse ser modificado, relido e refeito a cada nova perdição. É proveitoso se perder.

⁴ Mais adiante tratarei da ambiguidade e da relação, muitas vezes conflituosa entre história e a memória.

⁵ BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**: obras escolhidas Volume II. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 73.

A relação que este trabalho estabelece com as questões econômicas e políticas se dá porque, compreendi que seria impossível entender como se tece a narrativa dos cubatienses sobre suas memórias do tempo do agave sem analisar quais foram os acontecimentos, políticos e econômicos que fizeram com que Cubati, quando ainda era uma pequena vila, viesse a se constituir como um dos mais importantes centros de produção e comercialização de agave no interior da Paraíba.

Seria preciso historicizar a inserção de uma planta que era até então estranha, desconhecida por grande parte das pessoas que ali viviam. Percebi que seria muito significativo compreender a chegada do agave, isso por quê, não sendo uma planta nativa, ela altera também a paisagem e a natureza local. Em um terra desenhada pelos galhos retorcidos da Caatinga, o agave aparece em toda sua majestade, em sua forma imperial. Suas grandes folhas de verde intenso contrastam com a paisagem acinzentada. Mas, como é que o agave chegou em Cubati? Como foi possível aquele lugar se tornar um centro comercial aonde espalhavam-se os campos e os grandes armazéns de compra e venda de agave?

Para sondar algumas respostas para essas primeiras questões foi preciso fazer um estudo sobre a chegada do agave e os discursos que legitimaram as suas potencialidades econômicas. Compreender como é que um conjunto de discursos legitimaram o agave como um mecanismo de salvação econômica para uma região Nordeste, assolada pela seca e esquecida pelas políticas públicas. A minha hipótese é que esses discursos foram de grande importância para que os grandes e médios agricultores vissem no agave uma via para a recuperação econômica e salvação da economia nordestina. Não é à toa que muitos proprietários de terras tenham deixado de lado o cultivo do algodão, outrora um forte produto da economia regional, para encherem seus roçados de agave.

Por trás de todo esse processo que é econômico, sobretudo, existiam vidas, sentimentos, personagens que ficariam muitas vezes anônimos diante dos acontecimentos, pessoas que naquele contexto não passavam, para seus patrões, de mão de obra, de força motriz para a ascensão econômica. Pessoas que ocupavam outros espaços, que estabeleciam relações sociais e afetivas não com os comerciantes, com os padres, com as mulheres da sociedade, mas que forjavam, dentro de um espaço de trabalho relações com os seus semelhantes, com outros trabalhadores que partilhavam da rotina, da vida, das alegrias e das tristezas. No espaço do trabalho, o mundo era inventado.

O deslocamento de olhar, que me leva a investigar não o mundo do patrão, mas o mundo dos trabalhadores, permite indagar como é que essas pessoas foram forjadas, como tiveram seus corpos contituídos *no* e *para* o trabalho. Pensar nesse sentido, requer sensibilizar

o olhar e a voz para ver e o ouvir o outro como um ser constituído por práticas e discursos, através de um processo de subjetivação. Nessa perspectiva, o historiador não pode se limitar a descrever, a traçar em linhas escritas o corpo, as ações e as práticas, ele precisa interpretar os corpos, decifrá-los, ele precisa decifrar o corpo em suas escrituras, em seus esconderijos.

Antes de prosseguir com minha análise é necessário que eu me justifique diante dos leitores deste texto, explicar-me a este contra-herói que é o leitor⁶. Escrever um texto é colocar-se diante de si mesmo, é expressar em letras, em parágrafos, em capítulos, aquilo que somos e aquilo que estamos nos tornando.

Meu texto é meu *dever*, o meu vir a ser. Nasci, e cresci em Cubati. É lá que tenho meus primeiros contatos com a vida, lá também aprendi que a história poderia ser vista não apenas nos grandiosos eventos, mas que estava logo ali, nas paisagens, na cidade, nos sujeitos, nos sentimentos daquela gente com quem mantinha uma relação tão próxima. E não raras foram as vezes que me sentei e ouvi as narrativas de pessoas simples, de sujeitos marcados no corpo e na alma por uma vida inteira de trabalho, pessoas que traziam nas mãos calejadas e na pele manchada pelo sol, as marcas do trabalho duro, da busca pela sobrevivência. Ali, em Cubati, eu era só uma criança que mal sabia quantos grãos de milho colocar numa cova cravada na terra, e que curiosamente ouvia as histórias daquela gente, sentado sob o frondoso umbuzeiro. Imagens da infância, imagens de minha infância que me veem como um lampejo.

Mas como eles mesmos diziam “*os tempos eram outros*”. Por causa desses outros tempos, era ali um invasor que deveria deixar aquele lugar e ir à escola. E fui crescendo, contudo, laços familiares e afetivos não foram perdidos, permaneço ligado à simplicidade do campo, às imagens daquele tempo. Eu apenas fui, com o tempo, reinventado por aquelas pessoas. Deixei de ser o moleque que corria livre por aqueles roçados e que, teimosamente, pulava a cerca, me feria nos arrames que traçavam fronteiras. Deixei de ser aquele menino que admirava a magestade do pé de agave e com uma curiosidade, comum à minha idade, me feria naquele grande e firme espinho. O verde do agave se misturava com o vermelho do sangue que escorria de minhas mãos. O agave também me marcou, me feriu, não na mesma intensidade que marcou e feriu os trabalhadores, mas me feriu o suficiente para olhar para ele com uma mistura de medo e admiração, com uma confusão de ódio e respeito.

Cresci, e do filho de Lourdes e neto de Dona Toinha da Qualhada, como conheciam minha avó, passei a ser o menino que estudava em Campina Grande, a mudança de espaços geográficos parecia determinar uma nova pessoa, aquelas pessoas criaram uma nova

⁶ BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburgl. São Paulo: Perspectiva, 2013.

cartografia de mim, saída do campo para a universidade. Meu respeito e meu convívio com aquela gente não mudou, continuei a ver naquela gente simples um povo sensível que colocava suas vidas em uma inteira partilha. Parece que eles passaram a me interpretar de outra forma. Para eles eu me tornei uma pessoa importante, de conhecimento, um professor.

A pesquisa de graduação⁷ me levou a estudar as narrativas de trabalhadores sobre o período de produção do agave em Cubati, o que para mim aparecia como uma questão puramente econômica, tornou-se um campo para se observar um conjunto de sentimentos, sensibilidades e emoções presentes nas narrativas dos velhos. A sombra capitalista dava espaço para as subjetividades e múltiplas interpretações do passado, possibilitando uma nova leitura, a qual esta dissertação é como uma continuação, ou melhor, uma ampliação.

A partir disso fui entendendo que cada lembrança se constituía como um espaço de criação de si de imagens do passado⁸, ao ouvir as histórias dos tempos do agave, percebi que cada sujeito participava de uma reconstrução do passado, reunia imagens marcantes em suas vidas, e montava um quadro de recordações, contavam memórias de um passado de privações, de muito trabalho, que na grande maioria das vezes, sobretudo quando se trata de grandes comerciantes e fazendeiros, era revestido por um saudosismo que se manifestava a cada narrativa.

Entre os sentimentos presentes nas narrativas que pude identificar com algo em comum nas pesquisas para a dissertação, a saudade, um sentimento que geralmente é expresso nas narrativas dos trabalhadores. Essas memórias não deixavam de buscar no passado imagens que falam de experiências individuais e coletivas, de solidariedade e de afetividade entre os seus companheiros de trabalho. Na narrativa, sujeitos dialogam com outros, evocam pessoas que habiram a narrativa, o amigo, o parente, uma pessoa conhecida. Este sentimento é também uma saudade de quando o trabalho ditava o ritmo da vida e fornecia o sustento, saudade de quando os filhos podiam estar reunidos, trabalhando e vivendo “debaixo das asas” dos pais, tempo em que até mesmo a vida era ritmada pelo amanhecer e pelos fenômenos da natureza.⁹

⁷ LIRA, Silvano Fidelis de. **Memória e sensibilidades, narrativas que contam vidas – histórias do ciclo do agave em Cubati - PB (1950-1980)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

⁸ A ideia da narrativa ser um espaço de criação de si é bastante presente na obra de Leonor Arfuch, que identifica que “as ciências sociais se inclinam cada vez com maior assiduidade para a voz e o testemunho dos sujeitos, dotando assim de corpo a figura do ‘ator social’”. Cf. ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p.15.

⁹ Para compreender como se dava essa ritmagem da vida e das experiências associada à natureza não deixa de ser pertinente a leitura de Edward Palmer Thompson, sobretudo, no capítulo onde ele discute as transformações ocorridas na vida e no cotidiano dos trabalhadores com a implantação do capitalismo industrial. Cf. THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em**

Mas aonde entra o agave? Qual o lugar que ele ocupa em minhas memórias e que me fez envolvê-lo em minha escrita? Sempre esteve presente em mim a memória de narrativas de pessoas muito próximas, geralmente se referiam ao agave como uma cultura agrícola que lhes proporcionou sustentar a família nos tempos em que, devido a seca, a agricultura de subsistência era quase inviável. Por isso, quando falavam disso se referiam com saudosismo, com uma certa melancolia. Aquelas vozes continuam a fazer eco na minha mente de historiador, enquanto escrevo pareço ouvir cada uma, cada gesto, cada olhar. Ao escrever a história, o historiador, estabelece uma ligação muito forte com o passado, não conseguindo livrar-se dele. Ele não está livre de ser afetado pelo objeto que estuda, impossível seria se desvincular ou abstrair-se das suas subjevidades, como queriam Chauvenau e Tétart¹⁰, pessoalmente, acredito que a história deva manter esse diálogo, deve estar impregnada pelo *eu* do historiador.

Assim, mantenho um diálogo, mais uma vez (in)tenso com o passado, com um passado que é de um grupo de pessoas, de cubatienses, mas que também é meu, que faz parte das imagens do passado que construo, das interpretações que faço das memórias e das narrativas. Eu me escrevo em meu texto, eu me confundo com aquilo que faço. A História, é distanciamento e proximidade, ao mesmo tempo que me arrasta para o passado, me força a olhar o presente.

A escrita da História, como nos mostra Michel de Certeau (2011) é uma prática. Um conjunto de procedimentos orientados por normas e também pelos pares. Portanto é preciso criar, um aparato teórico-metodológico que balise a escrita, que possibilite a análise do objeto, do acontecimento estudado. Escrever a História, é nesse sentido, manusear, manipular aquilo que se estuda através de métodos, técnicas e conceitos. Mas, o próprio Michel de Certeau vai além, a “*operação historiográfica*” não é apenas a articulação dos conceitos e métodos, culminando na escrita do texto, ela é a combinação de um lugar social e de uma prática científica.

O historiador, utilizando os mecanismos de interpretação do passado, busca entender como as sociedades, os grupos e os sujeitos se relacionam com o passado, que sentidos lhe atribuem, acredito que essa seja uma das mais importantes preocupações dos historiadores atuais, entender como os sujeitos se relacionam com o passado. Nesse caminho, devemos

comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 267-304.

¹⁰ CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Phlippe. **Questões para a história do presente**. Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

buscar captar as diferenças, as singularidades dos grupos sociais e dos sujeitos, localizáveis em um dado espaço e temporalidade, tentando conhecer os sentidos do passado¹¹.

Todos nós estamos envolvidos pelo passado, dialogamos com ele e somos formados a partir de nossas relações com o tempo e com nossas memórias, é a nossa relação com o passado que nos faz ser quem somos. Ao nos relacionarmos com o passado procuramos dar sentido aquilo que se perdeu na fugacidade do tempo, dessa maneira, a memória se apodera do tempo, e a partir de nossas relações com ele o recompoem em uma atitude interpretativa.

O meu entendimento é que a memória e a narrativa funcionam como uma construção do passado e não como uma verdade dita sobre o passado, ambas produzem simulacros daquilo que aconteceu. As memórias são antes de tudo, permeadas de desejos de verdade e de poder. Portanto, cada narrativa é diferente da outra, elas são fruto das elaborações subjetivas do sujeito e, se constituem a partir de imagens e pontos de referência diferentes. Nesse sentido, penso a narrativa a partir do conceito de arqueologia de Michel Foucault¹² e a partir dele indagar as narrativas do passado não como semelhantes, mas como diversas, comparando-as, e apodando-as umas as outras, tentando, dessa forma, identificar as semelhanças e as diferenças.

A narrativa é uma maneira de dar sentidos ao passado, de tornar o tempo algo humano, como nos ensina Paul Ricoeur¹³ ao dizer que “*o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa*”, ainda sobre a narrativa o autor diz que ela “*é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal*”. Ao narrar suas memórias, o sujeito está na verdade criando, dando contornos a sua existência, dessa maneira vai criando em torno de memória e de sua articulação o presente e uma identidade narrativa, que é um contar-se, uma escrita de si, um veículo de subjetivação do sujeito. A narrativa não é algo externo ao sujeito, ela sua identidade, aquilo que o define, que lhe molda.

É na narrativa que se estabelece o diálogo da memória com si mesmo, compreender, pois, a si mesmo, é o ponto de partida para a narração. A interpelação feita por Paul Ricoeur

¹¹ HOBSBAWM, Eric. O sentido do passado. In: _____. **Sobre História**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p, 25.

¹² Para o filósofo francês Michel Foucault (1972, p, 196); “O horizonte para o qual se dirige a arqueologia não é, pois, uma ciência, uma racionalidade, uma mentalidade, uma cultura, é um emaranhado de interpositividades cujos limites e os pontos de cruzamento não podem ser fixados de imediato. A arqueologia: uma análise comparativa que não está destinada a reduzir a diversidade dos discursos e a desenhar a unidade que deve totalizá-los, mas que está destinada a repartir sua diversidade em figuras diferentes. A comparação arqueológica não tem um efeito unificador, mas multiplicador

¹³ Ver. RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (3 volumes).

(2010) nos faz entender que o percurso narrativo não um simples contar, mas, vai além e segue na construção da identidade, na formação da subjetividade. Narrar é identificar-se, é desenhar sua história a partir de afetos, de interpretações do passado. Portanto, é bastante fecunda a ideia de identidade narrativa, de um espaço de construção de si e das memórias, tornando-as inteligíveis, aceitáveis na medida em que se entrelaçam experiências e sentimentos. Talvez seja esse o objetivo de toda narrativa que procurei construir neste texto, que, enquanto discurso, busca vias de tornar-se aceitável, inteligível.

A leitura da obra de Paul Ricoeur ajuda a pensar o passado como um movimento, e não como uma instabilidade. Ivone Cordeiro Barbosa (1997) nos chama a atenção para pensarmos no passado como uma conversa, o historiador nela intervém, com suas experiências e seus valores, e então dialoga com o passado vivido pelos sujeitos com quem mantêm diálogo. Dessa forma, a partir de Paul Ricoeur, a autora postula que o passado não uma coisa, um objeto, mas:

como um reduto de experiências de outros sujeitos com os quais é possível estabelecer um diálogo, exige do historiador o abandono de concepções e conceitos cristalizados e a adoção de uma atitude crítica em relação não só aos próprios valores vividos por outros sujeitos situando-os em seu tempo, lugar e nas suas circunstâncias. O historiador surge “*em meio a uma conversa que já começou*” e nela intervém, com sua experiência, com seus valores, com suas preocupações, enfim, como ser-no-mundo e, como tal é que formula problemáticas, sem perder, no entanto, a noção de mudança, de ruptura entre o seu presente de historiador e o passado vivido por outros sujeitos com os quais dialoga. Esta noção de mudança e de ruptura é que dá o conteúdo de historicidade pois preserva a distância entre o presente e o passado, mesmo quando o historiador, no seu trabalho de interpretação, torna “próximo o longínquo (temporal, geográfico, cultural e espiritual)” (BARBOSA, p, 301-302).

Assim, procurei fazer uma leitura do tempo procurando buscar os sentidos do passado dos trabalhadores do agave de Cubati, analisei as permanências e as rupturas de um passado ao qual só pude ter acesso por meio das experiências do outro, de pessoas perpassadas pelas marcas do tempo e da memória. A narração dessas experiências é justamente o momento em que as memórias surgem no meio da conversa, e em meio as narrativas surgem lembranças, sentimentos que são frutos da relação com o passado e com as experiências individuais e coletivas.

O historiador, através de procedimentos teórico metodológicos transforma aquilo que é memória em história, ele faz um exercício de assimilação entre aquilo que se lembra e aquilo que existiu. Dessa forma, ele vai estabelecendo diálogos entre a memória, a narratividade e a

história, a partir disso percebi que a memória dos trabalhadores que foram utilizadas nesta dissertação são também, uma forma de narrativa, pois criam uma representação do passado. Através da rememoração desses sujeitos, tive acesso a imagens criadas e inventas do passado, que foram articuladas através da linguagem, compondo uma teia narrativa.

Em todo o texto está, implícita ou explicitamente a ideia de que a memória não é um discurso responsável por criar uma imagem real do passado, mas ela cria interpretações possíveis de experiências individuais ou coletivas. Entendo que a memória, como narrativa, não se configura como discursos verdadeiros, ela é marcada pela seletividade, por leituras diferentes, de um passado que só se tem acesso a fragmentos, dispersos e deformados. O passado é fugidio, não deixa se prender aos caprichos de quem tenta interpretá-lo, foge das tentativas sintetizadoras das experiências humanas.

Mas lidar com memórias e com sentimentos requer do historiador uma maneira diferente de conduta, trata-se de uma “não-materialidade”, e como lidar com aquilo que não poder ser captado pela racionalidade? Que não pode ser lido pela capacidade do olho. A memória e as sensibilidades só podem ser lidos através da subjetividade do pesquisador, que se mistura com o documento.

O historiador que lida com memórias, cria passados, conta histórias a partir de restos do tempo, Sandra Jatahy Pesavento¹⁴ nos desafia com uma pergunta, capaz de nos fazer refletir sobre a atividade de lidar com passado, se nosso desejo é interpretar as ações humanas no passado. Ela nos pergunta como podemos recuperar as sensibilidades dos homens do passado. Como é possível buscar uma interpretação daquilo que é mais inerente ao ser humano, os sentimentos? Essa é a pergunta de Sandra Pesavento, e que continua fazendo eco na mente daqueles historiadores que se preocupam com a dimensão subjetiva do ser humano.

Como historiador das sensibilidades precisei adentrar no âmbito subjetivo dos sujeitos, adentrando as zonas iluminadas e sombrias do ser humano. A amizade, a intriga, a dor, a alegria, e a própria relação do sujeito com o mundo em que está inserido, ou sua relação com o mundo trabalho, se tornaram campos, nos quais pude interpretar a relação dos homens de uma pequena cidade do interior da Paraíba, num determinado tempo histórico, compreendido como o auge da produção e comercialização do agave. Procurei, dessa forma construir uma história a partir das sensibilidades, apresentando ao leitor um olhar diferenciado para o passado, não baseado nos pontos econômicos da economia do agave, mas um olhar construído

Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 04 febrero 2005, consultado el 27 enero 2014. URL: <http://nuevomundo.revues.org/229>; DOI: 10.4000/nuevomundo.229.

a partir das memórias e dos sentimentos tecidos pela subjetividade de trabalhadores, homens e mulheres que hoje constroem suas vidas através da narrativa.

As sensibilidades e as emoções humanas não podem ser entendidas apenas como fenômenos subjetivos, disviculados da vida social e cultural do sujeito, é evidente que se tratam de faculdades humanas, portanto, socialmente construídas, como foi demonstrado por Peter Gay (1988). Seguindo essa concepção Stuart Walton¹⁵, dirá que as emoções e os sentimentos, não são estímulos rápidos ou espontâneos, mas, ao contrário, são *historicamente construídos*, formam os alicerces de grande parte de nossa vida social e cultural.

As subjetividades humanas são forjadas historicamente e em relação com os sujeitos e a sociedade em que estão inseridos. As subjetividades não são a-históricas, não são ilhas no oceano da vida social. Segundo Benito B. Schimdt (2012) devemos pensar as subjetividades como um resultado de percursos históricos, em que o indivíduo é construído em meio a tensões e conflitos, as sibjetividades fabricam o sujeito:

a noção de subjetividade não deve ser pensada, sobretudo por nós historiadores, como uma figura ou uma dimensão a-histórica ou trans-histórica, uma essência de todo ser humano, ma matéria alojada no coração ou na mente dos homens, algo natural e quee pode ser resultado de múltiplos percursos históricos que convergiram, não sem tensões, para a fabricação do individio moderno, aquele63 que “possui” uma determinada subjetividade (SCHIMIDT, p, 87).

As subjetividades não se deixam domar pelos desejos do historiador, elas são diferentes, inqueitas e reelaboram o passado de acordo com os desejos e os interesses pessoais. Isso foi bastante perceptível nas entrevistas que realizei, identifiquei que há uma estreita relação, e ao mesmo tempo, uma imensa disparidade entre o dito e o vivido. A narrativa é uma seleção de lembranças mediada pela linguagem, portanto, é fruto de escolhas, não é uma representação fiel do passado, dessa forma é mediada pelas subjetividades.

Escrever história a partir das memórias é articular as sensibilidades e percepções de vida, entendendo-os como construções culturais, que sofrem influência do mundo em que o sujeito habita. Assim poderíamos falar em uma *estrutura de sentimentos*¹⁶, que implica em uma articulação entre o social, o cultural e o subjetivo, esferas as quais não se separam, mas dialogam, coexistem.

¹⁵ WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2007.

¹⁶ O termo estrutura de sentimentos é utilizada por Marcos F. Freire Montysuma, em um texto em que discute a relação entre subjetividades e oralidade dos trabalhadores dos seringais de Xapuri, no Acre. Cf. MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Subjetividade e história oral: possíveis interações na autorização de cessão de uso dos relatos. In; LAVERDI, Robson [et. al.]. **História oral, desigualdades e diferenças**. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2012 (p, 55-68).

A partir das primeiras entrevistas realizadas com os velhos trabalhadores dos campos de agave fui percebendo que mesmo a questão econômica tendo uma grande importância para aquela gente, eram as relações sociais, os contatos cotidianos, as conversas, as cantigas, as brincadeiras que importavam. A vida era tecida na simplicidade.

Nesse mundo inventado a vida se refazia, cada momento tinha significados distintos para os trabalhadores. A hora do café e do almoço, era a hora do diálogo por excelência, momento em que, não só o alimento, mas a vida era partilhada como um bem comum, momento em que as histórias e as memórias individuais se entrelaçavam com o outro. Nesse momento, não havia um, mas um coletivo falando, se alegrando com as narrativas soltas, livres. Mas, como narrou Dona Julieta, nem tudo era alegria, o espaço do motor de agave era também um lugar onde se manifestava o confronto entre aqueles que mandavam e os que deveriam ser mandados, entre os homens e as mulheres, como em toda relação humana e o motor de agave era também um lugar de relações de poder, relações capilares¹⁷, quase imperceptíveis, mas que eram responsáveis por alterar as vidas, as subjetividades e as relações com o trabalho.

Todas essas imagens do passado chegam ao presente através do trabalho de rememoração, de reelaboração da lembrança. Rememorar não é um ato de recuperar ou resgatar imagens do passado, o mito do passado resgatado pela memória ou pela história é uma falácia, em uma sociedade em que se fala do resgate do passado¹⁸ é preciso mostrar que nada que pertence ao passado pode ser resgatado, a memória não é resgate, ela é uma interpretação subjetiva do tempo.

Para entendermos isso, é esclarecedor refletirmos sobre o pensamento de Walter Benjamin (2013), para esse autor a memória se constitui a partir de imagens fragmentárias do passado, nesse sentido, a rememoração é, na verdade, uma busca de imagens perdidas entre os cacos do passado. Essa busca parte do presente, dos sentimentos e das necessidades do agora, uma busca que se realiza não no encontro com o todo, mas nos múltiplos fragmentos de lembranças e de nossas experiências passadas. A atividade de rememoração é também uma maneira de intercambiar experiências, articulando-as com o presente, assim, através da

¹⁷ Pensar as relações de poder como relações micro, é uma concepção de poder baseada nas reflexões do filósofo francês Michel Foucault. Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. e Trad. Robert Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

¹⁸ Sobre essa “síndrome do resgate” o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior desenvolve uma crítica contundente, mostrando que a historiografia não pode e nem tem o compromisso em resgatar o passado, a ideia do resgate, conferiria ao evento histórico um caráter mítico. A autor ainda promove uma relação com a observação de que muitos pesquisadores falam em resgate de memórias, quando na verdade, são eles quem constroem as memórias. Cf. ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1020 – 1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 225 – 234.

memória e da narrativa, estabelecer uma relação entre tempos, espaços e experiências que não reproduzem o tempo linear e homogêneo.¹⁹

Trata-se, portanto, de uma perspectiva que não exclui as possibilidades ficcionais da memória, mas as entende, como uma forma de compreender os múltiplos caminhos da memória, dentro de um processo que relaciona as experiências do passado, em diferentes tempos, com o presente do narrador. Assim, ele entende que a memória pode, também, ser ficcional, pois, é essencialmente construída a partir daquilo que não mais existe: o passado. Isso ainda nos auxilia na compreensão de que, além de uma atividade cognitiva, a recordação passa, pois, pela subjetividade. É o olhar do narrador que direciona suas memórias e suas recordações, é também, a partir de suas escolhas, que elas podem ou não se entrelaçarem com o outro ouvinte, portanto o historiador é quem constrói as memórias, ele se apropria da narrativa do outro para então construir memórias e histórias.

A minha compreensão sobre o conceito de memória e narrativa, que procuro trabalhar aqui, busca entrelaçar as narrativas orais e o passado vivido pelos trabalhadores dos campos e motores de agave, mas, também busca nas linhas de suas narrativas orais, os sentidos que o passado adquiriu ao longo do tempo e que ainda se modificam no presente desses sujeitos. Por meio da análise das narrativas colhidas por depoimentos orais, que pretendo perscrutar as representações do passado, criadas por esses sujeitos, relacionando os diferentes tempos de suas vivências, e dando voz às visões de mundo, que foram silenciadas no processo de lutas das representações.

Eis o caminho a ser seguido: interpretar as narrativas das memórias dos trabalhadores rurais de Cubati, que viveram o período áureo, do desenvolvimento da cultura do agave, tentando extrair delas, as representações²⁰ do passado, nas relações com suas sensibilidades do tempo presente. Procuro entendê-las, como uma atividade de articulação de experiências e imagens do passado. Não como imagens perfeitas e uniformes, mas como, imagens que se assemelham a fragmentos de desenhos feitos a mão, que são coloridos de forma heterogênea, e são rabiscados, formando ao final uma imagem individualizada, permeada de visões coletivas, e buscam representar por diferentes pontos de vista, às experiências dos sujeitos, as quais, também, poderão entrelaçar diferentes sensibilidades e temporalidades.

¹⁹ Cf. BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da História. In: _____. **O anjo da história**. Trad. e Org. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, pp. 8 – 20.

²⁰ Segundo Roger Chartier em seu livro *A História Cultural: entre práticas e representações* (1990), a representação mostra sempre duas possibilidades de sentido: 1) apresenta um objeto ausente que é substituído por uma imagem capaz de o reconstituir na memória; 2) a representação exibe uma presença, como a apresentação pública de algo ou alguém. Acredito que a primeira definição seja mais útil em minhas considerações, a representação é aqui pensada como uma apresentação de um objeto ausente através de imagens da memória.

O mundo do trabalho e os fluxos que ocorrem dentro dele, são espaços privilegiados de formação de sentidos, de afetos. É no mundo do trabalho que a vida encontra-se no limiar²¹, nem é um espaço público e nem é privado, não é a intimidade do lar, mas torna-se lar, na medida em que a necessidade cotidiana vai exigindo novas maneiras de viver e de conviver, o ambiente de trabalho é um espaço transitório, no qual a vida carece ser moldada, adaptada.

Mas como transformar essas memórias em história? Como traduzir em conhecimento racional aquilo que é subjetivo e não se deixa aprisionar? O trabalho do historiador consiste em reunir os documentos, os depoimentos, e criar uma narrativa do passado, para ter acesso às interpretações do tempo, feitas pelos trabalhadores, busquei sondar seus sentimentos, fiz de práticas cotidianas, os primeiros instrumentos de pesquisa, a simples conversa com pessoas conhecidas, tornaram-se atalhos para o passado, por meio dela, pude ir entendendo que a produção do agave havia transformado Cubati, em aspectos econômicos e sociais, como também, tinha se constituído num período em que vidas foram transformadas, vivências familiares alteradas, e relações sociais reinventadas, tudo isso tendo como pano de fundo expansão das plantações de agave.

Percebi que faltava um estudo que buscasse entender como os sujeitos viviam, como se relacionavam com aquele mundo do trabalho. Através de uma pesquisa bastante importante para a temática, a professora Mariângela de Vasconcelos Nunes (2006) mostrou que a mecanização da produção do agave modificou de forma intensa o trabalho e o cotidiano dos agricultores. A autora chegou à conclusão que esse processo acabou por minar o campo da cultura dessas pessoas, alterando significativamente o cotidiano e as relações sociais, alterando as dinâmicas sociais no meio rural, a mesma pesquisa ainda deixou caminhos abertos para se pensar que, mesmo se tratando de uma atividade econômica aquela era revestida de práticas culturais e discursivas, que davam sentidos à realidade, sentidos permeados dos discursos de agrônomos, políticos e grandes proprietários de terra. Acredito que um dos maiores méritos da pesquisa desenvolvida por Mariângela Nunes é mostrar que o mundo do trabalho não pode ser reduzido a uma atividade laboriosa, mas pode ser visualizado a partir de uma perspectiva cultural.

²¹ O conceito de *limiar* é trabalhado pelo filósofo alemão Walter Benjamin em sua obra, que ficou inacabada, *Passagens*. O limiar pode ser entendido como um espaço de mudança, de transição onde se percebe o fluxo contínuo entre ambas as partes. Ver. BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial de Estado de São Paulo, 2006.

A cultura do agave estava assim, envolvida entre os discursos políticos e religiosos, que se dissolviam nas interpretações dessa gente simples, criando formas de sentir e conviver com aquela cultura. O trabalho tornara-se, dessa maneira, um espaço de formação de subjetividades, de construção de relações sociais e afetivas. O mundo do trabalho passava a ser entendido por aquelas pessoas a partir dos sentidos que lhe conferiam, de acordo com os encontros que lhes eram possíveis, das relações sociais que inventavam no dia-a-dia, o mundo do trabalho criado pelos trabalhadores é, também, um mundo sentido, vivenciado e habitado pelas subjetividades.

Meu interesse em construir esse caminho, é trazer a tona, vozes silenciadas, pelo tempo, e pelas versões dominantes da história dessa cidade, pois acredito que suas memórias, têm a potencialidade de mostrar-nos diferentes dinâmicas que existiram durante a implantação, e o desenvolvimento da cultura do agave nesta região, preche de conflitos e tensões, que resultaram na criação de uma versão histórica que, valorizava apenas, as versões construídas pela elite dominante local.

É através das narrativas baseadas nas memórias dos trabalhadores rurais de Cubati, as quais representam visões individuais, e que também expressam o coletivo, que procuro enfrentar esse desafio. Assim, pretendo juntar essas memórias, reconhecendo que elas são impregnadas de (res) sentimentos e digressões, e que, a partir delas, pode ser possível criar uma narrativa feita por muitas vozes que rompa com as visões cristalizadas da história local. Visões estas, que, na grande maioria das vezes, estão marcadas por construções lineares e etapistas, além de ter como objetivo, dar a História, um caráter científico e objetivo.

Certamente o leitor deve perceber que, até aqui, o termo, já clássico entre os estudos sobre memória, “história oral”, foi evitado. Isso tem uma explicação, evitei utilizar esse termo por o considerar complexo e problemático. A noção de “história oral” parece criar uma delimitação, uma categorização de outra história, ou seja, uma história que é diferente do conhecimento histórico que utiliza documentos materiais, escritos ou iconográficos. Isto ainda pode ser mais problemático, porque a oralidade se expressa pela narrativa, estabelecendo uma relação direta com a memória. Nesse sentido, prefiro utilizar o termo “narrativas orais”, embora em alguns momentos a “história oral” apareça através dos autores com quem dialogo, as narrativas orais se aproximam mais dos sujeitos com quem estabeleço diálogo.

Além da análise de documentos, discursos de personalidades influentes no cenário político e agrícola paraibano, utilizei também como recurso metodológico da entrevista oral, o que possibilitou entrar em contato com as narrativas de alguns sujeitos que de uma maneira ou

de outra foram atores da trama que se desenrolou no Nordeste e mais precisamente no interior do estado da Paraíba.

Contudo, prefiro referir-me a esses depoimentos orais como narrativas, narrativas de si, que traçam caminhos múltiplos na memória, que estabelecem através da fala uma relação de comunicação com o outro. E quem é esse outro? Qual a relação que existe entre o pesquisador e o colaborador da pesquisa? No meu ver, durante a pesquisa com narrativas orais, quebra-se a noção de separação e de distanciamento e inaugura-se um diálogo de vozes, de corpos e de subjetividades.

É interessante observar que durante uma entrevista há uma troca direta de olhares. O pesquisador parece lançar um olhar questionador sobre o sujeito que fala, intimamente ele quer respostas, informações que satisfaçam as suas inquietações. No entanto, a narrativa, tal qual a memória é uma invenção. Uma criação do sujeito que se opera através da fala e dos silêncios, de imagens e zonas opacas da memória. Narrar é interpretar de maneira narrativa as (des) construções da memória. Narrar não é apenas contar o passado é contar-se, construir-se narrativamente, como já me referi anteriormente através de Paul Ricoeur.

Quanto a organização dos capítulos, preferi separar cada um por questões lógicas e que de certa maneira se separam, seja pela abordagem, seja pela documentação com que dialoga. Dividi a dissertação em três capítulos. O primeiro capítulo está dividido em cenas, conceito que utilizo a partir do teatro, no teatro a cena é o momento em que acontece situação, o acontecimento encenado pelos personagens. A cena só pode ser possível na medida em que há uma relação que envolve o palco (*espaço da teatralização*) e os sujeitos (*atores da teatralização*). Fiz isso porque, a chegada dos agave na Paraíba e os discursos que se constituíram a partir dele compuseram um verdadeiro auto, em que representações e discursos opostos circulavam.

No primeiro “*Cenas de um “novo tempo”: o agave e o mito da salvação*” proponho uma análise dos variados discursos que tornaram possíveis a implantação e posituação da cultura no agave no Norte do país (posteriormente a região será denominada de Nordeste), na Paraíba e finalmente no município de Cubati. Compreendo que os discursos proporcionaram a circulação de saberes sobre o agave e suas fecundidades, estes discursos tiveram impacto sobretudo na vida dos grandes fazendeiros, que foram logo convencidos de que a diversificação da agricultura seria uma das principais vias de salvação para a agricultura, desestabilizada pela estiagem e pelas pragas naturais que destruíam as plantações. Ainda na discussão acerca dos discursos sobre a cultura do agave, proponho uma análise sobre a atuação de dois sacerdotes católicos que montaram um verdadeiro tribunal do agave, um

acusando e o associando a maldição e outro o mostrando enquanto benção divina, trata-se de uma batalha de representações sobre e em torno do agave. Seria ele bênção ou maldição? Presente de Deus ou do Diabo?

Nos capítulos dois e três mostro como os sujeitos narram suas memórias dos tempos do agave, que sensibilidades incorporam as suas narrativas. Entrevistei não apenas trabalhadores ou donos de campos de agave, optei por diversificar os personagens dessa trama, busquei ouvir mulheres, homens e trabalharei diretamente com o agave, mas, com o intuito de perceber aqueles acontecimentos a partir da visão de quem viu tudo de fora, pessoas que assistiram o desenvolvimento de Cubati e a participação de familiares ou pessoas próximas naquele processo.

Quanto aos mecanismos de obtenção dessas entrevistas, escolhi não por abordar os participantes, preferi conversar, fazer entrevistas, dialogar e assim estabelecer uma relação de empatia entre eles, as perguntas que eram feitas não foram elaboradas previamente, mas apareciam conforme se dava a narrativa e isso foi bastante importante para dar ao colaborador uma maior liberdade no percurso narrativo.

Nesses capítulos, busco perceber também os códigos de masculinidade e de feminilidades presentes no espaço do motor. Como essas pessoas se constituíam? Como formavam suas subjetividades? Quais os discursos e os signos que atravessavam e modificavam seus corpos? Através da leitura de Michel Foucault, pude perceber nas narrativas desses sujeitos, os espaços de constituição de si, os mecanismos de subjetivação e de ética.

Que o leitor possa se aventurar nas páginas e adentrar nas cenas que proponho, onde sujeitos múltiplos foram atores, em um cenário construído de imagens do passado e do presente, e que foram me surpreendendo a cada performance...

CAPITULO I

CENAS DE UM “NOVO TEMPO”: O AGAVE E O MITO DA SALVAÇÃO

“O mundo no qual viemos a viver hoje, entretanto, é mais determinado pela ação do homem sobre a natureza, criando processos naturais e dirigindo-os para as obras humanas e para a esfera dos negócios humanos, do que pela construção e preservação da obra humana como uma entidade relativamente permanente”.

(Hannah Arendt. Entre o passado e o futuro)

PRIMEIRA CENA

OS DISCURSOS MODERNIZADORES DA AGRICULTURA

Histórias de dentro e de fora (de si)...

Os pássaros mal terminaram de tocar sua sinfonia matinal e Manoel já havia levantado, feito o fogo com uma lenha que tirara do mato no dia anterior, sua mulher, Dona Toinha terminava de desfiar o rosário de orações e fazia o sinal da cruz, agradecida por toda aquela chuva que tinha lavado a terra no dia anterior. Punha a cabeça na janela e via que até mesmo as galinhas do terreiro estavam alegres, ciscavam a terra e beliscavam as formigas que ali passavam.

- Vem fazer o café, mulher! Quero ir logo plantar o milho, que hoje é dia de São José, plantando hoje terá fartura na festa de São João.

- Já vou! Faz tanto tempo que não vejo a terra tão molhada. Oh, meu Deus, que coisa bonita de se ver. Até tem um cheiro diferente!

E respirando profundamente, absorveu aquele ar fresco, leve, renovado pela chegada da inverno.

O velho Manoel sentou-se no banco de madeira enquanto o café coava, a fumaça do fogão de lenha dava um aspecto acinzentado na escuridão daquele espaço. As crianças, três, dois meninos e uma menina, também acordavam e se preparavam para a lida no roçado.

- Bença pai, benção mãe.

- Deus abençoe - Falaram os dois em coro.

Após aquele ritual, saíram os quatro. Manoel e as crianças seguiam em direção ao roçado. Tudo já estava preparado para o plantio, a terra limpa, mais parecia um terreiro, o magro e valenteboi, que havia sido usado para cultivar a terra, agora pastava faceiro na campina que se avistava. Em uma cadência, quase que musical, o velho lançava o enchadeco na terra, ferindo o solo, enquanto a menina lançava no chão as sementes de milho, que tinham sido guardadas da última colheita. No baixio, o menino mais velho, já um rapazote, taludo, como se dizia por aquelas bandas, repetia os movimentos do pai, enquanto o outro plantava o feijão.

- Oh pai, e se aparecer largata, essas peste acaba num instante com a lavoura? - Perguntou preocupada a menina.

- Se aparecer eu benzo o roçado. Aprendi com meu avô, a gente reza nos três cantos e deixa um aberto, e São Sebastião cuida do resto. E cantou um trecho do hino do santo.

- “Rogai a Deus que nos livre da peste, da fome e guerra”.

Todo o roçado plantado, todos voltavam para a casa, onde Dona Toinha os esperava. Mesmo que tenham sido dias difíceis aqueles, enfrentando a dura seca, aquela família não perdia os laços que os ligavam com a terra. No almoço, feijão, farinha, um pedacinho de carne seca e rapadura. Todos sentados à mesa riam e falavam de como a natureza estava se embelezando com as chuvas que caíam, mas falavam também de como era difícil viver aquela vida, de trabalho e muitas vezes de privação.

- Bem que vi o mandacaru fulorado, quando vinha da novena essa semana, eu sabia que era chuva que vinha por aí! - Exclamou a velha senhora, enquanto beijava a medalha pendurada no rosário, que sempre trazia no pescoço, e havia sido comprada na última vez que fez romaria para o Juazeiro do Ceará, com uma devoção jamais vista havia colocado aquele amuleto sob o túmulo do Padre Cícero.

Depois do almoço, o trabalho continua. Agora, Dona Toinha também acompanha o marido e os filhos. Em umas garrafas levava sementes de quiabo, jerimum, melancia, girassol... E, enquanto planta, canta músicas do “tempo antigo”...

- Mainha tá tão contente. - Disse uma das crianças, observando o passo ritmado que lançava sementes ao chão.

- Será que tem futuro esse tal de agave? Perguntou Manoel, esperando que alguém lhe respondesse. Só o vento frio daquela tarde fez algum barulho.

- Pode ser que tenha, muita gente tá enricando lá pras bandas da Bahia, mas sei lá, eu tenho até medo. Tem gente que diz que aquilo é coisa do cão, fere as mãos e faz o coro do caba virar sangue. Tem gente que até perdeu o braço no motor. Aquilo é a maldição.

- Mas tem muita gente dizendo que é coisa de Deus, uma planta sagrada que dá muito dinheiro ao povo. Disse o menino mais velho, enquanto lembrava da pregação que um padre havia feito na Igreja Matriz da cidade.

- Deus me livre guarde disso! Sei que tem gente ganhando muito dinheiro, mas prefiro minha roça. Disse a mulher, enquanto apanhava umas raízes para fazer remédio.

O agave aparecia como uma nova alternativa para os agricultores paraibanos, exaltado pelo governo e pelos grandes agricultores, ao mesmo tempo em que era demonizado por velhos beatos e seus seguidores. Instaura-se, então, uma batalha de representações, que terão uma ação direta na vida de homens e mulheres simples...

A pequena história contada no início do texto, embora possa se confundir com a realidade para muitos leitores deste texto, se trata de uma ficção, uma invenção, no sentido

direto do termo, é fruto da imaginação, portanto, criação pautada em percepções pessoais da existência. Os personagens e os espaços são criações imaginárias que dialogam com as experiências de quem viveu muito de sua vida em um ambiente rural, lugar onde o tradicionalismo e o cotidiano simples davam contorno às existências, talvez, por isso, muitos se identifiquem tanto com a narrativa. Nessa história, percebi que tudo ia muito bem, ou como se diz, tudo ia muito tranquilo, o trabalho no roçadinho, perto de casa, dava as famílias do interior da Paraíba o sustento necessário, cada um tinha sua hora de trabalho, a natureza é que anunciava a hora de ir e vir do campo. Uma agricultura que, mesmo muitas vezes se mostrando frágil, era fonte de vida.

Mas tudo isso estava em dias de acabar... O tempo e as “modernidades” começariam a mudar aquele cenário em todo o interior paraibano, em Cubati não seria diferente.

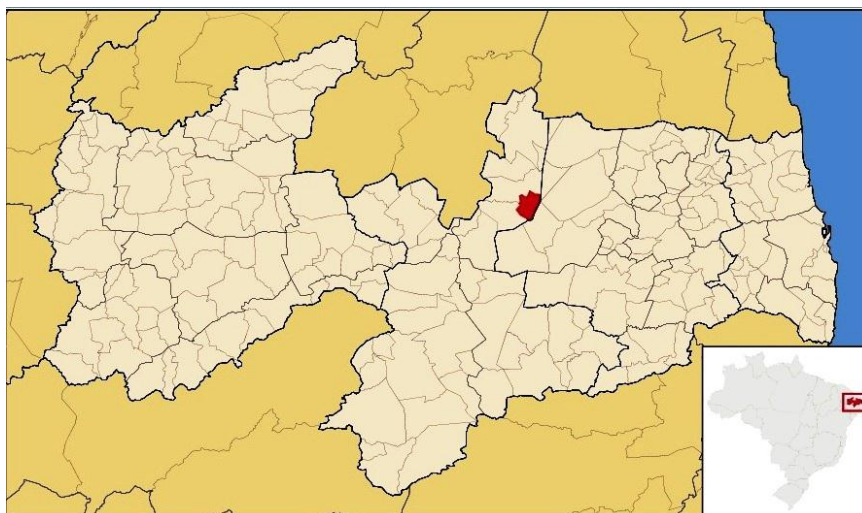


Imagem 1 - Localização do Geográfica do Município de Cubati - PB

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Paraiba_Municip_Cubati.svg. Acesso em 15/12/2014 às 12hs30min.

A agricultura que era praticada pelos pequenos agricultores se tornaria, a partir de um conjunto de discursos, obsoleta, ultrapassada e pouco rentável aos interesses econômicos, sobretudo, aos interesses de uma classe agrícola dominante, composta por grandes fazendeiros e proprietários de terras, e outros sujeitos que estavam de alguma forma ligados ao meio político²². É, portanto, em nome da modernidade que as práticas culturais desses trabalhadores deveriam ser substituídas por métodos cada vez mais eficazes de produção, que refletissem

²² Quando me refiro a meio político quero mostrar que há, entre os interessandos na modernização da agricultura, grupos de homens que também faziam parte da política estadual.

diretamente no aumento da produtividade e se alinhassem com os objetivos de construção de um economia rural fortalecida pelos princípios da modernidade.

Uma dessas tentativas de modernização agrícola seria a inserção do agave²³, ou sisal como ficou conhecido em alguns lugares, na agricultura paraibana. Planta estrangeira e estranha que assustadoramente invadia os roçados, os campos, sufocando com sua agressividade as plantas nativas da região. A própria estrutura física do agave já é uma violência. Trata-se de uma Xerófita que cresce muito e não permite nenhum consorciamento com outras lavouras.



Imagem 2 – Plantação de Agave, o campo de cultivo cria um espaço extremamente fechado e agressivo, dificultando a circulação dos trabalhadores, e de qualquer animal. Na imagem é possível perceber como as folhas dessa planta são pontiagudas e duras, não permitindo uma movimentação livre de perigos. Trabalhar nestes campos fazia com que os trabalhadores sofressem diferentes ferimentos, ou pelos espinhos, ou até mesmo poderiam ser mordidos ou picados por animais peçonhentos.

Fonte: Acervo pessoal

O agave é uma planta violenta em todos os sentidos, desde seu plantio até o seu manuseio. Mais ainda porque se tratava, na época de sua chegada à Paraíba, de algo desconhecido, a ponto de que as pessoas, quando ocorreu a sua chegada na Paraíba não sabiam como manusear, quais cuidados deveriam ter ao trabalhar com aquela majestosa, imponente e violenta planta. Até mesmo a sua seiva produz uma substância tóxica e corrosiva que provoca

²³ O agave também ficou conhecido em algumas regiões como agave, utilizo o primeiro nome aqui, pois é como a grande maioria dos agricultores se referem a esta planta.

coceira e graves ferimentos na pele. Somando-se a isso o processo de beneficiamento de suas folhas é uma prática onde corre-se o risco da máquina puxar a mão do trabalhador, estraçalhando-a. Talvez por essas questões, o agave, tenha sido associado também ao demônio, uma representação do diabo que veio para ferir e arrancar sangue dos trabalhadores, contudo essa associação do agave com o diabólico só ganha maior expressão no momento em que ele, o agave, entra em declínio.

Envolvido por mitos e lendas, essa planta, de origem desconhecida para a maioria dos agricultores paraibanos, será a causadora de tantas transformações, no campo, na cidade e mais ainda, na vida dos agricultores, transformando suas subjetividades, suas existências e suas memórias.

A introdução da cultura do agave foi acompanhada e incentivada por criações de discursos políticos e modernizantes que surgiram em momentos distintos, ou sob novas roupagens. Nos anos 1930, os grupos que governavam a Paraíba, anunciavam a necessidade de implantação de novas culturas agrícolas, como alternativa de salvação econômica. Já durante os anos de 1950, até finais de 1970, foram projetados discursos de políticas desenvolvimentistas.

Nesse momento o Estado da Paraíba e diferentes estados do Nordeste brasileiro assistirão a emergência de uma nova maneira de ver, conceber e praticar a agricultura. Os objetivos dessas políticas, e de modo especial da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)²⁴ seria de fomentar o desenvolvimento regional, instituindo discursos que se articulavam em torno de propostas modernizadoras, e que deveriam se operacionalizar no campo pela modernização agrícola, ou nas cidades, através da criação e ampliação de indústrias.

Essas propostas que ganharam corpo no fim da década de cinquenta, com a atuação da SUDENE, não podem ser vistas como as primeiras ou as únicas tentativas de se criar uma agricultura com características modernas. No caso da Paraíba, tal processo tem suas raízes na segunda metade dos anos trinta, quando este estado passará a ser o local de uma ação discursiva com fins políticos e econômicos, que tentará instaurar uma forma de trabalho e

²⁴ A criação da SUDENE em dezembro de 1959, se configurou como uma das principais maneiras de intervenção do Governo Federal no Nordeste, seu principal objetivo era o de proporcionar e articular o desenvolvimento da região, desenvolvendo este que se daria, sobretudo, no campo da economia, através do incentivo à exportação de bens agrícolas e de criação de um parque industrial, que viesse a inserir dentro de um contexto produtivo. A criação da SUDENE é também uma estratégia política, sua instituição envolveu, antes de tudo, a definição do espaço que seria compreendido como Nordeste e passaria a ser objeto da ação governamental: os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e parte de Minas Gerais.

manejo agrícola que era considerado moderno e que tinha como fundamento a agroexportação. Esse processo procurou, ao mesmo tempo, desprestigiar a pequena agricultura praticada pelo homem do campo, no caso o pequeno produtor rural.

Essa proposta de mudanças profundas no setor agrícola foi elaborada de forma efetiva, durante a Interventoria de Argemiro de Figueiredo²⁵, que se deu entre 1935-1940, que buscou através de variadas medidas, promover uma verdadeira “revolução” economia paraibana, revolução que passava diretamente pela modernização agrícola. Esse governo criou e veiculou vários discursos que preocupavam-se em sustentar tanto a ideologia dominada pelos interesses das elites agrárias representadas pelos grandes fazendeiros.

Em seu discurso de posse como Interventor do Governo de Getúlio Vargas, Argemiro de Figueiredo já anunciava parte de seus projetos em prol de uma política agrícola moderna. A maneira como Argemiro de Figueiredo anuncia que conduzirá os destinos do Estado, é uma forma de governo modernizante, que busca através de novas técnicas oferecer uma verdadeira revolução, sobretudo para o setor agrícola. Contudo, não se trata de uma proposta sua. Não é algo exclusivo da Paraíba, mas faz parte de um contexto nacional, desde a Revolução de 1930, a palavra que engendrava as ações políticas era modernidade. Essa modernidade seria posta em prática a partir de diversos mecanismos.

Ao falar de uma “*nova mentalidade*”, Argemiro Figueiredo se refere ao setor agrícola como uma via para a riqueza e felicidade do povo. Mas que povo? A quem seria destinada essa conquista? Centamente, essa “perene felicidade”, de que fala Argemiro de Figueiredo em seu discurso de posse, seria de uma elite ligada ao agronegócio exportador, então seria uma felicidade para a elite agrária paraibana. Em seu discurso ele anuncia que:

Poderemos possuir o melhor aparelhamento técnico para cuidamos duma lavoura cientificamente orientada. É preciso, entretanto, que haja uma mentalidade capaz de compreender o interesse se deua aplicabilidade e da substituição dos processos rudimentares de cultura pelas normas racionais que a ciência sugere (...) Mutipliquem-se e selecionem-se as sementes; escolham-se as zonas apropriadas às culturas; adquiram-se os instrumentos agrários e os necessários à proteção da lavoura e o combate às pragas; instalem-se as cooperativas; difundam-se pelo Estado os estabelecimentos de crédito acessíveis aos pequenos agricultores; mas se processe ao mesmo

²⁵ Argemiro de Figueirêdo, nasceu em Campina Grande, interior da Paraíba, em 1901, formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, ingressou na política em 1929 através do incentivo do ex-presidente do Estado, João Pessoa, ocupando cadeira na Assembleia Legislativa em 1930, com apenas 29 anos de idade. Em Campina Grande foi o responsável por pacificar as disputas políticas entre os perrepiistas e os liberais. Para o historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello, Argemiro de Figueiredo, dentre os governadores do Estado da Paraíba, “foi o primeiro a governa-la com visão de estadista” (MELLO, 2000, p, 44). Cf. MELLO, José Octávio de Arruda. **Conservadorismo social, afirmação política e pulsão oratória em Argemiro de Figueiredo**. João Pessoa A União, 2000 (Coleção Paraíba: nomes do século. Série Histórica nº 13).

passo a educação do camponês pelas escolas rurais, profissionais, práticas, pelos campos de demonstração, pelos jornais, pelo cinema e até pelo rádio, cujas vantagens como órgão de propaganda, de instrução e mesmo de ordem pública, já se fizeram assentar o plano de sua imediata adoção na Paraíba. Tenhamos técnicos e práticos em quantidade, especializados nos serviços agrícolas, mantido por uma obra de cooperativismo entre a União, os Municípios e o Estado.e, com as iniciativas acima referidas, veremos em pouco tempo a franca racionalização da cultura e as nossas reservas de produção brotarem como fontes perenes de riqueza e felicidade pública.²⁶

Quando assume o governo, Argemiro de Figueiredo, em seu discurso de posse como Interventor federal da Paraíba, passa anunciar e praticar o termo: *diversificação agrícola*. Na sua fala vemos a tentativa da instauração de uma concepção de “*substituição dos processos rudimentares de cultura pelas normas racionais que a ciência sugere*”²⁷. Assim, modernizar a agricultura implicaria em desqualificar os meios de produção agrícolas rudimentares, que neste momento passavam a ser entendidos como obsoletos e ineficazes, como símbolos do atraso que deveria ser combatido e, por fim, vencido em nome do progresso e do desenvolvimento econômico e social.

Na enunciação desses discursos se congregarão homens ligados ao governo do Estado, notadamente, representantes do setor agrícola, e agrônomos, responsáveis por tornar essa modernização uma verdade, instituída por um grupo e veiculada como digna de adesão dos demais grupos agrícolas, são discursos perpassados por uma vontade de verdade.²⁸

Na tentativa de instaurar a modernização no campo da agricultura, foram implantadas novas técnicas, novos saberes e fazeres, no manejo da terra e dos produtos agrícolas. Isso aconteceu, porque existia um claro intuito de fornecer ao produtor rural instrumentos e suporte técnico, para que fossem desenvolvidas atividades mais lucrativas no campo.

Entendo que esses saberes preconizaram uma “*nova mentalidade agrícola*”²⁹ entre os grandes fazendeiros da Paraíba, pelo menos é isso que foi difundido pelo Departamento de Estatística e Publicidade do Estado da Paraíba (DEPEP), órgão oficial de difusão das obras do governo do Estado. O órgão lançou em 1938 um álbum de Realizações do Interventor Argemiro de Figueirêdo, exaltando as ações que transformaram o setor agrícola paraibano.

²⁶ Discurso de posse do Interventor Argemiro de Figueirêdo. Cf. MELLO, José Octávio de Arruda. **Conservadorismo social, afirmação política e pulsão oratória em Argemiro de Figueiredo**. João Pessoa A União, 2000 (Coleção Paraíba: nomes do século. Série Histórica nº 13).

²⁷ *Op. cit.*

²⁸ Sobre a relação verdade-poder, ver. FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In; _____. **Microfísica do poder**. Trad. e org. Roberto Machado. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013, pp, 35-54.

²⁹ O termo nova mentalidade agrícola será utilizada, pelos políticos e agrônomos, para caracterizar uma agricultura que deveria abandonar as técnicas rudimentares e limitadas à produção familiar, criar uma nova mentalidade agrícola seria fazer com os agricultores, sobretudo os que possuíam uma maior quantidade de terras, voltassem sua produção para a exportação.

Contudo, o objetivo do álbum não se limitava a mostrar os avanços da agricultura, exaltava também, as ações do governo no campo da infraestrutura e ações sociais.

O álbum das realizações da interventoria de Argemiro de Figueiredo, constitui-se em um material de propaganda, que buscava criar a imagem de um governador dinâmico e atuante nos diversos setores da administração, criando, dessa forma, a figura desse governador como o grande político salvador da Paraíba.³⁰

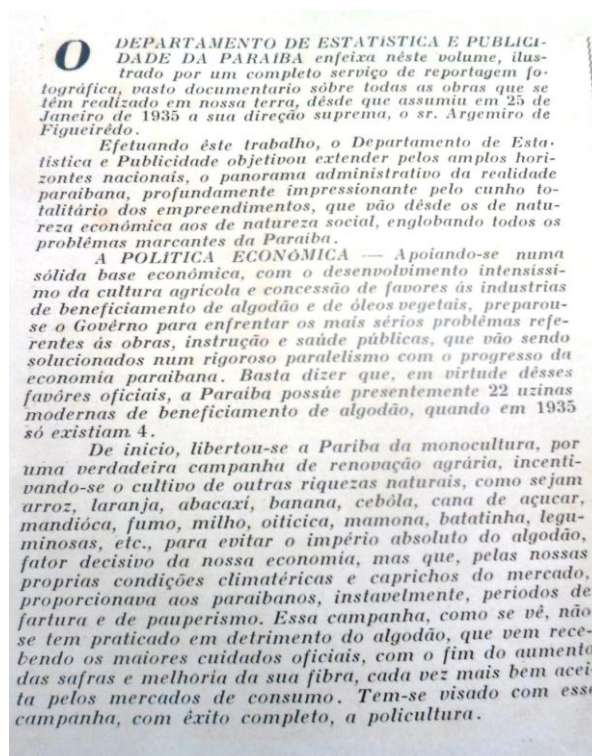


Imagem 3 – Página do Álbum das Realizações do Governo Argemiro Figueiredo, o Álbum é um instrumento de propaganda institucional do governo, e tem, dessa forma, a missão de evidenciar os sucessos e as obras realizadas. Em suas páginas é possível perceber a grande ênfase dada à modernização, seja ela no campo da economia, da agropecuária ou na urbanização das principais cidades paraibanas.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP)

Ao analisar o álbum de Argemiro entendi que este se constitui como um meio de propaganda, pois vincula uma imagem criada, ou melhor, manipulada em favor de um determinado interesse político. É um impresso que apresenta textos e imagens, pois o álbum contém um imenso número de fotografias das obras e ações do governo desse político. Acredito que o documento foi construído com o objetivo da criação de ideias que favoreciam a criação de visões positivas e modernas sobre a política desenvolvimentista, empreendida

³⁰ Sobre a construção de Argemiro Figueiredo como o grande administrador da Paraíba, é indispensável a análise proposta por Martha Maria Falcão de Carvalho, em seu livro **Poder e Intervenção estatal: Paraíba – 1930 – 1940**, sobretudo os capítulos 4 e 5, nos quais a autora se dedica a estudar a administração desse governador.

por esse governador, pois esse material apresentava quais seriam os caminhos por onde a Paraíba deveria trilhar para alcançar uma transformação econômica e estrutural.

É ainda um material onde a nova política agrícola, empreendida por Argemiro de Figueirêdo, é a grande novidade, sendo apresentada de forma triunfante, vitoriosa, ignorando tudo aquilo que deveria ser destruído, ou seja, a pequena agricultura familiar. Ali, não há relatos de homens e mulheres simples, mas, tão somente, os sucessos de uma elite agrária que vinha sendo harmonizada e inserida novamente no cenário político. É a voz do governo, instituindo uma verdade sobre os “novos” rumos da agricultura.

Assim, o material veicula e institui como verdade, a “*grande revolução*” que seria realizada na agricultura. Além disso, apresenta as obras públicas e obras sociais implantadas durante o mandato de Argemiro Figueiredo, todas elas como inovações sem precedentes. Constrói-se, dessa forma, a imagem de um grande administrador, um grande empreendedor, um futurista.

Enquanto órgão ligado ao governo e ao próprio Argemiro de Figueirêdo, o DEPEP, tem a missão de propagar e tornar verdade a revolução e a criação de uma “*mentalidade nova*”, para o Estado, conforme as palavras do documento:

MENTALIDADE NOVA - Eis porque o Sr. Argemiro de Figueiredo vem executando, sem empréstimos de qualquer natureza, tão somente baseado nos recursos financeiros do Estado, o seu extraordinário programa administrativo, numa, honesta e segura aplicação dos dinheiros públicos.³¹

A “*mentalidade nova*” não é apenas um termo isolado ou alheio à instituição que o institui e propaga, mas se constitui em uma imensa teia de produção e circulação de saberes e sentidos, que impõem e dão a esses discursos um lugar de verdade, que não necessita ser questionada ou problematizada, precisa, tão somente, ser praticada, vivenciada no campo da agricultura paraibana. O discurso de modernização agrícola passa ser utilizado como uma verdade instituída, regulada por um lugar de produção de saberes ligado à política.

Sobre a circulação e a produção dos discursos Michel Foucault (2012), nos interpela e nos alerta a pensar os discursos não como práticas dispersas ou desprovidas de sentido, mas nos auxilia a compreendê-los como práticas que são controladas, selecionadas, organizadas e distribuídas de acordo com os interesses da instituição que os modelam e propagam. Essas

³¹ Trecho do álbum “**Realizações do Govêrno de Argemiro de Figueirêdo**”, publicação do Departamento de Estatística e Publicidade do Estado da Paraíba, Brasil, 1938.

instituições ao produzirem os discursos, os manipulam e os produzem conforme desejos de poder, o que implica em dizer que os discursos pressupõem desejos, disputas.

Ensina-nos o filósofo, em sua famosa aula inaugural no Collège de France, em 1970, que: *“o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo qual se luta o poder do qual nos queremos nos apoderar”* (p, 10). Portanto, discursos são também instrumentos de luta, perpassam jogos de interesse de busca e legitimação de poderes.

Não é somente uma luta, mas é também um conjunto de procedimentos de circulação e funcionamento de enunciados de verdade. A própria noção de verdade é um discurso que regulamente e concede legitimidade a uma produção, a verdade se constitui em:

um conjunto de procedimentos reguladores para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efetivos de poder que ela induz e que a reproduzem (FOUCAULT, 2013, p, 54).

A verdade é um conjunto de procedimentos que regularizam e dão credibilidade aos discursos através dos sistemas de poder aos quais estão associados, assim, através de sua circulação ela reproduz e apoia determinados sistemas discursivos. O álbum com as realizações do governo de Argemiro funciona como um discurso de verdade, ele instaura um discurso positivo sobre a administração, destaca as mudanças no setor agrícola, as reformas urbanísticas empreendidas no Estado e a personalidade do governante, sempre mostrado como um homem de projetos ambiciosos e desenvolvimentistas.

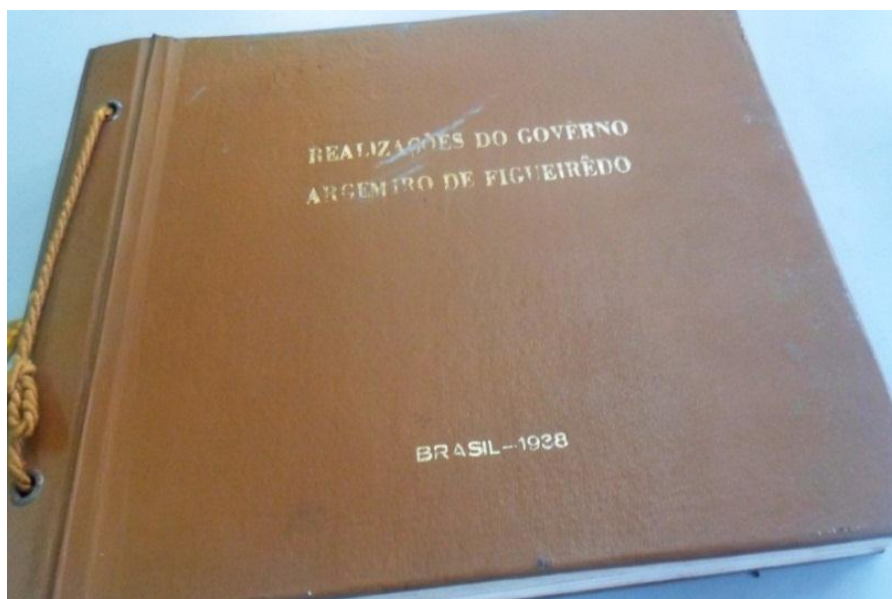


Imagem 4 - Capa do álbum “Realizações do Govêrno de Argemiro de Figueirêdo”, o álbum é uma publicação do Departamento de Estatística e Publicidade do Estado da Paraíba. Este seguia o mesmo modelo de diagramação dos textos e imagens e da linguagem utilizadas pela propaganda governamental produzida pelo Departamento Nacional de Propaganda (DIP) do governo Getúlio Vargas. Este impresso tinha como objetivo promover a divulgação e a exaltação das obras públicas, ações políticas e a própria imagem do governador. Ele fez parte do projeto de divulgação das ideias que fundamentavam a organização e as ações do Estado Novo. Quanto à sua circulação não se tem uma informação precisa da quantidade de volumes produzidos e nem de sua distribuição, mas, é bem provável que este álbum tenha circulado em escolas e instituições do governo, etc. Encontrei este exemplar no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), onde o mesmo é disponibilizado para pesquisadores.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP)

Forja-se, então, um discurso que se projeta a partir das novas técnicas agrícolas, objetivando não apenas, a melhoria da lavoura, mas o enriquecimento de uma classe agrícola dominante, detentora de grandes propriedades e que mantinham alguma ligação com a política e o comércio. A leitura do álbum nos faz questionar alguns pontos dessa política agrícola proposta. Quais daquelas medidas eram voltadas ao pequeno agricultor? Em algum momento se pensou em uma agricultura voltada para interesses familiares e do pequeno produtor?

Fica bem claro que este não era o objetivo da publicação. Um dos principais aspectos desse modelo que se instalava para a agricultura era a mecanização da lavoura. E quem tinha interesse em utilizar máquinas para plantio e colheita? Os grandes fazendeiros. Ao pequeno agricultor isso era impensável, pois em uma pequena propriedade a família era, ao mesmo tempo, produtora e consumidora. Para o pequeno produtor rural a força animal, somava-se a força humana, e era a partir dessa união que se obtinha a produção de subsistência ou de pequeno vulto.

O processo de mecanização pelo qual a lavoura deveria passar, poderia ser visto, como um elemento essencial para o êxito da nova política econômica. De acordo com o texto do álbum, em que a nova política agrícola é exaltada de diversas maneiras:

MECANIZAÇÃO DA LAVOURA – para que os serviços que visem a policultura tivessem pleno êxito, o Governo possui, para emprestar aos agricultores, 2. 200 máquinas agrícolas, tendo encontrado o sr. Argemiro de Figueirêdo ao assumir a Chefia do Executivo, em 1935, apenas 357 dessas máquinas. Concomitantemente, o Poder Público emprega todo esforço, através de uma **intensa campanha de difusão da prática e do valor dos modernos métodos agrários, pela imprensa e pelo rádio, para que os homens do campo adquiram seus próprios instrumentos agrícolas**, ora facilitando a entrada das máquinas, ora as recebendo em consignação para cedê-las ao preço de custo. Com essas modalidades, o Governo contribui para que os nossos agricultores adquirissem mais de dois milhares de máquinas agrícolas³² (Grifos meus). (Realizações do Governo de Argemiro de Figueirêdo, Departamento de Publicidade, 1938) – (Grafia conforme o original).

O trecho acima confirma duas coisas: Primeiro, o processo de mecanização da lavoura, através da compra ou concessão de máquinas agrícolas, esse é um projeto que se direciona para um determinado setor do campo, aos grandes fazendeiros. Percebe-se que não há uma proposta que vise a melhoria das condições de trabalho para o pequeno agricultor.

Segunda observação, Argemiro ao lançar essa campanha, monta um aparato de propaganda – do qual o próprio álbum do DEPEP faz parte – que procura divulgar o discurso de uma agricultura revolucionária, que valoriza uma *“intensa campanha de difusão da prática e do valor dos modernos métodos agrários”*. Para atingir seus objetivos o governo utilizou os principais meios de comunicação da época, notadamente o jornal oficial, A União, o jornal, A IMPRESA, este vinculado a Arquidiocese da Paraíba, a qual será utilizada como veículo de propaganda, mediante a concessão de favores e doações. Por fim, o governo ainda utilizou a jovem Rádio Tabajara, criada em 1937.

Dentro de todo esse processo, existem rupturas e permanências, nas variadas tentativas de consolidar a agricultura paraibana. Segundo esses discursos a única maneira de salvar a agricultura seria a implantação de máquinas e técnicas modernas, muitas delas, sendo utilizadas em caráter experimental, quando:

³² “Realizações do Governo de Argemiro de Figueirêdo”. Departamento de Estatística e Publicidade do Estado da Paraíba, Brasil, 1938. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP). Foi mantida a grafia conforme o original.

o Poder Público emprega todo o esforço, através de uma intensa campanha de difusão da prática e do valor dos modernos métodos agrários, pela imprensa e pelo rádio, para que os homens do campo adquiram seus próprios instrumentos agrícolas, ora facilitando a entrada das máquinas, ora recebendo em consignação para cedê-las ao preço de custo. Com essas modalidades, o Governo contribui para que os nossos agricultores adquirissem mais de dois milhares de máquinas agrárias³³.

Esse discurso terá um êxito extraordinário. Os avanços e os progressos passarão a fazer parte do governo de Argemiro de Figueiredo. Poderíamos dizer que, o sucesso da política agrícola é comemorado e exaltado pelo DEPEP, é em certo sentido, o bom desenvolvimento do empreendimento de um filho e representante direto das elites agrárias da Paraíba.

É possível perceber que a instituição e a vitória de um projeto de substituição das práticas tradicionais, por “*normas racionais*”, orientadas pela ciência, é também, a vitória de uma elite agrária ressentida ter ficado à margem da política, durante os processos que sucederam a “revolução” de 1930. Argemiro de Figueiredo, ao assumir o lugar de José Américo de Almeida, que, por sua vez, era herdeiro político do Presidente João Pessoa, assumia também a “missão” de conciliar e apagar mágoas deixadas por seus predecessores, em uma Paraíba marcada por intensas querelas políticas.³⁴

Argemiro de Figueiredo, em seu discurso de posse, propõe a criação de uma união em prol do Estado. Em relação a essa última ideia questiono: Quais eram os interesses em conciliar setores opostos da política e da sociedade? Mas, que desejos estavam escondidas em suas palavras? Que interesses brotavam de seu discurso?

Vejamos quais as palavras que ecoaram pelos rudimentares microfones que transmitiam a voz daquele político, em seu discurso de posse.

Quero o concurso sincero e desassombrado de todo o pessoal do governo, **porque todos têm uma quota de responsabilidade na direção das coisas públicas. E eu serei o primeiro a despir-me dos melindres pessoais, afogando os ímpetus individualistas no próprio egoísmo da onda dos interesses coletivos.** [...] Quero ver a Paraíba inteira transformada numa só e única família, liberta de ódios e preconceitos, merecedora das bênçãos de

³³ Departamento de Estatística e Publicidade do Estado da Paraíba. **Realizações do Governo de Argemiro de Figueirêdo**. Brasil, 1938.

³⁴ Sobre uma das mais importantes querelas políticas que marcaram a História da Paraíba, creio ser interessante a leitura da dissertação de mestrado de José Luciano de Queiroz Aires, publicada no formato de livro em 2013. AIRES, José Luciano de Queiroz. **A fabricação do mito João Pessoa: batalhas de memórias na Paraíba (1930 – 1945)**. Campina Grande, EDUEFCG, 2013.

Deus pelo espírito de sua confraternização dos homens pelos surtos do seu progresso³⁵ (Grifos meus)

Essa conciliação proposta por Argemiro é uma tentativa de criar uma convergência de interesses entre as elites paraibanas, interesse presente na ideologia do Estado Novo, sob a direção de Getúlio Vargas, unir, nesse sentido, não é apaziguar as diferenças nem acabar com as lutas internas pelo poder, mas criar formas de confluência de interesses, juntar em prol dos interesses partilhados.

Em seu discurso de posse como Interventor, quando se refere à agricultura, ele fala em criar e implantar uma “*mentalidade capaz de compreender o interesse e sua aplicabilidade*”³⁶. O Termo *mentalidade*, é várias vezes repetido, parece ser utilizado para identificar uma maneira de se praticar a agricultura marcada pelo tradicionalismo, que aos olhos do governo estadual e dos agrônomos, seria considerado o responsável pela fragilidade da agricultura paraibana, e por consequência, pelas dificuldades financeiras enfrentadas naquele momento, contudo, é um termo usado, também, para mostrar contraposição, ou seja, era preciso superar um *mentalidade*, caracterizada como “tradicional”, por uma moderna, adepta de mudanças e transformações.

Assim sendo, desde os primeiros momentos de seu governo, Argemiro de Figueiredo se coloca como porta voz de uma elite local ligada a uma agricultura decadente, mas que buscava uma saída para o caos, para o colapso que se avizinhava. Esta elite agrícola estava mostrando cada vez mais sinais de enfraquecimento, pois ainda utilizava os métodos tradicionais de plantio e colheita, carecendo, sob a ótica de Argemiro de Figueirêdo, ser modernizada.

³⁵ Discurso de posse do Governador Argemiro de Figueirêdo, ao assumir o cargo de Interventor Federal da Paraíba em 1935.

³⁶ *Idem*.



Imagem 5 - Argemiro de Figueirêdo em seu gabinete, esta fotografia ocupa lugar de destaque no Álbum das realizações do governo de Argemiro de Figueiredo. Nela vemos o governador sentado em uma prancha de trabalho, projetando suas ações governamentais. A fotografia procura sugerir um governante trabalhador, inovador e capaz de desenvolver um projeto modernizador para o Estado da Paraíba. A imagem busca criar a sensação no leitor de que o governador não está posando para o fotógrafo, ao contrário disso, sugere que o fotógrafo o registra o governador em um momento de trabalho, como em que aquilo fosse algo rotineiro.

Fonte: Álbum das Realizações do Governo de Argemiro de Figueirêdo.

Martha Falcão de Carvalho (1999), considera que a política empreendida por Argemiro de Figueiredo, que ela nomeia de “*argemirismo*”, se constitui em uma modernização conservadora. Pois, ao mesmo tempo em que instituía um discurso de modernização e desenvolvimento, fazia com que sua equipe de governo fosse retirada do setor mais tradicional: o meio rural, basta acrescentar aqui que seus auxiliares mais próximos foram tirados do meio rural (COUTINHO *apud* SANTANA, 1999, p, 156).

Há uma ambiguidade entre a elaboração de uma equipe de governo, o que reflete na própria maneira de governar, de um lado, este governador buscava agradar o meio rural, entenda-se os grandes fazendeiros, do outro uma elite urbana, sobretudo, estudiosos, estudantes de direito e agrônomos, que em sua maioria eram os filhos dessa elite agrária.

Em sua análise, Martha Falcão de Carvalho, percebe que Argemiro de Figueiredo, “estabeleceu uma correlação de forças entre o urbano e o rural, entre os bacharéis e profissionais liberais da cidade e os coronéis do campo” (1999, p, 157), ou seja, Argemiro de Figueiredo buscou soluções conciliadoras para os problemas econômicos e políticos que afetavam tanto o meio urbano como o meio rural, não a partir de acirramento de disputas, mas de propostas que agradecem a um e a outro.

A agricultura certamente tinha papel especial nesse processo. Uma das ações de Argemiro de Figueiredo frente ao governo, foi propor ao Estado novas alternativas agrícolas, que viessem a modificar o quadro de uma agricultura frágil e marcada pela monocultura do

algodão, praticada por médios e grandes agricultores. Contudo, não seriam quaisquer produtos, esses, deveriam contribuir para a criação de atividades agroexportadoras.

Para que houvesse uma transformação efetiva daquela realidade, o governo passou a investir maciçamente na reabilitação do algodão, multiplicaram-se as ações no interior, os incentivos comerciais, a contratação de agrônomos, a distribuição gratuita de sementes, compra de máquinas de descaroçamento, tudo com a clara finalidade de tirar seus produtores daquele perigo eminente de quebra.

A consolidação e a eficácia dessas ações seriam a granda vitória do governo, mas antes de tudo a vitória dos setores dominantes da agricultura, e de maneira especial dos cotinocultores, nesse momento, os personagens de maior destaque no setor agrícola da Paraíba.

A reabilitação do algodão é apenas uma das ações do "argemirismo" e da instituição da nova política agrícola. A implantação do agave e o incentivo a sua produção é outra página dessa história, que quase sempre excluía os sujeitos comuns e estabelecia uma história de homens poderosos, donos de terras e ansiosos por mais crescimento econômico. O agave surge então, como mais uma alternativa de enriquecimento. Introduzido na Paraíba ainda na década de 1930, essa "admirável" planta, passou a fazer parte do conjunto de discursos que propunham uma revolução na agricultura.

Na Paraíba o agave terá terreno fértil e incentivo dos principais políticos, será espalhado do litoral ao sertão, conseguindo se estabelecer de forma mais forte na parte interior do Estado, através da distribuição gratuita de mudas e impulsionado pelos discursos de salvação. Esse produto se tornará, em um curto período de tempo, uma das culturas agrícolas mais importantes da Paraíba, superando em alguns casos o algodão, pelo menos para as elites agrárias, o agave seria responsável pela construção de um sonho de enriquecimento e bonança.

O leitor pode se perguntar quais os motivos que levaram esse texto a tratar, pelo menos até o momento, da elite política e agrícola na Paraíba. Onde estão os trabalhadores? Onde está a vida das pessoas simples que estiveram nos "bastidores" dessa história, que até o momento é tecida por sucessos de grandes personagens?

Tive a intensão de demonstrar como se deu a mudança na produção agrícola paraibana pós 1930. Ressaltei que ocorreram propostas articuladas de mudanças de produto a ser cultivado, e, isto foi propagado e desejado por um determinado grupo. Por grupos heterogêneos, compostos por grandes agricultores e políticos, que entrelaçaram interesses e que acabaram por projetar a visão de que existiria apenas um só grupo, uma elite politico-

agrária. São esses sujeitos que fazem parte daquele cortejo vitorioso e triunfal, do qual fala Walter Benjamin em suas famosas teses sobre o conceito da História.³⁷

Contudo, continuando seguindo a proposta de Walter Benjamin (2012), é preciso olhar o que está escondido por trás desses discursos, quais os interesses que lhe dão forma e materialidade? Eis o que nos sugere Benjamin, “*escovar a história a contrapelo*”, ou seja, buscar o oculto, ou melhor, aquilo que está escondido, por baixo de uma uniformidade ou homogeneidade, criada intencionalmente, com a finalidade de atender à determinados interesses. O passado em sua totalidade é algo irrecuperável, como nos sugere Benjamin, pois ele ameaça desaparecer bem diante de nosso inquieto e curioso olhar;

A verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugidia. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento. [...] Porque é irrecuperável toda a imagem do passado que ameaça desaparecer com todo o presente que não se reconheceu como presente intencionado nela (BENJAMIN, 2012, p. 11).

O passado é manipulado pelo historiador desenhado conforme os interesses de um grupo. Destarte, a história tem um papel preponderante na construção desse passado, pois ela contribui para a cristalização de determinados acontecimentos e personagens. No caso da inserção e do sucesso do agave na Paraíba, acreditamos que aconteceu um processo de positivação, realizado através de variados discursos, jornalístico, político, religioso. Isto é, foi criado um discurso homogêneo de que o agave havia modificado beneficentemente o interior. Esses discursos, que nos chegam como “pedaços do passado”, embora não sejam de domínio exclusivo dos historiadores, fazem parte de uma *Cultura Histórica*.³⁸

Que os discursos de modernização na agricultura, sobretudo, aquelas ligados ao governo estadual surtiram efeito isso é um fato, a agricultura passou a ser vista como uma via de enriquecimento para os grandes proprietários. Contudo, nem só de grandes realizações foi tecida essa história, há um momento de sucesso, mas há também um período onde o fim

³⁷ Cf. Tese VII. BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da História. In: _____. **O anjo da história**. Trad. e org. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, pp. 8 – 20.

³⁸ Considero que seja importante ressaltar que “Cultura Histórica”, constitui-se como área de concentração do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal da Paraíba, onde essa pesquisa está sendo desenvolvida. Segundo o Programa, a área de concentração “*procura traduzir o circuito da qualificação profissional necessária à operação histórica: a formação teórica e metodológica, a análise das experiências históricas e a socialização dos conhecimentos produzidos. Entende-se que, nessa direção, é necessário elaborar e explorar um programa, um conjunto de pesquisas capaz de tornar claras as construções que a expressão cultura histórica recobre no que concerne ao contexto onde é produzida e aplicada, bem como os grupos sociais que a engendraram ou engendram. Tal empreendimento está inserido na difusão de uma tradição escrita e midiática à margem da ciência histórica propriamente dita, mas com notável disseminação na contemporaneidade*”. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/>. Acesso em 19/05/2014 às 00hs 49 min.

daquele sonho se anunciava, quando os ricos fazendeiros começaram a amargar o fim do sonho dourado construído em torno do agave, e os pequenos agricultores tiveram que voltar para seus roçados, reinventando a agricultura que, em muitos casos, foi trocada pelo trabalho nos campos de agave.

A história que aqui se conta não obedece a uma linearidade, não pretende ser uma narrativa etapista, mas, seguindo a inspiração benjaminiana³⁹, dando saltos temporais e mesmo espaciais

SEGUNDA CENA

CHEGA A SALVAÇÃO: O AGAVE EM TERRAS PARAIBANAS

“Eu só faço travessuras com palavras”.

(Manoel de Barros)

Como instrumento de comunicação e de expressão humana a palavra é dotada de sentidos, habitada por jogos de interesses e de poderes. A palavra tem uma relação direta com o lugar de onde é enunciada. Portanto, com a palavra, o senador pelo Estado da Paraíba, e ex-interventor do estado da Paraíba, Argemiro de Figueirêdo, que havia sido eleito em 1954 pela UDN⁴⁰, permanecendo no cargo por dois mandatos (1955-1963 e 1963-1971), e o mais importante e participativo representante das elites agrárias do Nordeste do Brasil;

Hoje, Sr. Presidente, venho tratar de um problema também econômico. Refiro-me ao sisal. Como se sabe, é fibra nordestina, que hoje constitui elemento dos mais importantes da espinha dorsal econômica do Nordeste brasileiro. Trato do assunto com alguma vaidade de quem governou a Paraíba e para ali com a preocupação natural de um homem que conhece a vida econômica do País, conduzindo pela aspiração de criar riquezas novas para o Estado que dirigiu. O sisal tem, na Paraíba, o seu Estado pioneiro. De 1935 a 1940 foi o Governo que teve a honra de presidir o poder propulsor, criador desta grande riqueza, que não é mais da Paraíba nem do Nordeste, porque interessa à economia nacional⁴¹.

³⁹ Cf. A 14ª tese sobre o conceito da História, de Walter Benjamin. BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o conceito da História*. In: _____. **O anjo da história**. Trad. e org. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, pp, 8 – 20.

⁴⁰ A UDN (União Democrática Nacional), foi um partido político criado em 1945 sendo caracterizado por sua oposição à Getúlio Vargas e por seu discurso conservador.

⁴¹ A importância econômica do agave, do sisal e do algodão nordestino nas exportações brasileiras. Discurso pronunciado no Plenário do Senado em 15 de agosto de 1964.

A fala do “porta voz” das elites produtoras de agave no Senado Federal, é um nítido interesse em reabilitar uma cultura agrícola que, tinha começado a render lucros desde os anos trinta, e a partir de 1950 mostrava sinais de enfraquecimento. O ano do pronunciamento de Argemiro é 1964, contudo, se percebemos bem, esse apelo começava a surgir no fim dos anos cinquenta, quando os grandes produtores e comerciantes de agave no Nordeste, e especificamente na Paraíba, solicitavam dos políticos uma intervenção direta naquela crise, crise esta que o mesmo já havia enfrentando enquanto Interventor nos anos 30, e que havia sido, de certa forma, superada graças a sua ação modernizante da agricultura.

É preciso compreender que Argemiro, enquanto representante político da Paraíba, fala em momentos distintos. Se antes, na década de trinta fala como Interventor, líder de um projeto político, agora em um momento diferente, 1965, sua fala é de um representante no Senado, dessa vez, mais próximo da esfera Federal do poder e representando um segmento social de seu Estado, a saber, os grandes fazendeiros e empresários do setor agrícola.

Com essas palavras ele anuncia ao mesmo tempo a crise e a expectativa, a decadência e os desejos de uma elite ligada a um setor decadente da economia, notadamente fala pela Paraíba. Seu discurso é ainda marcado pela contradição, pela evidência de contrastes econômicos, que por sua vez, refletiam na sociedade, fala em denúncia da polarização entre os Estados do Sul do país, portanto, demarca um lugar e institui uma relação de forças, de poderes.

O Senado proporcionava uma confluência de interesses em torno da questão da agricultura, ali, por conveniência se encontravam políticos que tinham como intuito fortalecer o agave, no Senado ele passa a ser entendido como uma cultura afetada pelos problemas econômicos nacionais e torna-se, dessa maneira, um tema de discussão coletiva. Somando-se ao Senador Argemiro, o representante do Estado da Bahia, Arthur Leite⁴², intervinha em sua fala dizendo que:

A indústria do sisal é, realmente, de fundamental importância para a economia do Nordeste, sobretudo porque constitui o meio de vida de milhões de indivíduos, podemos dizer assim. Por isso mesmo precisa ela merecer o mais decidido apoio das nossas autoridades que devem ampará-la, em todos os sentidos, não só aperfeiçoando a cultura do sisal, como também financiando diretamente o produto.⁴³

⁴² Arthur Leite da Silveira (1906-1989), Senador pelo Estado da Bahia em 1964, defendia os interesses da classe produtiva e comercial de seu Estado, especificamente a dos fazendeiros ligados a lavoura do cacau, de quem era representante direto.

⁴³ Aparte concedida ao Senador Arthur Leite do Estado da Bahia. A **importância econômica do agave, do sisal e do algodão nordestino nas exportações brasileiras**. Discurso pronunciado no Plenário do Senado em 15 de agosto de 1964.

São interesses que não andam mais solitários, mas, que a partir de uma discussão nacional, tornaram-se coletivos e persistiram por muitas décadas. Observa-se que, da década de 1930 à década de 1960, o agave voltou a ser o centro dos debates. Além disso, essa história é por diversas vezes retomada em diferentes conjunturas até os dias de hoje. Em 12 de Junho de 1993, por exemplo, o Senador paraibano Antonio Mariz (1937-1995) em um discurso lamenta-se também sobre a crise e a decadência, quase absoluta do agave. O Senador Antonio Mariz, assumindo uma postura crítica do Governo, acusa o Governo Federal da falta de planejamento para o setor agrícola:

A falta de uma política agrícola conseqüente levou a que as culturas básicas do Nordeste fossem destroçadas, como a do algodão e a do sisal. A Paraíba, que represento no Senado Federal, na década de 30 chegou a ser o maior produtor de algodão do Brasil e foi, até recentemente, o maior produtor de sisal ou agave. No entanto, essas culturas hoje estão simplesmente exterminadas por falta de ações governamentais, por falta de políticas agrícolas.⁴⁴

Se antes os discursos confluíam para que os fazendeiros aderissem àquela cultura, plantando, incentivando outros a plantarem, na década de 1960 os discursos ganharam outra conotação, circulavam em torno do seu reestabelecimento comercial, que passaria antes de tudo, pelos incentivos à plantação de novos campos. A crise agroexportadora e a seca, haviam criado um clima de insegurança entre os produtores, e, nesse sentido, as palavras de Arthur Leite, soariam como uma esperança que se avizinhava; *“Por isso mesmo precisa ela merecer o mais decidido apoio das nossas autoridades que **devem ampará-la**, em todos os sentidos, não só aperfeiçoando a cultura do sisal, como também financiando diretamente o produto”*.

Para que possamos entender a fala de Argemiro, realizada em 1964, é preciso entender que o ano de 1957 marca uma profunda crise no setor agrícola, crise acentuada, sobretudo, pelas secas e pelo enfraquecimento do mercado exportador. Paralelamente é um momento em que novos projetos, a respeito da agricultura, começavam a ser traçados para os estados do Nordeste. Estes foram responsáveis para estimular os desejos de fartura e os sonhos de riqueza dos paraibanos, e de forma especial, de uma elite ligada aos setores dominantes da política e da agricultura.

⁴⁴ Em vários discursos o Senador Celso Mariz queixa-se do abandono pelo qual a agricultura nordestina foi submetida na segunda metade dos anos cinquenta, em quase todos seus pronunciamentos acusa o governo pela crise do algodão e do agave. LISBOA, Claudia. **Perfil parlamentar**: Antonio Mariz. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006. (Série Perfis parlamentares; n. 51).

Uma vez que era a elite que clamava por iniciativas do governo, é ela mesma que cria o Nordeste como uma região problema, que deveria ser alvo de políticas públicas, isso se processa já no início do século XX. Essa elite usará a seca como pretexto para reclamarem para si a ação do governo. No caso da seca, ela será tomada como justificativa para a solicitação de recursos e de “sucessivos pedidos de cancelamento de dividas por parte dos produtores rurais, pela criação de órgãos e cargos públicos em que vão se alojar pessoas ligadas às elites regionais” (ALBUQUERQUE JR., 2008, p, 246).

Tais projetos visavam incentivar e estruturar alguns setores da agricultura como uma alternativa viável para a manutenção do setor econômico. A partir de 1950 começavam a circular ideias que, em nome da política e do desenvolvimento, a Paraíba, assim como outros Estados da região Nordeste, as elites agrárias davam os primeiros passos em direção da retomada da tão almejada “*revolução agrícola*”, baseada na utilização de novas culturas e técnicas agrícolas.

A segunda metade dos anos cinquenta se apresentava como tempos difíceis, sobretudo, para o setor agrícola, que, sofrendo com as intempéries climáticas, sofriam com os problemas da estiagem. Nesse contexto são produzidos discursos que resultam em ações para salvar a agricultura. Porém, é preciso ressaltar, que a agricultura era aquela ligada às elites, aos setores exportadores, principalmente produtoras do agave e do algodão.

Esses principais produtos agrícolas da economia paraibana haviam perdido sua relevância. A partir do início da década de 1950, a cana de açúcar já vinha dando sinais de enfraquecimento, contudo, ainda continuava sendo responsável por parte do sucesso do setor agroexportador, sendo cultivada no Brejo e na Zona da Mata Paraibana, atendendo aos interesses dos grandes usineiros, que ainda conseguiam obter lucros. Crise semelhante havia acontecido com o algodão, que, desde os meados dos anos 1930, se mostrava como produto enfraquecido e desvalorizado no mercado nacional, chegando a ser quase extinto. Em contrapartida, o algodão começava a se expandir em terras do Sudeste brasileiro. Nesse momento, segundo Eliete Gurjão (1994): “São Paulo preparava-se para produzir também fibra média e longa de quantidade suficiente para abastecer sua indústria, o que implicaria na perda do mercado paulista e redundaria no fatal comprometimento do comércio da Paraíba” (p, 134).

A expressiva crise que se instaurava no setor algodoeiro, que já havia começado nos anos trinta com a concorrência e com a desvalorização do produto, se tornaria ainda mais

acentuada com a devastação causada pelo bicudo⁴⁵, acentuada nos anos 1980, que segundo Sérgio Rodrigues Costa e Miguel Garcia Bueno (2004);

Na década de 1980, a história da cultura do algodão no Brasil, já bastante conturbada, teve um instante especialmente dramático, com o aparecimento da praga do bicudo, que praticamente transformou as plantações do Nordeste em terra arrasada. Em decorrência, houve não apenas perdas econômicas, mas também desemprego em uma região historicamente pobre (p, 21).

O que fazer? Como salvar uma agricultura caracterizada como tradicional e pouco produtiva? Antes de buscar qualquer resposta, é preciso entender quem a qualifica como tradicional e o que esse grupo entende por tradicional. Primeiro quem vai criar a imagem de uma agricultura tradicional é a elite ligada aos setores agroexportadores, ou seja, a uma agricultura praticada em grandes latifúndios, na maioria, produtores de algodão e agave, que faziam parte daquele grupo que havia participado e comungado das ideias implantadas no mandato de Argemiro, enquanto era governador do Estado, e ainda tinha como objetivo a manutenção do poder econômico e social.

Mas o que era uma agricultura tradicional?

Tratava-se de uma agricultura voltada para atender às necessidades familiares, que não tinha o sentido de criar um comércio amplo do produto, mas a comercialização com base no sustento familiar. Temos clareza que ela é tradicional para um determinado grupo, notadamente aquele que deseja uma ampliação da produção agrícola. Esse tipo de agricultura é geralmente praticada pelos membros da família, atendendo apenas às suas necessidades, sendo o excedente comercializado, as técnicas de plantio e colheita são simples, na maioria das vezes, utilizada a força animal para arar a terra e transportar a colheita. A agricultura “tradicional”, não participa de uma circulação comercial, mas se limita a pequenas trocas entre vizinhos, familiares e no máximo, venda de produtos no comércio local.

Somando-se as angústias dessa elite agrária, surgiam outras questões. O que plantar? O grande questionamento girava em torno de buscar alternativas que viessem a aumentar os lucros do setor agrícola, inserindo a Paraíba dentro de um quadro de exportação agrícola. Tais questionamentos compõem, e proporcionam a constituição de novos dizeres e novos saberes acerca das atividades produtivas da Paraíba, saberes e dizeres de um grupo de políticos que traçavam novos caminhos para o Estado.

⁴⁵ O bicudo é uma praga que atinge o algodoeiro, acarretando em altos prejuízos para o setor, a partir da década de 1980, quando destruiu grande parte dos campos de algodão, foi reconhecida sua ação destrutiva, como ação lenta e de grande velocidade, é considerado como o câncer da cotonicultura.

No centro dessa crise são criados um conjunto de discursos entre os políticos representantes destes grupos. Mas, se esses discursos já existiram desde os anos trinta, talvez seja melhor falar em uma reelaboração de saberes e práticas discursivas. Saberes que se movimentaram em torno de objetivos com claros interesses econômicos, como a inserção da economia paraibana dentro de uma nova realidade econômica, mais lucrativa e dinâmica e favorecendo determinados setores da sociedade. Mas que acabaram por modificar a vida, as relações sociais e os sentimentos de pessoas comuns, alterando suas sensibilidades e suas maneiras de verem o mundo e a si mesmas.

Esses discursos criam sentidos e estabelecem saberes e práticas. Discursos são práticas, acontecimentos que demarcam saberes e poderes em uma determinada sociedade (FOUCAULT, 2012, p, 10). Discursos compõem redes de saberes, instituem poderes e, modificam vidas, alteram percursos de existências. O discurso é uma rede de enunciados ou de relações que tornam possíveis significantes. Michel Foucault nos chama a atenção para pensarmos os discursos como lugares de produção de verdades, onde se operam exclusões e interdições, ainda é possível compreender que os discursos são, também, objetos de desejo e de poder, instituem lugares e operam exclusões, interdições⁴⁶.

A Análise do Discurso, nos leva a compreender que a fala desse representante da Paraíba, só é possível porque se trata de palavras produzidas por e para um lugar de poder das elites brasileiras. Um discurso, no qual, confluem jogos de interesses, políticos, econômicos e sociais. Ao analisar discursos, é de grande importância problematizar de que lugar eles partem, a partir de quais contextos se articulam, discursos indicam direções e são produzidos tendo em vista uma intenção, ou determinados objetivos.

Ao analisarmos os enunciados das falas dos políticos sobre o reestabelecimento do agave e de sua comercialização, devemos atentar para quem expõe suas idéias. É um dos políticos mais influentes da Paraíba, Argemiro de Figueiredo, representante legítimo das elites agrárias, um político que usou a cultura do agave, como bandeira de sua atuação política. Desde os tempos em que foi governador, a agricultura, foi vista como a principal via de acesso ao desenvolvimento para a região enquadrada como Semiárido⁴⁷ brasileiro, e de forma

⁴⁶ Cf. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

⁴⁷ A área do semiárido foi instituída em 2005 pelo Ministério da Integração Nacional com base em três critérios: precipitação pluviométrica; aridez e risco de seca. Para Paulo Roberto Megna Francisco (2013, p, 163); O semiárido brasileiro estende-se por aproximadamente 1 milhão de km², cobrindo 11% do território nacional e contendo 1. 132 municípios, abrangendo integralmente o Estado do Ceará (100%), mais da metade da Bahia (54%), da Paraíba (92%), de Pernambuco (83%), do Piauí (63%) e do Rio Grande do Norte (95%), quase metade de Alagoas (48%) e Sergipe (49%), além de pequenas porções de Minas Gerais (2%) e do Maranhão (1%) e parte do Espírito Santo (p, 163).

especial para a Paraíba. Contudo, a agricultura desejada por esse grupo é uma agricultura voltada para a exportação, na qual, o homem do campo torna-se apenas mão de obra.

Através dos incentivos para a “salvação” da cultura do agave, acreditava Argemiro de Figueiredo e seus colaboradores, que a Paraíba e o Nordeste sairiam do sub-desenvolvimento e se tornariam importantes economicamente para o cenário nacional. É necessário entender que essa opção de falar pela e para a agricultura, não se constitui em uma opção isolada ou alheia a realidade, em que *o defensor do povo paraibano*⁴⁸. Ele procura legitimar o abandono de uma região, considerada como problema, e até mesmo como um empecilho para o progresso nacional.

É um discurso de alguém diretamente ligado ao interior do Estado, portando, que tinha relações estreitas com produtores e comerciantes. Nesse momento, fala pela elite de Campina Grande, sua terra natal e seu berço político, onde, até os anos 1980 é um pólo de compra e exportação da fibra de agave, um dos mais importantes centros comerciais do Nordeste. Por isso, quando o senador fala de uma classe produtora de agave, ele faz referência aos grandes produtores e compradores de agave, que na grande maioria dos casos, começavam a entrar em um terrível e gradual colapso financeiro.

Direcionando sua atenção para o cenário decadente da agricultura paraibana, os governos, Estadual e Federal, passaram a tomar algumas medidas modificando o quadro, medidas que consistiam em oferecer alternativas de cultivo e fossem possíveis mesmo nos longos períodos de estiagem. Lembremos que essa é uma característica da política de Argemiro que, desde sua passagem pelo ao governo do Estado, entre 1935 e 1940, consistiu em implementar e diversificar a agricultura, introduzindo nela, novas culturas agrícolas, como é o caso do agave.

Em 1964, há uma nova configuração dos discursos sobre a agricultura paraibana. Agora o problema não é mais criar técnicas, inserir novas práticas agrícolas, ou criar uma “mentalidade agrícola”, como pretendia-se na segunda metade dos anos trinta, a questão neste momento, era de ordem puramente econômica, as elites agrárias e os comerciantes clamavam por uma ação direta e eficaz do Governo Federal.

Na fala sobre a implantação da cultura agrícola na Paraíba, o senador Argemiro Figueirêdo transparece o orgulho, e ao mesmo tempo uma preocupação sobre os problemas enfrentados, articula um discurso engajado, de um homem que se diz conhecedor da realidade econômica, do Estado pioneiro no cultivo do agave. Argemiro expõe uma realidade da qual se

⁴⁸ Aqui faço uma referência ao Jingle da Campanha Eleitoral de Argemiro de Figueirêdo, na campanha para o governo da Paraíba em 1950, na qual, ele foi derrotado por José Américo de Almeida.

orgulha, vangloria-se em ter sido o incentivador de seu cultivo, institui um lugar para seu discurso, articulando-o com a difícil realidade enfrentada pelos agricultores paraibanos.

Ele também direciona parte da mensagem para as elites produtoras de agave da Paraíba, e, usa dessa estratégia para mostrar aquilo que no seu ver, seria o responsável pelo atraso econômico da região Nordeste. Porém, mais do que dizer sobre a existência, ele deseja dar uma explicação para o problema. Suas palavras, além de denunciar, pretendem também fornecer uma explicação plausível para o problema, elas circulam em torno de uma denúncia de um problema e de uma acusação sobre a falta de incentivos. O senador advoga em torno de uma causa e de um problema, contudo, esse posicionamento é uma estratégia política, uma maneira de atrair recursos financeiros e o perdão de dívidas para os grandes fazendeiros.

Ele acaba por afirmar que esse problema não é puramente político, embora seja esse o principal fator, as causas para o atraso econômico seriam multilaterais, a crise econômica e diretamente, a crise do agave na Paraíba, seria, pois, um problema que abarcaria pelo menos quatro faces “*influência política, social, intelectual e eleitoral*”.

O problema econômico, no Nordeste não seria exclusivamente a seca, mas estaria associado a essas questões – “*influência política, social, intelectual e eleitoral*” – que contribuiriam para que a maioria dos recursos federais passassem a ser destinados a outras regiões brasileiras, notadamente Sul e Sudeste, aumentando consideravelmente aquilo que durante os anos trinta, passou-se a chamar de desníveis ou disparidades regionais⁴⁹. Esses desníveis se evidenciavam na medida em que ao sul e ao sudeste era destinada à industrialização, enquanto o Nordeste, continuava sendo o “celeiro” da nação, depositário da matéria prima e da mão de obra, assim, teciam-se os jogos de poder entre uma elite do sul e sudeste e um Nordeste que poderia ser “passado para traz”.

Para além da questão econômica, Argemiro aponta que questões sociais, intelectuais e eleitorais, contribuiriam com esse quadro: “*E o que se observa, a todo instante, decorrente da influência política, social, intelectual e eleitoral em representação dos Estados sulinos com a atuação mais pronta e decisiva do Governo em favor da economia dessas regiões*”. Tratava-se de identificar os problemas e suas conjecturas, não uma causa, mas causas que estavam articuladas.

É interessante notar que, o senador destaca em seu discurso, a situação da região nordeste somavam-se as inconstâncias pluviométricas e a baixa qualidade dos solos, quase

⁴⁹ Sobre essa questão, conferir a terceira parte da tese de doutorado do prof. Durval Muniz. Cf. ALBQUERQUE JR., Durval Muniz de. **O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes**. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1994.

sempre impróprios para a prática da agricultura. E isso, aumentava ainda mais as disparidades entre as regiões: *“Quanto ao Nordeste, onde a produção se desenvolve com sacrifícios imensos, onde o homem enfrente a hostilidade do solo ingrato e também do clima os apelos dali provenientes não são recebidos com a mesma prontidão”*.

Argemiro de Figueiredo afirma que se a agricultura era a única via econômica para o Nordeste, era preciso que ela fosse modernizada. Objetiva-se deixar a monocultura de algodão, desenvolvida nas grandes fazendas, e buscar outras culturas agrícolas adaptáveis ao solo e ao clima da região. Também, não era mais viável que nossa produção se pautasse pela agricultura do milho e do feijão, muito menos que continuasse sendo uma produção familiar. Era preciso exportar, expandir os horizontes de uma agricultura deficiente, frágil e limitada.

Desde meados de 1930 e 1940, em meio a um conjunto de discursos, cria-se a ideia de uma necessária diversificação da agricultura. Diversificar a agricultura era a palavra de ordem, segundo o conjunto de saberes instituídos como verdade, a monocultura contribuía ainda mais para o atraso econômico e social, logo, deveria ser superada. Esse mesmo discurso propagaria a ideia de que, para que a agricultura pudesse contribuir para a mudança do quadro econômico e social, era preciso ser diversificada, tivesse sua finalidade voltada não só para a subsistência, mas que pudesse ser também uma via para a exportação. Por meio de uma intensa campanha agrária, a Paraíba ia, moderadamente, superando a monocultura e implantando novas lavouras. Desse modo, a policultura parecia ser um sonho acompanhado de muitas e produtivas realidades, seria ela a liberdade do povo paraibano.

No entanto, isso é uma farsa, pois essa diversificação não se constitui em nada mais que, a quase eliminação da pequena propriedade e da produção agrícola de subsistência, para a criação de grandes plantações de culturas mais rentáveis. Estabelecem-se, assim, espaços de monoculturas de algodão ou de agave.

Eis que o discurso da diversificação agrícola (re) surge com toda força. Na verdade, acredito que ele nunca desapareceu, mas se metamorfoseou durante as décadas. Já nos anos cinquenta e sessenta, ele retoma com mais força, revestido em outros interesses. A respeito dessa ideia de diversificação da agricultura paraibana, a historiadora Mariângela Nunes (2006), defende que este processo deve ser entendido como uma questão ampla, pois há um cruzamento de objetivos e interesses, em que o processo de industrialização seria apenas o pano de fundo.

A diversificação da produção agrícola deve ser entendida dentro de uma conjuntura mais ampla, pautada pela industrialização do país. Este quadro,

marcado pelo desenvolvimento urbano, induziu a uma reorientação da agricultura brasileira (p. 102).

Em certo sentido, concordo com a autora, de fato, houve uma reorientação da agricultura. Quanto à diversificação agrícola, é necessário questioná-la, pois não é um projeto elaborado no sentido de beneficiar o pequeno agricultor, é, antes de mais nada, outra manobra de um grupo que pretendia, a qualquer custo, manter o poder econômico. Para o pequeno produtor rural, que cultivava feijão e milho, o discurso da superação da monocultura se caracterizou num engodo, pois não houve diversificação agrícola, houve a criação da monocultura do agave e a destruição do modo de vida, baseado na agricultura de subsistência.

O que aconteceu foi a inserção de lavouras, sobretudo, o agave, como uma cultura que deveria reinar absoluta, atendendo aos interesses de um grupo de agricultores e proprietários de grandes áreas territoriais, muitas vezes, acabando com a possibilidade de se plantar outras lavouras. Tudo era agave. Afinal, todos apontavam para esse produto como a salvação presente, palpável. Quase todas as terras só tinham espaço para o agave. Em certo sentido, a agricultura familiar e as práticas culturais do campo, foram exterminadas seguindo do discurso do progresso.

O agave veio para instaurar uma nova forma de vida, com ele se implantou, então, uma nova concepção de agricultura e de tempo no interior da Paraíba, vivia-se não mais o tempo humano e da natureza e sim o tempo do capital, onde o controle e a força de trabalho direcionavam e moldavam a vida dos sujeitos.⁵⁰

Pode-se ainda, destacar nesse sentido, as tentativas do Governo Estadual em ampliar as áreas cultivadas de algodão e criar campos de agave, ambos, voltados a exportação. Reafirmo, portanto, de forma diferente dos outros pesquisadores que se debruçaram sobre esse tema (COSTA, 1989; NUNES 2006). Essa diversificação agrícola, proposta pelo governo e pelos agrônomos, não foi uma diversificação e sim, é a institucionalização de um tipo de agricultura, “o agave”, que se propõem substituir o algodão, e que tem como interesses a agroexportação.

Entendo, também, que essa forma de exploração agrícola promoveu uma concentração de terras nas mãos de poucos fazendeiros. Transformando, neste caso, os pequenos produtores rurais que produziam uma agricultura diversificada e de subsistência, em mão de obra barata. Assim, foram instuídas diferentes experiências para esses trabalhadores,

⁵⁰ Trata-se de algo que pode ser observado na transição de uma produção artesanal para uma produção industrial baseada nos interesses capitalistas. Cf. THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. IN; _____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp, 267-304.

as quais passaram a se expressar por “situações e por relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos e que, em seguida, ‘trataram’ essas experiências em sua consciência e sua cultura.

Em quase todas as entrevistas realizadas é perceptível que quando o trabalho com agave se tornou praticamente a única fonte de renda das famílias cubatienses houve reordenamento da estrutura familiar, que não era mais chefiadas pelo homem, mas pela mulher. Já que os homens, geralmente, saíam de casa para trabalhar em motores de agave, algumas vezes próximos outras vezes longe, exigindo a ausência durante dias de sua casa.

A implantação do agave no Estado, e sua aceitação por meio dos fazendeiros das pequenas cidades e vilas do interior, por volta dos anos cinquenta, passaria a alimentar ainda mais os sonhos e os desejos de uma agricultura fecunda e diversificada, desejos esses que alimentavam os sonhos de riqueza de uma elite que buscava vias de manutenção do poder. É o princípio de um discurso capitalista que adentra no mundo do pequeno agricultor, do trabalhador rural e modifica sua vida, seus afetos e sua própria relação com o trabalho, agora, não mais movido pelos ciclos naturais, mas um trabalho orientado pelo tempo do capital, sustentado pelo lucro.

O universo rural sofreu drásticas modificações sociais e culturais com a implantação dessa “nova mentalidade agrícola”, que não é tão nova, pois já era proposta desde o fim dos anos trinta, durante o argemirismo.

Dentro de todo esse novo contexto, proponho neste texto, não esquecer os trabalhadores, as pessoas comuns, agricultores, que de certa forma se encontravam alheios a esse processo e foram inseridos dentro de uma nova perspectiva agrícola. São pessoas de nomes e trajetórias desconhecidas, pessoas que a partir de suas experiências cotidianas, reinventaram suas existências e suas relações sociais a partir de um contexto, tantas vezes adverso, marcado pela exclusão da agricultura “tradicional”.

Há uma novidade nesse momento, a preocupação não só na produção, mas também voltada para a comercialização de produtos. Começa a existir uma tentativa de formar uma nova organização comercial. Trata-se, então, da necessidade, dos setores produtivos, de se criar uma (re) organização dos espaços produtivos, ação que não se limitará ao Estado paraibano, mas acontecerá em todo o território nordestino, atendendo as particularidades das áreas de produção agrícola de cada Estado. Essas tentativas deveriam levar em conta o solo, o clima e mesmo as vocações comerciais de cada região. Percebe-se, então, que se trata de um processo minimamente planejado, pensado de acordo com todo um conjunto de saberes e poderes, gestados e articulados em torno dos interesses da elite ligada ao meio rural.

Essa nova proposta de organização comercial projetada no Nordeste, nos anos cinquenta inaugura uma nova maneira de ver os espaços produtivos/comerciais e de propor alternativas agrícolas e comerciais, que valorizassem o aumento das exportações e a maior lucratividade. Lembremos que, a década de 1950 é também o momento da ação direta do Governo Federal sobre o Nordeste, sobretudo, através da criação da SUDENE em 1959. De acordo com os estudos de Rosa Godoy da Silveira (1984), a década de 1950 inaugura, assim, uma visão de um Nordeste, a partir das perspectivas dos “*desníveis regionais*”, trata-se de um discurso político que interpretaria a realidade regional de acordo com os problemas sociais e políticos da região, momento em que instituição da SUDENE tinha a finalidade de analisar as problemáticas da região e ao mesmo tempo apontar e planejar ações estruturais para o desenvolvimento do Nordeste, retirando-o das margens do desenvolvimento.

A emergência do discurso dos “*desníveis regionais*” traz consigo a proposta de retomar algumas potencialidades comerciais, nesse sentido, busca-se salvar o algodão, tornando-o novamente o motor da economia paraibana. Não coincidentemente, é também o momento em que o cantor e poeta Luiz Gonzaga percorre o país cantando “*Algodão*”, música que elogia o trabalho e incentiva a plantação do ouro branco, através de uma poética ritmada, Gonzaga, vai mostrando a satisfação do homem do campo durante o plantio e a colheita. Alegria essa que seria maior ainda para as elites agrárias.

Uma batalha que se configuraria na superação do atraso e das dificuldades consequentes das constantes estiagens da região. A música está intimamente ligada à política desenvolvimentista, elaborada pelo governo do então presidente, Juscelino Kubitschek de Oliveira, através da implantação da SUDENE, que objetivava retirar o país de uma condição de miséria, inserindo-o dentro de mudanças não apenas quantitativas e econômicas, mas qualitativas, culturais e sociais.

Bate a enxada no chão
 Limpa o pé de algodão
 Pois pra vencer a batalha
 É preciso ser duro, ser forte, valente
 Ou nascer no sertão
 Tem que suar muito
 Pra ganhar o pão
 Pois a coisa lá
 Não é brinquedo não

Mas quando chega
 O tempo rico da colheita
 Trabalhador vendo a fortuna se deleita
 Chama a família e sai

Pelo roçado vai
 Cantando alegre
 Ai, ai, ai, ai, ai, ai

Sertanejo do Norte
 Vamos plantar algodão
 Ouro branco
 Que faz nosso povo feliz
 Que tanto enriquece o país
 Produto do nosso sertão⁵¹

A música de Luiz Gonzaga destaca eventos de um período agrícola em que o algodão precisava ser salvo, vindo novamente a ser, o mais importante elemento da economia nordestina. Adentra na vida rural e incentiva ao trabalho, faz parte dos discursos da época onde a estrada do desenvolvimento passaria pelo incentivo à agricultura. Em toda a letra há um incentivo a plantar, a trabalhar, a movimentar e dar consistência à região. O produto que “enriquece o país”, trata-se de reflexos da política do nacional desenvolvimentismo, procurando estimular a produção econômica de acordo com as especificidades regionais, no caso do Nordeste a produção do agave e do algodão eram vistas como meios de crescimento econômico.

O leitor deve se perguntar, quais os motivos que levaram essa agricultura a ser planejada e (re) planejada em momentos diversos? Acredito tratar-se de um processo que ocorre em vários momentos e sob variadas formas, atendendo à interesses políticos e econômicos, que se modificaram constantemente.

O que pretendo dizer é que esse processo de mudanças na agricultura paraibana se projetou não em um momento, mas deve ser entendido como um processo histórico que foi se arrastando desde a década de trinta e só conseguiu se consolidar, de fato, nos anos setenta, através de uma política desenvolvimentista, que ganhou todo Brasil, com a efetiva integração comercial entre todas regiões;

O quadro que começa a se desenhar nos anos de 1930, representa, a nível da história da Paraíba, o momento de aceleração das relações e trocas comerciais regulares do Nordeste (e da Paraíba) com o pólo dinâmico nacional – o Sudeste. É uma fase que direciona tanto a área paraibana, quanto o resto do território nordestino a um aprofundamento de sua situação de dependência, e se caracteriza pela reorganização de seus espaços produtivos – a agrícola e a industrial –, constituindo-se em etapa essencial à consolidação do processo de

⁵¹ Algodão, composição de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1953.

integração no mercado nacional de produção e de circulação de bens, que ocorrerá nos anos de 1970 (AMORIM, 1999, p, 49).

Ao propor uma análise da economia paraibana, a partir de um recorte cronológico de quarenta anos (1930-1970), Laura Helena Amorim (*op. cit.*) identifica muitos aspectos importantes que podem contribuir em minha análise. A começar, pela identificação da necessidade das políticas agrícolas do estado da Paraíba se alinharem a uma dinâmica de aceleração e trocas comerciais, em escala nacional, pois essa seria uma prerrogativa básica para que se pudesse adentrar nesse processo de articulação comercial. Uma segunda característica desse momento, é, a importância que ganha o projeto de integração nacional, em que a agricultura deveria se adequar ao projeto de produção e circulação de bens, instaurando uma nova dinâmica de comercialização agrícola, fortalecendo os setores produtivos e criando uma zona de conforto para as elites ligadas aos setores da agricultura e comercialização.

Como a região⁵² Nordeste se inseria, de maneira efetiva, dentro desse processo? Foram realizadas um grande número de medidas políticas e econômicas para processarem essa inserção, contudo, o que importa aqui destacar é a alternativa que foi apresentada pelo governo e pelos agrônomos da Paraíba. Esses grupos valorizaram a difusão e a implantação do agave, pela construção de uma imagem salvadora e redentora para o Nordeste, e de modo especial para o estado da Paraíba.

Se esse projeto ganhou certa urgência nos anos setenta é, porque, já nos anos sessenta houve um claro e acentuado panorama de crise no setor agrícola. Em quase todo o Nordeste, o agave, que outrora tinha se tornado o produto de maior destaque no cenário econômico, começou a dar claros sinais de enfraquecimento. As exportações sofreram uma queda assustadora, se comparadas aos dourados anos quarenta e cinquenta. Nesse período, o agave havia se tornado alvo de investimento das elites agrárias, e os grandes fazendeiros haviam espalhado os campos de agave por todo o interior, sobretudo, nas regiões do Agreste⁵³ e da

⁵² Sobre o conceito de região, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior. (2008) faz uma série de críticas a forma com que vem se pensando esse conceito dentro da historiografia brasileira, que por vezes a entende como um conjunto de fronteiras naturais e a-históricas, nesse sentido está defendendo que devemos entender a região como um campo de lutas e de relações de poder, inclusive, um conceito cunhado a partir de uma analogia com o meio militar, ou seja, é um território em litígio, marcado pelo cruzamento de forças, poderes e saberes. Para ele “A região é um espaço sob um dado comando, sob um dado domínio, um espaço regido por alguém, governado por alguma força, a demarcação de um espaço sob controle, um espaço em que se exerce uma soberania, em que se estabelece uma dominação após uma vitória sobre um oponente: a região é espaço de luta, é fruto de uma conquista, fronteiras nascidas da implantação de um governo, de uma dominação. A região é fruto de operações estratégicas, políticas, administrativas, fiscais e militares” (p, 57). Mas também é preciso destacar que a região é, antes de tudo, um produto cultural, onde se entrelaçam costumes, linguagens, práticas cotidianas, visões de mundo, etc.

⁵³ Mesorregião do Agreste da Paraíba, é formada pelo agrupamento de 66 municípios.

Borborema⁵⁴, nas quais, as condições de solo e de clima eram extremamente favoráveis para seu desenvolvimento.

Era o início de um pesadelo para os fazendeiros que haviam dedicado todos os esforços em criar uma cultura⁵⁵ do agave, era também o nascimento de um sonho, de perspectivas de dias melhores para os pequenos e médios agricultores. Com a crise dos anos cinquenta houve o desmantelamento das grandes usinas beneficiadoras de agave, surgindo em seu lugar, uma nova categoria que ficou conhecida como os “donos de motor”. Eram homens que haviam adquirido pequenas unidades de beneficiamento, caracterizando um tipo de trabalho nomeado de motores, que se alastraram pelo interior da Paraíba, popularizando essa nova cultura agrícola. O interior da Paraíba se modificava, tinha os roçados de milho, feijão, mandioca, substituídos pelas longas e viçosas folhas do agave.

Uma coisa jamais vista era observada em cada canto do interior paraibano. Via-se de fato, uma verdadeira “invasão do agave”, a paisagem, assim como a vida dos agricultores, era drasticamente modificada, como identificaram os estudiosos do processo de desenvolvimento que surgia em terras nordestinas.⁵⁶

Como se processa essa “invasão do agave”? O que significa essa expansão e essa popularização do agave? Qual seriam suas implicações e seus impactos sobre a agricultura, sobre a vida e sobre as sensibilidades individuais e coletivas?

Essa expansão dos motores de agave por territórios menores, marca o momento que o agave estava deixando de ser um monopólio dos grandes fazendeiros e começava a ganhar espaço em fazendas de médio porte, ainda sendo incentivadas pelos discursos governamentais, assim, ele ia adentrando, lentamente, nas pequenas cidades do interior paraibano, inaugurava-se um tempo em que sua produção passaria a ser o motor para o desenvolvimento de pequenas cidades, os trabalhadores seriam, então, agricultores que durante a seca, se ocupariam do trabalho nos campos de agave, surgiam no lugar dos grandes roçados de milho e feijão.

⁵⁴ Mesorregião da Paraíba, formada pelo agrupamento de 44 municípios.

⁵⁵ Entendemos aqui que a cultura é um movimento de relações, constituída a partir de relações em que se articulam tradições, hábitos e mesmo comportamentos. Assim, criar uma cultura do agave significava não apenas inserir o seu cultivo no campo das atividades agrícolas, mas criar toda uma rede de costumes que fizessem o agave tornarem-se um elemento cotidiano, sendo assim, o objetivo dessa tentativa era inseri-lo na vida do trabalhador. Segundo o antropólogo norte-americano Clifford Geertz, a cultura formada a partir de estruturas sociais que se articulam com indivíduos e grupos, ao propor uma “interpretação das culturas” o autor diz que: “[...] a cultura que é mais bem vista não como complexos de padrões concretos de comportamento-costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, com tem sido agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle-planos receitas, regras, instruções” (GEERTZ, 1989, p.56).

⁵⁶ Anais do Seminário para o desenvolvimento do Nordeste. Recife: Vol. II, 1959, p. 258.

Isso fazia, também, com que as plantações se espalhassem, passassem a fazer parte da paisagem regional, tomando o espaço que outrora era exclusivo da agricultura convencional de milho e feijão (COSTA, 1989; NUNES, 2006). A crise no setor agrário, teve seu momento mais dramático, percebe-se no período subsequente aos anos cinquenta, com a crise das exportações, que o agave passa a se popularizar com maior facilidade, se antes estava restrito aos grandes fazendeiros, requerendo um enorme investimento financeiro, agora passa a ser uma possibilidade de lucros para produtores medianos, que, quando tinham mil pés de agave, se consideravam como grandes produtores.

Escrevendo no limiar dos anos oitenta, Ramilton Marinho Costa (1989), identifica a emergência dessa nova configuração de fazendeiros, agora, não mais ligados a uma grande fortuna em terras ou em trabalhadores, mas que continuavam atentos a manutenção de velhos sistemas de dominação;

Hoje o grande proprietário não é mais o senhor absoluto de dezenas ou centenas de moradores a sua disposição e ao seu cuidado. As casas das fazendas estão cada vez mais vazias, a palma e o gado têm substituindo a roça e tem crescido o trabalho periódico, o trabalho assalariado. Os proprietários também criaram e recriaram mecanismos para conseguir manter controle da mão-de-obra e também conseguir apoio político para segurar ou remendar seu poder na esfera local (p, 98).

Surgem então, nos anos finais dos anos trinta e início dos quarenta as primeiras e rudimentares plantações de agave, localizadas nas fazendas que se tornariam com o tempo pequenas unidades de produção e beneficiamento de agave. Fenômeno que, em Cubati, pode ser observado a partir da segunda metade da década de 1950. O senhor José de Medeiros Dantas⁵⁷, diz que os primeiros pés de agave chegaram em Cubati quando Argemiro de Figueirêdo foi nomeado Interventor federal em 1935.

Mas, o agave passaria a dominar as terras cubatienses de forma mais acentuada nos anos cinquenta, quando se populariza entre os agricultores. Momento em que vários fazendeiros começam a deixar a cultura do algodão, afetada pela praga do bicudo e passaram a plantar agave, outros, mais ansiosos por retorno financeiro, compravam fazendas já “benfeitorias de agave”, ou seja, plantações de agave em pleno desenvolvimento, e instalações para colheita e beneficiamento das fibras. Essas benfeitorias garantiam aos compradores uma lucratividade imediata em momento em que a fibra mantinha bons preços no mercado, os benefícios ainda seria porque não era mais necessário a plantação e a espera do

⁵⁷ José de Medeiros Dantas. Entrevista realizada em 30 de setembro de 2013.

desenvolvimento do agave, tendo em vista que da plantação à colheita era necessário esperar um espaço de em média quatro anos.

É importante destacar que, por ter sido a base da economia local durante grande parte da segunda metade o século vinte, o agave ficou marcado de forma positiva na memória coletiva (HALBWACHS, 2004) partilhada por grande parte da população. Contudo, é preciso destacar que para esta ideia permanecer na memória coletiva foi necessário a construção de um conjunto de referências para que o agave se tornasse um elemento da identidade cubatiense. Pelos menos duas construções simbólicas servem de referência ao agave como parte essencial do “progresso” e do “desenvolvimento” de Cubati.

A bandeira municipal, desenhada em 1977 por Terezinha Martins Dantas, então primeira dama do município, e aprovada pela Câmara Municipal de vereadores no mesmo ano. O desenho do agave se coloca entre o azul e o amarelo, representando o céu e as riquezas da terra, paralelamente ao agave se dispõe uma engrenagem, signo do desenvolvimento e do crescimento econômico, sobretudo ligado à produção de agave.



Imagem 6 - Bandeira do Município de Cubati – PB, a bandeira é um símbolo que agrega elementos selecionados por um grupo e que pretende ser uma síntese identitária. Assim são valorizadas elementos que pertencem a uma elite política e econômica como as engrenagens das máquinas e o produto econômico da cidade, o agave. Esses elementos possibilitaram a criação de riquezas e estabelecem o poder de uma elite que é proprietária dos meios de produção.

Fonte: Acervo pessoal

Entre os agricultores que ouviram falar do agave e aceitaram o discurso do governo pregador de uma diversificação na agricultura estava José de Medeiros Dantas, conhecido por todos como Zé Preá, que havia chegado na ainda vila de Canoas no início dos anos 1930.

José de Medeiros Dantas comprou em 19 de outubro de 1965 nove hectares de terra, na estrada do sítio Golpe D'água, com “benfeitorias de agave”, pagando aos vendedores uma quantia de 300.000 cruzeiros. O político ainda comprara outra propriedade com plantações de agave⁵⁸. Não é à toa que este se tornará um dos principais donos de campo e comerciante de agave da região do Seridó paraibano.

Incentivado pelo bom preço do produto, e inserido também no meio político, José de Medeiros Dantas irá concentrar seus investimentos no plantio e na comercialização de agave. Ainda hoje, é comum os narradores se referirem a fazenda Campinhos, como uma de suas maiores propriedades e aonde vários trabalhadores eram contratados para o trabalho. Segundo José de Medeiros Dantas, o “campo de agave pra tirar a fibra precisava de dez motor, porque eu tinha um milhão e trezentos mil pés de agave, lá nos Campinhos”.⁵⁹

Uma segunda imagem construída do agave e sua relação com a história da cidade está diretamente relacionada a outro elemento identitário, o brasão municipal. Elaborado a partir de um concurso organizado pela Prefeitura Municipal em 1995, durante o mandato do prefeito Ernando Davinci de Lima (1993-1996)⁶⁰. Os símbolos que constituem o brasão do município fazem referência a seus antecedentes históricos, descendo-se em seu centro um pé de agave, como se esta planta fosse a base da história e da identidade local. Tanto a bandeira como o brasão participam diretamente da criação de uma tradição, de uma memória que através de símbolos torna-se coletiva. Ambos participam de um processo de formalização e ritualização⁶¹, que refere-se ao passado e a um determinado elemento da cultura e da sociedade, no caso o agave.

⁵⁸ Guia de recolhimento *inter vivos*. Arquivo da Prefeitura Municipal de Cubati.

⁵⁹ José de Medeiros Dantas. Entrevista realizada em 30 de setembro de 2013.

⁶⁰ Em 2013 a Câmara Municipal de Vereadores de Cubati – PB, aprovou, por unanimidade o Projeto de Lei 004/2013, que altera e redesenha o Brasão Oficial do Município, mantendo sua forma original e de forma de honrar ainda mais o município e sua história, o brasão municipal foi redesenhado, de forma que viesse a valorizar ainda mais os seus símbolos, adaptação gráfica que possibilita uma maior nitidez e entendimento de seus elementos. Além da faixa, que foi valorizada, ao brasão foi acrescentado outro elemento, tendo em vista reparar a um erro histórico, a negligência dada ao seu fundador, o escravo alforriado Manoel Maria de Barros, e ao negro não só para Cubati, mas para toda sociedade brasileira.

⁶¹ Ver. HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.



Imagem 7 - Brasão municipal, o Brasão é também um símbolo da identidade de um grupo. O Brasão do Município de Cubati reúne elementos europeus (Os braços do guerreiro, que ergue a cruz de malta, a fortaleza); indígenas (o braço do indígena); a cruz (símbolo da cristandade) e o pé de agave que, por ser a base da sustentação econômica, na época da formação da cidade, ocupa um lugar de destaque no desenho. Trata-se de uma construção em que momentos distintos da história local são exaltados, sobretudo por estarem ligados à elite.

Fonte: Acervo pessoal

Mais que produtor e comprador de agave, José de Medeiros Dantas, foi um representante de uma elite local, participaria da criação de uma cultura do agave em Cubati, utilizando de seu lugar social na sociedade cubatiense⁶², também era incentivar outros agricultores a plantarem e difundirem o agave, a fazerem dele um meio de vida, mostrando e fazendo saber dos sucessos daquele novo empreendimento.

Seria ingênuo afirmar que a implantação do agave no interior da Paraíba, e precisamente em Cubati, foi uma história construída apenas de sucessos e prodigiosos êxitos. Essa imagem é desenhada pelas pessoas que lucraram com aquela cultura, fizeram fortuna com o agave. Para o pequeno agricultor, que se torna mão de obra, a história é bem diferente, é mais uma conformidade do que apenas uma lembrança boa.

De acordo com o informativo estatístico nº 2, que media as atividades dos setores de atividade econômica⁶³, mostra que naquela década (1950) o agave era o único produto da atividade agrícola de Cubati, dentro do que se chamava de “*Cultura Permanente*”, que eram

⁶² Conceito criado por Michel de Certeau, embora o autor articule o conceito a produção historiográfica ele nos ajuda a pensar o lugar do sujeito e como, a partir dele, se instauram discursos, métodos e de onde partem interesses que ali se organizam. Cf. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011, pp, 47 – 51.

⁶³ O material foi elaborado a partir da Unidade Setorial de Planejamento, órgão da Secretaria de Finanças do governo paraibano, segundo a apresentação do material, seu objetivo era fazer com que as administrações estaduais pudessem “contar com subsídios fundamentais para o melhor acompanhamento do desempenho de sua economia e o planejamento de seus programas de desenvolvimento.

aquelas lavouras de uma vida longa, se comparadas ao milho e ao feijão. De acordo do documento elaborado pela Secretaria de Finanças do Estado, através da Unidade Setorial de Planejamento, o município produzia uma receita equivalente a 4. 443. 165 cruzeiros, ficando atrás somente do município de Cuité que somava uma quantia de 5. 362. 251 cruzeiros.

Contudo, a crise no setor agroexportador que “ressucitou” um discurso em prol da agricultura, foi fruto de um momento histórico que ocorreu na década de 1970. Aqui, creio ser necessário, mostrar como se desenhou a região nordeste neste período, mostrando, assim, quais as linhas discursivas caracterizaram essa região. É importante perceber que esse não era um problema novo, desde o final do século XIX, a região nordeste apresentava um quadro agrícola decadente. Ao fim do período da grande produção açucareira, a crise de mão de obra escrava somava-se a outro problema que, de certa forma, seria considerado como responsável pelo pesadelo que se instaurara: a seca.

A seca tornava-se, então, um flagelo que vinha afetando, drasticamente, o campo e a cidade. Contudo, mais que um problema, a seca teria sido apropriada por uma conjuntura discursiva que colocaria a região como um problema nacional, como um “pedaço” do Brasil que carecia de um tratamento diferenciado.

São forjadas imagens de uma terra seca, pobre, carente de chuvas e de projetos de desenvolvimento. Imagens como essas criam na imaginação e na memória coletiva um Nordeste seco, inóspito, quase averso à vida humana. A seca é desenhada como um cenário desesperador, de *“nefastas consequências para a nação”* brasileira. A miséria assolava grande parte dos sertanejos, nesse sentido, retomou-se os discursos em que se (re)elaboraram as concepções sobre a agricultura, em que, novamente a diversificação seria a que ganharia maior destaque entre os políticos e agrônomos. A monocultura é novamente revestida de uma conotação negativa para o homem e para a sua sobrevivência.

Nos anos cinquenta os incentivos ao cultivo do agave são, mais uma vez apontados como maneira de superar as consecutivas crises da agricultura, agravadas ainda mais pelas intempéries climáticas e os abalos no setor agroexportador. A seca é identificada como a principal causadora das crises na agricultura, o que se agravava com a prática de uma produção baseada na monocultura. Segundo LINHARES; TEIXEIRA *apud* NUNES (2006):

Identificavam-se, dessa forma, as crises cíclicas da produção agrícola como causadoras de nefastas consequências para a nação. Não que a agricultura fosse crítica, ***mas a agricultura monocultora, dependendo de planos de valorização responsáveis pelos desequilíbrios monetários, deveria ser superada*** (p, 97) - (*Grifos meus*).

Neste anos, quando a cultura do agave volta a ser objeto de uma série de discursos favoráveis, foi retomada a ideia de que ela era uma possibilidade de salvação para a agricultura paraibana. Desta vez, esse discurso foi dirigido para outros sujeitos, como os fazendeiros de pequenas cidades como Cubati. Assim ele foi se inscrevendo dentro de um novo contexto de construção de novos sonhos, de sorte e fortuna. O verde dos imensos pés de agave, iriam a partir da segunda metade do século XX, modificar não só as paisagens de Cubati, mas iriam alimentar esperanças e gestar novas sensibilidades, novas relações sociais.

No entanto, o discurso e as ações políticas não foram as únicas forças que entraram em ação neste momento. Para entendermos como essas mudanças se deram, é necessário, ainda, analisarmos como o agave foi “consagrado” pelo discurso jornalístico, tornando-se signo de um novo tempo, a construção da “*Civilização Dourada*”.

TERCEIRA CENA

“A CIVILIZAÇÃO DOURADA” E A IDEALIZAÇÃO DO AGAVE

“A HISTÓRIA do Sisal é uma Epopéia antes de ser uma Redenção. E é um milagre, antes de ser uma aurora.”
(José Leal. **A civilização dourada**)

O documento “A civilização dourada”, publicado em 1966 pode ser rapidamente caracterizado como o mais apaixonado escrito sobre a saga do agave na Paraíba, o texto não poupa metáforas na exaltação do agave, o apresenta como algo extraordinário e mítico, o mesmo material faz ainda uma espécie de homenagem aos trabalhadores “anônimos” dos campos e dos motores de agave. Não deixando de ser mais um discurso no sentido de posituação da cultura do agave, reforça a ideia de que aquela planta seria capaz de modificar os quadros sociais daquela região pobre. O livro apresenta-se com uma estrutura em forma de um relato, cria uma sequência narrativa que parte do nascimento da produção do agave e de

sua glorificação. Um relato que pretende narrar uma história em que “homens abúlicos⁶⁴ e desiludidos foram contemplados com um sorriso dos deuses”.⁶⁵

Fruto de uma reportagem e transformada em livro “A civilização dourada”, de autoria de um jornalista, José Leal⁶⁶, e de um fotógrafo, Rafael Mororó⁶⁷, traz, segundo os autores, uma crônica “*de pioneiros e céticos. De conservadores e de progressistas. É um retrato de descobrimento, e ao mesmo tempo, de uma libertação*” (p, 15). Um apêndice de três tópicos, uma entrevista com Pedro Moreno Gondim⁶⁸, acompanhada de correspondência entre ele e o Presidente Castelo Branco⁶⁹, sobre a situação econômica do agave na Paraíba.

⁶⁴ A palavra abúlico, se remete a uma pessoa/sujeito que não tem vontade, ou ânimo para viver, permanecendo imóveis diante dos acontecimentos.

⁶⁵ Introdução de José Leal ao livro “A civilização dourada”.

⁶⁶ Segundo informações contidas no quadro de sócios efetivos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) <<http://ihgp.net/socios.htm>>, era natural de São João do Cariri, autodidata, considerado o decano da imprensa paraibana por sua atuação frente aos órgãos de comunicação mais representativos do Estado. Dedicou toda a sua vida à imprensa; entregava-se à leitura, procurando manter-se sempre atualizado e bem informado sobre a situação do Estado e do País. Em 1927, tornou-se correspondente, em Alagoa Nova, dos jornais A União, de veículo de comunicação do Governo do Estado, e A Noite, do Rio de Janeiro; em 1930, atuou nos jornais O Liberal e o Jornal do Norte, sob a direção de Café Filho; ainda em Alagoa Nova, fundou o semanário O Momento. Veio para a capital do Estado para integrar a equipe de A União como redator, e logo ascendeu ao posto de Secretário, substituindo, mais tarde, Samuel Duarte na direção do órgão, em 1932. Em 1934, passou a dirigir O Norte, jornal que não resistiu à chegada do Estado Novo. Em João Pessoa, além de escrever nos jornais A União e O Norte, ainda fundou o quinzenário Ilustração e Gazeta do Povo, este em parceria com o escritor Ascendino Leite, e a Revista Gong, todos com duração efêmera; colaborava em todos os jornais do Estado, ora como redator, articulista ou editorialista. São de sua autoria: **A Imprensa na Paraíba**, 1941; **Este Pedaco do Nordeste**, 1943; **O Primeiro Decênio da API: como surgiu e tem se desenvolvido essa entidade**, 1943; **Itinerário da História, da Colonização da Paraíba aos nossos dias**, 1945; **Reencontro da Vila**, 1961; **Itinerário da História: Imagem da Paraíba entre 1518 e 1965**, 1965; **Família Costa Ramos**, 1968; **Acidentes Geográficos da Paraíba**, 1970; **Assim eram as coisas...**, 1970; **Vale da Travessia**, 1971; **Dicionário Bibliográfico Paraibano**, 1980. E ainda de deixou algumas escritos inéditos que foram publicadas postumamente: **Índice corográfico e administrativo da Paraíba**; **Ronda da Província**; **Noções de Corografia e História**; **Imagens Desfeitas**. Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, ocupando a cadeira número 19, no dia 10 de março de 1946.

⁶⁷ Infelizmente não foi possível encontrar nenhuma informação relevante ao autor que divide, juntamente com José Leal, a autoria de “A Civilização Dourada”, sobre Rafael Mororó consta apenas uma pequena observação, na orelha do livro, elaborada pela editora na qual se lê: “Um nome inteiramente desconhecido do grande público aparece ao lado de José Leal: é o de Rafael Mororó. Trata-se do autor das fotografias que ilustram este volume, do roteiro e das pesquisas que resultaram nessa reportagem. Mergulhado durante quase 50 anos na província – Mororó nunca saiu da Paraíba – jamais conseguiu fama, cartaz ou glória. Mas é, na opinião do próprio Leal, um dos melhores repórteres do Brasil, um profissional de primeira categoria”.

⁶⁸ Governador da Paraíba por dois mandatos (1958-1960) e (1961-1966).

⁶⁹ O General Castelo Branco assumiu após o Golpe de 1964, quando instalou-se a Ditadura Militar que durou 21 anos, governou o país de 1964 à 1967.

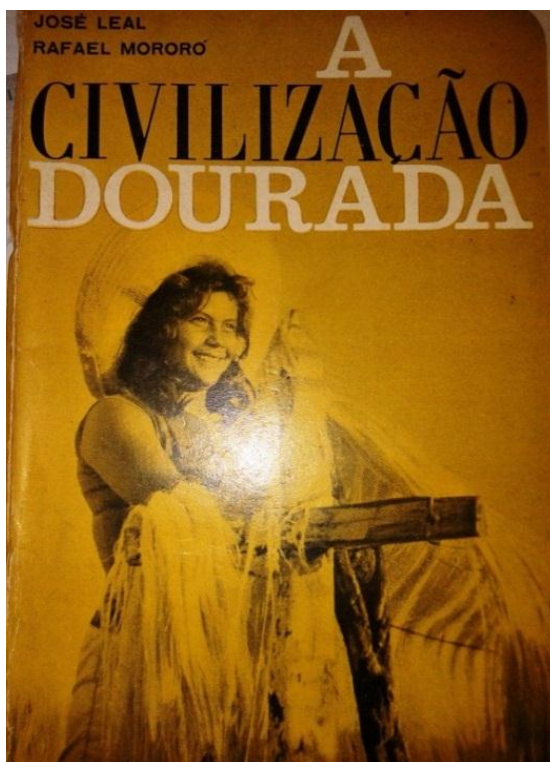


Imagem 8 - Capa do Livro “A civilização dourada”, de autoria de José Leal e Rafael Mororó, o livro foi publicado em 1966, e circulou por toda a Paraíba, nele o agave é celebrado como construtor de uma sociedade marcada pela pujança econômica.

Fonte: Acervo pessoal do autor

O material traz também um artigo de Hilton Marinho, em que autor analisa e defende o processo de industrialização do agave, bem como a sua atuação no mercado nacional. Após idealizar e glorificar a trajetória do agave o livro apresenta “*Instruções para o cultivo do sisal*”, texto do engenheiro agrônomo, Diniz Xavier de Andrade, em que há, claramente uma pedagogia para o cultivo do agave. Os autores parecem querer educar, sensibilizar os agricultores para o cultivo daquele milagre tão esperado para o povo paraibano, aquela planta sensacional que resistia praticamente a tudo (p, 19).

A começar pelo título, percebe-se uma exaltação, e ao mesmo tempo uma espécie de reconhecimento pelo que o agave havia construído, fala-se em uma “civilização”, ou seja, uma organização social, cultural e política que surge em torno dessa cultura agrícola. O uso do termo ainda indica que, o agave é que deu vida e organização a uma região, que, segundo os autores, vivia tempos de desespero e quase morte. O texto em si não poupa adjetivos de exaltação e glorificação para o agave.

Quando se fala em civilização os autores indicam uma organização social, política e cultural em que o agave era o principal elemento. Vale ressaltar que, se trata de um conceito articulada com realidades sociais múltiplas, variado de sociedade para sociedade. Trata-se de

um conceito bastante completo e impossível de interpretações unilaterais. Para compreender esse conceito e tentar fazer uma ligação com as ideias propagadas por José Leal e Rafael Mororó, recorri aos estudos de Norbert Elias, em que o autor destaca a civilização não como algo imposto, mas como um processo;

O conceito de "civilização" refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou a maneira como homens e mulheres vivem juntos, a forma de punição determinada do sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma "civilizada" ou "incivilizada". Dai ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo a que se pode descrever como civilização (1994, p. 23).

Essa publicação faz parte do conjunto de discursos que voltaram com toda força, a partir da década de sessenta e tinham como objetivo, devolver ao povo, uma certa confiança na cultura do agave. Ela faz parte de um conjunto de discursos positivos sobre uma cultura que já tinha dado claros sinais de colapso, embora ainda fosse cultivado em muitos municípios. Cubati, por exemplo conhece nesse período, décadas de 1960 e 1970, o período auge da produção sisaleira. Esses discursos vão mostrar o agave mais como um milagre do que como uma possibilidade de salvação agrícola.

Ainda nos anos setenta, inagura-se um momento em que o agave é tido como responsável pela redenção econômica, pelo salvamento do Estado. Esse discurso parece ignorar o que havia acontecido, a crise no setor agroexportador e a seca. Referências a esse período são apagadas, nesta época é imposto um discurso salvífico, destinado a exaltar a saga do agave em terras paraibadas. Nesse sentido, "A Civilização Dourada", pode ser entendida, como uma contribuição bastante significativa para a consolidação do discurso que positiva a produção do agave.

A segunda parte do livro de "*A civilização dourada*", pode ser considerada como uma espécie de manual de plantio e manejo. Após promover uma consagração do agave, o texto "ensina" a cultivar, e como criar um pedaço dessa civilização dourada nas terras dos agricultores. Trata-se de uma pedagogia, de uma lição que deve ser aprendida e ensinada a outros. O livro traz ainda, em suas poucas páginas, oito fotografias relacionadas ao agave, entre elas, a foto de uma fibreira⁷⁰ estendendo a fibra, a trabalhadora rural é apresentada com os trajes do trabalho e com um sorriso nos lábios.

A imagem dessa mulher talvez tenha inspirado os autores a produzir um dos trechos mais interessantes de seu texto. Neste trecho o agave é dotado de um sentido metafórico,

⁷⁰ A fibreira é a mulher encarregada pelo trabalho de limpar, estender as fibras de agave.

procuram dar um sentido positivo, e até mesmo bonito ao agave, eles dizem que, “*o sisal tem seus mistérios. É como mulher ou automóvel: exige certos cuidados*”, e mais adiante complementa, “*Sisal, portanto, também necessita de carinho*” (p, 36-37).

O material apresenta claramente um discurso destinado a exaltar a cultura do agave. Em nenhuma página há relatos de insucessos desse tipo de seu cultivo, ao contrário, nas 129 páginas só há espaço para a exaltação e para glorificação da presença do agave em terras paraibanas.

O texto é uma crônica em que se celebra o sucesso do sisal na Paraíba, tudo é perfeito, caracterizado como produtivo e de caráter divino. Percebe-se que, é uma história manipulada e idealizada que vai do nascimento à glorificação, ou seja, nada de insucessos, nada de crises ou problemas. Sendo um discurso que visava reestabelecer a economia agavieira, era necessário apagar aquela trágica história de crise e de pesadelos que a elite agrária de décadas anteriores viveu.



Imagem 9 - Fardo de fibras de agave, o amarelo intenso levou os autores a nomear sua reportagem de “Civilização dourada”
Fonte: Acervo pessoal

Os autores não economizam elogios e metáforas, para exaltar a trajetória do agave na Paraíba. Eles fazem uma dedicatória bastante significativa na contra-capa do livro, o que nos faz entender que mesmo propondo uma exaltação dos fazendeiros que arriscaram a cultura do agave, os autores também fazem uma homenagem aos trabalhadores, aos personagens que não ocuparam o cenário político ou econômico, mas que rasgaram suas vidas nas plantações daquela “planta maravilhosa”:

ÊSTE livro é uma homenagem aos trabalhadores anônimos do Sisal – homens e mulheres, meninos e moças, caboclos e caboclas que, silenciosamente, resignadamente, ganhando salários de fome, constróem as fortunas dos faraós da planta maravilhosa.

Esses autores não deixam de associar a divindade do agave com a terra seca e assolada pelo sol. Veiculavam a ideia de que a chegada do agave em terras paraibanas foi um último sopro de esperança para a uma terra doente e atormentada, uma terra que “*tremia de febre*”. A primeira imagem é que o sisal foi um milagre, capaz de alterar a paisagem e a vida dos paraibanos, vejamos um pouco desse apaixonado relato:

A terra sêca da Paraíba tremia de febre e exalava um cheiro de fogo. Mas, de repente, seus homens abúlicos e desiludidos foram contemplados com um sorriso dos deuses. As linhas que seguem contêm a história dessa terra, desses homens e dêsse sorriso. ***É a narração de um passado dramático e de uma atualidade repleta de realidades apaixonantes, com tristezas e aleluias, e também com uma benção do céu, que transformou os solos mais estéreis do mundo em tapetes verdes, pródigos e ricos.*** Portanto, meu amigo, o que você vai ler é a Epópeia do Sisal, a fibra côr de ouro que brotou nos campos áridos, explodindo maravilhosamente, em desertos inanimados, com ***um milagre***. [...] a Civilização Dourada, esplêndido fruto de uma planta sensacional (p, 15-16) – (Grifos nossos).

É ainda interessante notarmos que o texto, sobre a civilização dourada é, também, traduzido para duas línguas, espanhol e inglês. Isso indica que o livro deve ter tido uma circulação maior do que somente a região da do estado da Paraíba. Se lê em uma das orelhas do livro: “‘A CIVILIZAÇÃO DOURADA’” – creiam – é, finalmente, mais um êxito de José Leal – êste jornalista de cinco continentes, de sete mares e de todos os céus do mundo”.

Ao celebrar o sucesso que o agave obteve nos primeiros anos de sua implantação em terras paraibanas, José Leal forneceu a essa planta um aspecto divino, criou uma representação sagrada para aquela planta que, sob seu olhar, contribuiria de forma considerável para a salvação do Nordeste e de seu povo. O agave era para esse jornalista, que escreve em meados da década de sessenta é “um sorriso dos deuses” (p, 15), sorriso tão esperado pelos sertanejos, que viria transformar as áridas terras do Nordeste brasileiro, concedendo-lhes cor e vida, fazendo daqueles “desertos inanimados”, brotar vida como que em um milagre do céu;

a fibra côr de outro que brotou nos campos áridos, explodindo malmente, a maravilhosamente, em desertos inanimados, como um milagre. É igualmente, a historia da luta do homem contra a Natureza,

que conspirava para sua destruição. Assim, neste cenário de tantas amarguras que é o Nordeste, vamos encontrar agora uma nova civilização: a Civilização Dourada, esplêndido fruto de uma planta sensacional (LEAL; MORORÓ, 1966, 16).

“A civilização dourada”, é ainda, uma apologia àqueles que, de certa forma, haviam “descoberto” esse tesouro, a reportagem busca nomear os pioneiros nesse empreendimento de sucesso. Os autores apontam como os percussores do agave na Paraíba, Aristides Madeira e Adroaldo Guedes, que trouxeram as primeiras mudas, e de certa forma, iniciaram uma difusão daquela estranha planta. É importante ressaltar que, o agave é trazido para a Paraíba, e em um primeiro momento é visto como apenas uma planta ornamental. Isso certamente se deu por sua beleza e destaque em meio à vegetação nativa, seu verde exuberante deve ter chamado a atenção e olhares de muitos curiosos (LEAL; MORORÓ, 1966, p, 19).

Embora destaque a participação dos dois agricultores citados acima, os autores fazem referência ainda a outros personagens que participaram do processo de introdução dessa planta na Paraíba. De acordo com Horácio de Almeida⁷¹, a Paraíba havia tomado conhecimento do agave por meio de Germano de Freitas, bem como, tem muita importância a figura de um sacerdote do interior do Estado. O vigário de uma cidade chamada de Cuité, o Padre Luiz Santiago, ou como ficou conhecido nas cidades e povoados por onde passou, o Padre Lula.

A chegada do agave transformou não só o cenário econômico, mas, criou outras paisagens, instituiu outras relações de poder, despertou novas e múltiplas sensibilidades e percepções de vida. A implantação dessa cultura veio modificar o próprio cotidiano e as relações sociais dos agricultores, como nos sugere Michel de Certeau (2012, p, 184), “*O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram*”.

QUARTA CENA

ENTRE O CÉU E O INFERNO: BATALHAS DE REPRESENTAÇÕES

*Sempre existiram bons homens
profetas e os maus, também
o mundo foi e está cheio*

⁷¹ Natural de Areia, no Brejo paraibano, Horácio de Almeida é evocado como uma das maiores referências a respeito da História da Paraíba. Para mais dados sobre este historiador paraibano cf. NASCIMENTO, George Silva do. **Pátrio-Biografia:** Horácio de Almeida e a sua história da Paraíba. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 2010.

*de diabos, justos que tem
em toda nação, uma meca
em qualquer Cidade, um Jeca
quando um morre, o outro vem.*

(Abraão Batista. As profecias do Padre Cícero)

Profetas? Visionários? Mensageiros? Quem eram aquelas pessoas de que o “mundo estava cheio” e se dedicavam a advertir, a convencer, a ensinar? Padres, Beatos, Rezadores? O Nordeste foi, muitos vezes associado à presença desses personagens. Conselheiros que indicavam os caminhos do evangelho, que anunciavam novos tempos, mas que também causavam medo com suas profecias milenaristas do fim do mundo e do julgamento final. Este era um fenômeno que na linguagem desses profetas e missionários seria precidido de grande tribulação, de acontecimentos extraordinários, que ganhavam popularidade com a literatura de cordel, como a dos sinais do fiim do mundo e as três pedras de carvão⁷², o apocalipse do Nordeste⁷³ e as palavras de Frei Damião sobre a Era de 1960⁷⁴.

Nesse cenário de profetas e beatos, santos e rezadores, acredito que dois personagens são emblemáticos na história do agave no interior da Paraíba. Dois padres que foram responsáveis pela criação de imagens e sentidos antagônicos do agave. Padre Luiz Santiago e Padre Cícero Romão Batista. Os dois criaram, com seus discursos e sermões, uma verdadeira batalha de representações em que o agave era o centro das disputas, colocando-o entre o céu e o inferno.

⁷² LEITE, José costa.

⁷³ RIBEIRO, Laelson.

⁷⁴ AREDE, Franscisco Sales.



Imagem 10 - Fazenda Ubaia, pertencente ao Padre Luiz Santiago, a fazenda Ubaia foi palco demonstrações e diálogos sobre os benefícios do agave para a agricultura paraibana, percebe-se ao analisar a imagem que o conjunto arquitetônico, construído pelo padre Luiz Santiago é composto por uma casa, alguns armazéns e uma capela, na qual o padre, mesmo suspenso de suas ordens canônicas, celebrava missas e orações.

Fonte: Crisólito Marques

De forma breve pretendo perceber como é que esses dois padres produziram e fizeram circular discursos e regimes de verdade que tiveram forte influência sobre a chegada e a difusão do agave em Cubati e em grande parte do interior paraibano. Ao mesmo tempo procuro entender quais as representações criadas e quais foram os sentidos gestados pelos agricultores diante desses discursos. Como eles ouviram? Como aceitaram? Como isso pode modificar, de alguma maneira os destinos dos trabalhadores? Como se instalou essa batalha representativa que colocou o agave entre instrumento de Deus ou do Diabo?

Luiz Santiago de Moura⁷⁵ nasceu em um pequeno sítio denominado Meia-pataca, povoação de Remígio no ano de 1897 e entrou no seminário com uma idade madura para os padrões da época, tornando-se seminarista aos 21 anos de idade. Dez anos mais tarde foi ordenado pelo Arcebispo da Paraíba, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, em 1929, quando foi designado para a freguesia de Cuité. Nesta paróquia viveu grande parte de seus noventa anos, ali se envolveu em política, em conflitos religiosos, construiu fortuna e se tornou um dos maiores fazendeiros da região. O padre Luiz Santiago foi um dos primeiros

⁷⁵ Vanderlei de Brito e Thomas Bruno de Oliveira realizaram uma breve pesquisa sobre os aspectos biográficos de Luiz Santiago. Ver. BRITO, Vanderley de; OLIVEIRA, Thomas Bruno. O polêmico padre Luiz Santiago. In: **Revista Estudos do Seminário**, nº III (Org. Pe. João Jorge Rietveld). Campina Grande: Centro de Estudos do Seminário João Maria Vianney/João Pessoa: Ed. Imprell, 2008.

fazendeiros da região a aceitar o discurso dos benefícios do agave, e logo começou plantar agave e a difundir a cultura na região.

Padre Luiz, foi o principal defensor do agave, usou seu lugar de dirigente espiritual para mostrar que a agricultura seria melhor praticada com o cultivo do agave, reproduzindo assim o discurso de diversificação agrícola. O que chamou a atenção de muitas pessoas é que ele mostrava isso em aspectos práticos, montou em sua própria fazenda uma pequena fábrica de beneficiamento da fibra.

Além do campo de demonstração o padre também criou uma fábrica de demonstração, ali, em sua fazenda, recebia constantemente fazendeiros e políticos da região, como propagador da cultura do agave, fazia de sua fazenda um espaço de diálogo entre fazendeiros e políticos.

Enquanto religioso, vistou várias vezes a Vila de Canoas, futura Cubati, onde rezava missas e participava das questões políticas e econômicas, por várias vezes discutiu esses temas com José de Medeiros Dantas, a quem me referi anteriormente. Crisólito Marques (2010), traça uma biografia de Padre Luiz, colocando-o como um chefe religioso e político, que emanava, junto ao seu povo um misto de fé e poder. Para o autor esse padre teve uma imensa importância para a região por ser uma liderança social e espiritual. Sua fazenda Ubaia, foi um dos primeiros campos de demonstração do Seridó paraibano.

Sobre o pioneirismo na produção de agave na região, o padre chegou a ser recebido por Argemiro de Figueiredo na capital do Estado em 1935. A visita tinha o claro interesse de mostrar as potencialidades econômicas do cultivo do agave para a região, mostrando as possibilidades e as benesses da cultura, ao mesmo tempo pretendia solicitar apoio estatal para a expansão e desenvolvimento da cultura. Para pedir apoio e mostrar a adaptação do agave em terras secas e pouco férteis, o Luiz Santiago partia de sua experiência na fazenda Ubaia. Assim poderia mostrar resultados concretos aos representantes do poder estadual. De fato, Argemiro Figueirêdo quando governador da Paraíba, que começava seu projeto de diversificação da agricultura, impressionou-se com o relato daquele sacerdote.

A plantação que Luiz Santiago iniciara na fazenda Ubaia, só crescia, e agora com incentivos do governo, o padre começava a espalhar mudas pelas cidades e vilas por onde andava. Doava os bulbilhos ao povo, sobretudo, aos grandes fazendeiros que faziam parte de seu ciclo de debates políticos, dessa forma fazia com que as pessoas fossem vendo no agave uma maneira de mudar a paisagem do sertão.

Mas, as atribuições que Luiz Santiago teve foram muito mais fortes, não eram apenas de caráter prático, mas ideológico. Além de ser responsável por trazer as primeiras mudas

para a região do Curimataú paraibano (NUNES, 2006; RIETVELD, 2010), ele passou a incentivar os agricultores locais a cultivarem aquela planta, até o momento estranha, cercada por lendas e mitos. Para fazer isso, era preciso desmistificar as histórias que habitavam o imaginário dos paraibanos, e que contribuía para uma aversão ao agave.

Luiz Santiago usou seu lugar de padre para falar ao povo, para mostrar que aquela majestosa planta, que apontava para os céus seria uma forma de mudar de vida, de sobreviver em dias tão difíceis.



Imagem 11 – O Padre Luiz Santiago é recebido pelo governador José Américo de Almeida (data desconhecida), na imagem, o Padre Luiz Santiago (sentado, vestindo batina preta) é recebido pelo Governador José Américo de Almeida, juntamente com fazendeiros, técnicos agrícolas e membros do governo, suas ligações políticas eram constantes, sobretudo quando se tratava de assuntos relacionados ao agave. Grande parte desses indivíduos fazem parte da elite paraibana de grandes fazendeiros.

Fonte: Museu do homem do Curimataú/Cuité - PB

Mas por que era preciso que alguém defendesse o agave? Por que a estranha planta teria encontrado uma resistência marcada pelo misticismo e a superstição?

A poesia popular dos cordelistas teve uma grande importância na difusão das histórias e superstições divulgadas pelos beatos e padres. Os cordéis aproximavam as pessoas simples dos discursos que eram vinculados em outros lugares, como é caso do Juazeiro/CE, onde o Padre Cícero (1844 – 1934) realizava suas profissões. Os poetas de cordel criavam sentidos para fenômenos climáticos, sociais e religiosos, além de produzirem interpretações romanceadas sobre aspectos cotidianos locais.

Essa literatura popular acabava sendo o veículo de divulgação de ideias e histórias que moldaram as sensibilidades de pessoas que os liam ou que ouviam as suas leituras.

Particularmente, lembro que em minha infância eu fugia da escola para ouvir uma velha senhora contar as histórias que lia nos pequenos cordéis. Dona Ambrozina, como era chamada, não só lia os cordéis, como também recontava narrativas que ela havia ouvido de outras pessoas. Na leitura dos cordéis a dor, o amor, a solidão, o trabalho são revestidos de aspectos mágicos, metamorfoseados em símbolos fantásticos. Os poetas populares que escrevem os cordéis são portadores de uma memória coletiva, pois transmitem fenômenos coletivos, defendendo experiências tradicionais, do cotidiano das pessoas e dos lugares simples.

Grande parte do que se sabe ou do que se criou em torno da personalidade do Padre Cícero Romão Batista é o que se lê nas linhas dos cordéis. Nascido no Crato, interior do Ceará em 1844, quando ordenado sacerdote mudou-se para o pequeno vilarejo vizinho a sua cidade, Juazeiro, uma pequena vila de poucas casas, que, com a vida daquele sacerdote começou a ganhar novas dimensões, sociais, políticas e religiosas. Para que possamos pensar qual a importância do padre Cícero para a propagação das histórias de maldição sobre o agave, é necessário entender como este se projetou no cenário religioso e social da época.

Segundo os cordelistas, para o “Padim Ciço” o agave um dos anjos do diabo que viriam como sinais do fim dos tempos eram mensageiros da besta fera, que a princípio saciariam a fome, mas depois mostrariam sua verdadeira face, que era destruir a agricultura, e ferindo as pessoas de morte, outras vezes deixando-as cegas. A profecia do capa verde tornou-se conhecida a partir do cordel de Cipriano Baraúna, intitulado *“A profecia do Agave ou Capa Verde, predita pelo Padre Cícero na Era de 1918”*.

O capa verde se apresentaria como um ser majestoso, com uma capa e um espeto na ponta, logo, essa imagem demoníaca foi associada ao agave. A mensagem do Padre Cícero era clara: manter distância do capa verde, as pessoas deveriam se afastar de seus encantos. As palavras desse padre eram dignas de credibilidade, suas palavras tiveram grande efeito entre os agricultores paraibanos. Em Cubati, também tiveram seu impacto, fazendo com que muitas pessoas acreditassem nesta história.

O agave passou a ser demonizado, a partir dos anos 1930, momento em que começa a ter sua expansão. Se de um lado as profecias anunciavam a vinda de um capa verde, que furava os olhos e comia a carne das mãos, de outro os agricultores viam o agave dominando a região, fazendo com que os roçados praticamente desaparecessem. Mas, quem acreditava mesmo nessas histórias? Será que eram apenas os trabalhadores rurais que passaram a trabalhar nos campos de agave? Ou, será que essas histórias também foram aceitas pelos grandes proprietários, donos das fazendas de agave? Seria o fim da agricultura? Será que as

peessoas teriam de viver somente do capa verde? Aquilo causava assombro, um medo que era alimentado cada vez mais. O medo ainda se agravava porque, além dos misticismos, o trabalho com agave havia modificado de forma drástica a vida no campo. Diferentemente do roçado, o campo e, sobretudo, o motor de agave exigia um ritmo de trabalho muitas vezes insuportável. Seria um castigo?

Ao pensar a relação entre as profecias de maldição e a associação com o agave, Mariângela Nunes (2006, p, 267) acredita que:

o processo de metaforização do agave no “capa verde” ocorrera em um contexto peculiar, que não estava balizado apenas por analogias no que diz respeito à cor e às feridas, estando pautado na proletarização dos trabalhadores e todo um conjunto de transformações ditadas pela racionalidade capitalista, que estabelecia outras regras mais rígidas, em relação aos horários, exigindo mais trabalho, reduzindo os seus roçados e o próprio tempo para o trato com as lavouras. Neste cenário, viam o agave como o responsável por parte das desgraças que os acometiam.

Quando a autora fala nas analogias aos ferimentos, ela se refere a um dano muito comum entre os trabalhadores dos motores de agave, o sumo das folhas é uma substância corrosiva que produz ferimentos nas partes do corpo que mantêm contato com ele, geralmente as mãos e os pés, começando por uma forte coceira chegando a ferimentos muitas vezes graves. Na linguagem dos agricultores o agave “comia”, as mãos e os pés. Quando indagado sobre a profecia do capa verde o Sr. Antônio Claudiano Fidelis se enche de surpresa, seu olhar parece fitar-se em imagens do passado, e, em um gesto espontâneo ele se benze, e, após fazer o sinal da cruz em sinal de proteção ele diz:

Ouvi. Ouvi muito. O povo falava. Agora, o capa verde era o agave. O povo dizia que vinha o tempo que o capa verde, que ia chegar o tempo que só ia ter o capa verde no mundo. Só aparecia o capa verde, não aparecia lavoura nem nada, mas, foi engano. Tinha o capa verde sim e tinha os roçados de lavoura. Mais era o agave. Todo mundo tinha roçado, seu roçadim, porque nesse tempo o povo trabalhava [...].⁷⁶

Ao narrar sua vida de trabalho, os entrevistados, muitas vezes, referiam-se trabalho no motor de agave, como uma das piores maneiras de conseguir o sustento, segundo grande parte deles, aquilo era “o jeito que tinha” para sobreviver. O trabalho com o agave modificava o ritmo das vivências, não raramente o trabalho era realizado durante a noite, isso fazia com que as próprias relações familiares e afetivas fossem modificadas.

⁷⁶ Antonio Claudiano Fidelis, entrevista concedida em 13/08/2013.

É importante pensar que o discurso profético do Padre Cícero, não chegou em Cubati de forma direta, ele sofreu interpretações diferentes, passou por outros filtros, outras interpretações. Em uma população, em que grande maioria das pessoas não eram alfabetizadas, as histórias eram transmitidas oralmente, essas narrativas míticas e fantásticas muitas vezes eram fruto de conversas cotidianas, que aconteciam ali mesmo no lugar de trabalho, ou mesmo nas famílias, onde o diálogo e a troca de experiências era bem mais forte do que atualmente.

Muitos nem sequer sabiam o que aqueles “causos” contados significavam, contudo, reconheciam que, de fato, as plantações de agave estavam tomando uma proporção tão grande que não se tinha mais espaços para os roçados de milho e feijão, a agricultura perdia cada vez mais espaço na economia das pequenas cidades, o agave se tornava ainda mais imperial no interior do Nordeste:

Eu ouvi falar da história do Padre Cicero, aquela do capa verde. O povo tinha medo porque não sabia o que era. Será que é um troço que faz mal? Será um bicho ou uma doença? Mais que o capa verde era o agave, a lavoura andou muito perto de se acabar. O povo encheu o que foi de roçado todim. Só era agave, agave, agave.⁷⁷

Os sermões do Juazeiro eram interpretados, e revestidos de fantasia pelos cordelistas, que em sua maioria, já colhiam histórias da tradição popular, esses cordéis, eram lidos e habitavam as memórias de pessoas simples que transmitiam por meio da oralidade essas histórias, acreditamos que, seria mais interessante falarmos não em um discurso direto, mas em um discurso interpretado e transmitido por meio de um processo de circularidade cultural, isto é, uma troca recíproca de saberes e conhecimentos, pensar a cultura nesse sentido é entendê-la como algo em um movimento constante.⁷⁸

Os conselhos prefiguravam-se sob o tom de pacificidade, de prédica, mas os avisos e as profecias possuem um aspecto de temeridade, onde habitam os “*Castigos de Deus*” – motivo mais moderado -, e a uma vasta legião de entidades diabólicas, como “*Lucifer*”, “*A besta fera*”, “*O Capa-verde*”, “*O Anti-Cristo*” -, apelo radicalizado para com os transgressores dos “*caminhos corretos*”. A consolidação dos conselhos, avisos e profecias se dá pelo jogo entre o temor e o desejo de salvação, condicionado à crença nas palavras do

⁷⁷ Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

⁷⁸ Para melhor entendimento do conceito de circularidade cultural cf. BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010; GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso [et. al.]. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

“Padim Ciço”, proferidas pelos poetas, que, por vezes, adotam a postura de porta-vozes e, por outras, são os protagonistas (LIMA, 2008, p. 115).

Marinalva Vilar Lima (2000) afirma que as narrativas dos cordelistas a respeito das narrativas do Padre Cícero se davam a partir de conselhos, avisos e profecias. Isso irá compor diretamente a criação dos poetas populares sobre ele. Os poetas se tornaram porta-vozes das narrativas do Padre Cícero, de suas profecias de maldição e bênção, no caso do agave, de maldição.

A história do “Capa verde” chegou em Cubati, provavelmente através da poesia dos cordelistas e dos poetas populares. Montou-se um grande tribunal do agave. Padre Luis Santiago o aclamando como instrumento de salvação, como um verdadeiro milagre. O “Padim Ciço”, por outro lado o acusou de ser o demônio, vestido de beleza e coroado com um rígido espinho, capaz de perfurar as vidas e as almas, de fazer verter sangue daqueles homens que se dedicavam a seu cultivo.

Qual discurso foi vencedor? Quem saiu vencedor dessa batalha de representações. A meu ver os dois padres. Cada um deles teve incidência na vida e no cotidiano dos trabalhadores, ou dos donos das fazendas que passaram a cultivar o agave, pois cada segmento social criou seu olhar sobre o agave a partir das suas necessidades e experiências e isso se deu em tempos diferentes. Acredito que, inicialmente, quando as plantações de agave davam muito lucro e propiciavam muitos empregos, quem ganhava e enriquecia com essa cultura agrícola não poderia dar crédito para essas histórias (do Padre Cícero). Por isso, proponho as seguintes questões: Será que esta superstição ganhou mais credibilidade e passou a fazer parte da memória coletiva após a decadência das produções de agave e o empobrecimento tanto dos proprietários das fazendas como dos trabalhadores? Será que no momento em que as pessoas tinham emprego nas fazendas de agave, ganhavam dinheiro e sustentavam suas famílias elas realmente acreditavam na profecia do capa verde?

No próximo capítulo, busco através das narrativas dos trabalhadores dos campos e motores de agave, entender como esses sujeitos se constituíam, quais eram as relações que criavam entre eles e entre seus patrões e qual eram suas relações com o tipo de trabalho que faziam nas fazendas de agave. Proponho a partir do próximo capítulo criar um texto onde as vozes e as narrativas dos trabalhadores dos campos de agave sejam ouvidas. Compreendo que, suas narrativas são poéticas, são criações e tentam dar conta do passado, das experiências perdidas no tempo e muitas vezes estavam perdidas nas suas memórias. Num primeiro momento busco traçar uma trajetória que é antes de tudo minha, me faço participante do texto,

objetivo deixar claro quais as implicações subjetivas dessa pesquisa e como foi possível chegar a essas pessoas, e estabelecer vínculos com elas. Trata-se de uma tentativa de contar-se, antes de tentar contar o outro.

CAPITULO II

MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES, AS POÉTICAS DO CONTAR-SE: NARRATIVAS DE TRABALHADORES

*“A vida não é a que a gente viveu e sim a que a gente
recorda, e como recorda para contá-la”.*

Gabriel Garcia Marques

Entre o eu e o outro: os cenários dos diálogos

Antes de contar as histórias dos tempos do agave em Cubati, histórias narradas por pessoas comuns, simples, que tiveram em comum uma vida marcada pelo trabalho e muitas vezes pela pobreza, é preciso que eu descreva o cenário, o ambiente e a forma com que essas pessoas puderam narrar a si mesmas, narrar suas memórias, suas lembranças e até mesmo seus esquecimentos. O “*contar-se*”, a narrativa de si, é antes de tudo a construção da própria subjetividade, é um ato de criar-se.

Assim, compreendo que antes de ouvir o que essas pessoas dizem, ou melhor, de ler as interpretações que faço de suas narrativas, seja necessário apresentar como se deu minha própria relação como eles. Esse ponto é de extrema importância porque deixa clara a empatia existente entre aquele que fala (o colaborador da pesquisa) e aquele que ouve (o pesquisador). Particularmente, não acredito que em um trabalho que utilize a metodologia da História Oral e que fala de sensibilidades humanas, seja possível nomear, classificar o outro como “objeto de pesquisa”, são na verdade sujeitos que narram, e que criam percursos independentes, que não se deixam domar pela autoridade daquele que escreverá suas histórias, que transformará suas memórias em texto.

Classificar o sujeito como objeto seria reduzir a sua capacidade criativa e reduzir o seu papel dentro do texto, que é apenas o resultado final de uma pesquisa. Seria reduzi-lo a uma coisa, manipulável, dobrável. Acredito os narradores de suas memórias, que abriram suas casas para que eu adentrasse nelas e fizesse parte, pelo menos durante alguns minutos de sua vida, co-habitam este texto, cada linha, para capítulo está permeado de vida, de sentimentos, de memórias que muitas vezes estavam lá, e só foram revisitadas através da conversa que se seguiu, da curiosidade de pesquisador que muitas vezes olhava esses homens e mulheres como se os questionasse, como se quisesse decifrá-los.

A relação estabelecida entre o colaborador e o pesquisador, muitas vezes, acaba por ser muito mais do que uma relação em torno de um tema de pesquisa, passa a ser uma relação de amizade. Isso se torna ainda mais forte quando envolve pessoas idosas, que muitas vezes vêem a si mesmas como produtos descartáveis, até mesmo para a própria família. Essas pessoas acabam por ver no pesquisador alguém que reconhece seu valor, o valor de sua vida e de suas memórias, que lhes dá atenção em um mundo em que elas pouco importam. Por esse motivo considero impossível a abstração e divisão dos aspectos subjetivos e ideológicos, de

que nos fala Chauveau e Tétard, ao pontuarem suas *questões para a história do presente*⁷⁹. Tudo isso é fruto de uma sociedade que tem desprezado as experiências na medida em que tem se cercado dos avanços da modernidade, disso já se queixava Walter Benjamin⁸⁰ ao escrever dois de seus mais conhecidos textos, de fato, é cada vez mais raro encontrarmos narradores, e isso se dá não pela falta de experiências, mais pela falta de exercício da narrativa.

Os idosos, especificamente, ao serem convidados a contarem suas experiências parecem realizar uma missão, falam de fatos minuciosos, se esforçam ao máximo para recuperarem lembranças antigas, nomes, datas, lugares. “Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p, 63). No caso das pessoas mais jovens, creio que não seja tão diferente, evidentemente, que os sentidos da narrativa e o desejo de ser ouvido é outro. Na medida em que são procuradas para contar suas memórias essas pessoas já começam a se moldar narrativamente, assumem posturas na qual suas palavras sejam dignas de crédito, realizam um esforço para moldar narrativas que sejam compreensíveis e se aproximem das visões que eles criaram sobre seus passados. Há, na narrativa, os desejos de verdade.

O narrador tem também um desejo de verdade. Ele quer que aquilo que ele fala seja entendido como um relato, e que seja o mais confiável possível do passado. Opõem-se por essa questão a ideia de que o narrador é um sujeito passivo. Em todo momento em que ele tece sua narrativa, o que ele está fazendo é estabelecendo uma relação de autoridade sobre o seu passado, o que ele lembra, e como lembra, depende antes de tudo de sua vontade, de seus interesses. Ele sabe que não tem domínio sobre a totalidade do tempo e das experiências, mas se esforça para tentar dar conta de lembrar-se do que aconteceu, e nessa atividade ele opera em uma construção da verdade. Acredito que seja impossível encontrar um narrador que não tente driblar, enganar o pesquisador, ele é agente, sabe que a necessidade do outro, e que a escrita, que o que está *porvir*, também depende dele.

Sempre em cada entrevista procurei perceber o colaborador como um poeta. Entendo que o poeta é um sujeito que diz, que possui autoridade sobre a palavra e tem, portanto,

⁷⁹ “O historiador deve, pois, abstrair-se o mais completamente possível das interferências ideológicas e da subjetividade, estudando-as e procurando apreender verdadeiramente seu objeto além de uma aceção puramente histórica” (CHEAVEAU; TÉTARD, 1999, p, 36).

⁸⁰ BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994; _____. O Narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

consciência do que está dizendo, e mais ainda, tal qual o poeta, o narrador também, mede, pensa, articula suas palavras de maneiras lógicas e simétricas. A narrativa oral só é possível através de um processo de criação em que elementos do passado e do presente. Ao menos dois tempos dialogam na composição daquilo que se narra, ou seja, as experiências do passado permeadas pelas experiências vividas e pelos interesses do presente. As experiências do sujeito são articuladas de maneira narrativa, pelas rememorações que partem do presente em busca do passado, e para realizar essas construções, o narrador encontra apenas restos, ruínas, rastros, escombros das experiências vividas, as quais se encontram em movimento pela força do tempo.

No caminho da pesquisa, existem alguns pontos que carecem de atenção especial. Embora o narrador tenha um desejo de verdade, a sua fala não pode ser entendida como verdade. Aquilo que ele diz é uma construção individual, portanto, perpassada por subjetividades e intencionalidades, a narrativa oral é a “totalidade fechada em si mesma” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p, 2000), ou seja, parte de questões que são individuais, limita-se a contar aquilo que se lembra ou aquilo que se viveu. A narrativa se institui a partir do ato de lembrar, organizando fragmentos de memórias, lembranças de pessoas e de coisas, de acontecimentos e de sentimentos. Além disso, existe uma segunda questão que nos leva a pensar numa impossibilidade da narrativa oral ser compreendida como verdade. As memórias de acordo com Durval Muniz (op. Cit., p, 203); “[...]ainda possuem um nível imaginativo em que se operam a invenção, o desejo, a fantasia”. O que a meu ver não anula em momento algum a sua importância para a compreensão das experiências humanas.

O conhecimento histórico deve, também falar do presente, das maneiras como nos constituímos, nos formamos, inclusive, narrativamente. Dessa forma, a História se abre para novas possibilidades narrativas, em que as temporalidades passam a ser problematizadas a partir dos sujeitos, de suas práticas cotidianas, de seus discursos. Nesse sentido, quando busquei entrevistar sujeitos que trabalharam nos campos e motores de agave em Cubati, ou de alguma maneira, guardam memórias daquela época, operei com um duplo olhar, que percebia, no sujeito, o passado, mas sem perder de vista que são sujeitos do presente, marcados pelos signos da sociedade atual. Desse modo, nunca pensei que suas narrativas me abrissem a possibilidade de um acesso ao passado, de visualizá-lo como em uma fotografia, ou seja, eu só teria contato com os fragmentos, com aquilo que já estava envolvido com outras sensibilidades, com outras afecções, no sentido deleuziano.⁸¹

⁸¹ Sobre o conceito de afecção, ver a leitura que Gilles Deleuze faz do pensamento de Espinosa. Cf. DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

Cada entrevista é ainda uma cena, como me referi anteriormente, entendo por cena um cenário onde sujeitos atuam, desempenham seus papéis e criam performances. Nessas cenas eu também me fiz ator. Participei dos momentos em que esses homens e mulheres puxaram os fios da memória e teceram diante de mim narrativas. Habitei como um velho conhecido as salas, as cozinhas dessas pessoas, participei como quem partilha a vida. E, confesso, fui envolvido pelas histórias, pelos sentimentos e pelas narrativas que forjavam diante de mim. Quase todas as entrevistas, exceto duas, foram feitas nas casas dos colaboradores, a partir do desejo deles mesmos, fiz-me parte daquele “canto do mundo”, como diz Bachelard, em sua poética do espaço.

Uma série de fatores facilitaram o meu acesso a essas pessoas e proporcionaram momentos de um íntimo diálogo. O primeiro deles está ligado diretamente à cidade, Cubati é uma cidade que conta com um número inferior a oito mil habitantes, o que faz com que quase todas as pessoas se conheçam, de uma maneira ou de outra, todos se encontram nos espaços públicos da cidade. Na Igreja, na praça ou na feira, sempre é possível encontrar, conversar e abraçar pessoas próximas. Um segundo ponto que considero importante nesse sentido é a minha própria condição social em Cubati. Filho de agricultores sempre tive contato direto com pessoas ligadas ao meio rural. Sempre convivi com pessoas que trabalhavam no campo. Minha casa, era um meio caminho entre a “rua” e o sítio, lá muitas pessoas passavam para tomar do café que minha mãe fazia, e eu, menino curioso, sempre ouvia as histórias daquelas pessoas. De certa maneira, participei daquilo que não vivi, partilhei de memórias que se cruzavam com minha infância. Hoje, na qualidade de historiador, estudante e profissional da educação municipal, acabo por ter um maior conhecimento e uma maior proximidade com as pessoas. Geralmente essas pessoas me vêem como uma pessoa estudiosa, envolvida com questões sociais e culturais do município, todas essas imagens criadas pelos outros me deram certo respaldo enquanto pesquisador.

Assim, as pessoas com quem dialoguei, com quem conversei não eram sujeitos estranhos, muitos faziam inclusive parte de minha existência. De uma maneira ou de outra essas pessoas confiaram em mim, viram em mim uma possibilidade de narrarem suas vidas, de contar quem são, de tecerem suas identidades individuais, entrelaçando-as com um acontecimento que tem incidência coletiva. O termo “entrevista” me parece um tanto inadequado para descrever como se deu a coleta de informações que realizei a cerca do período de produção e comercialização do agave em Cubati, durante as décadas de 1950-

1980. Evidentemente, que por se tratar de um trabalho de História Oral, tomei alguns cuidados metodológicos, como por exemplo, elaborar algumas perguntas que deveriam nortear a entrevista, o que é um procedimento comum entre os pesquisadores que utilizam essa metodologia, a entrevista semi estruturada. Esses questionários, contudo, foram abandonados na medida em que a minha relação com os colaboradores foi sendo formada, as perguntas que outrora havia feito não condiziam com o percurso narrativo que cada um tomava, os caminhos eram outros, muitas vezes tortuosos e quem eu mesmo não conhecia. As minhas questões pareciam não conhecer o outro, eram minhas, e, portanto interrogavam, questionavam e tinham o desejo de manipular a narrativa do outro.

Assim, não acredito que eu tenha feito entrevistas, acho mais interessante dizer que conversei, estabeleci diálogos com essas pessoas. Na medida em que iam narrando, iam tecendo os fios da memória, perguntas foram surgindo. Criou-se não uma entrevista, mas uma *entre-vista*⁸², uma troca de olhares, de saberes e de vidas, onde a conversa seguia os caminhos da narrativa. A opção de interagir com o colaborador foi importante na medida em que me possibilitou ter acesso a informações que seriam, possivelmente, cortadas pelas perguntas elaboradas previamente.

Entendo que aquilo que chamam de entrevista é um jogo, onde um tenta descobrir o outro, o pesquisador quer o tempo inteiro decifrar o outro, extrair dele o maior e mais fiel depoimento sobre o passado, do outro lado, o narrador, traça seu próprio caminho, opera através dos desvios, ele não se deixa ser dominado pela autoridade que o outro deseja exercer.

a entrevista é um jogo de esconde-esconde entre o historiador e o seu interlocutor. O primeiro, instalado numa posição de inquisidor, se apresenta como “aquele que sabe” ou que saberá, porque sua missão é estabelecer a verdade. O segundo, intimado a fornecer informações que permitirão essa operação, frequentemente é forçado a ficar na defensiva, de tão evidente que é a suspeita do entrevistador, enquanto ele próprio sente que possui a força da convicção “daquele que viveu” (VOLDMAN, 2006, p, 37).

Quando a entrevista se opera a partir de um conjunto de questões elaboradas previamente, creio que se instaura uma tensão entre os dois sujeitos, se estabelece um certo autoritarismo daquele que quer decifrar o outro, extrair dele informações que muitas vezes o

⁸² A ideia de “*entre-vista*” nomeia uma das, a meu ver, mais importantes contribuições para a discussão do estatuto da História Oral dentro das Ciências Humanas, pressupondo uma troca de relações e um jogo dialógico entre o pesquisador e o que sujeito que colabora com ele, assim, entende-se que não há nenhuma passividade ou desinteresse de ambos os lados. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

sujeito prefere deixar consigo mesmo, ou esconder em sua intimidade. A partir do diálogo percebi que os colaboradores tinham uma liberdade maior de suas narrativas, e na medida em que eu perguntava, as suas memórias me envolviam.

A conversa ao contrário, é uma negociação. Uma relação em que se opera entre o ouvir e o falar. Na conversa não há um que fala e outro que ouve, mas existe uma correlação, uma troca de informações e sentidos, trata-se de uma arte cotidiana. A narração, que se cria a partir dessa conversa se *faz*, produz um *desvio no passado* e produz efeitos, é uma *arte de dizer*, como observa Michel de Certeau (2012, p, 142).

Não foram as raras as vezes que essas pessoas contavam suas histórias e num impulso de si me perguntavam “*né?*”, isso foi uma coisa que muito me inquietou. Como é que eu não participei daqueles acontecimentos poderia confirmar as memórias daquelas pessoas? Por que eu era convidado a fornecer um status de verdade a seus discursos? Isso mostra como as pessoas ao narrarem suas memórias a outros, depositam nelas sua confiança. Ao pedir uma confirmação daquilo que foi dito essas pessoas desejavam tanto saber se diziam a verdade como se eu, que escutava atentamente e rabiscava uma folha de papel acreditava nelas.

Outra coisa que foi muito recorrente durante as entrevistas foi a tentativa de aproximação. Geralmente, quando contam histórias de vida os trabalhadores dos campos e motores de agave acabam trazendo outros sujeitos para a narrativa. Isso ocorre na medida em que esses outros personagens passam a habitar as lembranças do narrador, surge então, um desejo de reconhecimento. Em inúmeras vezes os narradores me questionaram; “você conhece?”, “você deve conhecer”. No meu ver isso está ligado a duas questões.

Primeiro, é a já discutida tese da Memória Coletiva, nós nunca estamos só, a narrativa é sempre um laço com o outro, a memória se operacionaliza a partir dos diálogos que constrói com membros de um grupo social ou afetivo. O segundo ponto, que de certa forma, está diretamente ligado à questão da memória coletiva é que citar o outro, referir-se a outros personagens dentro de uma trama de acontecimentos é uma tentativa de legitimar, de fortalecer aquilo que se diz. É como se o outro fosse capaz de atestar a narrativa que se tece naquele momento. Ecléa Bosi (1994), dirá que o sujeito que narra, quer, ao trazer o outro para sua fala, fornecer uma fisionomia aos acontecimentos, ele redesenha o passado.

Esse ideia de uma narrativa sempre apoiada no outro é algo bastante interessante, pois mostra que a construção de si, feita pelo ato de narrar, é sempre algo que constrói a partir de encontros, de relações interpessoais e de subjetividades múltiplas. É como se nunca estivéssemos sós, como nos ensina o sociólogo Maurice Halbwachs (2004, p, 30), como nos constituíssemos enquanto sujeitos históricos a partir das pessoas que encontramos e dos afetos

que estabelecemos. Não encontrei em nenhum dos colaboradores uma narrativa solitária, era um que falava, mas que trazia para a conversa outros sujeitos, alguns com quem tive a oportunidade de conhecer e conviver. Isso aconteceu quando entrevistei Marineide Duval, que tanto falou de seu pai, personagem evocado em sua narrativa como um sujeito singular, uma referência para sua narrativa. Na medida em que Marineide falava de “Chicão”, seu pai, eu também era envolvido por sua narrativa, suas memórias, em certo momento se misturavam com as minhas, e por alguns instantes lembrei de meu eu criança, que saía para a “Bodega de Chicão” próxima a minha casa para comprar alguma coisa. Lembrei ainda de quão tinha medo da severidade daquele moreno e alto homem, o quanto temia sua voz forte e seu olhar vigilante, suas mãos trêmulas, me causavam medo e curiosidade. Por um momento as memórias e as sensibilidades de Marineide, colega e professora, se entrelaçaram com as minhas memórias, então pude ter a experiência de que a memória é coletiva, e estabelece sempre laços com o outro.

Realizei entrevistas com homens e mulheres com idade superior a sessenta anos. Nem todos estiveram trabalhando diretamente nos motores de agave, mas todos viveram e experienciaram o tempo da “invasão” do agave nas terras cubatienses, ou então, tiveram contato com membros da família que viveram aquele trabalho.

A maioria das mulheres eram fibreiras, ou seja, eram encarregadas de cuidar (limpar, lavar, estender e amarrar) as fibras do agave. Elas eram consideradas como trabalhadoras que tinham um *status* inferior aos homens. Essas mulheres me mostraram que a atividade econômica do agave era também um espaço de barreiras de gênero, no motor de agave “*um homem vale por duas mulheres*”. É comum, nas narrativas dos homens a categorização da mulher como um “ser inferior”. “Ele é definido como forte, corajoso, ativo, inteligente, pensante, enquanto ela é naturalmente fraca, submissa, passiva, complemento do masculino. A mulher é definida por aquilo que o homem não tem, em oposição a ele, como sua sombra” observa Margareth Rago (2014, p, 112), ao pensar o papel da mulher no mundo do trabalho no fim do século XIX e início do XX.

No caso de mulheres trabalhadoras do meio rural, existe de maneira bastante clara essa diferenciação social (PANZUTTI, 2006). Tal observação me motivou a questionar qual o papel que as mulheres ocupavam no trabalho com o agave? Quais eram seus espaços? Como criavam suas subjetividades dentro de um espaço opressivo pela força e pela autoridade masculina? Como é que essas mulheres tiveram seus corpos, suas subjetividades roubadas por uma cultura e por uma prática de trabalho falocêntrica, e muitas vezes misógina? Ser mulher

no motor de agave era desafiar a norma, era reinventar-se cotidianamente diante daquele mundo de homens?

Além disso, existia toda uma conduta moral em torno do ser mulher, uma pedagogia dos comportamentos e das condutas. Por ser um trabalho, predominantemente, masculino, as mulheres que trabalharam no agave eram desqualificadas, tidas como “mulheres erradas”, “mal faladas” por se sujeitarem aquela atividade onde só “tinha macho”. O trabalho também era uma máquina de transformação de identidades, eram, portanto erigidas fronteiras. O trabalho no motor de agave era destinado aos homens, rústicos, embrutecidos pelo trabalho cotidiano. As mulheres, as fibreiras, portanto, eram separadas, deveriam realizar suas atividades longe do motor, tendo o mínimo de contato possível com aquele espaço promíscuo e dominado pela força e pelo discurso masculino.

Outro grupo de sujeitos que merece atenção são os “produtores” de agave. Geralmente tecem suas memórias a partir de uma vitória de si mesmos. Reforçam a ideia de que conseguiram reunir um patrimônio econômico a partir de um esforço pessoal, pouco se referem ao cotidiano dos trabalhadores, às suas angústias, ao trabalho muitas vezes degradante. Eles positivam a cultura do agave, se apropriam o discurso da salvação da agricultura, do progresso e do desenvolvimento econômico. O discurso de quem detém o poder é discurso que ressalta os pontos positivos daquela cultura agrícola, faz um trajeto de sucessos e conquistas.

Um terceiro grupo de pessoas envolvidas com a cultura do agave que pode ser identificado no decorrer deste texto, é o grupo representado pelos homens. Geralmente foram personagens que trabalharam nos campos e em grande maioria diretamente nos motores. Nos lugares onde o trabalho exigia maior força física. Envolvidos com aquela maquinaria produtora de subjetividades, esses homens foram capturados por uma conduta, por um conjunto de discursos que delineariam o que seria *ser homem*. O trabalho nos motores de agave, e o convívio diário com os outros homens acabavam por estabelecer regras de conduta que construíram comportamentos semelhantes e que foram marcados pelo embrutecimento e pela aridez, até mesmo de sentimentos.

Embora eu procure promover uma discussão a partir dos pontos comuns e divergentes entre as narrativas desses sujeitos, trato-os como produtores de narrativas singulares, que falam antes de si, antes de falar dos outros. São esses personagens que “falam” comigo, conversam durante a entrevista e continuam a ressoar durante a escrita do texto, eles participam da tessitura deste texto, habitam cada página e são por mim interpretados. Não

falam diretamente, são questionados, interpretados de acordo com as necessidades de se escrever uma história dos sujeitos, dos trabalhadores do agave.

Em momento algum quis escrever a “história de Cubati”, creio já ter deixado claro que se trata de um recorte espacial e temporal. Porém, acredito que as memórias aqui registradas são uma parte importante da história dessa cidade, pois me proponho a narrar um pouco da vida de seus moradores e de seu tempo vivido nesta cidade.

Paisagens e memórias: *“Hoje mesmo onde você mora era um campo de agave melhor do mundo”*

Nos dias de hoje, quem chega à Cubati, pela entrada principal, percebe que do centro da cidade é visível uma vegetação de predominância da Caatinga. Esta vegetação se espalha por cima dos lajedos e serrotes⁸³, e quando nos períodos de seca, sua cor acinzentada se confunde com a cor das pedras. Nesta cidade a agricultura sempre foi a base da economia e da sobrevivência da maioria das famílias. Contudo, as inconstâncias de chuvas sempre obrigaram os homens e mulheres que viveram neste local a forjar outras formas de trabalho para seu sustento. Foi neste espaço urbano, de proporção mais simples que os de hoje em dia, que chegou o agave, planta de origem mexicana e estranha aos olhares de quem nunca viu tamanha beleza, tamanha imponência e majestade.

O agave veio não apenas para mudar vidas, subjetividades, mas veio também para transformar as paisagens, a fisionomia da terra seca e pedregosa. O verde intenso do agave cobriu as terras que circundavam a pequena vila. As plantações de cizal foram incentivadas pelos políticos, agrônomos, fazendeiros e sacerdotes. Nesta cidade cultivou-se muito o agave e os campos desta vegetação permaneceram até o fim dos anos oitenta. Neste período a fibra produzida a partir do agave foi a principal fonte de renda e de comércio da região.

O agave chega à Cubati ainda nos anos trinta, quando o vilarejo nem tinha este nome. Nessa época esse centro urbano era conhecido como Vila de Canoas, e pertencia ao distrito de Picuí. Esta vila era bem menos desenvolvida que as vizinhas Seridó e Pedra Lavrada, que já contavam com estrutura urbana e comércio consolidado. Nessa época, existiam apenas algumas poucas casas e uma singela capela dedicada ao santo de origem alemã São Severino Bispo, considerado um santo milagroso contra às secas. A imagem desse Santo chegou nesta cidade por volta de 1910 e foi doada pelo ex-escravo Manoel Maria de Barros, ou, ao que é

⁸³ Formações rochosas que se misturam a elevados de terra e estão parcialmente encobertas pela vegetação da Caatinga.

mais provável, por membros de sua família. Sua Capela começou a ser construída em 1911 e serviu como impulso para a construção das primeiras casas no centro da vila. Neste pequeno centro urbano passaram a residir comerciantes, vindos de outras cidades e famílias que vinham para Vila de Canoas em busca de trabalho e de uma nova forma de vida.

Como quase todas as pequenas cidades do interior do Nordeste, percebe-se que um dos meios de produção econômica e de crescimento urbano mais utilizados na época, era o desenvolvimento das feiras que comercializavam produtos agrícolas, mantimentos, ferramentas e diferentes bens de consumo. Organizou-se então em 1911 a primeira feira na Vila de Canoas, projeto liderado pelo padre e missionário alemão Frei Martinho Jansweid, que no início do século XX se fez missionário no interior da Paraíba. Esse frei construiu igrejas e ajudou no desenvolvimento de algumas pequenas cidades da região. A primeira feira, organizada pelo Frei Martinho foi um fracasso, devido ao boicote organizado pelos comerciantes da cidade vizinha, Pedra Lavrada, que tinham o interesse de preservar o monopólio comercial na região. Por isso, a pequena vila crescia timidamente.⁸⁴

Apenas em 1924 aconteceu uma nova tentativa de criação da feira, desta vez sob a liderança do Padre Simão Phileto. A feira vingou e começou a ser estruturada e a atrair comerciantes de outras cidades. Foi este fato que marcou a história desta vila, pois a partir daí ocorreu o surgimento de um comércio mais estruturado e possuía capacidade de desenvolver alguma lucratividade.

Uma poesia de datação desconhecida, atribuída a um tal Vicente José de Medeiros nos dá conta dos acontecimentos que se passaram naquela época em Canoas⁸⁵, nela o autor descreve a fisionomia dos sujeitos que habitavam aquele lugar, suas alegrias, suas tristezas e suas esperanças. A chegada de padre Fileto, segundo as palavras do poeta, é um evento que marca o desenvolvimento de Canoas, o seu desentendimento com os comerciantes de Pedra Lavrada e a receptividade que teve entre os moradores da pequena vila de Canoas, fez com que os primeiros ares de cidade chegassem ali, modificando vidas, sensibilidades e novos fluxos de vida. Modificando o espaço e as dinâmicas sociais o espaço passa a ser alterado. As cidades são espaços onde são construídos sentidos e onde ocorrem fluxos de afetividades e sensibilidades.

⁸⁴ Reitero aqui o agradecimento ao Padre João Jorge Reitveld, que tem se dedicado de maneira incansável a fazer conhecida a História das pequenas cidades do interior paraibano por onde tem passado. Agradeço de maneira especial o aprendizado que este tem me proporcionado, um pesquisador incansável e um homem humilde e muito generoso. Sobre a História de Cubati, destaco sua contribuição no livro **História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada: a devoção de José Bezerra da Silva** (Publicado em 2010, pela editora Maxgraf/Campina Grande).

⁸⁵ Devido a extensão do poema e a impossibilidade de citá-lo na íntegra, sugiro ao leitor que consulte o apêndice, lá, terá a oportunidade de ler a íntegra do poema de Vicente José de Medeiros sobre Cubati.

E na velha Pedra Lavrada, há muitos acontecia, que os dirigentes do povo, tinha lá uma mania, todo padre que chegava, com medo deles corria./Porém esse que chegou, empunhou os seus cutelos, arrancou uma pela raiz, baraúna e cogumelos, já por questões de igreja, derrubou os Vasconcelos./Simão Fileto Pirer, era seu nome correto, porém o povo em geral, chamava Padre Fileto, veio em nossa capela, e lhe consagrou o afeto./E logo no movimento da feira, ele logo foi informado, e para continua-la, ficou logo interessado, parece que por Canoas, ele estava apaixonado./Tratou-se a primeira feira, para 2 de fevereiro, do ano de 24, dia alegre e presenteiro, estava os campos verdejantes, tinha chovido em janeiro./Era um dia de delícia, bafejava um ar saudável, e na natureza ofertou, aspecto tão agradável, em todo resto se via, alegria admirável./Eu com 18 anos, no verdor da mocidade, pra mim era o céu na terra, aquela oportunidade, de namorar as garotas, de outras localidade./Compareceu nesse dia, uma grande multidão, missa em ação de graças, confissão e comunhão em todo se via, imensa satisfação./Fileto que presidia aquela festividade, fez um brilhante discurso, naquela oportunidade, e disse Canoas ainda, será uma grande cidade./E com os proprietários, teve um entendimento, de fundar um povoado, foi logo o seu pensamento, e como era apressado, queria dar andamento (Vicente José de Medeiros. Poesia sobre Cubati, s/d).

Mas foi a chegada do agave na região, por volta da década de 1930, que possibilitou que o comércio desta cidade tivesse um grande impulso. Nesta época um projeto de lei já havia mudado o nome de Canoas para Cubati, essa mudança se dava dentro de um conjunto de ações lideradas por políticos e comerciantes locais que vislumbravam a emancipação política da vila, acontecimento que só veio a ocorrer em 1959.

Como já indicamos no primeiro capítulo desta dissertação, sob a Interventoria de Argemiro de Figueiredo, o agave começou a ser espalhado pela Paraíba. Esse processo de introdução de uma novo tipo de lavoura era parte de integrante de um plano de diversificação e fortalecimento da agricultura proposto pelo Governo Estadual. Como evidencia o José de Medeiros Dantas; “Os primeiros pés de agave chegaram aqui através de Argemiro de Figueiredo. Era governador. Aqui nem era Cubati ainda, chamava-se Vila de Canoas. Era um agave branco, que vinha do México”.⁸⁶

Contudo há ainda um terceiro padre que foi fundamental para a aceitação e a popularização do agave em Cubati, trata-se do Padre Luis Santiago de Moura, que já destacamos anteriormente, ele estimulou os fazendeiros e os agricultores a acreditarem que o agave seria uma planta maravilhosa, uma benção divina destinada a salvar o homem da seca e da fome. A representação do agave, promovida pelo padre Luis Santiago era de que o agave não seria uma simples planta, mas um “verdadeiro milagre”, era a Virgem Maria “iluminando

⁸⁶ José de Medeiros Dantas, entrevista concedida em 30/07/2013.

os homens”, conforme entrevista concedida ao jornalista José Leal⁸⁷, para quem o padre era um verdadeiro “doutor em matéria de sisal”.

O padre viajava para celebrar missas e aproveitava este espaço para contar aos agricultores os sucessos que eram possíveis a partir do cultivo daquela planta. Isso foi escrito por José de Medeiros Dantas que recebeu o padre em sua casa e ouviu dele uma verdadeira defesa do agave. Tendo em vista que era também um comerciante do agave, Luis Santiago buscou auxílio político para a expansão do agave, o governo estadual.

De acordo com a narrativa de Vitório Péricles Serafim (1992, p, 193), o padre Luis Santiago teve um importante papel no sentido de convencer Argemiro de Figueiredo a reunir esforços para a popularização do agave em terras paraibanas;

Em 1935 Argemiro de Figueiredo foi eleito governador [prefiro manter a citação no original, embora se saiba que nessa época Argemiro ocupava o cargo de Interventor] e quando dava andamento à sua grande obra administrativa recebeu em palácio o padre Luis Santiago, um religioso de cultura enciclopédica que exercia atividades agropecuárias na Ubaia, sua fazenda no município de Cuité. Lá o padre Lula esteve para falar com o governador, das maravilhas do agave e suas perspectivas econômicas. De tal forma ficou impressionado o doutor Argemiro que, logo convocou uma reunião com secretários e outras pessoas para ouvir o padre.

A ligação do padre Luis Santiago com as esferas do poder político paraibano não é algo de se estranhar. Ele sempre esteve envolvido com questões políticas, algumas delas até polêmicas. Sua atuação política fez dele, em certo momento uma espécie de líder espiritual e político do povo de Cuité, cidade onde exerceu suas atividades pastorais (MARQUES, 2010). Sobre a visita ao Palácio da Redenção, o jornalista José Leal é ainda mais detalhista, mostra a negociação do padre com os membros do governo para espalhar agave pela Paraíba. O relato, mesmo longo, foi citado para que possamos entendê-lo como um discurso que busca legitimar os sucessos do agave. Trata-se da narrativa do Padre Luis vinculado em um material que deseja criar um discurso positivo.

Entrou num ônibus e mandou-se para João Pessoa: foi falar com o Interventor Argemiro de Figueiredo. Contagiu de tal maneira o governador com a narração de seus estudos e de suas experiências, que Argemiro pediu-lhe para fazer uma conferência no Palácio da Redenção:

- Padre, quero que o senhor conte aos meus secretários e a um grupo de pessoas que vou convidar, suas experiências e a de seus amigos, pioneiros do Sisal. Diga-lhes tudo o que me disse aqui. Vamos convencer esta gente de cabeça dura a mudar de idéia. Vamos mostrar que a êsse povo que o Sisal

⁸⁷ Ver. LEAL, José; MORORÓ, Rafael. **A civilização dourada**. Guanabara: Editora Pongetti, 1966.

será nossa salvação, que a era da cana de açúcar já passou. Argemiro enxergou longe. E enxergou corretamente. A conferência foi um sucesso. Mais um sucesso desse padre admirável que se chama Luis Santiago. Para reafirmar o seu apoio, Argemiro determinou que fosse criado um campo experimental de Sisal, nas proximidades de João Pessoa e assinou um decreto obrigando as prefeituras a instalarem, também, campos experimentais da planta e distribuição de mudas aos agricultores (LEAL; MORORÓ, 1966, p, 22) (Foi mantida a grafia do original).

Há de se reconhecer que o Padre Luis Santiago teve um papel de extrema importância na inserção do agave na Paraíba, e especificamente em Cubati. Pessoas como José de Medeiros Dantas, aceitaram imediatamente a ideia de que o agave seria a “salvação”, e de fato, ela tinha tudo pra ser. Era uma planta estrangeira que se adequava perfeitamente ao clima e ao solo, e ao mesmo tempo tinha um amplo espaço no comércio, por isso causou inicialmente uma grande admiração entre os grandes fazendeiros.

Essa questão também esta presente na memória dos trabalhadores, que observavam a diminuição da agricultura de subsistência, a qual era substituída pelo agave, e que então, passou a cobrir os roçados e a encher os campos. Em muitos dos depoimentos que coletei, era comum a menção do verde intenso das plantações de agave, com seus espinhos duros e marrons que passaram a ocupar os espaços que antes eram dominados pelos roçados de milho e feijão. Podia se ver ainda pequenas plantações de algodão, mas em uma escala bem menor do que se observou com o agave.

Até mesmo a vegetação nativa, a caatinga, sofreu danos irreparáveis com a invasão do agave. Grande parte da vegetação foi destruída para a que surgissem os campos de agave, queimadas, coivaras⁸⁸ que destruíam a vegetação e também empobreciam o solo. Onde o agave era plantado não crescia outra coisa, a variação da vida vegetal tornava-se impossível. Suas imensas folhas produziam um sombreamento que impedia a chegada dos raios de sol ao solo. O agave por ser uma planta xerófila⁸⁹, empobrecia o solo e consumia toda a água disponível nele. O cultivo dessa vegetação tinha o efeito contrário ao do cultivo do algodão e da palma forrageira, as quais possibilitavam a associação de outras lavouras.

⁸⁸ As coivaras são onde os agricultores juntam restos de plantas, galhos espinhosos para que sejam queimados em um espaço aberto, no local onde são feitas o solo fica empobrecido e impossível de ser cultivado durante um certo período.

⁸⁹ Designação das plantas que estão adaptadas a ambientes secos e que sobrevivem com quantidades de água reduzidas. As xerófilas vivem em condições de secura quer em relação ao solo quer em relação à atmosfera. Apresentam adaptações especiais do ponto de vista estrutural e funcional. Os caules apresentam normalmente uma morfologia que lhes permite armazenar água e nutrientes em quantidades suficientes para o enfrentamento de longos períodos de estiagem, suas raízes são grandes, para uma captação mais eficiente de água. As folhas são frequentemente reduzidas a espinhos, quase inexistentes, e são carnudas, podendo ainda estar protegidas por uma grossa camada que impede a perda excessiva de água por transpiração.

Então, quando se diz “tudo isso era agave”, deve-se tomar a palavra em toda a sua universalidade, era mesmo tudo. A agricultura familiar passa por um período de desvalorização por ser considerada obsoleta, pouco rentável aos interesses econômicos do Estado e dos grandes fazendeiros. Esse discurso de desvalorização da pequena agricultura é tão forte que o roçado, que antes reunia a família em torno da produção de alimentos para o próprio sustento tem uma redução drástica, poucas famílias cultivam o milho, o feijão, a fava etc.

Os homens, os pais de família deixaram suas casas e seus roçados sob a responsabilidade das mulheres e foram em busca de trabalho nos motores de agave. Isso ocorreu, pois esse trabalho, embora fosse difícil, garantia que aos sábados os trabalhadores tivessem dinheiro para fazerem a feira. Não seria demais afirmar que a expansão do agave, não só em Cubati, mas no Nordeste como um todo, teve como consequência um determinado desmantelamento da estrutura familiar que existia até aquele momento.

As mulheres educadas, anteriormente, para serem amantes de seus maridos e mães de seus filhos, passaram a assumir o lugar de chefes da família. Seus maridos trabalhando longe das casas e se aventurando em algum motor de agave da região, se limitavam a suprir o dinheiro que garantiria “por o alimento na mesa”. Os filhos homens, meninos ainda, geralmente os mais velhos, passaram a ser os homens da casa, por isso amadureceram precocemente. As meninas também tinham suas infâncias antecipadas, pois precisavam cuidar dos irmãos menores enquanto a mãe se dedicava ao roçado. Por isso, entendo que, a expansão do agave tem também uma dimensão trágica para os sujeitos, sobretudo, no que se diz respeito às questões afetivas e familiares.

Quando procurei o senhor Ernando Lopes e conversei, brevemente, sobre a pesquisa que desenvolvia, ele se prontificou imediatamente em me conceder uma entrevista, já naquele momento falou um pouco dos lugares que trabalhou, das aventuras de sua juventude, e sobretudo, deixou claro que antes de todo o espaço urbano que ocupa hoje a cidade de Cubati, era ocupado pelos campos de agave. Ele me falou que o espaço da “rua”, onde ele queria dizer o espaço de circulação das pessoas na cidade, era tão somente uma pequena porção circundante da igreja e da praça, restringia-se ao lugar que antigamente era o mercado público, onde se realizava a feira. Achei interessante quando ele me disse que para fazermos a entrevista eu nem precisaria ir à sua casa localizada na zona rural. O senhor, em um gesto bastante amigável, me disse que quando ele viesse na feira, daria uma passadinha na minha casa e conversaria sobre as “coisas de antigamente”, era essa a forma que ele preferia se referir a seu passado.

Com setenta e três anos e dono de uma jovialidade impressionante, Ernando Lopes, faz quase que todos os dias o percurso, de bicicleta, de sua casa em direção à zona urbana do município de Cubati. Dono de dois atentos olhos azuis é sempre visto pela cidade. Ele costuma saudar seus conhecidos com boas risadas. Até mesmo em enterros é possível encontrá-lo sorridente abraçando um e outro. É um senhor bastante conhecido de todos, durante anos foi dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e convive em vários ambientes sociais, por isso é muito querido por jovens e adultos da cidade. Basta perguntar a qualquer pessoa que mora em Cubati: “Quem é Ernando Lopes?” Imediatamente todos têm uma resposta.

Sr. Ernaldo chegou à minha casa de surpresa numa tarde de quarta-feira, dia 13 de agosto de 2014. Enquanto eu estava em meu quarto, palmas bateram na porta e quando sai me deparei com aquele senhor alto, magro, de chapéu de massa e camisa azul. Sentado na minha sala e com a porta a sua frente, ele narrou experiências dos tempos em que *“tinha saúde pra trabalhar no méi do mundo”*. Sua narrativa ao tempo todo buscava laços com os espaços públicos, com pessoas que lhe eram próximas. Suas memórias criavam imagens de um tempo em que o agave tornou-se a única via para a sobrevivência, superando a seca e o abandono da agricultura familiar.

Com o olhar fixo para a porta, onde observava a rua e o novo mercado público e uma estrutura urbana que alterou de maneira drástica as paisagens dos espaços que rememorava, este senhor construía ligações entre suas memórias e estes espaços. Neste caso, percebo como o olhar é um sentido importante para que os indivíduos possam construir relações com seu passado, pois o olhar do tempo presente influencia diretamente nas lembranças do passado. Assim fui percebendo que as imagens do presente, a proximidade comigo, a casa que ele observa, tudo isso despertava nele lembranças, que em um primeiro momento pareciam destoantes da temática do agave. Mas o narrador tem controle sobre sua narrativa, sabe que ela, embora, pareça perdida em meio a outras lembranças, precisa falar de algo, de uma coisa que interessa ao outro. Após falar de algumas pessoas, dos espaços da antiga feira, Ernando Lopes parece olhar para trás e retomar seu caminho: *“Sim, mas, do agave”*. E, então retoma aquilo que seria o fio de Ariadne de nossa conversa.

No meu tempo, no tempinho que essa feira era ali, porque ela mudou-se, pra aqui. Ela era daquele lado acolá, mais dos dia eu digo ao povo, Cubati só era bom quando a feira era ali, depois que ela mudou pra aqui, em setenta e um, pra setenta e dois acabou-se, mas também hoje todo mundo é rico, naquele tempo era um sofrimento danado. Seu avô, Mauricio, negociava lá em baixo, parede e meia com Zé Maú. Sua avó, tinha um hotelzim, vendia uns

trocinhos, comi muito pedacin de carne lá, lá na cozinha dela. Sim, mas, do agave.⁹⁰

A narrativa desse senhor servia para criar laços comigo, pois procurava relacionar suas memórias com as minhas. O contar-se de Ernando se tornava também um contar de minha memória. Nota-se no trecho acima que de maneira inesperada surgiram em sua narração dois personagens que são parte de minha vida, meus avós paternos, ele comerciante e ela uma senhora dona de casa que em dias de feiras vendia café e almoço aos feirantes e as pessoas que chegavam na feira. Qual a importância disso? Qual a necessidade de observar esse ponto da narrativa?

Nunca é demais dizer que ao narrar o sujeito está se construindo, se inventando por meio das escolhas que faz e dos caminhos que escolhe para (re)memorar seu passado ele se cria e forja sua identidade. No caso de Ernando é interessante notar que quando ele narrava suas histórias, se esforçava para queria criar sentidos e significados das suas memórias comigo. Ora, ele sabia que eu esperava a contação de sua memória, e foi atestando uma proximidade comigo, criando uma familiaridade, transformando sua memória individual em coletiva. Ao rememorarmos contruímos laços com os outros.

Constantemente gesticulava sobre o tamanho das folhas do agave, sobre o tamanho dos feixes de fibra que tinha que carregar, abria os braços para indicar alguma emoção ou, com as mãos, cobria o rosto para falar das dificuldades que tivera que enfrentar, da dureza do trabalho, ou para se referir ao medo que a “história do capa verde”, que o Padre Cícero contava, causou no povo. Em alguns momentos seu olhar me fitava como se quisessem me dizer muito mais do que as palavras que espontaneamente brotavam de sua boca. Ao tentar adentrar no campo das subjetividades o pesquisador deve ficar atento não apenas ao que se diz, mas também àquilo que não é dito verbalmente, mas que é dito pelo movimento do corpo, pelas esfregar das mãos, pelo balançar das pernas, etc., o sujeito em si é um texto a ser decifrado, o corpo é também escrito, cartografado pelas linhas da existência.

Uma das características de sua narrativa está diretamente ligada a tantas outras, a de que o trabalho no motor de agave era exaustivo e até mesmo penoso. O trabalho não era bom, mas era a única forma de ganhar dinheiro, portanto, a atividade nos campos e motores de agave está mais ligado ao assujeitamento do que a uma opção. O ganho era pouco, mas “se tornava muito” por conta da escassez de trabalho, em outras áreas. Ser candango de motor⁹¹

⁹⁰ Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

⁹¹ Como eram chamados os homens que saíam de suas terras e iam trabalhar em motores de agave de outras propriedades rurais.

era, em muitos casos, a única atividade disponível para pessoas que precisavam trabalhar. Isso está presente de uma maneira bastante evidente na narrativa de Ernando Lopes, quando do tempo se referindo as seguintes décadas “era de cinquenta, sessenta”, período em que o agave começava a se espalhar rapidamente nas propriedades rurais de Cubati, arregimentando uma grande quantidade de homens e mulheres para o trabalho nos campos e nos motores:

Era o seguinte rapaz, **o tempo por uma parte era ruim**, mas por outra parte era bom, porque naquele tempo, o dinheiro tinha valor né? O ganho do caba era pouco, mais se tornava muito, agora era muita gente no motor, na época tinha motor que tinha dez pessoas, no motor, porque um não fazia o serviço sozim. **Agora hoje os caba faz né? Hoje todo caba faz o serviço só, inclusive, o caba tirava bagaço, o caba num tirava bagaço sozim**, porque tirava o bagaço, estirava a fibra e enchia o banco, aí tinha que ser dois, aí trabalhava porque tinha a prática do serviço né? Entonce, a gente foi nessa vida, e foi trabalhando, aquelas era de cinquenta, sessenta.⁹² (Grifos meus).

O motor de agave do grande fazendeiro é uma unidade de exploração da força de trabalho. Porém não se pode pensar que em todos os motores o ritmo de trabalho e a forma de pagamento eram as mesmas. Cada um seguia as determinações de seus proprietários. Quando estes eram grandes comerciantes o trabalho era mais intenso e o pagamento das horas de trabalho era inferior. Como nos grandes motores a produção de cizal era maior, possivelmente também existia um controle maior sobre o tempo de trabalho. Trabalhar nestes lugares impunha ritmos de produção que exigiam maior resistência física dos trabalhadores.

Quando eu ouvia esses depoimentos, sempre pensava: Como seriam as relações entre os trabalhadores e os donos dos motores? O que acontecia quando estes ficavam muito cansados para continuarem trabalhando? Será que aconteceram momentos de desentendimentos e de enfrentamentos entre eles? Será que os trabalhadores não resistiam à esse tipo de exploração de trabalho? Numa leitura a contra-pelo deste depoimento podemos identificar que essas relações não eram tão pacíficas como Ernando Lopes da Silva afirma. Penso isso, pois ele indica na sua fala que o “tempo por parte era ruim”. Além disso ele afirma que o regime de exploração de trabalho sofreu um agravamento com o passar dos anos, porque diminuíram os trabalhadores no motor e o trabalho que antes era dividido, agora ficou sob responsabilidade de um único trabalhador.

Trata-se de um princípio capitalista de produção. Já nos motores que tinham uma produção mais reduzida, as relações de trabalho poderiam ser um pouco mais amistosas para um mesmo tipo de trabalho, pois ainda se preservavam as formas de relações que existiam

⁹² Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

no tempo que a maioria da produção agrícola era de subsistência. No entanto, nestes pequenos motores apenas a escala de produção era menor, e muitas vezes o trabalho também era realizado pelos membros da família do proprietário. Neste caso, a exploração da força de trabalho também envolvia o trabalho de crianças e mulheres. Como se pode perceber através dos depoimentos, o motor de agave funcionava, com uma média de sete ou oito pessoas, cada qual exercendo determinadas funções. Quando um trabalhador faltava, os outros tinham que substituí-lo no trabalho. Isto ocorria para não comprometer a produção.

Em alguns casos o dono do motor e da terra se juntava aos trabalhadores naquela atividade. Mas será que as relações entre os sujeitos eram mesmo tão amigáveis como tranparece neste depoimento? Acredito que isso não deveria ser assim tão amistosa, pois senão seria desnecessário o papel do administrador que fiscalizava o trabalho nos vários motores, como no caso da fazenda de João Jerônimo. Foi nesta fazenda que o depoente afirmou que seu proprietário só fazia “passar uma vez ou outra pelo campo e no motor”.⁹³

Ernando Lopes diz que o trabalho era bom, pois as pessoas tinham dinheiro para comprar as mercadorias que necessitavam para sobreviver. Sem dúvida, esse fato garantiria que mesmo sendo pouco o dinheiro recebido, este era suficiente para alimentar a família em uma região de poucas oportunidades e onde a maioria das pessoas só sabiam lidar com a agricultura. Mas será que isso era bom, realmente? Ou será que as saudades de um tempo de atividade de trabalho, aliadas às saudades das relações de amizade que se estabeleceram nestes anos, alteraram as memórias construídas no presente por Ernando Lopes da Silva? Acredito que o sentimento de saudades de um tempo de atividades de produção e de relações mais próximas com as pessoas que trabalhavam num mesmo espaço poderia explicar o porque encontrei esta construção narrativa quase sem conflitos.

Já o senhor Luiz de Braz, também nos traz uma visão positiva do trabalho no motor de agave, para ele era um trabalho bom. Fala de maneira alegre dos dias em que saía cedo de casa para ir para o motor de Fausto. Em sua narrativa surgem as fibeiras, os cambiteiros⁹⁴ que de maneira alegre passavam o dia inteiro no motor. A hora do café era o momento onde os trabalhadores poderiam conversar com os amigos e contar causos. Muitas das lembranças positivas sobre o trabalho do motor se referem à esses momentos, porque o espaço de trabalho também era o espaço da socialização e da integração entre as pessoas. São esses momentos que as pessoas sentem mais falta quando acaba este tipo de trabalho. Podemos notar, por outro

⁹³ Maria de Lourdes de Oliveira Santos, entrevista concedida em 22/12/2014.

⁹⁴ O cambiteiro era responsável por levar as folhas do agave para o motor, recebe esse nome pois é comum, na linguagem popular substituir a palavra carregar por cambitar.

lado, que esses sentimentos de pertença a um grupo, os quais favoreciam as relações de amizade e de intimidades, ocorriam mais fortemente quando os sistemas de produção agrícola eram mais familiares e realizados em pequena escala. Será que esses sentimentos de pertença não são formas de relações que sobreviveram dentro dos sistemas de produção em larga escala? Será que as saudades de um tempo bom não estariam fincadas nas lembranças dessas relações que eram fruto de tradições e da cultura local?

Vejamos o que Luiz de Braz nos conta:

Ah, eu gostava demais de trabalhar no motor. Tomar aquele café no meio do tempo. Trabalhava no motor porque era serviço bom rapaz. Também, era o serviço que tinha pra o caba ganhar dinheiro era o motor de agave. Esse era o serviço que tinha. Todo sábado recebia o pagamento, todo sábado. Num motor tinha seis pessoas, ocupava seis pessoas, no motor de agave. A gente parava pra tomar café, de meio dia a gente tomava café, parava pra tomar café, de meio dia, ai virava de novo, até de tarde⁹⁵.

Para Luiz de Braz o trabalho que se tornava ainda melhor a partir dos laços afetivos que eram forjados nestes espaços. Quando no intervalo do trabalho as pessoas se reuniam para tomar café, conversava-se, ria-se, e, claro, os homens forjavam suas linhas identitárias, compunham também suas masculinidades, disputavam quem era mais macho, quem era mais viril ou não, a partir de códigos e signos do que era “ser macho” naquele momento e naquele espaço. O motor era um lugar essencialmente masculino e poucas mulheres faziam parte dele.

Os momentos que havia alguma integração entre homens e mulheres era, por exemplo, na hora do almoço, por que todas as pessoas que estavam envolvidas no trabalho se reuniam para preparar os alimentos que iriam comer. Nestes momentos homens e mulheres juntavam-se para (con)viver em um espaço que envolvia trabalho e vidas.

Naquele espaço onde tudo era agave, em que o verde dos campos encobria o que hoje é a cidade, existia também muitas relações de amizade, afetividade, companheirismo entre pessoas de diferentes sexos que se aventuravam no mundo do trabalho. Nestes espaços, longe das casas forjavam-se diferentes formas de relacionamentos, outras maneiras de viver e de ser e de ver o mundo, ou seja “possibilidades de invenção de novos modos de existência, constituídos a partir de outras relações de si para consigo e para com o outro” (RAGO, 2013, p, 43).

Luiz de Braz Pereira nos dá as respostas, indicando o que ele entendia que era bom, ou seja era tudo que ultrapassava as relações de trabalho. Existiam, então, outras relações de

⁹⁵ Luiz de Braz Pereira, entrevista concedida em 12/08/2013.

interações pessoais que eram muito valorizadas pelos trabalhadores no espaço do motor. Ele nos diz que:

O motor de agave era bom demais rapaz. Era onde dava dinheiro, pro povo. A gente trabalhava o dia todo, os cinco dias da semana. Começava com o dia amanhecendo e terminava de cinco hora da tarde. Tinha muita gente trabalhando, era uns seis cabas pra trabalhar no motor. Era contador, era fibreiro, era puxador, puxador era dois, era bagaceiro. Tinha dia que nós trabalhava até de madrugada, pra interar a produção, aí virava o dia todinho. A gente recebia bem. Ah, a gente recebia muito bem o dinheiro, no sábado. Home, no motor que eu trabalhava, já trabalhei nuns poucos, trabalhei num que tinha aqui onde é a rua, lá mesmo tinha duas mulher, Juliana e Maria de Pesqueiro, que você conhece né? Elas trabalhava muito mais eu. Elas trabalhavam na fibra, na fibra era! E eu trabalhava no bagaço, era bagaceiro, tirando bagaço, cortando agave. Fazia tudo. O almoço a gente fazia lá mesmo, no meio do sol, pegando fogo, a gente comia no meio do sol, no pé do motor. Cozinhava lá no meio do sol.⁹⁶

A narrativa não segue ou obedece a uma linearidade, ela é inquieta, buliçosa e impaciente. Regina Beatriz G. Neto (2006, p, 56) diz que: *“A riqueza está em poder apreender nas histórias narradas os fios de tensões, as linhas contraditórias, talvez muito mais ambíguas, linhas de fuga que formam um quadro complexo e desafiador para a pesquisa histórica”*.

Quando Ernando Lopes olha pela porta da rua, parece que ele visualiza uma paisagem, esta faz parte unicamente de suas memórias, pois habita algum lugar de sua recordação. O acinzentado do calçamento da cidade de hoje, se torna o verde dos campos de agave que ali existiam em meados dos anos sessenta e início dos setenta do século XX. E em um ímpeto narrativo exclama, me apontando para a rua e para o que esta ao redor da casa:

Mais, olhe, naquela época tinha agave. Plantaram, plantaram, ai quando estourou foi de uma vez, e tinha motor viu. Tinha motor que não era brincadeira não. **Hoje mesmo você mora era um campo de agave melhor do mundo.** Eu puxei agave bem ali assim, lá tinha só uma casa, era no tempo do finado Fausto, era um campo bom, as folhas bem grandona, o cambiteiro que cambitava o agave do campo para o motor era o finado Zé Bitá, ele só cambitava montado, ele tinha o jumento de carregar as cargas, mais ele tinha um de cela, só andava montado, tangia os bichos, os burro já sabia até ir pro motor. Ele tangia e saltava em cima da sela.⁹⁷

A informação do lugar que hoje é minha residência, era um dos maiores campos de agave da região, o antigo de agave de Fausto, é confirmada também pela narrativa de Luiz de

⁹⁶ Luiz de Braz Pereira, entrevista concedida em 12/08/2013.

⁹⁷ Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

Braz quando ele esboça em palavras suas imagens do passado e de sua casa. Esta residência era localizada no pequeno sítio próximo ao perímetro de Cubati, e me ele chama minha atenção e aponta para onde moro:

O motor é do finado Fausto, era, ali em cima daquela pedra, onde hoje é o mercado de gado, na feira. O motor era ali, ali, tudo era campo de agave, dali até em João Jerônimo, era tudo campo de agave, o povo carregava agave de lá pra cá, pra moer ali. O motor é quase dentro de casa, ai os agave era tudo ajuntado ali.⁹⁸

Esses dois homens ao traçarem as suas lembranças e ao articularem em uma narrativa, parecem que vêem seu passado como que um filme diante dos seus olhos, falam das imagens do passado, com a certeza de quem as vive no presente. Contudo, deve-se desconfiar da memória, ela não é uma reconstrução e nem resgate do passado, ao rememorar o passado, o sujeito está reinterpretando suas experiências, por isso a narrativa deve ser entendida como uma leitura, uma interpretação que concede sentidos à memória e a própria existência do sujeito que narra a si mesmo. O passado em si mesmo não existe mais, ele é o ausente, que só ganha espectros de existência na medida em que é recordado e articulado de maneira narrativa, o passado é, então uma criação da narrativa, é por meio dela que passa a se operar uma “representificação do ausente” (CATROGA, 2011).

Assim, esses dois “candangos de motor”, estabelecem um intenso diálogo com o passado e com o presente, entre o ontem e o hoje. Eles articulam suas palavras, selecionam suas memórias e falam de suas vidas, do trabalho e das amizades que eram possíveis naquele espaço, das novas relações que surgiam. Reconhecem-se a cada lembrança, pois relembrar é também se descobrir, se conhecer em meio às experiências vividas (RICOEUR, 2007, p, 57). O que esses homens fazem é inventar o passado. Ernando Lopes da Silva elabora sua narrativa para contar-se, criando uma identidade e uma memória transitória, entre passado e presente.

O agave nem era amarrado, como é hoje, era todo solto, e avuava ali pra secar. E os caba era com uns cambitos de pau, em cima de um burro, botava aquelas cargas, era dois caba, pra botar agave no motor. Trabaia que as mãos corria sangue, eu mesmo na época, nessa época que você quer falar. Cinquenta e oito, tu sabe onde eu trabaia? Aqui em Severino Martin, lá em Pedra D'água. Trabalhei muito ali. Ali, ali tinha agave rapaz, lá no finado Zé Martin, na Pedra D'água. Olhe, fazia até gosto, o caba ia pra li, as vezes o caba ia logo no domingo de tarde pra na segunda feira, já ta em

⁹⁸ Luiz de Braz Pereira, entrevista concedida em 12/08/2013.

ponto de bala, né? Hoje é muito diferente, vão na segunda feira já, e tem vez que nem na segunda não vai, se vão, na quinta vem simhora, mais naquele tempo, o caba chegava, muitas vez, já vinha no sábado pra feira. Trabaiaava os cinco dia direto, viu. Pegava cedo da noite, de madrugada pra se arrumar, porque o caba tinha que trabalhar mesmo. Por uma parte, trabalhava muito e ganhava, agora hoje é que o povo não quer mais trabalhar, viu meu filho. Hoje o povo não querem mais trabalhar não. Hoje tudo tem mais facilidade. No meu tempo, no tempinho que essa feira era ali, porque ela mudou-se, pra aqui. Ela era daquele lado acolá, mais dos dia eu digo ao povo, Cubati só era bom quando a feira era ali, depois que ela mudou pra aqui, em setenta e um, pra setenta e dois acabou-se, mas também hoje todo mundo é rico, naquele tempo era um **sofrimento** danado.⁹⁹ (Grifos meus)

A memória está ligada a construção das identidades, na medida em que modelamos nossas recordações, somos também moldados por elas, somos construções narrativas, criando uma dialética da memória com a identidade, há uma troca entre ambas (CANDAU, 2014, p, 16). De acordo com Sabina Loriga (2009, p. 19), a memória carrega um enigma que causa medo e seduz, é o enigma da presença do ausente, ou seja, a capacidade de criar ou de trazer imagens do passado, que não mais existe. Talvez nisso esteja seu grande encanto, o de nos fazer perceber o passado, mesmo em sua ausência, de visualizar através da recordação, aquilo que ficou disperso no tempo.

Ao narrar suas memórias, e selecionar as recordações dignas de compor a sua narrativa Ernando Lopes, cria imagens de seu passado, o trabalho, as relações sociais que estabelecia com os demais, dialogam em um conjunto de cenas articuladas por sua arte narrativa. Mas sua fala também nos revela os sofrimentos dos trabalhadores, desde a exploração do trabalho pelo excesso de horas trabalhadas, até pelo tipo de trabalho pesado e pelos sofrimentos que estes causavam: “E os caba era com uns cambitos de pau, em cima de um burro, botava aquelas cargas, era dois caba, pra botar agave no motor. Trabaiaava que as mãos corria sangue[...]”. Além disso, Ernando Lopes da Silva articula suas lembranças com o tempo presente, pois “a memória é uma construção no tempo presente, atualizada e renovada no tempo presente” (DELGADO, 2010).

Assim, ele refere-se ao passado e cria relações, vendo o passado como um tempo melhor, de mais oportunidades de trabalho. Vemos, neste caso, como os valores capitalistas foram introjetados nas práticas e nos valores desses trabalhadores, pois no discurso do depoente o trabalho concedia ao homem dignidade e honestidade. Seu olhar também nos traz indícios para identificarmos qual era um dos padrões de masculinidade do vigentes neste tempo e nesta região. Para ele uma das definições do que seria um homem com sua

⁹⁹ Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

masculinidade reconhecida era a resistência ao trabalho árduo e duro da lavoura, ou seja era reprimidas quaisquer ações ou sentimentos que demonstrassem fraqueza.

Ainda é possível, pela narrativa do depoente, percebermos que a exploração do agave, de fato, se consistiu na principal fonte de renda para pessoas simples. Muitos fazendeiros conseguiram enriquecer, com os lucros gerados por essa dourada fibra, já os trabalhadores só puderam garantir o sustento necessário para sua sobrevivência e de sua família. Quando Ernando Lopes da Silva, afirma “Todo mundo no motor, ganhava o dinheiro da feira, eu já era casado, eu tinha só um filho”, percebemos aqui o sentimento de tantos outros agricultores. Para essas pessoas trabalhar no motor causava em muitos casos, danos à saúde e eles eram muito mal remunerados, mas, também conseguiam o sustento familiar. Estamos desta forma, frente a uma das formas de exploração do capital que foi característica da região do sertão nordestino.

O tempo das memórias desse homem relaciona-se a um espaço de memórias, é um tempo aberto, de mudanças e incessantes criações, como pensa Peter Pelbart (2007). E em meio a esse diálogo entre tempos, a narrativa não para de surpreender em seus percursos:

Acolá onde é de Aluísio, que foi de Bibiu, ainda essa semana eu andei lá, homi, minha Nossa Senhora, eu fico pensando, quem era esse roçado, o agave no mato, só tem jurema e marmeleiro, catingueira, e assim mesmo tiraram agave que só a mulesta. Mais é muito diferente do meu tempo, os caba tratava do campo de agave, ganhava dinheiro mais tratava, era os caba cortando na frente e outros atrás arrancando aquelas moitinhas que tinha, filhote, era limpo que nem esse chão.¹⁰⁰

Essa ligação direta com os lugares é um pressuposto da recordação, toda memória é a memória de algum tempo e de algum lugar, os lugares a que o narrador se refere durante a narrativa funcionam como suportes, como pontos de referência para a recordação. Diz Paul Ricoeur que;

as “coisas” lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar. Esses lugares de memória funcionam principalmente à maneira dos *reminders*, dos indícios, de recordação, ao oferecerem alternadamente um apoio a memória que falha, uma luta da luta contra o esquecimento, até mesmo uma suplementação tácita da memória morta. Os lugares “permanecem” como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, enquanto as lembranças transmitidas unicamente pela voz voam, como voam as palavras (2007, p, 57-58) (Grifos do autor).

¹⁰⁰ Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

Na medida em que narra as experiências do passado, o sujeito cria uma geografia do presente, ele cria representações do passado, estabelece com esse passado narrado uma relação direta, ao forjar sua narrativa, ele cria também imagens, que dialogam com as percepções do presente. O velho motor de agave, que antes parecia perdido no tempo e nas lembranças, é agora, “*acolá*”, ainda onde se avista, aonde é possível apontar com os dedos trêmulos, de uma mão calejada e castigada pelo trabalho, a mesma que, quando puxava o agave, era “*só sangue*”.

As memórias do trabalho e a construção do corpo do masculino

O que é trabalho das sociedades industriais modernas? Entendidas aqui como indústrias urbanas e sistemas industriais rurais. O que significa falar em trabalho dentro da historiografia? Talvez seja uma pergunta de difícil resposta ou de muitas respostas. O trabalho quase sempre é visto ou entendido, unicamente, como a realização de alguma atividade laboral e produtora de bens de consumo. Esse se realiza sobre uma matéria inerte, como matérias-primas e máquinas, entre outros dispositivos. Ou, então, é chamado trabalho a toda ação modificadora das matérias vivas, como o manejo de animais e vegetais na agricultura. No sentido historiográfico, trabalho é um conceito, que traz em si uma multiplicidade de sentidos e permite o pensamento e a constituição de um saber.

Desde a publicação de *Futuro Passado*, do historiador alemão Reinhart Koselleck (2006), os historiadores passaram a pensar os conceitos a partir de construções sociais e não como simples palavras que definem algo ou um sistema de pensamento, a meu ver essa questão de estudar a história dos conceitos, ou as regularidades discursivas, encontra-se também em Michel Foucault¹⁰¹, nas palavras de Durval Muniz de Albuquerque Jr., a partir da proposta teórica lançada por Reinhart Koselleck¹⁰²

os historiadores devem tratar também historicamente o seu próprio vocabulário, devem atentar para o fato de que os conceitos, noções ou palavras que a historiografia utiliza também possuem uma historicidade, também emergem em dados momentos e contextos sociais, políticos e culturais e são, portanto, signos das próprias mutações acarretadas pelo

¹⁰¹ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999; _____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1972.

¹⁰² KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

tempo, nos mais variados aspectos do social, inclusive no campo linguístico (2011, p, 53).

A principal linha de pensamento que categoriza o trabalho é certamente ligada ao marxismo, que envolveu a noção de trabalho como uma atividade humana modificando o homem e a própria sociedade, essa tradição historiografia também foi responsável por criar em torno do trabalho uma noção de produção e acumulação de capital, desprezando, muitas vezes o protagonismo dos trabalhadores, ou dando a eles um papel secundário. Em síntese, o trabalho só teria incidência na vida material do homem, ou na formação de uma classe. Nesse sentido os estudos de Edward P. Thompson¹⁰³ e Eric Hobsbawm¹⁰⁴ fazem parte dessa tradição marxista de categorização do trabalho.

Acerca da categoria *trabalho* e de sua conceitualização a partir do marxismo Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2011), ao propor uma crítica historiográfica a essa categoria diz que o marxismo acabou definindo-a como sendo;

uma atividade humana através da qual modifica-se a natureza e a própria humanização se faz, constituindo, pois a ação ontológica através da qual o homem se constitui como humano, distinto e distante, cada vez mais, da prisão representada pelas necessidades naturais, o que por si só já é uma maneira de definir, de conceituar, de constituir semanticamente essa categoria, o trabalho passa a ser tratado pelos historiadores fundamentalmente naquilo que seria a sua materialidade, a sua realidade, o seu acontecer como fato, mas suas repercussões econômicas, sociais políticas e culturais (2011, p, 54).

Concordo que o trabalho seja um mecanismos de transformar o mundo, de modificar a si mesmo, contudo, não acredito que seja unicamente de incidência material sobre o sujeito. O trabalho é também produtor de subjetividades, um mecanismo de modificação das relações consigo e com o outro. Entendo que o trabalho nos campos e nos motores de agave foi responsável por criar sujeitos, por inseri-los dentro de um regime discursivo que influenciava as condutas, os sentimentos e a própria ética¹⁰⁵.

¹⁰³ Nos três volumes de “A formação da classe operária inglesa”, Thompson analisa a formação de uma consciência de classe, para este historiador marxista britânico a experiência da classe é algo em que as pessoas são lançadas involuntariamente; a “consciência de classe” seria o tratamento cultural feito a esta experiência.

¹⁰⁴ HOBBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre a história operária. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

¹⁰⁵ Penso a ética não como um conjunto de normas ou de condutas instituídas para disciplinar os sujeitos fazendo deles membros de um determinado grupo, obediente a um conjunto de leis e prescrições. Para mim a concepção de ética está ligada diretamente aos estudos de Michel Foucault, que compreende a ética como uma prática, uma maneira de ser e de viver, que consiste não apenas no dizer, mas no fazer, no viver. Cf. FOUCAULT, Michel. Política e ética: uma entrevista. In; _____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta; Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, pp, 212-218.

O que era o trabalho para aqueles homens e para aquelas mulheres? Quais os sentidos que o trabalho assumia em suas vidas? Como narram suas memórias do trabalho? Essas questões fazem parte de um conjunto de questionamentos sobre os sentidos que a memória assume no presente. Dessa forma, ao se referirem ao tempo dos grandes campos de agave, essas pessoas se referem ao cotidiano no trabalho? Em que e como o trabalho modificou suas vidas, e produziu noções e entendimentos do que eram os seus corpos e, assim, criou subjetividades?

Percebemos que o sistema de trabalho imposto nessa região de Cubati e nesse tempo histórico, retirou muito da independência dos trabalhadores, reduzindo homens e mulheres à uma total dependência dos instrumentos de produção em larga escala do agave. Ao mesmo tempo ocorreu uma ruptura da antiga economia familiar existente nesta região. Esta ruptura impôs a “[...] disciplina, a monotonia, as horas e as condições de trabalho; a perda do tempo livre e do lazer” (THOMPSON, 1988).

Percebemos também que o novo sistema de produção agrária, reforçou a criação de grupos de pessoas (trabalhadores) que foram reduzidas ao nível do viver para a mera subsistência, e cujas rendas eram totalmente utilizadas para que pudessem adquirir os bens de consumo de primeira necessidade. Esse processo é acompanhado por uma tessitura de idéias e tradições culturais que tinham raízes nas concepções de masculidade e resistência do homem nordestino.

Nos homens o trabalho no motor de agave passou a fortalecer as suas concepções de virilidade, reforçando a ideia de que era seu papel ser o provedor da família. Assim, o homem é o macho, o patriarca da família, que é superior à mulher e aos filhos, tendo portanto, direitos que se sobreepõem as vontades e desejos de todos. Nas mulheres o trabalho “na fibra” confirmava a dominação masculina existente. Nesse espaço elas tinham que obedecer às ordens dos homens. E como se submetia a este espaço de trabalho tido como masculino, era considerada por todos os homens como uma mulher de vida fácil e de status social inferior.

Sentado numa das pontas da mesa e com um bom copo de café fresco a sua frente, conversei também com Antônio Claudiano Fidelis, senhor de sessenta e seis anos. Antônio é meu tio por parte de mãe, e sempre o ouvi contar as histórias do tempo da família Fidelis. Ele nos conta que nos anos cinquenta do século XX, quando o patriarca da família morreu, a família deixou Juazeirinho para virem tomar conta das propriedades da família em Cubati. Ainda hoje a propriedade da família, localizado no sítio Qualhada, sob o elevado lajedo, abriga o velho casarão, imponente, porém enfraquecido pelo tempo. Este lugar faz parte de meu passado e de meu presente. Tendo em vista que essas memórias que agora (per) (com)

verto em história são também minhas, achei interessante questioná-lo sobre como era trabalho nos campos e motores de agave.

Antônio Claudiano Fidelis é um homem de poucas palavras, mesmo residindo na capital, João Pessoa, não consegue permanecer por muito tempo na cidade grande, e ainda mantém um pequeno sítio em Cubati onde cultiva milho, feijão e fava. Ele faz daquele pequeno pedaço de chão o seu mundo. Cresci vendo ele cuidar da terra, algumas vezes até estive lhe ajudando, sei de suas manias, de seus costumes, da maneira que costuma benzer o roçado para que o santo padroeiro dos agricultores, São Sebastião, proteja a lavoura das pragas daninhas.

O fato de ser meu tio foi decisivo para a nossa conversa, pois além da familiaridade foi mais fácil a criação de uma relação de confiança, olhando pra mim ele perguntava se poderia começar. Bebeu um longo gole de café e iniciou sua narrativa:

A gente saía pra trabalhar de seis horas. Ia eu e mais umas cinco pessoas ou seis. O motor era ali no campo de agave de mãe, trabalhei também em Pocinhos, era cambitando, e tirando o bagaço. Todo serviço eu fazia, amarrava, cortava, toda qualidade de serviço eu fazia. Era todo dia, os cinco dias da semana. Ia pro campo, e pegava logo de seis horas, até de tardezinha. Eu comecei a trabalhar, já com, foi quando eu cheguei aqui, foi com uns vinte anos, foi, com vinte anos. Depois que me casei aí num parei mais não. Parava assim, mas, todo ano trabalhava, era. Eu cortava, as vezes quando num era cortando, era amarrando, tirando o bagaço, cambitando e até puxar eu puxei, mas a puxada foi pouca, num puxei muito não. No motor sempre trabalhava umas seis pessoas a sete pessoas, dependia do tanto de agave, mas, não no motor é seis pessoa, ou sete, pode o agave ser ruim, pode ser bom, porque olhe, tem o bagaceiro, o cambiteiro, os dois cortador, as fibreiras, amarrador, as fibreiras era mulher, mais se pegasse homem era os homens mesmo. Mais era mais mulher. O almoço quem fazia era os candangos mesmo. Botava no fogo, aí, um vinha olhar, ajeitava, e assim, até quando ficasse pronto. Dinheiro num dava, dava nada, era uma mixaria, num dava nem pra sustentar a casa. A gente parava pra descansar, parava umas duas horas pro almoço e continuava de novo. Até de noite, tirando bagaço eu trabalhei muito a noite também, de madrugada.¹⁰⁶

O trabalho começava ainda com o sol nascendo, algumas pessoas falam que muito cedo era possível ver as pessoas se dirigindo para os campos de agave, onde na maioria das vezes esses trabalhadores passavam o dia inteiro. Vemos também, que no início da narrativa ocorre uma descrição das atividades a que os homens eram submetidos. Os trabalhadores eram geralmente contratados para uma função determinada no motor de agave, mas acabavam desempenhando outras. Esses homens se sujeitavam facilmente a realizar outras atividades de

¹⁰⁶ Antonio Claudiano Fidelis, entrevista concedida em 13/08/2013.

trabalho, porque se recusassem a fazer o lhes era mandado poderiam perder o emprego. Por isso mesmo, dificilmente encontrei uma pessoa que tenha desempenhado apenas uma única função no motor de agave. No caso de Antonio Claudiano, isso é evidente, ele era um homem pobre, com uma grande família para sustentar. Essa situação social o obrigou a ser de tudo, foi cambiteiro, bagaceiro¹⁰⁷, amarrador¹⁰⁸ e cortador¹⁰⁹.

Sua narrativa articula-se por meio da imaginação, na medida em que busca o tempo todo, criar as imagens do passado, sua fala misturam-se com os gestos que faz para indicar o tamanho dos fardos de agave que carregava, ou mostrar as mãos quando feridas pelo sumo do agave. É importante ressaltar que o corpo também fala, em alguns momentos os movimentos corporais deste homem parecem querer falar mais do que a própria linguagem verbal. E Antonio Claudiano é assim, um texto inquieto, que se movimenta, se contorce, ele parece falar mais com as mãos do que com sua boca. As suas mãos não paravam um só momento, movimentam-se como se quisessem agarrar e recuperar as memórias perdidas no tempo, elas expressavam uma narrativa inquieta, as vezes impacientes, desejosas que aquilo acabasse.

Seu corpo trazia ainda um signo, um símbolo que parecia lhe dar certo conforto durante o trabalho de narrar-se. Em alguns momentos as mãos eram levadas ao rosto, enxugando o suor, outras vezes, se entrelaçavam uma na outra. No entanto, quando ele narrava suas lembranças com o agave, surgiam quase como cenas sequenciais as desventuras de homem pobre e trabalhador que tinha como responsabilidade prover as necessidades de uma casa com dez crianças pequenas. Ele recorria a esta necessidade que tinha para explicar, por ela, suas lembranças e por dezenas de vezes, recorria a uma pequena cruz que trás no pescoço, segurando-a como se buscasse naquele símbolo a força de suas palavras.

Através da memória, esse homem buscava reconstruir imagens ligadas ao trabalho, as suas atividades desempenhadas no motor de agave, era um faz tudo, desempenhava qualquer serviço, desde que rendesse algum dinheiro para sustentar a sua enorme família. Sua memória é uma arte de criar imagens, a lembrança do motor de agave é sempre uma referência, para que a narrativa reconstrua outras imagens, a partir dela é possível recordar o preparo e a hora da alimentação, as pessoas que transitavam naquele espaço. Ele compunha, dessa forma, uma narrativa do cotidiano, das relações sociais e afetivas que ali se estabeleciam.

¹⁰⁷ Sujeito que remove o bagaço que fica armazenado uma caixa de madeira em baixo do motor, esse bagaço é o que sobra das folhas trituradas e transformadas em fibras, a função de bagaceiro é uma das mais arriscadas porque ele tem contato direto com uma substância líquida que se sai das folhas processadas e provoca grande coceira, chegando a ferimentos e sangramentos.

¹⁰⁸ Pessoa que amarra os feixes de fibra.

¹⁰⁹ Pessoa que corta as folhas de agave no campo e traz para o motor.

A narrativa de Antonio Claudiano é caprichosa, surpreende e brinca com os desejos de objetividade do conhecimento histórico:

E o agave come, como pra se danar mesmo, inté tirando bagaço o caba era com as mãos toda ferida, dele comer, o agave come a mão como a mulinga. Nunca aconteceu acidente comigo não. Lá mesmo nunca aconteceu não. O agave, trazia e vendia ai em Mané Chicó. Eu puxei muito em máquina de mão, pra mim puxei muito, o agave era dali, da propriedade de mãe mesmo, lá tinha um campo de agave, era lá de Neco até aqui no canto da rua, tanto puxava de máquina de mão como no motor. Era de seca a inverno. Agora no inverno era mais ruim do que na seca, porque, no inverno era muita água, muito lameira, trabalhava, se fosse bagaceiro, ave Maria, sofria o diabo, era meio ruim. Eu criei os nove filhos, comecei a puxar quando, logo quando me casei, puxei agave, até quando o agave se acabou-se mesmo, quando não tinha mais agave. Foi em... de setenta pra cá, o agave foi afracando, inté quando acabou-se mesmo, quando não tinha mais agave.¹¹⁰

Levantando as mãos e as olhando como se estivesse lendo um texto Antônio Claudiano diz; “o caba era com as mãos toda ferida, dele comer, o agave come a mão como a mulinga”, essa era uma imagem bastante comum entre as pessoas que lidavam diretamente com o agave. Durante o processo de desfibramento, o agave liberava uma substância líquida que provocava grande coceira, o que fazia com o que o contato com esse líquido ou mesmo com as fibras, ainda encharcadas, fizessem as mãos verterem sangue, geralmente os trabalhadores precisavam amará-las, com panos ou trapos, numa tentativa de prevenção ou de estancar o sangue que vertia sem parar.

No entanto, quando Antonio Claudiano fala das dimensões trágicas do trabalho no motor de agave, faz questão de falar de forma a mostrar que mesmo em meio a dor e ao cansaço aquilo era “coisa de homem” de indivíduos fortes, robustos, quase animalizados e que não sentiam dor, não choravam, não amoleciam diante do sofrimento. O espaço do motor de agave não permitia expressões de sensibilidade. Qualquer expressão referente a isso poderia ser interpretada pelos outros homens como um símbolo da pouca masculinidade do trabalhador.

O corpo masculino, neste espaço de trabalho, tornou-se um depósito de estigmas, de signos que deviam evidenciar o papel do homem como dominador e representante da força física. Esses indivíduos se submetiam a todas as privações e imposições de trabalho que eram exercidas pelo dono do motor de agave. Mas, entre os outros trabalhadores ou no meio familiar eles reproduziam toda forma correspondente o sistema de dominação a que eram

¹¹⁰ Antonio Claudiano Fidelis, entrevista concedida em 13/08/2013.

expostos. Para esses trabalhadores homens, toda a dor física deveria ser sentida e suportada sem queixas e lamúrias, pois não era permitido a demonstração de sentimentos, de nenhuma fraqueza ou sensibilidade. Qualquer sentimento poderia ser lido como sinônimo de fraqueza e desonra, e a honra masculina do homem nordestino não poderia ser questionada.

Isso se configura como uma das maiores violências que o mundo do trabalho nos campos e nos motores de agave operou sobre os homens. O regime de trabalho imposto para esses indivíduos funcionou também como produtor de sensibilidades, de condutas morais e subjetivas. Do corpo masculino do homem nordestino da região de Cubati, da década de 1930 até a década de 1980 reprimiu-se as formas sensíveis de expressão dos sujeitos humanos e isso tinha um objetivo claro de proporcionar a paz e disciplinação no ambiente de trabalho. Esses homens, vivendo num espaço masculino tinham que se igualar aos demais, tinham que falar “coisa de homem,” não podiam, em muitos casos nem sequer se misturar com as mulheres.

No caso de Antonio Claudiano, quando pergunto a ele sobre a convivência entre homens e mulheres, ele mostra que havia uma separação entre os sexos, separação esta que não era apenas originária de uma “divisão social do trabalho”. Existiam também implicações morais, baseadas numa concepção de que o homem é livre, pode expressar-se de qualquer forma, pode exprimir de forma violenta suas palavras.

Home, eu nunca trabalhei em motor de agave que tinha que dissesse isso não. Porque lá em compadre Luiz mesmo, as fibreiras pegava a fibra e do jeito que pegava já ia simbora, ia aprontar a fibra pra lá e nunca vivia debaixo de motor não. Agora nesses outro motor, saia palavrão que só a mulesta, nesse de Deusdede, nesse outro tinha palavrão. Nesse tempo tinha pra danado, todo canto era motor de agave, todo mundo trabalhava em motor de agave. Muita gente trabalhava.¹¹¹

Embora afirme que a prática do desrespeito com as mulheres não acontecia, ou pelo menos, não era visível nos lugares onde trabalhou, ele reconhece que era uma prática comum. Geralmente essas mulheres eram vistas como objetos de desejo, de um desejo sexual que deveria ser evidente entre os machos. Quando fala que “saia palavrão que só a mulesta”, ele confirma uma questão que é comum entre os narradores do sexo masculino. Por isso mesmo, acredito que no motor de agave não existiam apenas as questões físicas que separavam homens e mulheres, eram também questões subjetivas e discursivas que proporcionavam e legitimavam tal separação.

¹¹¹ Antonio Claudiano Fidelis, entrevista concedida em 13/08/2013.

Essa é uma, predominantemente, visão masculina. Passa pelos filtros do ser homem, do ser macho, dominador e muitas vezes agressivo. E o que as mulheres dizem sobre isso? Como narram essa violência simbólica a que eram submetidas? Julieta de Castro, também ressalta em sua narrativa o desrespeito e a desvalorização a que as mulheres eram submetidas no trabalho com o agave, uma violência que se operava também a partir do não pagamento, portanto da exploração do trabalho feminino:

Porque quando a gente chegava pra pegar o dinheiro, sabe o que ele dizia? “Eu não tenho dinheiro não”. Oxente. E eu num trabalhei? E eu num já dei o serviço? “Vá buscar dinheiro no inferno, vá”. Ai eu saia chorando, as lágrimas descendo. Nesse tempo a feira era ali, a feira era ali na frente da rua. Eu chorava, chega soluçava de tanto chorar. Tinha um banco de gelo. Um velho que vendia gelo. Ele já morreu. Ele teve tanta pena de mim, que olhou pra mim e eu disse. Olhe eu sai não trouxe nada de casa pra tomar ao menos um copo de gelo com pão doce e fui pedir o dinheiro, o homem faz isso comigo. Ai o véi disse “pegue minha fia o copo de gelo”, eu não me esqueço nunca disso.¹¹²

Por trás dessa violência estavam homens marcados pelo signo da masculinidade, homens que eram, em grande medida, produtos de uma maquinaria de produção de subjetividades, produtos de um discurso que atravessavam os corpos e enrijeciam os sentimentos, o corpo e as práticas cotidianas. Esse discurso promoveu um apagamento de tudo aquilo que é do campo afetivo e sentimental, o corpo deve ser lido:

O corpo masculino é um corpo apagado naquilo que é mais próprio, um corpo sem sensibilidade, um corpo castrado na expressão livre dos efeitos trazidos pelos afetos das coisas e das pessoas. É um corpo domado, enrijecido, construído como uma carapaça muscular, que visa a protegê-lo do mundo exterior. Um corpo que busca ser impenetrável aos afetos externos, que tem medo de tudo que o ameace violar ou atravessar, tudo que o possa amolecer, desmanchar, delirar. O corpo masculino é pensado como um corpo instrumental, um corpo a serviço de si mesmo, autocontrolado, autocentrado, autoerotizado, autista, fechado, travado. O corpo masculino teme a fuga, teme o desejo, teme o afeto, teme tudo que o possa arrastar para fora de si mesmo, possa gerar o descontrole, a abertura, a fragmentação, a viagem. Corpo pensado e treinado para se defender, para dominar a si mesmo e a outros, corpo treinado para ser reativo a tudo que vem de fora, corpo reacionário. Corpo adormecido, corpo censurado, corpo anestesiado, corpo pânico. O corpo masculino pensado e modelizado pela cultura judaico-cristã, pela cultura burguesa, é um corpo censurado e instrumental, um corpo docilizado, um corpo com medo de corpos (ALBUQUERQUE JR., 2010, p, 25).

¹¹² Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

Essa virilidade do corpo masculino pode ser observada também nas raras fotografias da época. Embora sejam bastante raras elas possibilitam o entendimento de que o trabalho com o agave era uma prática masculina. As mulheres, mesmo existindo ficavam separadas, longe do convívio dos homens, que apareceram nas fotografias como sujeitos fortes, inscritos sob essa violência que constrói o corpo e as subjetividades. A fotografia é também um discurso, cria uma imagem e a reproduz, contudo essa imagem não é inocente, não é inerte, ela tem uma relação estreita com o momento em que é produzida e com os sujeitos que a compõem (os que aparecem na cena e o sujeito que fotografa).

A fotografia deve ser entendida, no discurso do historiador, como um documento, que como qualquer outro deve ser interpretado, questionado. Ela só é possível a partir de uma intencionalidade, o que faz toda a diferença, porque essa intencionalidade é que vai organizar o cenário de produção, a disposição dos corpos e dos objetos. Contudo, a análise e a interpretação que o historiador faz da fotografia não pode ser limitada pela descrição daquilo que é visível, ela deve buscar os seus significados, os seus discursos nivelados pela cena. Como dirá Roland Barthes (1984, p, 27), “A foto-retrato é um campo cerrado de forças”. Na fotografia se cruzam imaginários, sentidos e a própria intencionalidade do fotógrafo e das pessoas/coisas/paisagens que são fotografadas.

Contudo, a leitura da imagem ou a interpretação que se constrói a partir dela estava ainda perpassada com questões temporais e sensíveis. Para João Batista Gonçalves Bueno (2011, p, 78):

[...] as construções das leituras de fotografias representam formas de interlocução que se estabelecem entre os leitores que interpretam a imagem visual e seus autores, e que este ato de leitura por ser pluridimensional é também historicamente datado, podendo ser mediado, confirmado ou contestado por outras informações derivadas de textos escritos ou de outras imagens visuais. Acredito que a experiência cultural e visual do leitor (historiador) são decisivas para a construção das análises desses tipos de documentos, pois o ato de olhar pressupõe tempo e sensibilidade para identificar as diferentes possibilidades de interpretação que as imagens visuais suscitam.

O historiador José Luciano de Queiroz Aires aponta quatro condicionantes para a leitura de uma fotografia como documento histórico. Acredito que esses quatro elementos podem nos auxiliar a entender as fotografias desses trabalhadores do agave como um discurso macho, viril, falocêntrico e moralizador, construtor de corpos e de sentidos. Para o autor:

O discurso do índice na fotografia aponta para quatro condicionantes: 1) a *conexão física*, a imagem captou algo que realmente existiu na frente da objetiva; 2) a *singularidade*, a foto revela a presença de um único referente; 3) a *designação*, as indicações sempre presentes do “veja”, “olhe” e, 4) o *testemunho*, ao atestar a existência de uma determinada realidade (2013, p, 244).

Geralmente quando conversava com alguns moradores de Cubati eles indicavam uma pessoa que possuía alguma fotografia antiga da cidade. As fotografias que traziam alguma imagem relacionada ao período da produção do agave foram verdadeiros achados, muitas vezes eram guardadas com certa devoção, como um pedaço importante das memórias individuais.



IMAGEM 12 - Registro fotográfico do trabalho no motor de agave observa-se unicamente a presença masculina. Era também comum encontrar-se crianças envolvidas naquela atividade

Fonte: João Batista de Lima

Vemos que esta fotografia apresenta os trabalhadores, que pararam seu trabalho para posarem para o fotógrafo. Ela apresenta seis homens adultos e duas crianças que estão dispostos entre os animais e a máquina de desfilar o cizal. Os dois homens da esquerda estão com aventais e por isso deveriam ser os puxadores, os aventais de couro de lona faziam com que o sumo do agave não atingisse o corpo durante o desfibramento. O homem ao seu lado e uma das crianças estão ao lado de um jegue que carregava as folhas do agave, pois as crianças ajudavam no transporte das folhas, ora carregando folhas, ora conduzindo os animais de carga. As crianças deveriam fazer tal trabalho, de carregamento ou ajudando as mulheres

na limpeza e secagem das fibras, desde muito cedo já eram expostas ao regime de trabalho de muitas horas diárias.

Dentro do espaço do motor de agave, os puxadores além de serem responsáveis por comandar o andamento da produção eram também, em muitos casos, os homens de confiança do patrão, por esse motivo eram mais respeitados pelos demais. A presença masculina, inclusive de meninos, era dominante. Ali mulher não tinha espaço, eram destinadas a outros espaços, longe dos homens. Observa-se na imagem as precárias instalações onde o motor era colocado, geralmente debaixo de uma árvore de sombra. Era ali onde esses homens viviam, se alimentavam, conversavam e estabeleciam suas relações sociais e afetivas. A fotografia deixa ainda evidente outros pontos, a utilização de animais para o carregamento da fibra (jumento), a instalação do motor e o banco onde eram colocadas as folhas de agave. O que chama a atenção de quem observa a imagem são as vestimentas dos homens que trabalhavam no motor, feitas de couro ou de uma grossa lona, serviam para proteger o corpo, o máximo possível, da coceira causada pelo contato direto com o agave. O chapéu de palha protegia contra o sol escaldante.

O trabalho de crianças era uma realidade, eram sempre crianças do sexo masculino, que aprendiam a serem machos já nos primeiros anos de idade, o trabalho no motor de agave além de sequestrar a infância, os inseria, violentamente, dentro de um universo discursivo de construção de subjetividades, em que a força, a virilidade e o apagamento das sensibilidades era muito forte.

Sobre o trabalho infantil nos campos de agave pouco se fala, há um silenciamento ou um apaziguamento dessa questão, quando alguns narradores falam da presença infantil no trabalho. Afirmam que era comum, porém só realizavam tarefas leves, que exigiam pouco esforço físico. Eram aprendizes, não só de uma atividade laboral, mas de um conjunto de normas e condutas, aprendiam desde cedo a ética do ser homem, do ser macho, trabalhador, feito pelo e para o trabalho.



IMAGEM 13 - Em 1972 é fotografado um carregamento de fibra de agave que deixava os armazéns em direção à cidade de Campina Grande. Homens e crianças “pousavam” para essa fotografia. É importante perceber que os homens não estão na fotografia de maneira alheia, ao contrário, eles se exibem, impõem-se enquanto sujeitos forçados numa cultura em que o corpo masculino não pode ser um “corpo mole”, mas é rígido, imponente. Um deles traz na cintura um segundo falo, uma pexeira que desembainhada defende sua honra e seu nome e dos seus.
Fonte: Dona Preta de Rafael

Além de estarem submetidas a um trabalho forçado, essas crianças perdiam a oportunidade de estudar, o que se agravava com as carências de escolas no campo. Na visão dos agricultores, colocar as crianças para trabalhar além de possibilitar um maior lucro para o sustento, constituía em uma estratégia para a sobrevivência e manutenção do núcleo familiar. Os homens, quando mais velhos, já eram educados para sustentarem a casa, cuidar da honra da matriarca, de suas irmãs, caso o pai viesse a morrer. No interior do Nordeste, isso era muito comum. Os meninos eram formados para serem futuros pais, capazes de, com a força do trabalho, sustentar a casa e a família. Com as mulheres mais velhas ocorria o mesmo, elas eram também responsabilizadas pela manutenção do lar e inseridas nesse contexto, envolviam também seus filhos.

Dona Hélia é uma senhora de sessenta e três anos, que quase todos os dias passava em frente a minha casa para o mercado. Lá ela comprava cigarros e ração para os inúmeros gatos que criava e ainda para os que ali apareciam. Quando me contou suas memórias, disse-me que trabalhou no motor de agave desde os onze anos de idade, pois seu pai queria todos os filhos trabalhassem. Enquanto narra suas memórias um de seus gatos chega na sala e ela interrompe a narrativa e me diz; “olhe, esse veio num sei de onde, agora tá por aqui”. E então retoma às lembranças de seu pai Dona Hélia e fala de como veio para Cubati. Ela conta que seu pai deixara o Estado de Alagoas por um desentendido com a família: por ter casado com uma

negra. Para a família, ele havia sujado o sangue com o casamento. A pequena e morena Hélia, tinha apenas sete anos de idade quando veio para Cubati:

E eu comecei a trabalhar eu tinha onze anos, quando comecei a trabalhar no motor de agave com meu pai. Ai meu pai morreu e eu continuei. Trabalhei em motor de agave até os trinta e cinco anos, mais ou menos. Depois eu fui mimbora pra Campina, fui trabalhar, na casa do povo. Ai voltei e traballhei mais um ano ou dois, ai fui embora novamente. E assim minha vida foi todinha em motor de agave. E eu nunca recebi abusos de nenhum, tudim gostava de mim, eles me ajudava também na fibra [trecho incompreensível]. E eu num achava ruim trabalhar não, toda vida eu gostei de trabalhar. Eu não to trabalhando agora porque não posso. Porque meu pai botou a gente pra trabalhar, eu e meus irmãos. Nós num fumo criado vadiando não, fomos criados trabalhando. Do mesmo jeito eu criei meus meninos, tudim trabalhando comigo.¹¹³

Mesmo depois da morte de seu pai ela continua trabalhando como fibreira, posteriormente seus filhos terão o mesmo destino, acompanhá-la diariamente no trabalho, cortando folhas de agave no campo ou estendendo fibra, cada um em uma função, mas todos trabalhando, se tornando sujeitos forjados por aquela atividade, nas palavras dela. Ela dizia que hoje em dia é muito diferente pois o trabalho não é mais uma regra entre as pessoas. No motor de agave suas crianças; “Amarrava e cortava, junto comigo, eu na fibra e um amarrando e o outro cortando. Hoje em dia é que ninguém não quer trabalhar mais”.¹¹⁴

A constituição discursiva que constrói esse tipo homem está também diretamente ligada com questões biogeográficas¹¹⁵, ou seja, ele aparece como um produto da própria natureza, as características físicas e morais dele são também as da vegetação, dos animais e dos solos nordestinos, ele é adaptável a seca, resistente às pragas etc., a adaptação seria sua característica mais marcante.

¹¹³ Maria Hélia de Sousa, entrevista concedida em 22/12/2014.

¹¹⁴ Maria Hélia de Sousa, entrevista concedida em 22/12/2014.

¹¹⁵ Sobre a construção desse discurso da masculinidade ver, ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. Homens de fibra: uma história das subjetividades masculinas no Nordeste no começo do século. In; _____. **Nos destinos da fronteira**: história, espaços e identidade regional. Recife: bagaço, 2008, pp,312-326.



IMAGEM 14 - O carregador de agave se exhibe para a fotografia junto um grande fardo de fibra, imponente e forte, seu corpo é escrito a partir de códigos de conduta que modelavam o “macho”. Exibir um fardo de agave, posar para foto ao lado dele não é algo muito comum. Esses homens registravam ao lado do fardo, pois o seu peso poderia indicar a força do seu corpo. Hoje em dia, já idosos, eles guardam fotografias assim para demonstrar como eles tinham vitalidade e força física.

Fonte: Francisca da Silva Alves

Os trabalhadores do agave, os homens e as mulheres, estiveram, portanto, inseridos dentro de um conjunto de discursos que lhes constituíam, que forjavam suas existências, seus sentimentos e seus corpos, corpos (in) dóceis ao trabalho e às relações sociais ali criadas. Ser trabalhador no agave não era fácil, era bom, como diz Ernando Lopes, mas não era nada fácil ser quebrado, ser triturado por aquela maquinaria.

“Menino, eu cantava tanto, era aquelas canção bonita do tempo antigo”¹¹⁶: a invenção da felicidade

Intempestivo e desafiador o filósofo do martelo, Friedrich Nietzsche, diz que “está mais do que no tempo de avançar contra os descaminhos do sentido histórico, contra o desmedido gosto pelo processo, em detrimento do ser e a vida” (NIETZSCHE, 1983, pp, 69-

¹¹⁶ Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

70), diante disso cabe questionar, como seria possível o historiador deixar, pelo menos em parte esse gosto, esse apego exacerbado pelo cronológico, pelo sentido linear que a história apresenta? Seria possível ir contra a noção de processo histórico e criar uma historiografia do ser e da vida, portanto, dos sentimentos, dos desejos, das construções simbólicas da existência?

A história das sensibilidades se preocupa com isso, procura causar uma rasura no conhecimento histórico e prioriza a dimensão subjetiva dos sujeitos, suas interpretações de mundo e de si mesmas. Esta corrente historiográfica trabalha com as representações que os homens, através do tempo, construíram de si mesmos e do mundo, é uma forma de apreensão e de conhecimento que é racional, metodologicamente orientado, mas que parte de questões subjetivas. Sandra Jatahy Pesavento (2007) diz que:

As sensibilidades se apresentam, portanto, como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecimento. O sentimento faz perdurar a sensação e reproduz esta interação com a realidade [...]. As sensibilidades são sutis, difíceis de capturar, pois se inscrevem sob o signo da alteridade, traduzindo emoções, sentimentos e valores que não são mais nossos [...] o historiador, ao trazer o passado para o presente precisa dar a ver esta diferença no tempo, ao recriar uma temporalidade, distinta do passado e do presente, temporalidade esta onde estejam contidas as formas de ver e sentir dos homens de uma outra época (pp, 14-15).

Em algumas narrativas, os trabalhadores contam histórias em que o trabalho árduo, o assujeitamento, àquela disciplina do trabalho eram revestidos de outros significados. Através de cantos, de conversas, o cotidiano era intentado de mil maneiras (CERTEAU, 2012), mesmo estando submetidos a um trabalho rotineiro, muitas vezes suas forças físicas eram exploradas ao máximo. No entanto, essas pessoas não cessavam de criar ações de resistência, que muitas vezes eram representadas pelo ato de construção de relações de afetos que poderiam dar diferentes sentidos para a vida do trabalho e da comunidade em que viviam.

Era comum se ouvir, em meio aos grandes campos de agave, ou perdido entre o barulho ensurdecedor do motor o canto dos trabalhadores. Um canto de alegrias que parecia querer anular as tristezas e as amarguras do corpo e da alma. “Músicas do tempo antigo”, como se refere Julieta de Castro, ao rememorar o seu tempo de trabalho ao som que surge do pequeno rádio de sua casa, Dona Julieta narra algumas recordações alegres, o cantar se tornava, em meio ao trabalho exaustivo, uma via para o divertimento e até mesmo para o esquecimento daquela situação a que estavam expostas desde a infância:

Cantava, era alegre. A gente era alegre. Você acredita que a gente comia feijão puro, sofria demais, mais a gente era alegre? Menino, eu cantava tanto. E aquelas canção bonita do tempo antigo. De vez em quando sai no rádio aqui e eu me lembro. Eu digo, olhe era do meu tempo, que eu trabalhava. Era alegre. Tinha saúde, a gente tinha saúde viu. Pense numa saúde que a pessoa tinha. E era disposta. Povo ficava assim, eu pegava cada fecho de agave. O povo dizia, “essa menina quando ficar mais velha fica aleijada”, mas graças a Deus não fiquei não. Eu tenho saúde, num tenho saúde nos ossos, mais eu tomo remédio, bati chapa, porque deu um problema, uma coisinha de artrose, mais a gente tinha saúde. A gente era alegre. Quando era no domingo de noite, a gente vinha pra igreja, pras festas, aqui em Cubati. Oxente, tinha festa no mercado, a gente dançava até o dia amanhecer, aí quando dava três horas a gente ia pra casa, eu e comadre Luzia, sozinha, hoje ela mora em São Paulo, em Piracicaba. Ai nois ia pra casa, naquele corredor vei escuro. Quando foi um dia, um cabra deu uma carreira atrás de nós, e nois entremos numa cerca de aveloz dessa finurinha e se escondemos, e o cabra dizendo “cadê elas?”, e nós em cima do cabra e ele nem via no escuro tão grande.¹¹⁷

Cantar se constituía em uma maneira de transpor a existência, de fugir, ao menos por um instante daquela realidade a que estavam inseridos. Cantava-se para distrair, mas também criar espaços de prazer em meio a diversidade da vida, percebemos pelo depoimento que as pessoas criavam esses espaços sensíveis. Sobretudo no lugar onde as mulheres trabalhavam. Cantar “as músicas do tempo antigo”, ouvia-se muito as músicas de Luiz Gonzaga, Vicente Celestino, Agnaldo Rayol, entre outros sucessos do momento e que podiam ser escutadas na rádio, ou pedidas através de um “postal sonoro”.

A alegria de Julieta de Castro se mistura com o trabalho, com a condição de ser mulher, nesse tempo ela conta que o trabalho era muito e a alimentação muito pouco, às vezes inexistente. Mas se cantava, cantava muito e “era alegre”. Me pergunto por que? Será que o simples fato de conquistar um trabalho, já era um acontecimento digno de festa? Será que para uma mulher que precisava se sustentar, conquistar um trabalho num motor já seria um alívio para a sua existência?

O discurso dessa mulher, objetiva revestir o trabalho de sentidos que lhes são próprios, ao falar da alegria que se criava ao cantar, ela abandona a noção de exploração do trabalho e cria um espaço narrativo que é só seu. Ela cria sua própria história. E por isso, ela nos possibilita o reconhecimento da existência de outras dimensões do conceito de trabalho. Dimensões que não são alienações, mas que possibilitam a exploração de outros lugares

¹¹⁷ Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

sociais, e que resultavam também num sentimento de prazer, de vitória pessoal e de independência, coisas que as mulheres donas de casa não tinham nestes anos em Cubati.

Ela narra suas alegrias, mas também foge, se desprende daquele espaço de trabalho e, passando por sua saúde, narra as suas memórias de jovem moça, festeira e namoradeira. Uma moça alegre, que aos fins de semana saía daquela rotina dura de atividades pesadas e ia para “festa no mercado” onde podia conversar, se encontrar, flertar com pessoas de sua idade. O forró ia até a madrugada, naquele espaço de divertimento eram forjados amores, paixões e novos sentidos para a vida. Julieta de Castro, depois da missa seguia para aquele que seria uma das poucas oportunidades de divertimento para a juventude de seu tempo.

Julieta de Castro, era moradora da parte urbana de Cubati, portanto os espaços de lazer e de divertimento, onde a alegria habitava o cotidiano dessas pessoas, são completamente diferentes daqueles vivenciados pelas pessoas que habitavam o campo. O forró a que ela se refere, acontecia semanalmente após as celebrações católicas, no mercado público, onde hoje se localiza a Praça Central da cidade. Um sanfoneiro, um zabumbeiro e a festa estava feita, aquele espaço de comercialização, de troca e venda de produtos se tornava um espaço musicado, ritmado pela alegria e pelo encontro de pessoas do campo e da cidade, que ali podiam se divertir, rir, beber e amar. Por isso mesmo Julieta de Castro fala com saudade desse tempo, refere-se em alguns momentos a suas amigas, que lhe acompanhavam nas (des) venturas afetivas:

Eu tenho, eu tenho tanta saudade do meu tempo. Mãe deixava a porta escorada com um pano, e a gente chegava de três horas da manhã, às vez de quatro hora. Eles ainda tava dormindo, aí nós entrava de ponta de pé, caladim. Tirava a chinela pra eles não dá fé.¹¹⁸

Essa saudade que ela expressa em sua vida é na verdade uma ausência, daquilo que ela foi, uma ausência de sua juventude, de suas alegrias que embora fossem poucas eram significativas para sua existência. Ao narrar essas recordações ela trava uma luta contra o esquecimento. De fato, ela não quer que aquilo que foi vivido de forma tão intensa seja apagado de sua memória. A saudade se projeta então como sombras¹¹⁹ sobre seus tempos e

¹¹⁸ Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

¹¹⁹ Sobre a saudade e sua relação com a história das sensibilidades, sugiro a leitura do texto de Durval Muniz. Cf. ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In; ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, pp, 117- 139.

sobre as sinuosas imagens do passado. A saudade revela imagens sensíveis de si mesmo e das coisas, dos espaços.

No espaço rural o divertimento e a alegria tinham os mesmos sentidos, porém se davam de maneiras diferentes. Uma fogueira, uma brincadeira de roda ou um “samba” no armazém da fazenda reuniam famílias diferentes, mas que eram unidas pelo mundo do trabalho. Em alguns casos surgiam até mesmo casamentos, constituíam famílias a partir daqueles forrós, que geralmente aconteciam aos sábados e domingos nas sedes das fazendas em que os trabalhadores se reuniam. O forró reunia os adultos enquanto as crianças formavam outros grupos para brincar de roda ou anel. Para algumas pessoas aquilo era a pura felicidade.

Mas, por que essas pessoas valorizavam tanto esses momentos? Quais os significados que atribuíam aqueles encontros? Em que momento a alegria aparece na numa narrativa marcada pelas lembranças de um trabalho tantas vezes penoso e tão cansativo?

Em outra narrativa, a alegre e respectiva senhora Maria de Lourdes conta das alegres noites de fins de semana na fazenda São Domingos, uma das maiores produtoras de agave de toda a região do Seridó paraibano. A fazenda de João Jerônimo, como era comumente conhecida, aparece em várias outras narrativas de trabalhadores, como um lugar de grandes campos de agave, onde eram virados¹²⁰ três ou quatro motores durante o ano todo e ainda não se dava conta de todo o agave.

A referida fazenda reunia um expressivo número de moradores, que recebiam uma pequena parcela de terra para trabalhar e uma casa de morada, e em troca, destinavam alguns dias de seu trabalho e parte de sua produção para o dono da fazenda. Talvez, a fazenda São Domingos tenha sido o mais evidente exemplo do sucesso da produção de agave na segunda metade do século XX em Cubati. Hoje, destinada ao assentamento de Trabalhadores do Movimento Sem Terra, ainda conta com uma grande casa e alguns armazéns que outrora serviam para fazer os fardos de agave.

Esses armazéns eram também o lugar do forró, da alegria e do divertimento, ali Basto de Dorinha, um boêmio sanfoneiro bastaste conhecido na cidade puxava o velho fole e rasgava a noite com sua musicalidade, fazendo os trabalhadores do agave e as pessoas que ali chegavam dançar, se alegrarem e traçarem caminhos de alegria, por um momento tudo era alegria. Fazendo moças como Maria de Lourdes terem contato com o amor, com a paixão. Foi através da música, do forró que ela conheceu Francisco, ou como ela mesma prefere se referir, “Chiquim”.

¹²⁰ A expressão “virar o motor” indica o funcionamento das máquinas desfibradeiras de agave, é um termo muito comum entre as pessoas que trabalharam nessa cultura agrícola.

Eu já casei quando tava aqui. Eu conheci ele lá, conheci num forrozinho. Lá na fazenda, lá em João Jerônimo, a gente era muito alegre, aí quando era no final de semana, aí juntava as famílias, a família de João Belo, uma negrinha que tinha, num sei se você conheceu. Aí, Basto de Dorinha morava lá e tocava sanfona pra gente dançar no final da semana, e quando foi num fim de semana tava a gente dançando e eu vi Chiquim lá, e me apaixonei, foi amor a primeira vista. Aí vim morar aqui em Cubati, meu pai quis vir embora, quis deixar o serviço. Aí viemos aqui pra Cubati, aí casei aqui já. No forró era só pessoal da fazenda, a única pessoa que tinha de fora era meu marido, que nessa época trabalhava lá, era meu marido e Chico de Pedro Daluz, num sei se você conheceu. Teve outros casamentos, o de Rita. Os forró era bom, antigamente, até uma batucada naqueles armazéns animava a gente, naqueles armazéns, eles pegava uma lata e começava a bater naquela lata. Sempre tinha, todo final de semana a gente tinha que se divertir. Trabalhava a semana toda e no sábado pro domingo, às vezes no sábado a noite, fazia aqueles forró ou ia brincar de roda. A vida era muito feliz, tudo era festa, tudo era alegria, nessa época. Antes de casar, ele já trabalhava lá. O tio dele tinha um motor, Biu Maciel, num sei se você lembra dele. Aí o finado Biu morava lá e ele foi pra lá. E começou a trabalhar no motor do finado Biu e começamos a ficar, e estamos até hoje.¹²¹



IMAGEM 15 - Sede da fazenda São Domingos. Esta casa pertencia ao Sr. João Jerônimo e foi sede de uma das maiores fazendas produtoras de agave da região. Nela foram empregados uma grande quantidade de trabalhadores. A velha casa, localizada às margens da estrada da fazenda São Domingos continua sendo, nos dias de hoje, um lugar de memória para as pessoas que por ali passam, ou que ali trabalhavam.

Fonte: Acervo Pessoal.

Como ela fala em sua narrativa, aconteceram também outros casamentos. Outros amores foram tecidos a partir daqueles espaços de alegria. Sua narrativa é semelhante ao seu semblante durante nossa conversa, alegre, sereno. E muitas vezes ria, de si mesma, da

¹²¹ Maria de Lourdes de Oliveira Santos, entrevista concedida em 22/12/2014.

inocência que tinha naquela época, de trabalhar tanto, de sofrer tanto e achar bom, e gostar daquele universo que habitava. Mas por que gostava tanto? Quais os motivos que lhe proporcionam tamanha afetividade com o passado?

Sobretudo, sua alegria está relacionada com o lugar em que vivia, morando com os pais, e seu pai sendo o administrador da fazenda de João Jerônimo, ele viu na prática, o surgimento e o desenvolvimento do sonho de muitas pessoas. O agave, aquela planta desconhecida que em muitas pessoas causava medo, era para ela um verdadeiro milagre, o Nordeste seco e quase inóspito se transformava, diante de seu olhar, em um imenso campo de agave, um mar verde, onde inúmeros homens e mulheres trabalhavam e ganhavam o sustento para suas famílias.

Era uma a benção de Deus, porque se não fosse o agave naquela época meu filho, o povo ia passar uma necessidade terrível. Na época era só a lavoura e o agave. Na minha juventude era só o agave, o algodão e o legume. Assim, era a agricultura. Era melhor em João Jerônimo, ganhava mais, mais era muito atribulado, era muita mulher, muito homem.¹²²

As imagens que ela constrói do passado, se articulam a aspectos sensíveis de quem viveu diretamente, todo aquele processo. A chegada do agave, a sua rápida expansão pelos campos e os grandes sucessos obtidos pelos fazendeiros, que chegaram a “lastrar o mundo com agave”, a fazenda de João Jerônimo, como dito anteriormente, foi o mais expressivo caso de sucesso daquele empreendimento. Sucesso, evidentemente, para os fazendeiros, para quem lucrava com a comercialização da fibra, aos trabalhadores, restava ganhar o dinheiro da feira, de comprar o básico para o sustento família. “Mais era alegre”, como diz Maria de Lourdes, ou, como me disse Ernando Lopes, sorridentemente sentado no sofá daqui de casa, “Era bom demais”.

Mas ao ouvir esses relatos sempre me perguntava: Que alegria era essa? Em que consiste ser alegre em um contexto de exploração social do trabalho em que por vezes faltava até alimentação? Acredito que, esse saudosismo, presente na narrativa, sobretudo, das pessoas idosas, está intimamente ligado a um sentimento de utilidade, de ser útil para alguma coisa ou para alguém. Prover as necessidades da família, ser visto como um bom trabalhador concedia a esses sujeitos uma satisfação moral e social, era como que, a partir de sua utilidade no trabalho eles fossem também úteis a sociedade e ao próprio sistema produtivo. O velho, mesmo aquele bem cuidado, se sente excluído, não apenas pelos seus, mas por toda a

¹²² Maria de Lourdes de Oliveira Santos, entrevista concedida em 22/12/2014.

sociedade. Nesse sentido o ato de narrar e ter quem o escute já lhe torna útil, portanto alegre. Existe uma alegria por trás da narrativa do idoso.

Ecléa Bosi (1999) em seu trabalho sobre memórias de velhos, assume abertamente sua opção de defender os idosos. Para a autora:

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ela já não é produtor nem reproduzidor [...]. O velho não participa da produção, não *faz* nada: deve ser tutelado como um menor [...]. O velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então a velhice desgostada, ao retrain suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo (p, 77-83)

Em todas as entrevistas que realizei, sobretudo, com as pessoas mais idosas percebi que havia uma alegria naquelas pessoas, se sentiam até mesmo importantes, porque sabiam que elas eram importantes para mim, sabiam que sem a sua narrativa o meu texto não existiria. Por um instante aquele sentimento que habitava as conversas me faziam lembrar e viver a famosa frase de Benedetto Croce, citada por Hayden White: “*Onde não há narrativa, não há história*”.¹²³

Socialmente podemos perceber que:

Há uma sensível antipatia pelos velhos, descritos indistintamente como moribundos, como amontoados de órgãos e não como pessoas humanas. O idoso é pensado atualmente como alguém marcado pelos signos da incapacidade e da dependência. Isso assusta os jovens porque parece ser o seu futuro, e os afasta porque o cuidado é algo desvalorizado no presente, tempo da velocidade e do individualismo. Aos velhos, na sociabilidade contemporânea, diz Elias, só há o acolhimento da caridade ou da condescendência. A eles é impedida a construção de uma vida dotada de sentido, uma vez que acreditam estar vivos quando, na verdade, estão mortos para os outros que o rodeiam (AGRA DO Ó, 2008, p, 390).

Mortos socialmente e triturados por uma máquina de produção de sujeitos ativos, economicamente e sexualmente, esses idosos são descartados, tidos como sem importância, como seres insignificantes. Nem mesmo aquilo que falam é mais digno de crédito, as mãos trêmulas e sem firmeza não são mais capazes de produzir nada, as pernas frágeis não mais

¹²³ WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea. In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogerio Forastieri (Orgs.). **Nova história em perspectiva**, vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, pp, 439-483.

caminha, o rosto torna-se apático. O velho tem seu corpo desenhado por traços biológicos e discursivos. Quem escuta o velho? Quem o procura para uma conversa?

Assim, acredito que essas narrativas permeadas pela alegria não são apenas uma contação de memórias alegres. Não nego que seja possível que essas pessoas tenham tido experiências felizes, cheias de alegrias, de encontros, de cantos, de risos, o que quero dizer é que, a experiência e a memória feliz¹²⁴ são um encontro do passado, das lembranças construídas sobre o tempo e a narrativa que se institui a partir da conversa com quem lhes dá atenção, com quem reconhece a importância de suas vidas. Morto socialmente, o velho revive alegremente através da narrativa.

No próximo capítulo me dedico a perceber algumas particularidades das narrativas dessas pessoas, tentando, dessa forma entender quais são os pontos que muitas vezes são ignorados por uma historiografia tradicional. A partir do rememorar proponho uma discussão a cerca da memória e do esquecimento na constituição poética da narrativa. Por fim, proponho uma discussão de gênero, não para defender ou acusar, mas para demarcar os sistemas de constituição discursiva dos corpos e das subjetividades, principalmente quando se trata das mulheres, quase sempre excluídas das análises que percebem a cultura do agave como um tema meramente econômica.

¹²⁴ Ver. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

CAPITULO III

“ERA PRA EU CONTAR MUITA HISTÓRIA”: A TESSITURA DO PASSADO, A HISTÓRIA ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

“Lembramos de um gesto ou de um riso mais do que de datas”.

Gilles Deleuze (referindo-se a Michel Foucault).

Quadros e imagens de memórias e sentimentos

“Eu gosto do absurdo divino das imagens”.

(Manoel de Barros, Caderno de aprendiz).

Quem entra pela porta do frente da casa do senhor Manoel Pereira de Souto, um senhor de setenta e três anos, localizada no sítio Bela Vista, se depara com dois grandes quadros dependurados na sala, cada um deles serve como gatilho para reavivar fragmentos de memória. Estes quadros estão ali como que para preservarem o passado e o protegerem do esquecimento. As belas molduras prateadas concedem ainda mais beleza aquelas duas imagens que ficam evidentes na sala, muito mais dos que os comuns quadros do Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria, que geralmente ornamentam as paredes das casas de famílias simples da zona rural, ou dos quadros do retrato do patriarca e da matriarca da família. Um dos quadros pode até trazer imagens facilmente encontradas em tantas outras casas, é uma foto ampliada e emoldurada do casamento de senhor Manoel. Pela beleza e pelo significado este quadro ocupa um lugar de destaque, o centro da parede, neste espaço esta imagem ficar visível aos que chegam naquela sala.

Chegando naquela casa e batendo palmas, em sinal de chamado, espero que alguém venha e abra a porta, minha ansiedade era de quem aguardava um importante encontro, algo que poderia me afetar profundamente. Um dia antes tinha passado a manhã inteira na varanda de uma casa bem próxima dali, onde respirando a suave brisa que vinha de uma extensa área de caatinga, conversei e ouvi as narrativas de um velho senhor, Francisco Maciel Neto, ou como é conhecido por todos, Chico Velho.

E diante mim, quase que oculta em meio ao escuro do interior da casa, a senhora, esposa de seu Manoel, me recebe docemente. Um aperto de mão e um abraço pareciam me introduzir naquela casa, na memória dos que ali viviam, eu era bem-vindo. Mais uma vez, pude perceber que entre o pesquisador e as pessoas que lhe dão informações, colaboram com ele, deve existir uma relação de empatia, certa intimidade. Não se fala de nossas lembranças para qualquer um, é preciso confiar nas pessoas que nos escutam.

A outra imagem não saía de minha cabeça. A senhora, imediatamente me convidou para o espaço preferido dela: a cozinha. Naquele amplo espaço, um quadro da Santa Ceia era suspenso de frente a mesa, mais adiante um fogão à lenha conservava sua vitalidade, o

perfume de uma grande panela de feijão que fervia, me fez recordar tantas casas que frequentei em minha infância, tantas histórias que escutei enquanto me escorava na taipa do fogão, e sendo moleque fazia ali algumas travessuras. Mas, a mulher interrompeu minha rememoração e me convidou a sentar, me apresentou seu esposo, um senhor magro, alto, sorridente que usava o mesmo chapéu de couro que estava na fotografia que ainda estava na minha mente.

Após me receber, com um forte aperto de mão e alguns gestos de receptividade ele me convidou a ficar mais à vontade em sua casa, me conduziu para uma ampla varada, onde alguns periquitos engaiolados entoavam uma triste sinfonia. Aquele senhor me apresentou uma cadeira e disse: “Mas vamos, sente aqui, puxe uma cadeira”, exclama ele retirando umas coisas que ocupavam a mesa, e abrindo espaços para que ali, mais livremente pudesse contar algumas de suas memórias. E em meio uma agradável conversa, eu pergunto a ele sobre o quadro, visto logo em minha entrada na sala. Foi aonde? Em que ano? Sua resposta é quase imediata.

Ah, foi em 1981, na fazenda de João Jerônimo. Eu trabalhei muitos anos ali na fazenda, era o maior campo de agave que tinha por aqui, era tanta fibra, tanta fibra que ele botou uma batedeira naqueles armazéns. Hoje tá se acabando, mas era muito agave. Batedeira em Cubati acho que só tinha três, a de João Jerônimo, a de Osvaldo e a de Severino Ramos, lá no Olho D'Água. Só tinha batedeira onde tinha muito agave.¹²⁵

O que era uma batedeira? Outras pessoas, a senhora Maria de Lourdes de Oliveira Santos, por exemplo, haviam se referido à existência de batedeiras na fazenda de João Jerônimo e na fazenda de Osvaldo. Ele me explica que a batedeira era uma grande máquina que limpava e fazia os fardos de fibra de agave, segundo ele, da batedeira o agave já “saía prontim, feito o fardo”. O agave, que era desfibrado nos campos, vinha para a fazenda no lombo de jumentos e mulas e era limpo logo após selecionado em enfardado pela batedeira, depois disso era carregado pelos caminhões e iam, segundo ele, direto para o Porto de Cabedelo.

Por terem uma alta produção e uma boa qualidade do produto, tanto a fazenda de João Jerônimo como a de João Ângelo funcionavam em Cubati como filiais da SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S. A) na região, uma grande firma compradora de agave, algodão, mamona, além de outros produtos agrícolas que se instalava em Campina Grande desde 1935, por isso eram enviadas direto para a exportação. A SANBRA se tornou

¹²⁵ Manoel Pereira de Souto, entrevista concedida em 07/01/2014.

em pouco tempo uma grande empresa campinense, representando o auge de uma economia que se sustentava a partir da produção e comercialização de algodão e agave, transformando-se numa verdadeira cidade, gerando muitos empregos.¹²⁶

Sendo uma filial da SANBRA, a fazenda São Domingos recebia semanalmente vários caminhões que transportavam os grandes fardos de agave, isso fazia com que fosse um lugar em constante movimento, onde pessoas estranhas se encontravam com os “candangos de motor” e com as fibreiras dos campos de agave. Em meio à conversa ele revela uma coisa interessante, o dono da fazenda, João Jerônimo, mandou certa vez que os trabalhadores fossem fotografados em suas atividades, no campo, na bateadeira e nos motores, as fotos seriam para fazer calendários. Não se sabe quem fez aquelas fotografias e nem quais foram os destinos delas.

E seu Manoel, diz com orgulho que aqueles calendários com sua foto foram espalhados por vários estados do Brasil, e diz com um certo orgulho que saber que tem até no Rio de Janeiro.

Tem cromo¹²⁷ com minha foto até no Rio de Janeiro, sabia? Fiquei sabendo que tem um até num posto de gasolina no Rio de Janeiro. Foi em oitenta e um. João Jerônimo mandou tirar essas fotos. Eu tenho uma. Tá lá na sala. Você viu?¹²⁸

Não tenho informação sobre a existência de outras pessoas que possuem fotografias como essas, o antigo dono da fazenda João Jerônimo, um senhor de idade bastante avançada não reside mais na cidade, a grande fazenda foi desapropriada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e destinado a Reforma Agrária. Quando aconteceu a invasão, é possível que muitos documentos, fotografias etc., tenham sido destruídos.¹²⁹

Nossa conversa é interrompida por uma ação daquele senhor. “Espere, vou ali pegar uma coisa”. E minutos depois, ele coloca na mesa o grande quadro que eu havia observado na sala de sua casa. “Tá vendo que bonito. Passou uns homens aqui, que fazia retrato, e eu

¹²⁶ Sobre a importância da SANBRA para o desenvolvimento industrial da cidade de Campina Grande, ver. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/sanbra.html#.VK8To8k2vIV>, no site ainda é possível ver algumas imagens, entre elas a de um homem manuseando fibras de agave. Acesso em 08 de Janeiro de 2014, às 20hs39min.

¹²⁷ Cromo é uma palavra bastante comum entre as pessoas mais velhas, o nome é costumam chamar os calendários.

¹²⁸ Manoel Pereira de Souto, entrevista concedida em 07/01/2015.

¹²⁹ A Fazenda São Domingos foi desapropriada e destinada para fins da Reforma Agrária através de um decreto presidencial de 19 de Dezembro de 2000. Ver. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/DNN9108.htm. Acesso em 08 de Janeiro de 2015.

mandei emoldurar, essa foto foi em 1981, na fazenda”. O quadro sob a mesa, fez com que muitas lembranças fossem despertadas, com que memórias aparecessem em sua narrativa de forma a se misturar com as sensações do presente, com a força que o rememorar trás.

Na fotografia, o senhor Manoel divide a cena com vários feixes de folhas de agave, enquanto põem alguns deles no burro ao seu lado esses animais foram fundamentais para as atividades ligadas à agricultura, sobretudo, quando nos referimos as atividades dos campos de agave, várias pessoas narram a existência de uma grande quantidade desses animais nos campos e motores, além se serem utilizados para o transporte das folhas, carregavam também a fibra e as próprias pessoas, como seu Chico Velho, que devido aos problemas de saúde nas pernas, percorria grandes distância no lombo de um burro.

Seu Manoel foi fotografado em sua atividade diária, de cambiteiro, o dono da fazenda parecia querer conservar através da fotografia o cotidiano de sua propriedade, a pujança econômica de uma atividade produtiva que havia possibilitado a ele ser o dono do maior campo de agave da região, fazendo com que tivesse inúmeras famílias a seu serviço, o dono da fazenda não tinha apenas ter o controle da produção, ele também tinha controle e domínio sobre os corpos dos trabalhadores.¹³⁰



IMAGEM 16 - Manoel Pereira de Souto, cambiteiro da fazenda São Domingos, coloca a carga de agave no burro, para depois seguir para o desfibramento no motor. Vemos nesta fotografia o corpo de um trabalhador forte e ativo. Ele lida com as folhas do agave e controla os animais de carga.

Fonte: Manoel Pereira de Souto

¹³⁰ Sobre a relação do poder no governo dos corpos Michel Foucault desenvolveu uma série de estudos, a essa relação Foucault dá o nome de biopolítica. Ver. FOUCAULT, Nascimento da biopolítica. In; _____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, pp, 87-97; _____. Poder-corpo. In; _____. **Microfísica do poder**. Trad. Org. Roberto Machado. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013, pp, 234-243.

Em um pequeno texto do início do século XX, o filósofo alemão Walter Benjamin¹³¹ se dedica a discutir alguns aspectos referentes à fotografia, para ele a fotografia, enquanto um instrumento de *reprodutibilidade técnica*¹³² que acabava por eliminar a aura existente na obra de arte, a fotografia, portanto era desprovida de sensibilidade, desprovida de vida. As imagens fotográficas, embora pareçam aprisionar não conseguem se manterem inertes diante do olhar do observador.

Apesar de toda a perícia do fotógrafo e de tudo que existe de planejado em seu comportamento, o observador sente na necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos únicos a muito extintos, e com tanta eloquência, que podemos descobri-lo olhando para trás. A natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente (BENJAMIN, 1985, p. 94).

A fotografia seria um “congelamento” de uma cena do passado, existe, portanto, por trás da fotografia uma espécie de desejo de memória, de intencionalidade da imagem, antes do fotógrafo registrar o momento existem interesses, vontades. O que fotografar? Quem? Aonde? Como os corpos devem está dispostos? Existe, como afirma Benjamin uma “perícia do fotógrafo” que planeja tudo. Contudo, quem observa a fotografia pode muito bem transpor a imagem, interpretar a partir de sua sensibilidade as imagens que a fotografia apresenta. Assim, ela é revestida de sentidos afetivos e estimula a rememoração do passado. Entendo que a fotografia, tal qual apresentada pelo narrador, é também um discurso sobre o passado, é um documento que deve ser criticado, interpretado não como um registro fiel do passado, mas como algo que é fruto de um determinado momento e temporalidade.

“A natureza da câmera não é a mesma do olhar”, a frase da citação anterior me parece bastante significativa para demonstrar que entre aquela fotografia e o olhar que o narrador lança sobre ela é bastante diferente. A fotografia se encerra em si mesma, enquanto o observador ver além do que a cena apresenta. Dessa forma, a narrativa que começa com aquela foto se expande, ganha outras imagens, outras pessoas e fala da grande movimentação

¹³¹ BENJAMIN, Walter. A pequena história da fotografia. In; _____. **Magia e Técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp, 91-103.

¹³² BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In; _____. **Magia e Técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp, 165-196.

da fazenda, dos muitos caminhões que chegavam ali pra pegar fibra, fala da imensidão de agave que existia ali.

Outra imagem que também tive acesso me permitiu perceber a participação feminina no trabalho com agave. Esta foi me apresentada na forma de monóculo¹³³, devido à ação do tempo a imagem era quase imperceptível. Dona Maria de Lourdes, mencionada anteriormente, foi quem me cedeu a imagem para a pesquisa, nela um homem e algumas mulheres trabalham na seleção da fibra. Para recuperar a imagem foi preciso que o negativo passasse por um processo de restauração, para que posteriormente fosse revelada. Isso mostra a dificuldade em encontrar imagens referentes a esse período, que pode ser justificada por duas coisas: primeiro, fotógrafos eram bastante raros em Cubati nesse período, e segundo, eram muito caras, nem todas as pessoas tinham condições financeiras de pagar para serem fotografadas.

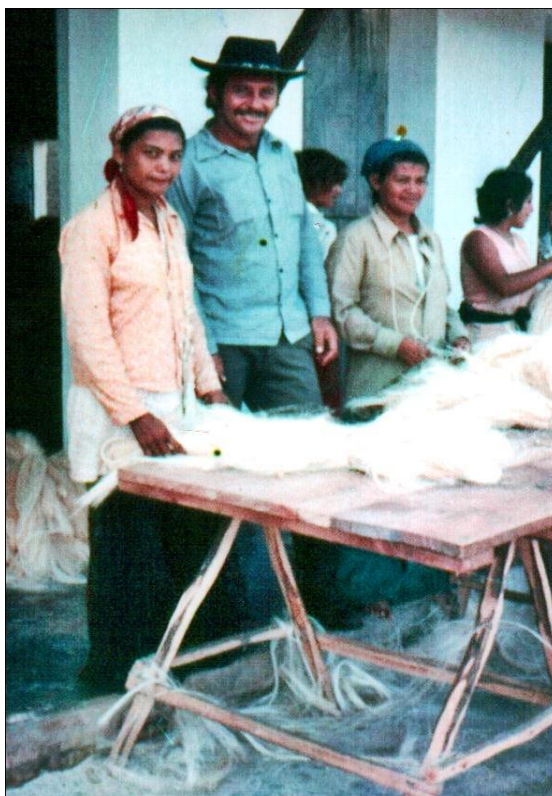


IMAGEM 17 - Algumas mulheres e um homem fazem a seleção das melhores fibras de agave na fazenda São Domingos. O homem comanda as mulheres. Nesse espaço, elas seguem ordens e selecionam a fibra sob a vigilância do seu olhar.
Fonte: Acervo pessoal

¹³³ O monóculo é um objeto plástico com uma pequena lente de aumento e que possibilita a visão do negativo fotográfico em seu interior, esse tipo de fotografia era bastante comum nos anos quarenta e cinquenta.

A fotografia que Dona Lourdes me apresentou mostra outra face do trabalho no agave: a presença feminina. Após limparem, e aguardarem a secagem das fibras as mulheres também limpavam e selecionavam as melhores fibras para a comercialização. Na fazenda São Domingos esse trabalho era feito em grandes bancas de madeira que eram colocadas na calçada dos armazéns. Tratava-se de uma atividade que era quase exclusiva das mulheres. Os homens ali, eram na maioria das vezes uma espécie de capataz, deveriam vigiar, e fazer agilizar o trabalho.

As mulheres, de acordo com narrativa de Maria de Lourdes; “selecionavam o agave, limpava e os homens batiam, ia fazendo aquelas ruminha e os homens empresavam e faziam os fardos pra levar pra Campina”.¹³⁴ Um trabalho que era considerado mais leve e por isso mesmo destinado ao grupo feminino. Somando-se a isso, elas eram inferiorizadas também no pagamento, recebiam bem menos que os homens. As mulheres desempenhavam suas atividades separadas dos homens, em algumas vezes “se tinha respeito” em outras nem tanto, como apresentarei adiante. diz Maria Hélia que:

Era. Porque o motor ficava dentro do campo de agave e a gente carregava a fibra e já ia estender em outro canto. E ali mesmo a gente ficava, aí só ia lá quando tinha cem quilo. Ai voltava, quando já tinha cem quilos de agave. Num ficava tudo misturado não sabe. E então quando meu pai morreu, eu num cozinhava com os caba do moto não. Ou os meninos traziam ou eu ia almoçar em casa. Eu num ia porque eu num gostava de ta misturada com aquele bucado de homem, eu sozinha no meio daqueles homem. Eu ia estender, e quando tinha cem quilos é que eu chegava perto, aí ia e estendia, virava e amarrava, e os meninos carregava pra dentro. Mas tinha respeito, tinha. Só se eles num visse respeito, mas no motor que eu trabalhei tudim me respeitava, logo tudim era conhecido. Eu me criei ali no Golpe D'água, e esse povo que trabalhei era tudim do Golpe D'água mesmo. No motor é sete pessoas, é sete. Porque as vez tem dois cortador, tem o amarrador, tem o cambiteiro, tem o bagaceiro, tem os dois puxador e tem a fibreira.¹³⁵

Na fotografia acima, as mulheres separam, selecionam as melhores fibras, a presença masculina é marcada por um sorriso, por uma espécie de satisfação de estar entre mulheres e ser superior a elas. Tendo em vista que a fotografia é um tipo discursivo, como dito anteriormente, é possível analisar que, ao fotografar aquela cena a intenção tenha sido de apreender um pouco do cotidiano das mulheres, de registrar o momento em que elas trabalhavam, sob o olhar e a vigilância masculina.

¹³⁴ Maria de Lourdes de Oliveira Santos, entrevista concedida em 22/12/2014.

¹³⁵ Maria Hélia de Sousa, entrevista concedida em 22/12/2014.

A fotografia funciona como um mecanismo que aciona as memórias, que desperta lembranças que parecem está encobertas pela penumbra do passado e do esquecimento, quando as pessoas nos apresentam imagens elas parecem ter lapsos de memória, rostos e lugares despertam algumas recordações e auxiliam o sujeito na construção de sua narrativa, que é também uma autobiografia, uma construção subjetiva que se opera através de um contar-se:

Reescrever o passado, construir sua própria autobiografia, mesmo que por meio de depoimentos orais, gravados e transcritos, adquire, portanto, um sentido político vital. A memorização dos vivido e a construção de um arquivo pessoal são modos de subjetivação, como quer Foucault, que possibilitam o redimensionamento dos acontecimentos passados, o encontro de um lugar no presente, a criação de um espaço subjetivo próprio como um abrigo para instalar-se e organizar a própria vida (RAGO, 2013, p, 141).

Essa construção subjetiva do passado é uma construção de si, a narrativa é uma maneira que o sujeito encontra para a construção de sua identidade. Narrar-se é se constituir enquanto sujeito, é juntar fragmentos do passado na construção de um sujeito do presente. Os trabalhadores que narram suas memórias estão operando em um duplo caminho, forjam sua identidade a partir da narração de suas memórias e promovem uma mediação entre o passado e o presente a partir de suas sensibilidades.

Através da narrativa o sujeito realiza um trabalho de reconstrução do passado, reúne fragmentos esparsos no tempo e desloca significados presentes em suas memórias, por ter esse caráter subjetivo, a narrativa pode ser entendida como uma prática de leitura¹³⁶ do passado. O leitor é alguém que decifra os códigos do texto e lhes confere sentidos, dar outros significados aquilo quer ler.

A subjetividade habita a fala dos narradores, modelam aquilo que eles lembram, como lembram e como narram, essas pessoas, embora muitas vezes expressem esse desejo, não falam de “como foi o passado”, não tem domínio sob a realidade do tempo e do passado, mas de como se “interpreta o passado”, como se lembra e como se articula narrativamente as experiências pessoais e coletivas de que eles lembram, essas lembranças não tem, necessariamente, um compromisso com a verdade. O seu vínculo direto é com a subjetividade, a memória e narrativa desconhecem as linhas de continuidade e de progresso

¹³⁶ Ver. CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

que o conhecimento histórico obedece, a experiência narrativa “outorga forma ao que é informe”, como propõe Leonor Arfuch (2010, p, 112).

Ao historiador cabe o dever de interpretar as palavras, descobrir seus sentidos e desnaturá-las. Ao buscar os seus fios¹³⁷ montar um enredo compreensível sobre o passado. O historiador precisa escovar a história a contrapelo, como sugere Walter Benjamin em suas teses sobre o conceito da história.¹³⁸

Findou o inverno e os caba ia tudo pro motor, deixava o resto da colheita com a família, e ia pro motor ganhar dinheiro. Ai o caba metia a cara. Quando acabou os motor de agave? Ai vamos chorar viu, ainda hoje os caba clama, ah se ainda tivesse motor, se tivesse agave, num tava essa crise que ta não. E num tava mesmo não. Eu mesmo concordo que num tava não. Digo isso todo santo dia. Mais é porque agave foi acabando o povo foram abandonando e foram procurando outra atitude. Eles deixaram de plantar desde mil novecentos e oitenta e dois, ai não trataram mais dos campos, o mato foi tomando conta. Acolá onde é de Aluisio, que foi de Bibiu, ainda essa semana eu andei lá, homi, minha Nossa Senhora, eu fico pensando, quem era esse roçado, o agave no mato, só tem jurema e marmeleiro, catingueira, e assim mesmo tiraram agave que só a mulesta.¹³⁹

Ernando Lopes em sua narrativa constrói visões do seu passado, a certeza de suas palavras é de quem olha o passado através de uma janela. Mistura as suas memórias com a memória “dos caba”, seus companheiros de trabalho, pessoas que, em tempos de seca, deixavam seus roçados, suas famílias e se aventuravam no trabalho no motor de agave, muitas vezes saindo de Cubati e seguindo Seridó ou Pocinhos, duas cidades vizinhas que tinham também uma expressiva produção de agave.

Durante mais de trinta anos, de 1950 até 1980, Cubati foi cenário de uma grande movimentação comercial, o agave havia transformado de forma significativa o campo e a cidade. Essas mudanças, no meu ver, deram também outros significados aos espaços, campo e cidade passavam com o crescimento urbano e social a ter significados diferentes. No caso de Cubati, começava a surgir o meio urbano com suas outras formas e sentidos, as antigas cercas de arame farpado ou de aveloz¹⁴⁰ davam lugar para as primeiras ruas, projetadas e pensadas a partir de um desejo das pessoas que viviam na cidade.

¹³⁷ MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

¹³⁸ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. **O anjo da História**. Trad. e Org. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, pp, 7-20.

¹³⁹ Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

¹⁴⁰ Introduzido com maior intensidade no fim do século XIX, em Pernambuco, o Aveloz (*Euphorbia tirrucalli* L.), tornou-se a planta preferida na criação de cercas vivas no Seminário nordestino, devido a sua rusticidade e

Paralelo a isso o campo, se constituía em um espaço bucólico, sentimental, em que o agave ainda cobria grande parte das paisagens e durante a noite ainda era possível ver a luz dos lampiões de gás que iluminavam os motores e aquele ensurdecido barulho que rasgava as madrugadas. Isso só começou a desaparecer nos anos oitenta quando a cultura do agave e toda aquela força econômica passou a definhar.



IMAGEM 18 - No final dos anos setenta, Cubati começava a ganhar ares de cidade, a urbanização das ruas (calçamentos de paralelepípedos) e a eletrificação transformavam a cidade em um espaço moderno. Esta foto é de desfile cívico de estudantes, ocorrido no dia 07 de setembro, bem característico dos anos da ditadura militar. Percebemos aí o grande número de pessoas assistindo ao desfile, o que pode nos indicar que a população de Cubati já atingia um número significativo de habitantes.

Fonte: Acervo pessoal

O historiador Raymond Williams (2011), ao traçar um importante estudo sobre o campo e a cidade, ressalta que esses dois espaços são feitos de espaços estruturais e sentimentais. A cidade e o campo são espaços sentidos pelo sujeito, participam de uma construção simbólica da memória, de acordo com Williams são “palavras fortes”, não por serem espaços muitas vezes contraditórios ou opostos, mas porque, cada um tem uma carga significativa particular.

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicação, luz. Também constelam-se poderosas

junção de uma planta a outra ela dificultava a passagem de bovinos, caprinos e ovinos para dentro das propriedades

associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 2011, p. 11).

O campo como um espaço de saudade, onde a grande maioria dos entrevistados viveram toda sua infância e juventude é evocado como um lugar onde vidas foram formadas, onde a família era um núcleo fundamental da existência e os amigos se encontravam com maior facilidade. Nas narrativas surge uma ideia de campo, que mesmo marcado pela privação e pelo trabalho árduo, emerge um sentimento de espaço marcado pela saudade, pela nostalgia. Ernando Lopes da Silva nos fala:

O motor era o canto bom. Aquilo era mesmo que ser de uma família só, num tinha essa história de confusão não. A gente demorava a chegar, aí o outro já gritava perguntando, “eita rapaz véi o que foi que houve? Demorou a chegar”. E era aquela alegria maior do mundo. E naquele tempo também o povo num tumava essas cachaça toda, o povo naquele tempo tinha um medo de cana danado, tomava só umas dozinha. Hoje não, hoje é aquele desmantelo, mete a cara na cana. O agave ia pro armazém de Zé Chicó, ali era os armazém. Ali, tinha o finado Osman, de Pocinhos, era os comprador de agave. Mais, sempre o maior carregue era no véi Zé Chicó, porque Zé Chicó era daqui, tudo que o povo queria aqui era com ele, Osman, só vinha na sexta feira, ele já chegava de noite, por que ele morava em Pocinhos, vinha comprar fibra, comprava tudo, porque naquela época tinha algodão, tinha semente de mamona, tinha tudo, mais sempre era mais o agave, era mais o motor. Mais o véi forte mesmo era Zé Chicó, Zé Preá também comprou um tempo. Lá onde é aquela rádio, o parceiro que comprava mais Zé Preá era Tié de Joventino. Era o empregado de Zé Preá. Mais o carregue toda vida foi em cima de Zé Chicó, porque o véi era bom, tranquilo, toda arrumação fazia, o povo conhecia ele. Zé Chicó, todo mundo ia pra Zé Chicó, e ia. Tinha muito comércio, naquela época, hoje é que eu não vejo nada, só comércio de cachaça.¹⁴¹

É interligando memórias do passado e sensações do presente que esse senhor narra parte de suas lembranças. Sua narrativa não tem um lugar fixo, não é uma memória imóvel e nem se prende a nenhum lugar ou rosto. Ele vai do passado para o presente, do campo para a cidade com a facilidade de quem já conhece muito bem aquele caminho, com a mesma destreza de que sai todos os dias de sua casa no sítio Bela Vista em direção à cidade. Ernando Lopes em sua narrativa pode ser considerado como um nômade, esse nomadismo se materializa não em seu corpo, não em suas trajetórias físicas, mas é um *nomadismo de si*¹⁴², de suas memórias e de suas sensibilidades.

¹⁴¹ Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

¹⁴² Ver. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997, pp. 7-96.

A primeira referência é dos amigos que trabalhavam com ele no motor, o narrador chega a comparar aquele espaço e as convivências que se tinham ali como se fosse uma verdadeira família. Talvez isso aconteça porque o trabalho no motor de agave seguia o dia inteiro e em alguns casos seguia noite adentro ali se fazia café e o almoço, o alimento era compartilhado e por alguns momentos todos eram iguais, se sentavam naquele chão de terra ou em uma pedra que ali encontravam. Mas ele também nos conta uma história sem conflitos.

Vemos nos seus depoimentos que era comum o trabalho noturno, movido pelos mesmos trabalhadores que trabalhavam no período diurno. Será que esse excesso de trabalho não constituía motivos para desentendimentos? Dessa forma, vemos aqui, uma história idealizada, quase que romantizada que foi construída levando-se em conta as saudades do tempo passado e o desejo do entrevistado em criar uma versão que fosse agradável e bonita do passado vivido por ele.

Como fala por diversas vezes Ernando Lopes, aquele espaço de trabalho se transformava em uma extensão do lar, ali crianças e adultos se alimentavam, conversavam e criavam laços entre si. As mulheres, portanto, só faziam parte daquele convívio quando eram muito conhecidas ou parentes de alguns dos homens, pois o motor não era lugar de mulher.

Embora o tempo de conversa, no motor, fosse pouco, era suficiente para aqueles homens construírem códigos de masculinidade. Fazia-se a refeição e imediatamente o motor começava novamente a funcionar. No espaço do motor, onde os homens eram inseridos dentro da lógica produtiva, pode-se perceber que as subjetividades ali construídas a partir de princípios capitalistas. A narrativa tecida por esse senhor mostra que não é o motor de agave que se adequa à rotina humana, e sim o contrário.

O que mais eu me lembro, é que a gente ficava ali conversando, porque era pouco tempo, porque assim que almoçava e voltava pro serviço. Os do pé da máquina mandava virar o motor e cuidar, porque num tinha tempo pra conversar não. Os do campo desaparecia de novo, aí num ficava ninguém, aí de noite, tava todo mundo cansado e caía pra lá e ia dormir e roncar.¹⁴³

É o funcionamento da máquina que demarcava o ritmo da vida naquele espaço. Trata-se de um tipo de subjetividade que forja identidades relacionadas, diretamente, com o mundo do trabalho, uma subjetividade capitalística.

Essa identidade, produzida pela subjetividade capitalista influencia e molda, diretamente, as formas de pensar e de perceber o mundo, ela tem, dessa forma uma incidência

¹⁴³ Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

direta no sujeito. O sistema capitalista de produção em que aqueles homens eram inseridos foi responsável pela construção de suas identidades, ora, a própria noção de utilidade física é um princípio do capitalismo que coloniza os corpos ágeis e adequados ao trabalho, fugindo dessa utilidade o corpo torna-se inútil, descartável, assim como é feito com o velho a quem esse discurso atravessa violentamente. Como nos ensinam Félix Guattari e Suely Rolnik através de suas cartografias do desejo;

O que é produzido pela subjetividade capitalística, o que nos chega através da mídia, da família, enfim, de todos os equipamentos que nos rodeiam, não são apenas idéias; não são a transmissão e significações através de enunciados significantes; nem são modelos de identidade ou identificações com pólos maternos, paternos, etc. São, mais essencialmente, sistemas de conexão direta, entre, de um lado, as grandes máquinas produtoras e de controle social e, de outro, das instâncias psíquicas, a maneira de perceber o mundo... (GUATTARI; ROLNIK, 1993, p, 67).

Mas a narrativa desse senhor, deixa facilmente o espaço do motor e cria laços com outros sujeitos, os compradores de agave, homens ricos que faziam de seus grandes armazéns na cidade um espaço de trocas comerciais. Além de ser um lugar de compra e venda de agave, os armazéns, eram também o lugar onde os fazendeiros pagavam aos trabalhadores, geralmente esse pagamento era feito aos sábados, dia da feira, como afirma Luis Brás em sua narrativa.

José de Medeiros Dantas, ou Zé Preá, como é conhecido em toda a região, também foi um grande fazendeiro durante o período de pleno desenvolvimento da cultura do agave na região. Em 1959, se tornou o primeiro prefeito eleito no município, mesmo assumindo suas funções políticas não deixou de cuidar de sua fazenda, tinha uma expressiva quantidade de trabalhadores a seu serviço, continuava, pois, a comprar e vender agave. Sua propriedade chegou um momento em que se podiam contar até dez motores em pleno funcionamento, o que leva a crer em uma média de sessenta ou setenta trabalhadores. A fazenda Campinhos era, assim como a São Domingos, “um mundo de agave”.

Zé Preá é uma pessoa que gosta de narrar suas histórias. Recebe, constantemente, em sua casa professores, alunos e pesquisadores que vão a ele para perguntar sobre a história de Cubati, não se nega a sentar com crianças ou adolescentes para contar de sua chegada na Vila Canoas, de sua juventude, de seus amores, sobretudo por Dona Terezinha, sua esposa e uma das incentivadoras da chamada instrução pública de Cubati. Suas conversas chegam a durar até mesmo horas, conversas longas, principalmente quando ele fala de sua vida política, das

ações apreendidas para o desenvolvimento da Vila que tinha sido elevada à categoria de cidade em 1959.

Na ampla garagem de sua casa ele gosta de sentar na confortável cadeira de balanço e sempre em companhia de sua esposa esse velho senhor fala de sua vida, de suas memórias e evidentemente constrói sua identidade que tem relações diretas com a política e a economia local. A sua fala é marcada, portanto, por relações de poder, por uma visão de mundo e de si de quem fez parte de uma elite, de quem fala do passado com um saudosismo da força e do retorno econômico que o agave lhe deu, possibilitando fazer riquezas com aquela atividade. Quando se refere ao trabalho, ao conjunto de eventos e de significados que o agave construiu, ele fala de um lugar, o do fazendeiro, daquele que exercia domínio sobre o outro, sobre o candango de motor. Há de se ter em vista que entre a sua memória e a memória dos trabalhadores existe uma diferença imensa. São, em muitos aspectos memórias opostas, que se contrapõem uma com a outra.

Os trabalhadores ganhavam por quilo de agave. É por quilo, não é por dia, eles trabalhavam por quilo. Você ta entendendo como era? Os dois, os dois puxadores e o bagaceiro eram mais bem remunerados. Se o camarada cortasse o agave pra o motor era um preço, se precisasse de dois cortadores era outro aí dividia. E dois cortava, um cambitava e outro, dois desfibrava e o bagaceiro e o fibreiro. Era uns sete ou oito homens. Então a situação era essa, e o camarada que tirava em máquina de mão, tirando quinze quilos já dava pra fazer a feira. Tinha cabra que tirava trinta quilos em máquina de mão. Sabe como é a máquina de mão? Aquela maquininha que o caba bota, o pé, tem a varinha e coloca as tirinhas de agave. Eu sei que a vida daqui corria muito dinheiro. Da quinta pra sexta feira de madrugada você via sair dez caminhões de agave daqui. Eu não sei como o povo hoje vive. Porque aqui já teve maquinismo de descaroçar algodão, dois, um Severino Sampaio e outro de Zé Dias, que foi de João Procópio. Então, a vida era desse jeito. Antigamente tinha o maquinismo de algodão aqui. Eu nunca fui um camarada de braços cruzados, eu sempre fui muito ativo. Eu sei da vida do povo daqui, eu nasci aqui.¹⁴⁴

O desejo de construir uma “*Civilização dourada*”¹⁴⁵ teve impacto, sobretudo, naqueles agricultores que possuíam extensas propriedades de terra destinadas ao plantio do agave, isso a posse da terra e os recursos econômicos, muitas vezes oriundos de empréstimos bancários subsidiados pelo governo, lhes permitiam plantar muito e obter lucros que só tendiam a aumentar, com a valorização da fibra. A propriedade de Zé Preá era um bom dessa vertiginosa aplicação de investimentos, destinados à plantação e beneficiamento de agave, em

¹⁴⁴ José de Medeiros Dantas, entrevista concedida em 30/07/2013.

¹⁴⁵ Faço aqui uma referência direta ao livro de José Leal e Rafael Mororó no qual os autores falam de uma sociedade que surge a partir das riquezas geradas pelo cultivo e comercialização do agave.

Cubati, media-se a riqueza de um homem pela quantidade de motores de agave ativos em suas terras. Na fazenda Campinhos chegavam a dez, uma quantidade de pés de agave, que segundo o narrador ultrapassava “um milhão e trezentos mil pés de agave”.

A narrativa que ele tece é diferente daquela feita pelos trabalhadores em diversos sentidos, sua narrativa é a história de um jovem, filho de uma família com um poder financeiro considerável para a época. Homem que não estava o tempo todo com os candangos do motor, mas que era o dono, vivia em um mundo diferente dos trabalhadores, portanto, em contato com percepções diferentes, com sentimentos díspares. Sua narrativa é a rememoração da forma como conseguiu fazer fortuna com o agave, uma narrativa do comerciante, que lucrava com o trabalho dos pequenos agricultores e explorava a força de trabalho dos indivíduos que prestavam serviços no motor. Sua narrativa ainda está ligada ao poder institucional, como prefeito da cidade que viu o desenvolvimento local ser possibilitado por conta do agave. Assim, ao narrar hoje seu passado, ele imprime em suas memórias sensibilidades e saudade daquele tempo, em que ele lucrava individualmente, ao mesmo tempo em que a cidade que ele governava se desenvolvia.¹⁴⁶

Na configuração narrativa, o passado não deixa de ser modificado, é sempre uma construção baseada em nossas imagens, naquilo que trazemos em nossas lembranças e nossas sensibilidades e articulamos com o presente. Narrar é conferir sentidos, é selecionar memórias e torná-las palavras. Nesse ponto, acredito que a memória partilhe de uma característica da História, pois ambas constroem maneiras múltiplas de pensar o tempo. De acordo com Roger Chartier, “Fica claro que as escolhas feitas entre diferentes escritas históricas possíveis - e que revelam do gênero narrativo - constroem modos de intangibilidade diversos, de realidades históricas pensadas de maneiras diferentes”.¹⁴⁷

As particularidades do narrar e do (re) inventar o passado

Michel de Certeau diz que “*através do texto historiador, perpassa um riso nietzschiano*” (CERTEAU, 2011, p, 161). Qual seria o sentido dessa frase? Qual seriam as

¹⁴⁶ É interessante notar que a trajetória política desse narrador está diretamente relacionada com a cultura do agave e sua importância econômica para o município de Cubati, durante as três décadas em que Cubati foi um centro produtivo e comercial do agave, José de Medeiros Dantas esteve durante todos eles à frente da administração municipal, nesse período há uma alternância de poder com o seu cunhado, Antônio Fernandes de Macêdo. José de Medeiros Dantas foi prefeito da cidade por três mandatos; 1959-1963; 1969-1973; 1977-1983, por mais de vinte anos sua família ficou longe da administração pública, retornando somente em 2012 quando seu neto, Eduardo Ronielle Guimarães Martins Dantas foi eleito prefeito.

¹⁴⁷ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p,83.

causas e as conseqüências desse “riso nietzschiano” que rasga a produção do historiador? Para responder a questão é preciso retomar um texto de Michel Foucault em que esse filósofo-historiador diz que a história deve ensinar a rir das solenidades origem¹⁴⁸, sugerindo uma análise dos conflitos, das lutas poder e saber que estão por traz dos discursos e dos acontecimentos, assim, Foucault chama a atenção para um trabalho genealógico que venha a ser (violentamente) um destruidor das evidências e arruinador da identidade para a produção do conhecimento histórico.

Mas por que evocar Nietzsche e Foucault? Por que convidar esses dois intempestivos intercessores para meu texto? Em que eles podem fundamentar minha discussão sobre memórias e sensibilidades? E ainda, qual a relação deles com as narrativas sobre os campos e motores de agave e com a vida dos trabalhadores rurais?

Quando me propus a realizar esta pesquisa em nenhum momento tive a ilusão de que teria acesso ao passado por meio das narrativas dos sujeitos que aparecem no decorrer do texto. Não me surpreendi quando percebi que as narrativas desconheciam qualquer linearidade, qualquer sequência de fatos. Não vislumbrei memórias que me possibilitassem acesso ao passado, mas perceber as singularidades, as artes que cada um traça na narrativa. As memórias não compõem um sistema de referência que tem compromisso com a verdade, elas transitam entre a ficção e a realidade, as memórias se articulam em um sistema de representação, que não trás o passado para o presente, mas nos apresenta um simulacro das experiências localizadas no tempo.

A genealogia para Michel Foucault deve buscar as singularidades, é uma metodologia que procura os indícios nos fatos desconsiderados, desvalorizados e mesmo apagados pelos procedimentos da história tradicional. A genealogia busca;

marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história - o sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta e uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram (FOUCAULT, 2013, p, 55).

Geralmente, os sentimentos humanos são tidos como a-históricos e por fazerem parte das subjetividades são tidos como opostos ao conhecimento racional, desprezando dessa

¹⁴⁸ Sobre a ideia foucaultiana de rir das solenidades de origem e a construção de um conhecimento históricos a partir da genealogia, há um instigante artigo da professora Margareth Rago que recomendo a leitura. Ver. RAGO, Margareth. Rir das origens. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.) **Cultura, Poder e Educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

maneira a *estrutura de sentimentos*¹⁴⁹ presente nas existências humanas. Perceber as singularidades, os pontos de divergência com a História oficial é, pois, um ponto que considero importante, aqui. Não desejo “reconstruir” a história de uma produção econômica e nem mesmo uma história linear. Ao contrário, ela é feita de curvas, de digressões, e de acidentes e de narrativas díspares, que apontam para várias direções. As narrativas de trabalhadores e fazendeiros, embora apresentem alguns pontos de similitude, são diferentes, escolhem eventos, datas, sujeitos e acontecimentos que brotam de uma interpretação subjetiva do passado.

Devem-se levar em conta os pontos de singularidade, os pormenores presentes na narrativa, é aí que se encontra a especificidade das narrativas, os sentidos da existência. Singular é a narrativa de Marineide Duval, que busca na sua infância imagens para construir sua história. O seu pai é referência sempre presente, é o seu ponto de referência, ela narra experiências localizadas em diferentes temporalidades e em espaços e acaba voltando para um mesmo sujeito: seu pai.

Mesmo sendo bastante longo, acho interessante citar aqui um trecho de sua entrevista. Nele Marineide traça um perfil de si mesma, forja sua identidade a partir de seu pai, grande referência para ela, uma pessoa que mesmo educando os filhos com grande severidade é lembrando com grande saudade e sentimentalismo. Sentado à sua mesa e ouvindo sua narrativa percebo que a cada vez que ela fala do pai seu olhar brilha, algumas vezes querem chorar, e em um suspiro ela retoma a sua construção narrativa;

Meu pai era muito durão. Era um ditador. Assim, hoje eu agradeço muito o que eu sei, é tanto que eu digo que eu não criei meus filhos mostrando primeiramente o trabalho. Isso aí, eu peço nisso, porque papai me deu responsabilidade muito nova e papai era muito, ele não queria saber. Eu levei duas pisa do meu pai, até conto na sala de aula pros meninos, eu apanhei também. E eu sem saber, aí fui contar o motivo. E eu apanhei sem ter culpa, porque papai disse, olhe a vaca tá perto de ter bezerro e se tanger ela, de casa eu escuto o barulho do chocalho, e quando chegar aqui eu bato. E, bem ali na descida, a vaca desceu e minha irmã vinha atrás, quando eu cheguei ele já tava com a macaca do cavalo na mão, e eu dizendo, olhe papai foi Marli, ele disse não, você tava mais ela então apanha todas duas. E eu apanhei por causa dela. Outra vez eu apanhei por causa dela, com essas macacas de tanger boi. Ai ele dizia que nunca tinha batido em mim, eu apanhei papai, o senhor bateu em mim, eu dizia. Só que papai era um pai assim, que eu trabalhava na roça até onze e meia, que era um horário de

¹⁴⁹ A ideia de estrutura de sentimentos me parece bastante interessante para mostrar que os sentimentos não são únicos e nem existem independentes um do outro. A primeira vez que tomei conhecimento dele foi através de um ensaio de Marcos Fábio F. Montysuma. Ver. MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Subjetividade e história oral: possíveis interações na autorização de cessão de uso dos relatos. IN; LAVERDI, Robson (Org.). **História Oral: desigualdades e diferenças**. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2012, pp, 55-68.

louco. Sabe onde é o roçado de seu Bilé? A gente tinha um sitio, trabalhava lá. A gente almoçava e ia pra Bibiu, porque não podia ir pra Cubati, tinha que estudar com comadre Lurdes, era a história de papai, tem que ir pra comadre Lurdes que tem ordem. E nos tinha que ir pra lá estudar lá com ela. Só que multiseriado de quarenta meninos, sabe lá quem ia aprender. Ai, a noite papai, ai nos tinha que seguir aquela situação dele, toda vida eu me dei bem com papai, ai a noite ele ensinava a gente, as quatro operações da matemática eu aprendi com papai, e a rezar. Ele pegava a rédea do boi, puxava, ai tinha um rádio que ele tinha ganhado do irmão e colocava lá. Já imaginou você aprender a rezar, e se errasse uma palavra tinha que apanhar. E papai falava, sei lá, tinha umas coisas que eu não entendia, e papai tava á rezando, ai papai ensinou o ato de contrição, a salve rainha, era difícil de aprender com papai a salve rainha que tinha umas palavras no meio que eu não entendia, mas repetia pra ele e eu mentia, muitas vezes eu menti, ele mandava eu repetir e eu não sabia mais as palavras. Eu aprendi todas as rezas, mas nessa situação, com uma corda de lado, porque se errasse a apanhava. Mas hoje, sei não, eu agradeço tudo, tudo a meu pai, e se fosse pra passar tudo de novo, apanhando, plantando o agave, mas com dignidade eu faria, faria tudo de novo.¹⁵⁰ (Grifos meus)

Do trabalho no roçado, passando pela educação e pela religião o pai de Marineide se faz presente, durante a narrativa ele é sempre evocado, muito mais vezes do que a mãe dela, que é mencionada quatro ou cinco vezes. Ainda criança, quando tinha dez anos de idade, Marineide foi inserida dentro de trabalho no agave pela autoridade de seu pai que a obrigou a plantar os filhotes de agave, trabalho que era cansativo, mas que pra ela era um dos mais leves, embora fosse classificado como um grande sofrimento para sua idade. Ela conta que enquanto seu pai cavava a terra ela e sua irmã seguiam atrás plantando os filhotes de agave.

Eu comecei a plantar, eu acho, mais ou menos com dez anos de idade. Eu já plantava, inclusive era eu e outra irmã né Marli, nós mulheres tinha que participar dessa situação que os homens eram menor. E, chegou uma época que papai, sei lá como era, carrasco com a gente e você era obrigado a partir, ele cavava e a gente ia plantar. Era muito sofrimento, muito. Porque de onde você não esperava vinha uma furada, é, parecia uma picada de abelha, sei lá de que, mas furava e doía muito. A gente chorava muito, era muito sofrimento. E, ele comprou um motor ai ele já tirou nós dessa situação, ai a gente já pra agricultura, pra limpar, e ele já montou aquela turma e já tirou a gente da parte do plantio. Ele viu que num ia matar a gente né.

Uma história da grande produção do agave em Cubati, certamente ignoraria alguns aspectos de sua narrativa. Deter-se-ia às cifras da produção ou ao destino do agave plantado e desfibrado pelo pai de Marineide. Mas, sua narrativa é mais detalhista, tem aspectos que fazem parte de sua identidade pessoal, da ideia da construção do macho que domina os membros da família como, por exemplo, a forma com que aprendeu as orações católicas, ali

¹⁵⁰ Marineide Pereira Duval, entrevista concedida em 19/12/2014.

sentada num recanto da casa e ouvindo a fala, algumas vezes incompreensível de seu pai, enquanto as rédeas de boi repousavam num canto, qualquer erro poderia ser fatal, seu pai lhe bateria como fez em outras vezes. A violência e o autoritarismo de seu pai estiveram presentes em muitos momentos de sua infância e juventude. Durante sua fala, ela não se refere a ele com tom de amargura, ao contrário, quem espera dela uma narrativa ressentida, se surpreende ao ouvi-la falar de seu pai com carinho e emoção.

O ressentimento¹⁵¹ parece ser um sentimento desconhecido de Marineide Duvalles, a memória que ela tem de seu pai é revestida de afetividade e de saudade. Narrando o passado e se referindo a seu presente ela evoca o pai como referência para a educação de seus dois filhos, um de vinte e o outro de vinte e um anos. Atualmente Marineide diz frequentar a igreja protestante, mas afirma não ter esquecido as rezas ensinadas por seu pai, sob a ameaça da rédea de boi que ficava sempre próxima.

Mesmo morando em um sítio, relativamente próximo da cidade, Marineide e seus irmãos eram obrigados pelos pais a estudarem na escola de “Comadre Lourdes”, em um sítio bastante longe. O motivo seria o autoritarismo de seu pai, que queria os filhos, sobretudo, as mulheres, deveriam ser prevenidas dos perigos morais que a cidade apresentava. A escola da zona rural além de ser conduzida por uma pessoa conhecida tinha uma menor influência dos signos da modernidade, que para aqueles homens rudes e embrutecidos eram vistas como negativas e perigosas. Não é demais se referir novamente as questões provocativas de Raymond Williams (2011) para quem, e concordo com ele, o campo e a cidade são marcados por signos antagônicos, é o “bucólico e antibucólico”.

Contudo, existe um ponto singular na sua narrativa, um sentimento que marcou sua infância de menina trabalhadora; o medo. Um medo que fazia parte do cotidiano de muita gente, mas que, curiosamente, só se fez presente na narrativa de Marineide Duvalles, geralmente as pessoas se referiam ao medo de acidentes, de a máquina desfibradeira puxar a mão do puxador e triturá-la. O medo que Marineide fala é o medo das furadas do agave, um medo que fez parte de sua infância e lhe acompanhou em sua adolescência e maturidade. Esse medo causava nela uma mistura de sensações, a majestade do agave, suas grandes folhas e seu verde intenso se misturavam a medo de ter seu corpo ou seu olho perfurado pelo duro espinho que coroa a folha do agave.

¹⁵¹ Para Marc Ferro o ressentimento “*nasce de uma humilhação, ou de um trauma, que pode ser ocasionado pela extração social, pela fraqueza física também, de maneira geral por um complexo de inferioridade*”. Ver. FERRO, Marc. **O ressentimento na história – Ensaio**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 190.

Eu me admirava assim, em parte. Porque eu tinha muito medo de furar meu olho, sempre eu tive medo de chegar perto. Eu trabalhei, mais ele grande, eu sempre tive medo de chegar perto. Porque sempre mamãe sempre dizia, cuidado, cuidado, mamãe sempre falava isso a gente, você criança né, porque com dez anos você está uma criança e eu tinha medo de furar meu olho, por isso que eu fugia muito dele, dele grande, ele pequeno furava do mesmo jeito, mas na minha cabeça eu num tinha que ele pequeno ia furar meu olho, com ele eu trabalhava, mas com o grande eu tinha medo. Era uma mistura de admiração e medo, porque eu tinha medo, eu achava que quando chegasse perto ele ia furar meu olho. Mamãe dizia logo, ele vaza seu olho se você chegar perto.¹⁵²

No caso das crianças, elas eram educadas para manterem distância dos pés de agave. Marineide, aos dez anos de idade, foi educada pela mãe a manter-se distante. Mesmo trabalhando diretamente no plantio ela tinha medo, tomava uma série de cuidados para não ser ferida pelo agave. O cortador que passava o dia inteiro no campo cortando as folhas de agave era quem mais sofria com os ferimentos causados com os espinhos, deveria então tomar uma série de precauções para não se ferir, a ele também cabia a função de cortar a parte superior das folhas, tirando o espinho para que as folhas pudessem desfibradas no motor. Se observarmos novamente a imagem 16, onde Manoel Pereira de Souto põe um carregamento de agave no burro, as folhas já estão cortadas e prontas para o desfibramento.

Somando ao medo que se instaurava, vinham as profecias do Padre Cícero, de que o agave seria o capa verde, que com sua capa verde intenso e coroadado com um grande espinho na cabeça, e ainda tinham os acidentes que aconteciam em alguns campos. Havia uma mistura de atmosfera de horror e de algo que era bom naquela cultura.



IMAGEM 19 - Detalhe dos espinhos do agave, mesmo as plantas jovens já possuem um espinho capaz de ferir profundamente, são muito duros e afiados, amedrontaram e provocaram sentidos em muitas pessoas que lidaram diretamente com essa planta.

Fonte: Acervo pessoal

¹⁵² Marineide Pereira Duval, entrevista concedida em 19/12/2014.

Os acidentes não aconteciam com tanta frequência, acredito que os trabalhadores de Cubati eram acometidos por esse tipo de acidente como menor regularidade por já terem conhecimento de outras experiências, sobretudo, que vinham do Estado da Bahia, onde os motores de agave haviam mutilado um número imenso de trabalhadores (FREIXO, 2000), tornando-os inativos ao trabalho no agave. Não amparados por nenhuma política previdenciária esses homens passavam a viver com a ajuda dos patrões, que se limitava quase sempre a uma feirinha semanal. Aí podemos perceber algo interessante: esse tipo de auxílio que o dono do motor dava ao empregado que porventura viesse a sofrer algum acidente não se configura, a meu ver, como um ato de solidariedade, mas como uma maneira de tê-lo sempre próximo, para que assim que venha a obter melhoras volte ao trabalho, ou, de maneira a controlar o sujeito, garantir a manutenção do lar do trabalhador isentaria o dono do motor de responsabilidades judiciais.

Garantir a feira e o remédio do candango acidentado era garantir que ele, o patrão, não seria responsabilizado e nem obrigado ao pagamento de uma aposentadoria ou indenização, limitando-se a uma pequena ajuda semanal. Além disso, os trabalhadores eram sempre orientados pelos seus patrões a tomarem os devidos cuidados. Era preciso que o motor fosse também temido pelos trabalhadores, a ameaça de terem suas mãos e até mesmo parte do braço dilacerada pelas lâminas que rasgavam as folhas fazia com o puxador, sobretudo, tivesse mais perícia e cuidado em sua atividade. Isso era possível a partir da vigilância exercida pelo dono do motor ou por uma pessoa de confiança, que cotidianamente passavam nos motores e observavam a atividade.

Acidente? Num houve não, no canto que eu trabaiava não. Isso veio acontecer já pros anos oitenta, quando o povo começou a se descuidar, a se despreocupar. No meu tempo trabalhava todo mundo com cuidado de acidente. Mais aqui mesmo aconteceu, eu mesmo tenho um irmão que perdeu uma mão trabalhando no agave, tem Genário ali no Cacimbão, em oitenta e um acidentou-se no motor de Sebastião Branco, mais nesse tempo o povo tinha cuidado demais, rapaz. Era grande o cuidado. Não tinha a ignorância que tem hoje né? Eu mesmo, graças a Deus puxei agave, puxei mais de quinze anos, e nunca, nunca aconteceu nem do motor tomar uma luva da minha mão, porque eu tinha cuidado e os donos, naquela época se o caba se cortasse, ficava aleijado, porque num é que nem hoje, que acidenta e vão aposentar, ajeitar de um jeito melhor. O dono do motor não tinha condição de ficar segurando, aí os cabas tinha cuidado. Todo mundo era preocupado, os donos avisavam, os donos dos campos falavam pra ter cuidado, porque o motor era um negócio de velocidade, era perigoso. Mais graças a Deus nunca houve.¹⁵³

¹⁵³ Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 1308/2013.

Não é apenas um medo de se ferir, mas, um conjunto de medos que davam um sentido diabólico aquele trabalho. De fato, as profecias do Padre Cícero tiveram um importante papel nesse sentido, os agricultores se viam amedrontados com aquela história de um ser maligno que viria para o Nordeste com a missão de destruir as lavouras e ferir de morte os que se “curvassem” a ele.

Ao se referir aos acidentes que ocorriam em Cubati, Maria Hélia relata um episódio em que ocorreu um acidente no motor em que trabalhava como fibreira, em sua narrativa ela rememora o dia em que o ao colocar as folhas de agave a máquina puxou e “comeu” a mão de um homem. Após relatar o acontecimento, ela se refere a forma como o dono do motor procedia, nada de garantir os direitos trabalhistas do acidentado, ele apenas indenizava “seja lá como for”, como ela diz em momento da narrativa;

comeu a mão dele mesmo assim [e mostra a sua mão para indicar até onde a máquina “comeu” a mão do homem a quem se refere]. O nome dele é até Genário, é casado com a fila de Minegídio. Vi só essa. O dono do motor indenizava, seja lá como for. Ele ajudava. Porque foi no serviço deles, aí eles tinha que ajudar. Mais era muito difícil o motor engolir a mão da pessoa. Eles só não pode tirar o olho da boca da máquina. Tem que ficar de olho na boca da máquina. Porque ali quando um puxa o outro já rebate na ponta, tem que tá olhando só pra boca da máquina.¹⁵⁴

Os acidentes aconteceram com maior frequência quando o trabalho com o agave passou por um processo de mecanização, isso nos anos sessenta e setenta, as máquinas desfibradeiras eram cada vez mais rápidas e o trabalho se intensificava tendo em vista o alto preço da fibra, uma atividade que durante muito tempo fora realizada em máquinas mais rudimentares se mecanizava rapidamente, tornando-se cada vez mais exaustivo e por muitas vezes realizados durante a noite. Para que acontecesse um acidente bastava um descuido, um dedo preso na fibra e o trabalhador poderiam ter sua mão ou parte de seu braço dilacerado.

Há duas coisas que, considero particular nas narrativas das pessoas entrevistadas, até então não tinha ideia de que o barulho do motor e a presença de moscas no ambiente de trabalho pudessem ter alguma importância na narrativa dos trabalhadores e das pessoas que transitavam no motor de agave. No caso do barulho originado do funcionamento do motor de agave, este podia ser ouvido não só pelas pessoas que habitavam aquele lugar, mas poderia ser ouvido mesmo a grandes distâncias, para quem estava próximo, chegava a ser uma verdadeira tormenta, um barulho ensurdecador para os trabalhadores. O barulho do motor cortava não

¹⁵⁴ Maria Hélia de Sousa, entrevista concedida em 22/12/2014.

apenas o silêncio daquele lugar, mas também contribuía para a demonização a que muitos trabalhadores atribuíam ao motor de agave.

O barulho do motor chegava aos ouvidos das pessoas que moravam próximas entrelaçadas com o som das conversas, risos e gritos dos trabalhadores, de uma forma ou de outra quase todas as pessoas eram afetadas pelo trabalho. Maria Hélia, que morava perto do campo e não trabalhava a noite, conta que era muito comum ouvir os sons produzidos no trabalho noturno, que era realizado unicamente pelos homens;

De noite de casa dava pra ouvir, ver num via não porque era longe, só dava pra ouvir a zuada deles trabalhando. Eles começavam de uma hora da manhã até no outro dia de sete horas, aí parava pra tomar café, depois voltava pra completar a produção pra ir embora cedo, era.¹⁵⁵

Além de referir-se ao barulho que vinha do motor e que era ouvido de sua casa, ela fala em sua narrativa a realidade do trabalho noturno, que geralmente começava na madrugada após um momento de descanso, tendo em vista que os trabalhadores eram os mesmos que haviam passado toda a manhã e tarde em atividade. Marineide Duvalés também fala do barulho do motor, e o compara com o “cantar”, com o som produzido pelos antigos carros de boi de rodas de madeira, em que os agricultores passavam gordura animal para aumentar ainda mais o barulho produzido. Mas a “zuada” do motor de agave não lhe incomodava, por viver perto da fazenda São Domingos ela diz já ter se acostumado com aquela sinfonia noturna. Para ela as moscas causavam mais incômodos e faziam verdadeiras nuvens no motor;

Dava pra ouvir. Mas o barulho do motor dá pra você ouvir distante, mas você acostuma. Você já andou em carro de boi? Ele num tem um barulho, um barulho grande? Que parece que eles faz com que ele faça mais barulho, eu lembro que papai passava alguma coisa pra cantar, eu lembro, mais papai passava alguma coisa, pra o carro de boi cantar. E a gente acostumava. O que eu não gostava no motor de agave, tu sabe o que é? É mosqueiro. Que você sabe que junta mosca. Não? É muita mosca. É o que eu não gostava. Gente, quando cortava aqui em Seu João, eras as mosca aqui em casa. Eu acho que é alguma coisa do agave que seja doce, aquela meleca toda, aquela água que sai dele, aí o mosqueiro vinha aqui pra casa.¹⁵⁶

Michel Foucault afirma e postula que a História deve buscar o conhecimento das singularidades, daquilo que é quase imperceptível aos olhos do pesquisador, e que deve-se

¹⁵⁵ Maria Hélia de Sousa, entrevista concedida em 22/12/2014.

¹⁵⁶ Marineide Pereira Duvalés, entrevista concedida em 19/12/2014.

*“espreitá-los onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história - o sentimentos, o amor, a consciência, os instintos”*¹⁵⁷. Acredito, dessa forma, que as narrativas dos trabalhadores do agave estão permeadas de pontos singulares, que um olhar baseado somente em um modelo economicista deixaria passar despercebido.

Entendo que o estudo do cotidiano e dos sentimentos dessas pessoas originou-se de um equilíbrio de forças particulares, as quais resultaram alterações sociais relacionadas a um tipo de cultura agrária entrelaçada à uma cultura urbana. Percebo isso, pois, pelos depoimentos, parece-me que neste tempo não existiam limites claros entre o campo e a cidade.

Além disso, vemos aqui, uma sociedade marcada pelo desenvolvimento de uma cultura agrária, em que os trabalhadores eram explorados, trabalhavam muitas horas por dia e por muitas vezes ficavam trabalhando distantes de suas famílias. No entanto, esses sujeitos guardam nos dias de hoje memórias que valorizam as interações pessoais, misturadas com o sentimento de saudades, de prazer, de amor e de instintos de sobrevivência.

É preciso não ter lugar: trajetórias dos “candangos de motor de agave”

O mundo do trabalho é também marcado pela construção de territórios¹⁵⁸, onde os sujeitos vivem, realizam suas atividades e criam laços com o espaço e com os sujeitos que ali transitam. Esse território, todavia sofre alterações, se desfazem constantemente a partir das necessidades do sistema de produção, no caso dos motores de agave em Cubati. A construção territorial do lugar de trabalho estava ligado à existência de matéria prima para o trabalho (as folhas de agave) e com a necessidade de produção. Era preciso procurar o melhor campo, onde a produção e o lucro fossem maiores.

Assim, nesse vai-e-vem humano os territórios se desterritorializam facilmente. Acerca disso considero bastante instigantes a proposta de Félix Guattari e Suely Rolnik a partir da proposta da micropolítica;

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e de destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do

¹⁵⁷ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In; _____. **Microfísica do poder**. Trad. e Org. Roberto Machado, 26. ed. São Paulo: Graal, 2013, pp, 55-86.

¹⁵⁸ Entendo o território apropriação, de subjetivação. Como um conjunto de representações que fazem emergir comportamentos e investimentos de caráter social, cultural e cognitivo. Ver. GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante (GUATTARI; ROLNIK, 1993, p, 323).

Quem trabalha no agave, especificamente os homens, não têm território fixo. Falo na especificidade masculina, porque o trabalho de limpar as fibras, atributo feminino, poderia ser feito na sede da fazenda ou em lugar fixo. Os homens são sujeitos que estão inseridos dentro de uma dinâmica produtiva que pode arrastá-los para outros territórios, outros espaços, de acordo com as necessidades de produção.

Existiam ao menos dois motivos e duas configurações para essa desterritorialização. Em primeiro lugar, o agave era desfibrado no campo. Quando a produção daquele lugar acabava a estrutura que abrigava o motor era desmontada e levada para outro campo com folhas em tempo de desfibramento. O motor de agave era uma unidade móvel que em um mês poderia estar em um lugar e no outro ser transportado para outro. Assim os espaços que os trabalhadores habitavam eram provisórios. Por isso, mesmo tudo no motor de agave era móvel ou provisório, como por exemplo, o lugar de preparo dos alimentos, que se constituía em um buraco no chão e algumas pedras.

Ainda segurando a pequena cruz que carrega junto ao seu peito, e como aparência cansada e respiração ofegante, e tomando os últimos goles de café, Antônio Claudiano relata em sua narrativa um episódio em que mesmo doente teve que “arrancar” o motor e colocar em cima do carro, isso se dava por conta do fim do ciclo produtivo de um campo. Quando as folhas boas para o desfibramento eram cortadas era preciso esperar certo período, às vezes anos, para que o campo voltasse a produzir;

Só ficava só mandando. Muitas vez, eu fui tirar um campo de agave em Cumati, compadre Luiz ficou em casa, quando foi já no fim. E já terminando o agave eu adoeci. E eles num tem pena de candango de motor não. Ai eu mandei dizer pra ele que viesse tirar o resto do agave que eu não agüentava não, que, tinha adoecido. Ele disse “você ta é com preguiça, você ta é com uma preguiça da mulesta. Tire o resto do agave”. Ai e tirei, tirei doente, com uma dor de lado. Oxem, eu tirei a força. Ai quando foi na sexta feira ele chegou e disse “Agora vamo arrancar o motor e botar em cima do carro”, e disse, arrancar? Vá arrancar você, ai fui lá pra barraca e me deitei. Ai foi quando que eu vim embora.¹⁵⁹

¹⁵⁹ Antônio Claudiano Fidelis, entrevista concedida em 13/08/2013.

Vemos neste depoimento que os trabalhadores não tinham lugar fixo para o trabalho. Além disso, percebemos como eram os tratamentos entre os empregados, os capatazes ou os donos do motor. Percebemos através desse depoimento que a exploração de trabalho no motor era marcada pela ausência de direitos do trabalhador rural. Isso acontecia nesta região da Paraíba apesar de já existirem leis trabalhistas desde o período Vargas, além do Estatuto do Trabalhador rural, do ano de 1963, implementado pelo governo de João Goulart e a implantação do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL), finalizada pelo governo do general Emílio Garrastazu Medici (1969-1974).

O outro motivo para a desterritorialização dos candangos de motor é que, no início dos anos oitenta o agave começava a passar por um vertiginoso processo de desvalorização tanto no mercado interno como externo. Assim os fazendeiros começavam a comprar campos de agave em outras cidades da região, em outros casos alguns trabalhadores começaram a ser contratados para trabalharem em outras cidades da região, em alguns casos iam para outros Estados.

A experiência¹⁶⁰ de deixar as famílias e seguir para outras regiões fez parte da realidade de muitos homens desta região, que diante da impossibilidade de trabalho em Cubati se juntavam a parentes e amigos na busca de motores pelo “méi do mundo”. Isso nos diz Ernando Lopes em sua narrativa, em determinado momento ele reconstrói seus percursos em busca de trabalho, traça uma geografia de seus deslocamentos para distante cidade de Queimadas ou para a próxima Seridó, que ele se refere a partir do nome do padroeiro da cidade, Santo Antônio. Esses deslocamentos levaram também este senhor para o Estado de Pernambuco;

Fui pra Queimadas, de Campina pra baixo, bem mais pra lá. Era lá perto da pedra de Santo Antonio. Nós fomos pra lá. Sabe quantos motor tinha de Cubati? Já tinha mais de quarenta motor. Daqui de Cubati, tinha vinte dois. Tinha motor até de Teixeira lá. Era da uma mulher da família de Zé Cunha Lima, de lá, nós tiremos para o Pernambuco, pra Alcantil¹⁶¹. Passei muito tempo por lá, mais Everaldo, depois voltei pra cá. Puxei agave até agora, em setenta e nove.¹⁶²

¹⁶⁰ Uma noção bastante interessante para definir o que é experiência é fornecida pelo filósofo Jorge Larrosa, numa conferência proferida em 2001 em Campinas/SP, para ele “*A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece*”. Ver. LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

¹⁶¹ Durante a entrevista percebi que o narrador refere-se ao município de Alcantil como se o mesmo fosse localizado no estado de Pernambuco, não o quis corrigir no momento da entrevista, tendo em vista não comprometer sua narrativa, mas cabe registrar aqui que Alcantil é uma cidade do interior paraibano.

¹⁶² Ernando Lopes da Silva, entrevista concedida em 13/08/2013.

Em um momento singular de sua narrativa, Maria Hélia de Sousa narra essa experiência masculina a partir de outro olhar, o olhar de uma mãe, que viu seus filhos ainda jovens deixarem Cubati para trabalharem nos motores de agave que também haviam se espalhado pelo território pernambucano. Acredito que, seja uma narrativa singular não apenas pela lembrança dessa experiência, mas pelo conjunto de elementos que lhe possibilitaram visões sobre a discriminação que ocorria com as mulheres que se separavam de seus maridos

Para compreender a sua narrativa é preciso analisá-la não apenas como a voz de uma mãe. Sua primeira condição é ser mulher, é ser marcada pelo discurso masculino que excluía as mulheres dentro daquela atividade, tidas como fracas, submissas e traiçoeiras. As mulheres eram excluídas, inclusive das conversas e dos espaços. Há ainda dois elementos que devem ser considerados sobre Maria Hélia, e que tem importante contribuição para o seu percurso narrativo; a negritude e a condição civil a que se encontrava. Trata-se de uma mulher negra e separada do marido, ou seja, uma mulher marcada por dois fortes signos de exclusão;

Eu me separei logo. Fiquei só logo. Tive os meninos e ele foi embora. Mandei se danar logo porque não prestava. Era ruim demais, bebia. Achei melhor criar meus filhos sozinha, eu e Deus. Ele tem outra família pras bandas da Bahia, pra lá. Eu fiquei só, eu tinha, ia fazer trinta anos ainda, e num quis saber mais de ninguém, fiquei sozinha até hoje. E meus filhos trabalhando, eles trabalharam até no Pernambuco, eles dois, só não eu, era eles dois no motor de agave, todos pequenos ainda.¹⁶³

Antes de falar dos filhos, da ida deles em busca de trabalho ela faz questão de demarcar a si mesma, de cartografar sua trajetória feminina. Rememorando sua juventude e a desventura amorosa ao lado de um homem alcoólatra ela parece demonstrar o mesmo espírito rebelde e independente. Emprego esses dois adjetivos para me referir a ela, porque acredito que ser mulher, negra, separada e fibreira de agave numa sociedade machista e misógina como a Nordestina no início dos anos cinquenta seria desafiar as normas e construir uma forma particular de existência.

Sobre a ida de seus filhos ela fala mais com o olhar do que com as palavras. Ao dizer que dois de seus filhos foram trabalhar nos campos de agave em Pernambuco ela tem um olhar triste, sentido, e por alguns momentos olha para fora, a porta me parece mais uma metáfora para sua alma que busca olhar para os foras de sua identidade, de suas memórias. Em alguns pontos de sua narrativa é possível perceber que, após a morte de seu pai, ela e os

¹⁶³ Maria Hélia de Sousa, entrevista concedida em 22/12/2014.

meninos “ainda pequenos” trabalhavam no motor para sustentar a casa, a sua e a de sua mãe. Maria Hélia desafia não só as normatizações sociais, ela desafia também a si mesma, constrói em seu próprio corpo uma nova mulher, independente, ousada, que quis ficar “só logo”. Na certa, nos campos de agave, ela nunca ouviu falar de nenhuma feminista, de uma Simone de Beauvoir ou de uma Patrícia Galvão ou de nenhuma grande mulher símbolo da luta feminina, mas soube como ninguém construir uma identidade marcada pela afirmação de si, de suas próprias normas e conceitos.

Essa desterritorialização atingia todas as pessoas que trabalhavam com o agave. Desde as mulheres que mudavam de campo, conforme mudasse o lugar de desfibramento do agave, até os homens. Esses eram atingidos por esse processo de maneira mais violenta. Obrigados a deixar suas casas, suas famílias e suas esposas, eles seguiam para cidades desconhecidas, onde eram condicionados a trabalharem em condições extremamente precárias e sem possibilidade de retorno. Submetidos à ausência dos seus, esses homens forjavam por diversas vezes novos laços de amizade e afetividade.

Dessa desterritorialização e dessas condições a que eram submetidos, o senhor Francisco Maciel Neto, ou Chico Velho como prefere ser chamado, no auge de seus noventa e um anos e com uma força narrativa impressionante narra um episódio em que seguiu com alguns parentes para a cidade de Cuité, onde trabalharia num campo de agave por algum tempo. Em sua cadeira amiga¹⁶⁴, esse velho homem narra suas memórias como quem conversa com uma pessoa bastante conhecida. Antes de começarmos a falar de agave, travamos um boa prosa na varanda de sua casa no alto de um pequeno elevado, de onde é possível avistar os bancos de serra que ficam próximos à cidade de Pedra Lavrada.

Naquela varanda, a alta temperatura do sol de janeiro era amenizada por uma agradável brisa. Somando ao som do vento que vinha de uma pequena área de Caatinga próxima, ouvia-se o canto dos pássaros, das galinhas e dos guinés que corriam pelo terreiro de sua casa. Desenvolvemos uma conversa sobre os primórdios da Vila Canoas, do tempo que quase não tinha nada. Ele fala de sua infância, de ter sido batizado pelo sisudo padre Simão Fileto, de quem lembra, de forma bastante humorada da vez em que o padre mandava prender um “caba” que tinha lhe faltado com respeito. Chico Velho fala que ouvira falar que padre Fileto mandou pegar o “caba” e com as próprias mãos lhe amarrou num ligar perto da capelinha de São Severino.

¹⁶⁴ Faço uma referência a música “Cadeira amiga” de Élcio Neves Borges, o Barrerito, onde o compositor faz uma “homenagem” a cadeira de rodas que o conduzia.

Outro padre atravessa nossa conversa, o padre Luis Santiago, que nos anos trinta e início dos quarenta liderara uma verdadeira campanha em prol do cultivo e da comercialização de agave. Segundo Chico Velho, era um padre teimoso, bravo e inventivo, tinha projetado sozinho um avião, que na Ubaia recebia gente “grande e pequena”, um homem que tinha poderes místicos, que quando “botava as vestes, aquela batina branca” podia ver o que quisesse. E me aconselha: “olhe meu fi, com padre a gente não brinca, brinca não”.

Um ponto interessante de nossa conversa que antecede suas memórias do agave é uma cartografia de velhos que ele faz, ele conta, indica onde vive e quem são os velhos centenários de Cubati. Através dos sítios e das ruas ele mostra as pessoas com noventa anos ou mais, e me olha dizendo que tenho uma tia-avó que tem cento e um anos. “Joaninha sua tia, ela tá boa?”. Tá sim seu Chico, respondo olhando pra ele. “É a mãe do anão, ele morreu esses dias, me disseram aqui. É, morreu”. Em sua fala e seu olhar está também a esperança de viver mais, e quem sabe entrar na casa dos cem, como se fala. Falando da morte dos outros ele teme a sua, essa desconhecida, mãe e criadora da finitude, que assusta até o “caba” mais destemido. Mas Chico Velho sabe que enquanto narra suas memórias parece está vivendo mais, está criando espaços de vida em sua existência.

Uma mulher nos observava, pintava o portão da casa de Chico Velho, e com um olhar e os ouvidos atentos parecia querer acompanhar cada linha daquele novelo de narrativas. Chico Velho confiava nela, sempre pedia que ela confirma-se alguma coisa, ou que completasse sua lembrança. Daguia, como ele se refere várias vezes, é casada com seu primo, uma pessoa de casa. Além de tudo, Daguia havia sido fibreira de agave, então sabia muito bem daquilo que conversávamos ali, atenta ela acompanha, fala pouco e é motivo das queixas de Chico Velho: “Daguia tá aí e num diz nada, fica só calada”. Nos momentos em que esquece de alguma coisa, uma estranha angústia paira sobre ele, na verdade, o seu desejo é ser útil, de falar de algo que ele viveu e por algum motivo não lhe chega à memória. Chico Velho tem um medo: esquecer. Um medo que habita sua narrativa, as pausas, o olhar para fora expressam esse medo, ele tenta buscar suas lembranças, não quer perder aquilo que faz parte de sua existência.

Quando está falando e esquece-se de alguma coisa que queria falar ele para, me olha, e diz com certa angústia no olhar: “Me perdi” ou “Agora num vai mais”. Eu, pacientemente retribuo o olhar, meu desejo é que num lampejo aquela memória (re) apareça, que aquele momento de reconhecimento, aquela imagem fugidia do passado, de que fala Walter

Benjamin¹⁶⁵, iluminasse a narrativa. Mas sou historiador e não juiz, não posso julgar seu esquecimento, apenas me calo e dialogo com ele através do silêncio.

Sobre a sua ida para Cuité, ele lembra com detalhes das pessoas que foram e dos desenganos que encontrou por lá. Demonstra em certos pontos a fragilidade humana, o sentimento de ser vencido pelas dificuldades, o abatimento por ter deixado sua “velha”, como se refere por inúmeras vezes à sua esposa, e os dezoito filhos, que em certo momento que confidenciou que na casa não tinha nem canto pra armar rede de tanto menino que tinha.

Embora seja um trecho longo, acredito que, ela deve ser transcrita na íntegra para podermos compreender a vida desse homem a partir de uma estrutura de sentimentos que lhe fazem narrar esses dias de sua vida. Além de mostrar questões subjetivas, ele mostra também questões relacionadas à exploração a que os candangos de motor eram submetidos, sobretudo, quando iam trabalhar em lugares e com pessoas desconhecidas.

Vou te contar, terminei, tinha um campo de agave ali, esse Chico corda, eu tenho um genro, esse começou muito cedo no motor, esse Luizão, que mora ali. Lá vai, lá vai. Foram pra banda de Cuité e arrumaram um agave, e o homem disse que se arrumasse uns cinco motor levasse, esse Basto de Dorinha, Dorinha é minha prima e Sebastião ainda é parente, ele era da família do prefeito, é Souto, é Souto, de sua tia Joaninha. Aí, ficaram e vamos, vamos. E eu com uma turma. E faltando um trabalhador. E eu vou faltando um trabalhador? Mais lá tem gente, mais meu filho, foi um cunhado meu irmão da velha aí, do meu povo mesmo, saímos daqui, Sebastião com três motor em riba do carro, e os homens com os animais, porque no carro não dava pra levar os burros. Mais eu sei que chegamos em Cuité quase uma hora da tarde, pra arrastar três léguas de cabeça a dentro, assim. Fomos pra lá, quando cheguei lá que botaram os motor a baixo que vi o jeito do agave aí entristeci. Eu saí, vocês fazerem isso comigo? Ai de cabeça a baixo tem agave. E botou em baixo, quando meu cunhado chegou e disse; só tenho pena do senhor. O senhor num chega lá no motor não. Nós gasta quinze minuto de carreira pra descer a ladeira e subir. Aí eu digo, aí sim. Agora esses motor foram, esse menino, num levavam nada. Eu levei meio saco de milho, eu levei quase meio saco de fava, eu levei uns negócio, quando cheguei lá o menino disse; papai os meninos num trouxe o que comer não papai. Mais num tem no saco? Pois bote, bote. Num tem carne, mas tem rapadura, bote pra tudo. Comeram e eu fiquei, esse velho danou o menino, o menino que foi cortando, aquele João de Genésio, era o cortador. Uma braúna nova, a braúna nova tem espinho pra todo lado. O menino de japonesa, cortava aqui desse jeito, quando chegou lá cadê o puxador? Tiraram um que cortava pra ir puxando mais o outro. E esse menino dizendo; seu Chico eu vou embora. Ai mandei um menino meu, você vá comprar um par de botas. Compre umas botas pra ele, pra ver se ele corta esse agave, pra ver se ele se interte. Aí trouxeram, ele apanhou e sempre

¹⁶⁵ “A verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugidia. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável de subitamente iluminada no momento de seu reconhecimento”. BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. **O anjo da História**. Org. e Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p, 11.

cortou, e amarrador rapaz, em riba dos espinhos? Eles se danaram, por dentro da jurema. Chico Corda ainda tinha um agave mais no limpo e eu foi quem fiquei dentro do garrancho, dentro da jurema.¹⁶⁶

Ao se deparar com as difíceis condições de trabalho naquele novo espaço alguns trabalhadores não exitavam, juntavam o pouco que tinha ganhado e voltavam para suas casas. A dor de estarem separados da família era ainda mais agravado com as condições desumanas de trabalho, não foi diferente o que aconteceu algum tempo depois em que o Chico Velho se desterritorializou-se:

Ai eu digo, eu vou embora. Eu tô liso mais tenho meu patrão. Eu vou embora, ai fui chorar em cima do caixão, dos ferros do motor, sentado, imaginando, o caba se socar logo ali dentro, eu pegava logo a enfraquecer. Foram dizer, quando foi de noite, eu ia num jumento. E eles agarrado, de vez em quando eles subia na garupa. Quando chegou lá o velho chegou e disse; mais vai embora seu Francisco? Eu disse; só num vou agora seu Mané, era Manoel Trajano, só num vou agora porque já ta essa hora e eu num tenho o dinheiro, se não eu mandava o menino na rua, pegava o caminhão, botava meu motor e ia embora pra casa. Não trabalha lá não seu Mané, quem é que aguenta ta dentro do espinho de braúna seu Mané? Mais tenha paciência, vai sair um campo melhor. Ai eu disse; Reginaldo vá na rua, ele com um namoro longe três léguas, mais ela vinha pra aí essa namorada, eles arranja que num seu como é. Você vai, durma na rua, só tem um ônibus, de lá você vai pra Campina Grande, você sabe onde é o armazém de Manoel Cordeiro, agora pela caridade, você num vá se interter com namoro na rua não e perder o ônibus, mais rapaz, foi mesmo que um dito e entregue. O ônibus parou lá na frente, e tinha um senhor que mandou parar, dizendo que tinha um rapaz que ia pra Campina. Ai Sebastião chegou, ele disse que num levava ninguém, quando os caba viram eu subindo com o motor eles correram, trouxeram até de dois, eles arrastaram na ladeira pra ir embora. Aí o velho viu, eu disse; eu vou só, agora quem ta aí, eu é que num vou empatar não. Quando chegou em Cuité meu genro ficou, ai veio só eu e o cunhado.¹⁶⁷

Narrando essa “aventura” em que se propôs, Chico Velho, traz consigo um conjunto de referências, pessoas que dividiram com ele todas aquelas condições, a viagem em cima do caminhão, a partilha do alimento, o desengano de chegar num lugar e encontrar um agave, quase impossível de ser tirado. A presença de crianças nesses outros territórios que buscavam também era comum, elas desde cedo eram feitas homens grandes, educados, formados para o trabalho duro, se ferindo, se estrepando nos espinhos, forjando uma idade semelhante a daqueles homens, embrutecidos, endurecidos pelo trabalho.

Outras lembranças são narradas por Chico Velho. Naquele período em que o agave começava a se espalhar pelas cidades do interior paraibano, muitos pais de família

¹⁶⁶ Francisco Maciel Neto, entrevista concedida em 07/01/2014.

¹⁶⁷ Francisco Maciel Neto, entrevista concedida em 07/01/2014.

começavam a sonhar com a riqueza originária do agave, muitos vendiam terras ou gado para investir na compra de um motor e de um pequeno campo para começar a “entrar no negócio do agave”, isso ele mostra na narrativa de quando viu no agave uma maneira de conseguir ganhar algum dinheiro e poder garantir o sustento da “velha” e dos dezoito filhos;

Foi, eu já comecei tarde. Porque num podia e tinha mais medo. Ai fui me acostumando, ai emboquei. Essa velha que eu tenho tem um boi de cultivador, ai os meninos, o sobrinho dela mesmo, falaram; Tio Chico, por que o senhor num compra um motor? Tanto agave que tem por aqui. Ai eu falo; porque eu tenho medo e não tenho condições. Ai fomos falando, peguei o boi, e Zé de Vanderlan disse; quer entrar no ramo? Eu disse; quero, mais eu tenho medo. Ele olhou e disse; medo é manha. Aí, eu num fui nem lá, e tá lá meu nome no canto que compra motor, [pausa... agora não deu], eu num fui nem lá, quem foi, foi um genro meu. E fui pro motor e me si, fui aqui pra esse campo de seu Leôncio, comprei o campo de agave, agave tava num preço bom, eu num sei se era três mil réis? Sei lá, num lembro mais não. E seu Manoel entrou com o dinheiro pra dar no resto do motor, sabe? Eu fiquei pagando, pagando, pagando, comprei o agave, quando cuidei na vida tinha perdido o motor.¹⁶⁸

Essa experiência é partilhada por outras pessoas que tinham suas vidas marcadas pela cultura do agave. Vários pequenos proprietários de terra, pequenas áreas, juntavam alguma economia e compravam um motor, outros, com menos condição financeira, reservavam uma pequena área de sua terra para plantar os filhotes de agave, que quando adultos eram vendidos para os que possuíam o maquinário de desfibramento. Isso se dava porque, o agave era um produto em constante valorização, tendo em vista que a planta atinge a idade de corte em um tempo relativamente longo, muitos plantavam durante o inverno, na seca, as plantas estariam adultas, e como era a única atividade possível, era mais valorizada.

O pai de Chico Velho fez o mesmo, conseguiu alguns filhotes e plantou em seu roçado, o seu objetivo estava longe de ser um grande fazendeiro ou possuir um grande campo de agave como os de João Jerônimo ou de José de Medeiros Dantas, ele queria era conhecer um pouco mais daquela estranha planta. O velho Raimundo, pai de Chico Velho, era, segundo seu filho, um homem curioso, que gostava de estudar. Talvez a leitura de alguns cordéis, ou mesmo as histórias do padre Luis Santiago, de quem seu Chico Velho narra muitas histórias, tenham lhe aguçado a sua curiosidade.

Quando, em um determinado momento de nossa conversa, sobre se ele tinha alguma lembrança de quando o agave tinha chegado naquelas terras, ele narra o encantamento e medo que o agave provocou. Encantamento por sua beleza e medo por conta das várias lendas que

¹⁶⁸ Francisco Maciel Neto, entrevista concedida em 07/01/2014.

circundavam aquela planta. E repete várias vezes: “É bonita, é bonita demais”. Ele mistura as percepções que teve do agave em sua própria casa, com seu pai, à percepção que teve a partir da observação da chegada do agave nas grandes propriedades, em que o governo incentivava diretamente o cultivo;

Mais ou menos. Deixa eu ver meu Deus. Em trinta e sete, trinta e oito nós dormimos ali, debaixo. Aí tinha um Zé Ângelo, que morava ali em arranca mato, ele foi pro brejo, eles já plantavam por lá, ele trouxe um bocado de pé de agave. Era lá na barreira do rio, papai foi e trouxe uns cinco filhote e plantou, e nesse mundo lastrou nesse mundo. Raimundo tem um filhote lá? Tem, vá buscar, aí foram plantando, e foram plantando. Aí, esse aqui de Chico Ribeiro, veio nos caminhão do governo. Tombando num sei da onde, sei que era dos lados de Brejo de Areia. Eles traziam os filhote, quando a gente dava fé chegava três ou quatro carregado de filhote, derramava aí dentro do campo e os caba plantando, e hoje ta aí.¹⁶⁹

Essa percepção pessoal era moldada de um lado pelos discursos de positividade e por outro lado pelas profecias de maldição que o padre Cícero falava e chegavam nesse mundo de gente simples a partir de interpretações de poetas cordelistas ou de algumas pessoas que sabiam ler, Chico Velho fala de ter ouvido essas histórias. Para dar um tom de humor a sua narrativa ele narra ainda um episódio acontecido em 1937, a primeira vez em que um avião cruzou os céus de Cubati, ele narra em meio a risos, o que aconteceu naquele dia;

Era. Tinha a do capa verde, e como era outra? Olhe, agora num tem ninguém pra dizer. Como era o outro pra aparecer, que o povo ficava tudo com medo. O capa verde. Tinha outra que ia aparecer. Era o capa verde. Joca Belo é quem sabia, um que num sabia ler que nem eu, mais esse povo tinha uma memória medonha. Era o capa verde **[pausa... agora num digo]**. era o capa verde. Tinha outro que eles diziam que vinha. Tem outro negocia que diziam que vinha. Aí o capa verde é esse aí, o agave. É o agave. Começou na Bahia. Já tá na Bahia e vem por acolá, por acolá, e tornou-se aqui muito. Ave Maria, meu fi. Tinham medo demais. Em trinta e sete, o primeiro avião que passou, foi em trinta e sete. Ele veio do lado de acolá e atravessou ali, eu tinha um primo que tornou-se mecânico fino, mas aí meteu a cara na cachaça acabou-se em nada, mas possuiu carro e tudo. Aí ele chegou aqui, nós fomos criados juntos pelo meu avô, nós era primo. Ele era José Maciel Neto e eu Francisco Maciel Neto, tudo desse velho. Aí ele chegava ali e já botava uma garrafa de cana e uma carteira de cigarro e se deitava ali, e jogava a piola de cigarro. Ele chegou e perguntou se eu lembrava quando foi que passou o primeiro avião. Eu disse; sei. Ele perguntou; onde nós tava. Tava ali em São Gonçalo, ele disse até o dia mais eu perdi. Ele passou pra ali. O povo quase morre, ia duas mulher ali nesse baldio. Nessa fazenda que hoje é dos sem terra, nesse tempo era uma fazenda, tinha um gado. Ia uma velha mais a fia que quando viram o avião se agarraram uma com a outra e caíram do baldio.

¹⁶⁹ Francisco Maciel Neto, entrevista concedida em 07/01/2014.

Ele não chegou a ler nada sobre aquela lenda, mas ouviu de várias pessoas que no Juazeiro, no Ceará, o místico Padre Cícero falava de um tal capa verde, um terrível enviado do inferno para tirar a paz e o sossego do homem do campo, o que causava medo e dúvidas. Sobre a lenda do capa verde ele ainda fala, sempre recorrendo ao apoio de Daguia;

Meu filho. Tá aí Daguia. Vinha daqui desse mundo, essa história. Falava no padre Cícero, porque o padre Cícero era quem dava esses negócio. Por que agora eu tô esquecido rapaz. Porque era pra eu contar muita história. Mas o negócio era o padre Cícero, o padre Cícero. Era o padre que descobria esses negócios rapaz, era, o padre Cícero. Meu pai sempre dizia; padre, quando ele toma aquela veste e veste branco ele pede o que ele quiser, ele pede pra ver e ver ali, ali, ninguém brinque com padre quando ele tomar a veste, aquela veste branca, olhe meu pai como era. Estudava, ele tinha um bocado de livro, ele estudava, era meio curioso, o meu pai, mais aí a família. Agora eu é que tô com um negócio na cabeça, é a idade. Mas se tivesse um menino aqui pra indicar, Geraldo num tá. Da Guia tá aí e tá calada, num diz nada. Tinha gente que contava a história do padre Cícero, rapaz, esses negócio do padre Cícero. Homem com aquilo o camarada ficava assombrado, menino. Ficava pensando que o mundo ia se acabar tal dia ficava pensando no que se escrevia lá, o padre Cícero. Tinha outra que era pior, mais num chega, essa é que era perigosa, tinha gente que ficava imaginando, mais rapaz, vamos morrer, impressionava aquilo.¹⁷⁰

Antônio Claudiano Fidelis e Ernando Lopes também falam em suas narrativas dessa lenda, contam do tamanho do impacto dele na vida dos trabalhadores do agave. O medo que se instaurava era geral, em uma terra em que o discurso desse sacerdote tinha um status de verdade, o capa verde assombrava de fato a todos os que tinham contato direto ou indireto com o agave, que até os anos setenta se espalhava vertiginosamente naquelas terras. Antônio Claudiano diz que ouviu muito sobre aquela história de capa verde, do medo que tinham, isso fazia com que as pessoas mantivessem seu pequeno roçado, porque aquela maldição poderia acabar de uma hora pra outra, o agave, mesmo invadindo os campos fazia com que as pessoas mantivessem um pouco daquela agricultura tradicional, durante muito tempo negativada pelos discursos dos políticos e agrônomos;

Ouvi. Ouvi muito. O povo falava. Agora, o capa verde era o agave. O povo dizia que vinha o tempo que o capa verde, que ia chegar o tempo que só ia ter o capa verde no mundo. Só aparecia o capa verde, não aparecia lavoura nem nada, mais, foi engano. Tinha o capa verde e tinha os roçados de lavoura. Mais era mais agave. Todo mundo tinha roçado, seu roçadim, porque nesse tempo o povo trabalhava, hoje em dia é que o povo é na

¹⁷⁰ Francisco Maciel Neto, entrevista concedida em 07/01/2014.

vagabundagem, hoje em dia o povo não querem trabalhar não. Só querem mais é roubar.¹⁷¹

Muitas sensações e sentidos se misturavam e conferiam sentidos a essas narrativas. Seria o agave mesmo uma maldição? Seria ele o enviado do diabo para ferir e matar os agricultores? Para algumas pessoas sim, várias pessoas afirmam que o trabalho no agave era um verdadeiro inferno, uma maldição. Para outras, sobretudo, para quem lucrava mais, o agave era uma graça divina, como dizia o padre Luis Santiago, era um sorriso de Nossa Senhora para o mundo. Eu mesmo, a partir das narrativas que ouvi, entendia o agave como maldição, Maria de Lourdes discorda de mim;

É nada. Era uma a benção de Deus, porque se não fosse o agave naquela época, meu filho, o povo ia passar uma necessidade terrível. Na época era só a lavoura e o agave. Na minha juventude era só o agave, o algodão e o legume. Assim, era a agricultura.¹⁷²

Contudo, as narrativas dessas pessoas não são apenas narrativas de lembranças, mas também de esquecimentos. Um esquecimento que na grande maioria das vezes não advém de questões neurológicas, mas partem de uma vontade, de um desejo de escolher o que se quer lembrar e do que se quer narrar. Se pensarmos a narrativa como uma construção de si, podemos perceber que através dela o sujeito forja a sua identidade, se constrói através de uma *escrita de si*¹⁷³, que nem sempre se opera através da grafia, mas, no caso dos trabalhadores com quem conversei, de uma narrativa oral, da verbalização das memórias e dos esquecimentos. Nesse sentido, compartilho do que Margareth Rago propõe ao se referir as narrativas autobiográficas das feministas que pesquisou “*narrar é inscrever-se, é constituir-se*” (RAGO, 2013, p, 140). A narrativa é um mecanismo de criação de si, pelo qual o sujeito se constrói a partir do lembrar e o esquecer. Segundo Paul Ricoeur;

As estratégicas do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando ênfases, refigurando diretamente os protagonistas da ação assim como os contornos dela [...]. Enquanto ativo, esse esquecimento acarreta o mesmo tipo de responsabilidade que a imputada aos atos de negligência, de omissão, de imprudência, de imprevidência, em todas as situações de não-agir, nas

¹⁷¹ Antonio Claudiano Fidelis, entrevista concedida em 13/08/2013.

¹⁷² Maria de Lourdes de Oliveira Santos, entrevista concedida em 22/12/2014.

¹⁷³ Para Michel Foucault o sujeito se constitui a partir de “modos de subjetivação”, buscando esses modos de subjetivação na cultura greco-romana ele encontra a ideia de escrita de si como maneira de domínio de si, de criação subjetiva, acredito que a narrativa também pode ser entendida como um modo de subjetivação, é ao narrar que o sujeito se cria, constituindo-se em um treino de si, por si mesmo, uma *Askêsis*. Ver. FOUCAULT, Michel. A escrita de si. **Ditos e escritos, volume V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta, trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp, 141-157.

quais, posteriormente, uma consciência esclarecida e honesta reconhece que se devia e se podia intervir (2007, p, 455-456).

Assim, o esquecer assim como o narrar passa a ser entendido como uma vontade, como uma ação, e mais ainda, como uma necessidade¹⁷⁴ do sujeito que perde nas suas próprias memórias.

Essas mulheres: narrativas femininas

*O próprio cunhado meu, hoje em dia ele já morreu, ele tá pagando onde ele tiver. O próprio cunhado não tinha respeito, dizia cada um palavrão que fazia vergonha. No motor de agave. Acredita? Era João de Conceição. Eu sofri muito.*¹⁷⁵

As palavras de Julieta de Castro além de trazer para a discussão da presença das mulheres nos campos de agave mostram também as tensões existentes entre homens e mulheres, os conflitos que se configurava no cotidiano do trabalho e que foram capazes de deixar marcas, no corpo e na alma dessas pessoas. O ressentimento que ela mostra em sua fala é uma resposta as humilhações e ao desrespeito a que estava submetida pelos homens do motor. Os homens não só ditavam as regras a que elas deveriam ser submetidas, mas também demarcavam os espaços em que elas poderiam habitar, que deveria ir e vir. Essas mulheres estavam controladas pelos dispositivos de masculinidade que dominavam o trabalho nos campos e nos motores de agave.

Quando realizei as primeiras entrevistas com os trabalhadores dos campos e motores de agave eu quase que desconhecia a participação feminina nesse trabalho. Até então só tinha ouvido narrativas masculinas, ou de mulheres que ignoravam o trabalho de outras mulheres e falavam apenas de homens. Em minha mente, tudo que se falava da produção, da comercialização e do trabalho no campo de agave era masculino, era traçado pelos fios da masculinidade. Aos poucos fui percebendo que mulheres também tiveram uma participação direta naquela história. Quando entrevistei a primeira mulher, do grupo de dez pessoas que colaboraram com a pesquisa percebi que elas não só trabalharam, mas que tiveram um papel de destaque, que embora fossem tidas como inferiores e subalternas, haviam constituído novos espaços de criação de si.

¹⁷⁴ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. Para uma genealogia da moral. In: _____. **Obras Incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, pp, 295-324.

¹⁷⁵ Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

Certa vez, Dona Julieta, uma jovial senhora de sessenta e três anos, me recebeu em sua casa e narrou suas experiências, contou-me de como era difícil trabalhar naquele lugar, de conviver com aqueles homens, embrutecidos, machistas e extremamente opressores. Sentada num confortável sofá e rodeada de coloridas almofadas, aquela senhora narrava suas memórias e ao mesmo tempo estabelecia comigo uma relação de intimidade, falou de seus amores, de suas aventuras e de suas dores, dores da alma por está num lugar onde era discriminada e hostilizada. Em primeiro lugar ela deixa claro que não era a única mulher a seguir todos os dias às seis da manhã para o trabalho na fibra do agave;

Não. Era eu tinha doze anos, eu ia mais minhas irmãs. Ia mais minhas irmãs, depois mais Miguelina, Miguelina ali. Trabalhei mais Miguelina e a finada Nina, irmã dela. O finado Antonio Velho, a finada Joventina e Inácio Benedito, nós trabalhava tudim, aquela ruma de gente trabalhando. Três mil réis, a semana, apanhava fava até onze horas, aí de onze horas ia almoçar.¹⁷⁶

Identificar outros sujeitos que partilham da vida de quem narra a memória, além de ser uma tentativa de identificação dentro de um grupo, faz parte do que chamamos de memória coletiva, uma memória que não consegue existir por si só, mas que busca a todo tempo se entrelaçar com o outro. Seguir cedinho para o campo de agave, unir as amigas e as irmãs para seguirem juntas me parece uma primeira tentativa de se criar um universo feminino dentro daquele espaço onde a palavra masculina era revestida de um sentido de autoridade e força. Mesmo o cunhado dela era capaz de lhe dizer palavras, que feriam, que humilhavam e que a colocava num lugar maldito, sobre elas pesava a intensa violência¹⁷⁷ de gênero, essas mulheres estavam marcadas pelo signo da exclusão.

O olhar masculino de Francisco Maciel Neto lança sobre a questão do trabalho feminino nos motores de agave, sua narrativa parece querer pacificar as lutas simbólicas entre os homens e as mulheres, segundo ele, elas até podiam vir no motor, mas era só pra fazer alguma coisa. Ele não desconsidera a existência de um certo tipo de desrespeito por parte dos homens, mas especifica que quando as mulheres chegavam eles mantinham o respeito, mas diz em sua narrativa de maneira clara que elas eram excluídas, vinham e faziam alguma coisa, mas tinham que voltar imediatamente para o campo, lá, longe, as mulheres estavam livres daqueles rudes homens, de suas palavras, de seus atos e de seus desejos;

¹⁷⁶ Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

¹⁷⁷ Sobre a noção de violência de gênero é importante a leitura do livro de Rita Segatto, em que a autora apresenta a uma nova percepção e abordagem do tema. Ver. SEGATTO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos**. Bernal, Universidad de Quilmes, 2003.

Era. Elas ficavam lá pro campo isoladas, se viessem no motor era pra botar água, alguma coisa. Mais eram lá pros canto deles. Quando era pra cuidar do feijão, alguma coisa elas vinham, mais eram separadas. Era, viu? É, tinha sim. Tinha muito, mais depois se acostumava. Porque o camarada tem que entrar com respeito, a mulher vem com respeito. Se diz uma brincadeira é com um conhecido, uma brincadeira ali, aquilo ali passa, ninguém fica aplaudindo não. As mulheres sempre eram lá, no campo, estendendo a fibra limpando.¹⁷⁸

Mas por que elas precisavam ficar isoladas? Quais perigos ofereciam? Ou será que corriam perigo? O campo, onde o agave era estendido pelas mulheres ficava numa relativa distância do motor, lá elas tinham que limpar e estender toda a fibra. Era um trabalho bastante penoso e a fibra ainda molhada estava completamente encharcada daquela substância que provocava intensa coceira, isso fazia com que as mulheres tivessem seus braços atingidos por aquele líquido, muitas vezes causando feridas.

Naquele espaço as mulheres tinham um espaço só delas, um recanto íntimo, onde poderiam falar das coisas de que eram privadas pelos homens. Outros amores, outros sonhos, outros desejos. As mulheres não se submetiam, faziam dali um espaço de criação de si, de novas subjetividades. Algumas até gostavam de estar separadas daqueles homens, pareciam ser mais alegres assim. Quem sabe aquele espaço feminino fosse também uma libertação, mesmo que momentânea, do machismo do lar, exercido pelo pai ou pelo marido;

Quando a gente trabalhava era cantando, era rindo, era contando piada. Tudo que a gente fazia naquela época a gente fazia alegre, por amor. As vezes tava chovendo e a gente ia tirar aquela fibra, tomava banho na chuva. Ai a gente colocando no varal e a água caindo e a gente tomando banho, ah era muito bom, isso em João Jerônimo né. Passei muitas fazes muito boas. Lá em Osvaldo já era diferente, já ninguém ia pra campo, lá em Osvaldo era misturado, era homem e mulher, assim, as mulheres, num era misturado porque as mulheres ficavam num galpão, os homens noutro pegado a fibra, jogando e a mulher pegando e amarrando e jogando por outro lado, pra depois fazer os fardo e os carros levar. Era melhor em João Jerônimo, ganhava mais, mais era muito atribulado, era muita mulher, muito homem.¹⁷⁹

Para Maria de Lourdes aquilo era até bom, um espaço onde a alegria era mais intensa, mais livre. Melhor do que quando mudou para trabalhar na fazenda de Osvaldo, onde o trabalho era junto, homens e mulheres. As fibreiras, ainda sofriam um outro tipo de violência, dentro do trabalho elas eram consideradas frágeis, vulneráveis e mais preguiçosas, portando

¹⁷⁸ Francisco Maciel Neto, entrevista concedida em 07/01/2014.

¹⁷⁹ Maria de Lourdes de Oliveira Santos, entrevista concedida em 22/12/2014.

os homens determinavam que o pagamento de uma mulher deveria ser a metade do pagamento oferecido aos homens. Duas mulheres não valem nem por um homem, diziam. Outra coisa que chamava a atenção eram as vestimentas, se por um lado, o grande chapéu de palha, o casaco de mangas compridas e a calça comprida protegiam do sol e do contato direto com a fibra, essa indumentária também servia para esconder aquilo, que para o machismo a mulher tem de mais perigoso; o seu corpo. Tipo de vestimenta, também é bastante semelhante da usada pelas mulheres nos canaviais. A mulher além de isolada, ficava também escondida.

Quase sempre, o marido trabalhava no motor e a mulher, ou suas filhas ficavam na fibra, então esses homens queriam ocultar o corpo feminino daquelas que faziam parte de sua família, assim as esconderiam dos olhares, dos desejos daqueles homens que tinham como conduta o ser macho, ser dominador, sobretudo, sexualmente. Maria Hélia desobedeceu isso, mãe, negra e separada ela se recusava a vestir aquilo.

Eu não gosto muito de lembrar porque a gente sofria demais. Essa hora no sol quente, eu era da cor dessa televisão de preta, do sol. Eu nem botava calça comprida, nem chapéu na minha cabeça. Botava só um casaco por causa da fibra. Era um calor da mulinga.¹⁸⁰

O calor, certamente dificultava muito a vida dessas mulheres que usavam essas roupas. Trabalhando a céu aberto, elas passavam horas debaixo do sol escaldante, ao contrário dos homens que ficavam no motor, que ficavam ou debaixo de uma latada improvisada ou debaixo de alguma árvore de sombra, estando ao menos parcialmente protegidos do sol. Além disso, elas ficavam distantes e só vinham ao motor nas horas das refeições, em alguns casos, como relata Maria Hélia, comiam ali mesmo, e voltavam ao trabalho. A hora de comer o feijão era, muitas vezes um momento de briga, de disputa, onde os homens queriam exercer seu domínio e mulheres, semelhante a Julieta de Castro ousavam desafiar aqueles códigos opressores;

A gente fazia fogo. Ora conversava, num tinha tempo de conversar não. A gente chegava e ia pra fibra, aí quando chegava de onze horas, aí o puxador que tava lá atiçava o fogo, aí quando nós chegava, aí naquela hora a gente botava mais água no feijão, aí botava sal, tempero não, que não existia tempero. Só era a água, o sal e o feijão. Feijão véi preto, da cor de tirma, tão duro. A gente ia comer de doze horas, era durim, desse feijão véi preto. Todo mundo almoçava junto. E tinha vez quando a gente chegava, eles parava o motor de onze horas e ia comer. Aí a gente que tava na fibra, estendendo e virando fibra, só chegava mais tarde. Quando chegava num tinha mais nada, nem feijão, tinha só o caldo limpin. Aí eu dizia, oxente a gente trouxe o

¹⁸⁰ Maria Hélia de Sousa, entrevista concedida em 22/12/2014.

feijão pra botar no fogo e vocês comeram? Ai eles dizia, “ah, todo mundo bota uma chicra, aí dentro da panela”, eu digo, eu botei a conta que dava pra eu pra comadre Rita. Ele dizia, “como caldo se quiser, se não quiser vá simhora pra casa”. Ai eu disse, pia comadre Rita, é a lei do diabo, essa da gente aqui, era. Ai tinha vez que num tinha vez que eles nem tinha respeito, dizia tanto palavrão no mundo, lá no motor. Eu dizia, respeite que minha irmã é casada e eu sou uma criança, me respeite. Eles dizia, “num tem respeito não aqui, pra quem trabalha no motor junto com os machos num tem respeito não”. Foi, mais eu sofri muito. O próprio cunhado meu, hoje em dia ele já morreu, ele ta pagando onde ele tiver. O próprio cunhado não tinha respeito, dizia cada um palavrão que fazia vergonha. No motor de agave. Acredita? Era João de Conceição. Eu sofri muito.¹⁸¹

De fato, em alguns momentos parecia prevalecer a “lei do diabo” do diabo masculino e opressor. A cena narrada por essa senhora mostra como a violência de gênero que operava no dia a dia, nas relações cotidianas. Das quatro mulheres que colaboraram com esta pesquisa, apenas Julieta de Castro narra tantas tensões na relação entre os homens e as mulheres no trabalho com agave. Eu poderia dizer que isso se dá por causa de seu temperamento forte, evidente durante toda a narrativa, essa seria uma explicação em um primeiro momento. Mas comparando as entrevistas percebo que as outras, que narram menos conflitos e embates tem uma coisa em comum, o fato de terem um homem como ponto de referência trabalhando no motor.

Maria Hélia tinha seu pai trabalhando junto com os outros homens, e isso lhe permitia estar no motor quando quisesse, isso só deixa de acontecer quando ele morre, aí ela começa a se distanciar dos homens, ficava só no campo, comia ali mesmo. As fronteiras entre os homens se alargam quando ela perde sua referência masculina, com a ausência da imagem protetora de seu pai, Dona Hélia passa, inclusive, a limitar os espaços por onde podia andar, ou ficar juntamente com os homens. Após a morte de seu pai ela deixa de cozinhar com os homens e faz suas refeições longe deles, de maneira isolada, juntos às fibras que estendia.

Outra mulher entrevistada, Maria de Lourdes Oliveira, tinha uma condição ainda melhor. Seu pai, Agenor Cassimiro, era, durante o período em que ela trabalhou como fibreira, o administrador da fazenda São Domingos, que pertencia a João Jerônimo. Seu pai, a quem chamavam de encarregado, era responsável por vigiar o trabalho dos candangos, o funcionamento dos motores e elaborar a lista de pagamento dos trabalhadores, ele era a extensão do poder do patrão. Evidentemente isso lhe fazia um homem temido, ou no mínimo, respeitado. E quem ia desrespeitar sua filha? Ela não se refere a nenhuma cena de violência de

¹⁸¹ Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

gênero, possivelmente, não tenha presenciado mesmo. Até porque, seu pai era como se fosse o patrão, então a ela se direcionava certo respeito. Ela narra que;

Não. Era separado. Porque os homens ficaram lá, eu e minha irmã, que na época era adolescente, a gente teve uma época que a gente pegava o agave, os homens limpava, puxava, no meu tempo chamava assim, puxava o agave, aí outro, o que chamava bagaceiro, que pegava o bagaço, amarrava e eu pegava e colocava no burro e levava pra outro canto pra as mulher estender. Na época quando era adolescente o meu trabalho era esse, depois quando fiquei maior eu fui estender, lavei também o agave, mais era separado o povo. Não. Não tinha nada a ver. Porque meu pai não ficava bem no foco, teve época que ele ficava bem no foco, mas depois ele ficava na fazenda inteira. A turma que eu trabalhava sempre me respeitava, mesmo que a gente num ficava muito lá. A gente pegava o agave, levava pra fazenda, o agave era no mato, nos campos lá. Naquela reta grande que você sabe onde é. A gente pegava o agave, colocava no burro e ia pra fazenda, que os canto de estender era na fazenda. Então, em São Domingos pelo menos, não tinha disso não. Eu num vi nem falar. Porque eu só trabalhei lá, lá e em Osvaldo.¹⁸²

Ainda, uma terceira mulher fala de não ter presenciado esse tipo de coisa, mais uma vez trata-se de quem tem uma relação com um homem do motor, nesse caso, Marineide Duvalés se refere com saudades do seu pai, sempre severo e correto. Ainda uma coisa deve ser levada em conta em sua narrativa, ela não era fibreira, visitava o motor apenas para observar. Na infância tinha plantado agave e ajudado o pai nas mais diversas trabalhos da roça, mas quando ele melhorou de vida tirou logo ela e suas irmãs daquele trabalho, que ela diz ser o pior de todos.

Era mais homens, porque, assim, pra estender a fibra é sempre uma mulher, dificilmente tinha um homem pra trabalhar na fibra, sempre é mulher, aí eu participava assim, porque sempre tinha aquele, porque mamãe fazia muito bolo na época pra vender aquele pessoal do motor, tinha dia, era na quinta feira pra levar na sexta, mamãe fazia bolo e a gente ia lá entregar a eles, e comiam lá mesmo, debaixo dos umbuzeiro, num umbuzeiro não, numa barraca, eles montava aquela barraca e lá mesmo, aquela comida, sei lá, mas eles comiam lá mesmo, e eu vinha aqui pra casa. Mas a gente sempre tava ali. Papai deixava, papai nunca se importou, ele deixava, sempre a gente participou junto com aqueles, que chamava os candango de motor. Pode ir com eles, aí a gente sempre tava participando de tudo. Ajudava só não mamãe que num ia, mais a gente ajudava quando era aqui perto, aquilo dava uma coceira sem fim gente, aquela fibra do agave. É difícil, mas.¹⁸³

¹⁸² Maria de Lourdes de Oliveira Santos, entrevista concedida em 22/12/2014.

¹⁸³ Marineide Pereira Duvalés, entrevista concedida em 19/12/2014.

Maria Hélia, Maria de Lourdes e Marineide tinham uma coisa em comum que as distinguia de Julieta de Castro. As três primeiras contavam com um homem da família no espaço do motor, eram respeitadas não por causa delas, mas por causa deles. O que se constitui também em uma violência, em um apagamento do sujeito em detrimento de outro. Sem eles, elas voltariam a ser mulheres mal faladas, disputadas como objetos de desejo entre aqueles homens. O corpo feminino é transpassado assim por vários discursos, que as inferiorizavam, que as anulavam, essas mulheres eram transpassadas por uma regulamentação binária da sexualidade (BUTLER, 2014, p, 41).

Dessa forma, as mulheres eram classificadas de acordo com categorias de exclusão, sua presença no espaço habitado pelos homens não era apenas indesejadas, mas era regulamentada por um sistema de exclusão. Se podiam adentrar ali era porque estavam tuteladas pela presença masculina de um parente próximo ou cônjuge. O corpo era o corpo maldito, indisciplinado e até mesmo nocivo ao desenvolvimento do trabalho, elas poderiam desviar os olhares, as atenções. Poderia causar acidentes? Em certo sentido sim. Não apenas nos corpos, mas também em suas vidas, em suas subjetividades. É certo que o masculino, mesmo em sua visível força e dominação, teme a mulher. A separação entre os gêneros que é possível observar nesse mundo do trabalho queria não apenas promover uma divisão social e sexual do trabalho no motor, há uma vontade escondida por trás disso, não é uma coisa natural. Há uma vontade de controlar os *fluxos de desejos*¹⁸⁴ que poderiam contribuir para um desmantelamento da subjetividade masculina, pautada na razão, na produção econômica e na sociedade ainda patriarcal

Mas essas mulheres, cada uma de sua maneira, também criaram novos espaços de invenção de si, souberam aproveitar as brechas de um sistema opressor e forjaram novas artes de viver¹⁸⁵, maneiras artísticas de existência. Essa arte da existência se mostra, sobretudo, através da deseobediência, em ações demarcadas como proibidas pelos homens, para

¹⁸⁴ Sobre a contenção desse fluxo de desejos, o historiador Durval Muniz faz uma reflexão bastante interessante quando pensa a constituição do homem nordestino. Ver. ALBUQUERQUE, JR. Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo”** – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

¹⁸⁵ Michel Foucault em seus estudos sobre os mecanismos de produção de subjetividade buscou, na moral greco-latina e em estudos de algumas tecnologias do eu, onde são encontrados elementos que permanecem na moral moderna os temas do “cuidado de si” e do “uso dos prazeres”, estudando os jogos de verdade na relação de si para si, e a constituição de si mesmo como sujeito, o que implica em pensá-lo como criação, como invenção de si. Ou seja, o filósofo propõe um deslocamento histórico, para observar a possibilidade de constituir-se como sujeito de outro modo, sem os mecanismos disciplinares, que haviam tematizado seus estudos anteriores, e a partir disso pensar a atualidade, pensar a vida como uma arte em que o sujeito cria, tem a capacidade de fazer de sua existência uma obra de arte, nesse sentido a existência humana passa a ser pensada como uma Estética da Existência. Ver. FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. **Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política**. Org. Manoel Barros da Motta, trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp, 281-286.

subverter a dominação masculina elas viviam namorando escondido, saindo para lugares não permitidos. E, até mesmo, coisas simples, triviais para quem estava fora daquela realidade a que foram submetidas, como cantar com as amigas e criar um espaço de alegria, de felicidade momentânea, tudo isso se constituía em uma nova forma, inventada, planejada longe do poder do macho, de ser mulher.

Julieta de Castro é um exemplo de mulher que se revolta com a condição que era forçada a viver, em sua narrativa conta as diversas vezes em que “bateu boca” com os “caba” do motor, os motivos eram diversos. Certa vez ela discutiu com seu cunhado por não tolerar tanto desrespeito, de outra vez ela reagiu por ter passado a manhã inteira trabalhando na fibra e quando chegou para fazer a refeição não tinham deixado nada pra ela, só tinha o caldo de feijão. Segundo ela aquilo era a “lei do diabo”. Em alguns momentos da narrativa, e não são poucos, ela fala muito do sofrimento que as mulheres passavam, trabalhando muito e ganhando pouco, sofrendo todo tipo de violência, se submetendo àqueles homens brutos, quase animalizados.

Mas, ela, assim como as outras, como as outras sabia escapar, sabia aproveitar as poucas oportunidades que tinha para forjar suas subjetividade de mulher, de “mocinha” como ela fala, mesmo em casa essas mulheres não escapavam desses dispositivos de exploração, ali estavam tuteladas por uma estrutura familiar que também oprimia, que as tornava responsáveis pelas coisas de casa, por ajudar nas tarefas domésticas;

Ai no domingo, mãe botava o quilo de porco no fogo, botava o arroz e a gente almoçava, ai, ia lavar roupa dos meninos do motor de agave, ia pros tanques de manhã lavava a roupa, ai nois, tomava banho nos tanques, ai almoçava. E nois dizia, agora nois vamo pra rua. Mãe dizia “vai nada, vai remendar as roupas dos meninos, do motor de agave.” Eu dizia, ai minha Nossa Senhora, eu quero ir pra rua. Ai pegava a agulha veia, botava a linha e ia botar os remendos nas camisa deles, nas calças, ai quando remendava, ai quando eu vinha pra rua era três horas da tarde. Ai assistia a novena de noite, ai na rua, no domingo, a novena. Ai quando dava dez pra onze horas a gente ia pra casa, eu e ela sozinha. As vez, nois arrumava namorado, eu ia com um e ela com outro. Eles deixar na porta de casa. Deixava a gente porta. Ai o povo ia dizer aos meninos. Ai foram dizer que eu tava namorando com um soldado. E ele ia me deixar na porta de casa. Ai ele me deu uma pisa com uma macaca de boi, quase que me matava, com a macaca. O soldado disse, “eu vou matar ele com um tiro na boca”, ai eu disse, não, não faça isso não, porque se você fizer, eu acabo agora mesmo. Eu disse, vamos namorar escondido.¹⁸⁶

¹⁸⁶ Julieta de Castro da Silva, entrevista concedida em 29/07/2013.

Essas mulheres não fizeram nenhum tipo de grande revolução, não protagonizaram nenhum evento da luta pela humanização daquele trabalho, o seu mérito está em, nos pequenos e moleculares espaços, subverterem à ordem. Ficaram ocultas, “isoladas no campo”, como narrou um dos colaboradores da pesquisa, e hoje elas só desejam ser ouvidas, pois isso possibilita a elas se constituírem narrativamente, criarem uma identidade que lhes foi negada, uma subjetividade feminina quase sufocada pelo machismo dos homens do motor.

Mulheres simples, mulheres de fibra, que conseguiram subverter códigos contrariar disciplinas e dar um rosto feminino ao duro e difícil trabalho nos campos e motores de agave que se espalhavam por Cubati, a partir da segunda metade do século XX. Mulheres fortes, mulheres frágeis, de aço e de flor.

Considerações Finais:

“Acho que tá bom, obrigado”

Foi com essas palavras que Ernando Lopes concluiu sua narrativa, com elas interrompeu um momento de construção de imagens do passado e, ao menos por um momento, ele parou de contar-se. Após falar sobre os tempos do agave, de seu trabalho, de suas alegrias e tristezas, aquele velho conhecido me olha e fita em mim os expressivos olhos azuis, e como se não tivesse mais nada para fazer ali, fecha um ciclo narrativo, põe um ponto final na sua reconstrução narrativa.

Poucas palavras e um aperto de mão. “*Acho que tá bom, obrigado!*”. E vejo aquele senhor sair pela porta da frente de minha casa, o acompanho até a porta, e, um último gesto, já montado na bicicleta, ele tira o elegante chapéu de massa da cabeça se despede...

E o que ele deixou comigo? O que aquele homem deixou? Por que ele precisou, logo após concluir sua narrativa, me agradecer? Naquele simples “obrigado” ficou a mais inquietante das dúvidas.

Ao longo dessas páginas quis contar um pouco da história de Cubati, escolhi analisar os impactos econômicos e subjetivos que a cultura do agave proporcionou ao município e teve relação direta com a vida das pessoas, que foram alteradas em vários sentidos, na sua subjetividade, nas relações sociais que estabeleciam e até mesmo com as concepções de mundo que formavam. O mundo do trabalho do agave foi, até o fim dos anos oitenta, a base da economia local, muitos homens sonharam em fazer fortuna com ele, outros queriam apenas sustentar suas famílias, garantir o sustento do lar em tempos difíceis, em que a seca e a pobreza assombravam a vida daquelas pessoas.

Chegando em Canoas, futura Cubati, nos anos trinta, o agave, foi revestido por muitos sentidos, alguns tentavam de uma maneira ou de outra atribuir algum significado aquela estranha planta que com suas imensas folhas verdes e um grande e violento espinho, se espalhava rapidamente pelos roçados, acabava aos poucos com a agricultura. Tudo era agave!

Seria o capá verde? Um demônio que havia emergido do inferno na Bahia e ia conquistando os espaços Nordeste afora e vinha para ferir, para fazer verter sangue daqueles que se submetiam a ele. O agave era o signo da morte. O anúncio do fim do mundo, previsto pelo padre Cícero. O medo era geral. As pessoas olhavam para aquela planta com uma mistura de sentimentos. Medo e admiração faziam com que as pessoas admirassem o agave, mas mantivessem distância dele, o medo de ser furado pelo seu espinho era constante. Mas o

agave, tal como pregava o padre Luiz Santiago, poderia ser uma benção do céu, uma planta que vinha para livrar o Nordeste da fome e da miséria, esse padre usava constantemente o altar da capelinha de São Severino para incentivar a plantação de agave, ressaltando os inúmeros benefícios da cultura.

Além disso, visitava com relativa frequência os fazendeiros, donos de grandes extensões de terras convencendo-os a entrarem no “ramo”, por vezes distribuiu até filhotes de agave em sua fazenda, a Ubaia.

Que Cubati se tornou décadas um centro produtor e comercializador de agave isso é algo que não se discute, tanto que atualmente a cidade ainda vive um espécie de luto eterno por ter perdido sua potência econômica, esse luto se reflete na invenção dos seus símbolos municipais, o brasão e a bandeira, que de maneira simbólica ainda sustentam um frondoso pé de agave. Isso também aparece nas narrativas, um saudosismo que habita as memórias de quem fala do agave, do tempo e que os caminhões careegados de fibra cortavam as madrugadas da cidade, deixando a fazenda São Domingos e indo para a SANBRA em Campina Grande ou direto para o porto de Cabedelo onde seriam exportadas. Com o declínio da produção e enfraquecimento no comércio o agave foi aos poucos desaparecendo, deixando de habitar aqueles grandes roçados, fazendo com a cidade fosse perdendo sua importância e os grandes fazendeiros fossem perdendo sua principal fonte de renda.

Mas me recusei a pensar essa cena da história cubatiense como sendo algo puramente econômico. Isso seria minimizar e até mesmo apagar dessa história a presença humana, os desejos, as vontades e as sensibilidades que atravessam a existência de homens e mulheres que de uma forma ou de outra tiveram seus corpos e suas almas marcadas pelo agave. Por esse motivo, não me propus fazer uma análise puramente econômica, embora dialogue com essas concepções. Entendo aqui que, tanto a cultura como as sensibilidades formam uma tecitura de saberes e experiências que se interligam de forma a movimentar os desejos pessoais e a alterar as relações interpessoais que se estabelecem nos processos produtivos do capital. Procurei mostrar isso nos depoimentos que apresentei nesta dissertação e nas análises que desenvolvi sempre ressaltando que as relações de trabalho envolvem também sensibilidades, as quais se expressam por percepções, que resistem ao tempo e se exprimem pela memória.

Vimos também que os discursos dos políticos que representavam as elites agrárias investiram em uma campanha para incentivar o cultivo de agave, ressaltando a necessidade de investimento na diversificação da produção agrícola, e que foi operado a partir dos discursos, o Interventos Argemiro de Figueiredo. Esse governo conseguiu espalhar o agave pelo interior

da Paraíba, alimentando dessa forma sonhos de homens e mulheres que esperavam, do céu ou da terra, alguma salvação para a grande seca.

As narrativas dos trabalhadores dos campos e motores de agave controem imagens sensíveis do passado, reúnem em suas narrativas sentimentos que lhes ajudam na composição narrativas de suas memórias, dessa maneira o tempo e o passado ganham outras dimensões, se tornam lembranças de saudade, de alegria e mesmo de tristeza.

O processo de implantação da cultura, a produção, em grande ou pequena escala, e a comercialização do agave produziu um grande efeito na economia cubatiense, o que ocorreu também em várias cidades do interior do Nordeste, fazendo com que pequenas cidades interioranas passassem a ser economicamente importantes para o estado.

Contudo, envolvidos em todo esse processo existem homens e mulheres que tiveram suas vidas alteradas, suas subjetividades e sensibilidades trituradas pela nova dinâmica produtiva que se instaurou no meio rural. Ao narrar suas memórias, essas pessoas realizam um trabalho de construção de si, desenham um passado dotado de sentimentos do presente, portanto criam narrações que, embora se assemelhem, constroem um passado, uma memória e uma narrativa sensível, humana.

Os homens e as mulheres que falaram sobre suas memórias estabeleceram conexões com a memória individual e a memória coletiva, estabeleceram ligações com suas memórias, com acontecimentos que não tiveram importância para o grande fazendeiro ou para a elite agrária local, mas que para eles foram acontecimentos sentidos, vividos e que hoje são reconstruídos a partir de fragmentos do passado.

Ouvi memórias, e escrevi história, fui afetado por cada olhar, por cada aperto de mão e por cada sentimento presente nessas pessoas. A história também nos permite uma intimidade, uma conversa com o passado, e eu continuo conversando com ele...

REFERÊNCIAS:

AGRA do Ó, Alarcon. Norbert Elias e a uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte. **Revista História, Ciências, Saúde** - Manguinhos: Rio de Janeiro. Vol. 15, n. 2. 2008, p. 389-400.

_____. **Velhices imaginadas: memórias e envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945)**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

AIRES, José Luciano de Queiroz. **A fabricação do mito João Pessoa: batalhas de memórias na Paraíba (1930 – 1945)**. Campina Grande, EDUEPB, 2013.

_____. Com as fotografias em cima da mesa: o fazer historiador? In: ARANHA, Gervácio Batista; FARIAS, Elton John da Silva (Orgs.). **Epistemologia, história & linguagens**. Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 224-252.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes**. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1994.

_____. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In; ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 117-139.

_____. As dobras do dizer: da (im) possibilidade da história oral. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 229-234.

_____. Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a história: abordagem de uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In; _____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da historia. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p. 199-209.

_____. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Revista Fronteiras**, Dourados, v. 10, nº. 17. Jan./jun. 2008, p. 55-67.

_____. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In; Machado, C. J. S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. S. (Orgs.). **Gêneros e práticas culturais: desafios e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: EDUEPB, 2010, p. 23-34.

_____. Operando o Nordeste: da região que tem um flagelo a ser extirpado no diagnóstico do discurso da seca à região como uma estrutura estagnada no diagnóstico do discurso do planejamento. In; NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. [et. al.]. **Estudos de Historiografia brasileira**. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 221-234.

_____. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1020 – 1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

_____. **Nordestino: invenção do “falo”** – uma história do gênero masculino. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

AMORIM, Laura Helena Baracuhy. A economia paraibana na etapa da articulação comercial (1930 – 1970). In: _____; FERNANDES, Irene Rodrigues. **Atividades produtivas na Paraíba**. João Pessoa: Ed. universitária da UFPB, 1999, p. 49-60.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. **A escrita da história**: a natureza da representação histórica. Trad. Jonathan Menezes [et. al.]. Londrina: Eduel, 2012.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARNAUT, Luiz; MOREIRA, Renata. O barômetro e o lenço de seda: efeitos de real em Roland Barthes e Michel de Certeau. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011, p. 1-10.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In; BRESCIANI, Stella NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res) sentimentos**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas, SP; Editora da UNICAMP, 2004, p. 15-36.

ARAÚJO, Naughton Rocha França de. **Argemiro de Figueiredo**. João Pessoa: A União, 2000 (Coleção Paraíba: nomes do século. Série Histórica nº 13).

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. **Revista brasileira de História**. São Paulo, v. 17, nº 33, 1997, p. 293-305.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castaõ Guimarães, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **O prazer do texto**. Tradução de Guinsburgl. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico; a poética do espaço**. Trad. Remberto Francisco Kuhnen et. al. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BECKER, Jean-Jacques. O handicap do a posteriori. In; FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 27-32.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In; _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

_____. A pequena história da fotografia. In; _____. **Magia e Técnica:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 91-107.

_____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In; _____. **Magia e Técnica:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196.

_____. **Passagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial de Estado de São Paulo, 2006.

_____. Teses sobre o conceito da História. In: _____. **O anjo da história.** Trad. e org. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, pp, 8-20.

_____. **Rua de mão única: infância berlinense:** 1900. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013, p, 9-65.

BORGES, Vany Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In; PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 203-233.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRITO, Vanderley de; OLIVEIRA, Thomas Bruno. O polêmico padre Luiz Santiago. In: **Revista Estudos do Seminário**, nº III (Org. Pe. João Jorge Rietveld). Campina Grande: Centro de Estudos do Seminário João Maria Vianney/João Pessoa: Ed. Imprell, 2008.

BUENO, João Batista Gonçalves. **Imagens visuais nos livros didáticos:** permanências e rupturas nas propostas de leitura (Brasil, décadas de 1970 a 2000). Tese de Doutorado; UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2011.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade.** Trad. Maria Leticia Ferreira, 1. ed., 2ª reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo:** memória e fim do fim da História. Coimbra: Almedina, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Col. Memória e sociedade).

_____. **À beira da falésia:** a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **A história ou a leitura do tempo.** Trad. Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Phlippe. **Questões para a história do presente.** Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

_____. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Trad. Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COSTA, Ramilton Marinho. **Transformações econômicas e representações ideológicas dos trabalhadores do sisal.** Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural. Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 1989.

COSTA, Sérgio Rodrigues; BUENO, Miguel Garcia. **A saga do algodão: das primeiras lavouras à ação na OMC.** Rio de Janeiro: Insight Engenharia, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Espinosa: filosofia prática.** São Paulo: Escuta, 2002.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades.** 2. ed. Belo Horizonte, 2010.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento.** Trad. Constancia Morel. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERNANDES, Frederico Garcia; LEITE, Eudes Fernando. E as musas se riem: problemas sobre a metaficcionalização da História. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; ZALLA, Jocelito; D'AJELLO, Luís Fernando Telles (orgs.). **Sobre as poéticas do dizer: pesquisas e reflexões em oralidade.** São Paulo: Letra e voz, 2010, p. 164-181.

FLECK, Eliane Cistina Deckemann. Cartogrias da sensibilidade: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (Orgs.). **História e sensibilidade.** Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 217-247.

FLORES, Elio Chaves. Dos feitos e dos ditos: História e Cultura Histórica. **Revista Saeculum**, João Pessoa/UFPB, nº 16, jan./jun. 2007, p. 83-102.

FERRO, Marc. **O ressentimento na história – Ensaio.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FREIXO, Alessandra Alexandre. **Entre a valentia do boi e as fibras do sisal: narrativas e imagens de velhos agricultores sobre seu ambiente.** Tese de Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade: Rio de Janeiro, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe B. Neves. Petrópolis: Vozes, Lisboa, 1972.

_____. Nascimento da biopolítica. In; _____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 87-97.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. **Ditos e escritos IV**: Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **A microfísica do poder**. Org. e Rev. Roberto Machado. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013.

_____. A escrita de si. **Ditos e escritos, volume V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta, trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 141-157.

_____. Uma estética da existência. **Ditos e escritos, volume V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta, trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 281-286.

_____. Política e ética: uma entrevista. In; _____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta; Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 212-218.

FRANCISCO, Paulo Roberto Megna. Os limites do semiárido brasileiro. In; PEREIRA, Frederico Campos [et al.] (Org.). **Manejo de plantas xerófilas no semiárido**. Campina Grande: EDUEFCG, 2013, p. 163-181.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GAGNEBIN, Marie Jeane. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 2005.

_____. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud**: a educação dos sentidos. Trad. Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. Trad. Maria Bethânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. **Revista Saeculum**, João Pessoa, nº 4/5. Jan./Dez. 1998/1999, p. 13-39.

GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. In; PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUAGE, Frédérique (orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 7-8.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração**: memória e práticas culturais: Mato Grosso na segunda metade do século XX. Cuiabá: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

GURJÃO, Eliete de Queiróz. **Morte e vida das oligarquias**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre a história operária. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

_____. **Sobre história**. Trad. Cide Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2002, p. 20-28.

LEAL, José; MORORÓ, Rafael. **A civilização dourada**. Guanabara: Editora Pongetti, 1966.

LEENHARDT, Jacques. Sensibilidade e sociabilidade. In; RAMOS, Alcides Freire MATOS, Maria Izilda Santos de PATRIOTA, Rosangela (orgs.). **Olhares sobre a história**: culturas, sensibilidades, sociabilidades. São Paulo: Hucitec; PUC Goiás, 2010, p. 27-35.

LIMA, Marinalva Vilar de. **Narradores do padre Cícero**: do auditório à bancada. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 2010.

LISBOA, Claudia. **Perfil parlamentar**: Antonio Mariz. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006. (Série Perfis parlamentares; n. 51).

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In; GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 13-37.

_____. O eu do historiador. **Revista História da historiografia**. nº 10, dezembro de 2012, pp, 247-259.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 15-26.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Subjetividade e história oral: possíveis interações na autorização de cessão e uso de relatos. In; LIVERDI, Robson [et. al.] (orgs.). **História oral: desigualdades e diferenças**. Recife: Ed. Universitária da UFPB: Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2012, p. 55-68.

MOREIRA, José de Alencar Nunes; FREIRE, Elêusio Curvêlo; SANTOS; Robério Ferreira dos; NETO, Miguel Barreiro. **Algodoeiro Mocó: uma lavoura ameaçada de extinção**. Campina Grande, 1989.

NASCIMENTO, George Silva do. **Pátrio-Biografia: Horácio de Almeida e a sua história da Paraíba**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

NICOLAZZI, Fernando. Paul Ricoeur (1913-2005). IN: PARADA, Mauricio (org.). **Os historiadores clássicos da história, vol. 3: de Ricouer a Chartier**. Petrópolis, RJ Vozes: PUC-Rio, 2014, p. 9-35.

NIETZSCHE, Friedrich. Para uma genealogia da mora. In: _____. **Obras Incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 295-324.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, 1981, p. 7-28.

NUNES, Mariângela de Vasconcelos. **Entre o capá verde e a redenção: a cultura do agave nos Cariris Velhos (1937 – 1966, Paraíba)**. Tese de Doutorado em História. Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 97. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

PANZUTTI, Nilce da Penha Migueles. **Mulher rural: eminência oculta**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado: imagens de tempo em Deleuze**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PEREIRA, Auricélia Lopes. Narrativas orais: a impossibilidade do retorno de Teseu? In; ARAÚJO; Edna Maria Nóbrega; NÓBREGA; Elisa Mariana de Medeiros [et. al.] (orgs.). **Historiografia e (m) diversidade: artes e artimanhas do fazer histórico**. João Pessoa: Editora da UFCG/ANPUH-PB, 2010, p. 97-109.

_____; MUNIZ, Roberto Silva. A hermenêutica nas dobras da (in) compreensão. In; APOLINÁRIO, Juciene Ricarte; SOUZA, Antonio Clarindo B. de. (orgs.). **Diálogos**

interdisciplinares entre fontes documentais e pesquisa histórica. Capina Grade: EDUEPB, 2011, p. 199-222.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In. _____; LANGUE, Frédérique Langue. **História e sensibilidades:** memórias singulares e identidades sociais. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 9-22.

_____. Imagem, memória, sensibilidades: territórios do historiador. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra (Orgs.). **Imagens na história.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 17-34.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundo Nuevos.** Colóquios, 2005. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/229>. Acesso em 11/07/2012 às 12hs34min.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 1-9.

_____. O que faz a historia oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, 1997, p. 25-39.

_____. **Ensaio de história oral.** Trad. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e voz, 2010.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. IN; PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Mirian Pillar (Orgs.). **Masculino, feminino, plural:** gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

_____. Rir das origens. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.) **Cultura, Poder e Educação:** um debate sobre Estudos Culturais em Educação. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

_____. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

_____. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista: Brasil 1890-1930. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

REZENDE, Antonio Paulo. As sedução do efêmero e a construção da História: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo. In, ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). **História e sensibilidades.** Brasília, Paralelo 15, 2006, p. 35-56.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento.** Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Tempo e narrativa.** Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Tomos I, II e III).

RIETVELD, Padre João Jorge. **História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada:** a devoção de José Bezerra da Silva. Campina Grande: Maxgraf, 2010.

SEGATTO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia**. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Bernal, Universidad de Quilmes, 2003.

SANTANA, Martha Falcão de Carvalho e Moraes. **Poder e intervenção estatal – Paraíba: 1930-1940**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1999.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. 32, n. 1, junho 2006, p. 85-97.

SERAFIM, Péricles Vitorio. **Remígio. Brejos e Carrascais**. João Pessoa: Editora Universitária, 1992.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In; BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2004, p. 37-58.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O regionalismo nordestino**: existência e consciência da desigualdade regional. São Paulo: Ed. Moderna, 1984.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org.) **Cultura, Poder e Educação**: um debate sobre Estudos Culturais em Educação. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1981.

_____. **A formação da classe operária inglesa II**: a maldição de Adão. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a literatura medieval. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 1. ed. São Paulo Cosac Naify, 2014.

WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 1994.

_____. A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea. In; NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogerio Forastieri (Orgs.). **Nova história em perspectiva, vol. 1**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 438-483.

LISTA DE ENTREVISTAS¹⁸⁷:

Antônio Claudiano Fidelis, 66 anos.

Ernando Lopes da Silva, 73 anos.

Julieta de Castro da Silva, 63 anos.

Luiz de Braz Pereira, 75 anos.

José de Medeiros Dantas, 83 anos.

Marineide Pereira Duvalles, 61 anos.

Francisco Maciel Neto, 91 anos.

Maria de Lourdes de Oliveira Santos, 61 anos.

Maria Hélia de Sousa, 63 anos.

Manoel Pereira de Souto, 73 anos.

¹⁸⁷ A idade dos entrevistados está registrada de acordo com o ano de realização das entrevistas, no caso, os anos de 2013 e 2014.

Apêndice:

Apêndice 1

POESIA DE VICENTE JOSÉ DE MEDEIROS SOBRE CUBATI

(Data desconhecida)

1. Deus eterno e poderoso, e vós oh, Virgem Maria, concedei-me uma centelha, de vossa sabedoria, para um honroso trabalho, no campo da poesia.
2. No começo deste século, entre Canoas e Abreu, havia uma grande casa, que já desapareceu, e um casal muito bondoso, naquele ponto viveu.
3. Manoel Maria de Barros, e sua esposa Florência, eram dois morenos, pobre, humildes e de boa aparência, bons amigos e bons vizinhos, e gente de consciência.
4. Viviam tranquilamente, naquele tempo passado, só tinham uma filha única, criada com muito agrado, aquela que foi esposa, do velho Pedro Bernardo.
5. Um dia teve a lembrança, aquele bom nordestino, construiu uma capela, com o seu feliz destino, com um retalho de terra, dedica a São Severino.
6. Ai logo em seguida, bem perto da capelinha, talvez Eusébio Pereira, construiu uma casinha, aonde Tota Batista, botou uma bodeguinha.
7. Manoel Maria de Barros, e outros mais da ribeira, tiveram um atendimento, pra requererem uma feira, e marcaram logo o dia, pra uma quinta feira.
8. José Aurélio foi um, deste movimento ativo, José Galdino da Paz, que era meu pai adotivo, José Batista de Souza, que também foi prestativo.
9. Mas esse tempo pra feira foi muito inconveniente, pois a vila de Santo Antônio, seis quilômetros em sua frente, naquele tempo gozava, de um comércio influente.
10. Então ficou sem efeito, o esforço que se fez, pareceu quem vendesse, porém não tinha freguês, os documentos ficaram, esperando a sua vez.
11. Decorreram mais de dez anos, da tentativa passada, um distinto, sacerdote chegou em Pedra Lavrada, era um forte carta-branca, mandava qualquer parada.
12. Doutor Solon de Lucena, no tempo do centenário, governava a Paraíba, e era sobrinho do vigário, fazia em favor do padre, o que fosse necessário.
13. E na velha Pedra Lavrada, há muitos acontecia, que os dirigentes do povo, tinha lá uma mania, todo padre que chegava, com medo deles corria.
14. Porém esse que chegou, empunhou os seus cutelos, arrancou uma pela raiz, baraúna e cogumelos, já por questões de igreja, derrubou os Vasconcelos.

15. Simão Fileto Pirer, era seu nome correto, porém o povo em geral, chamava Padre Fileto, veio em nossa capela, e lhe consagrou o afeto.
16. E logo no movimento da feira, ele logo foi informado, e para continua-la, ficou logo interessado, parece que por Canoas, ele estava apaixonado.
17. Tratou-se a primeira feira, para 2 de fevereiro, do ano de 24, dia alegre e presenteiro, estava os campos verdejantes, tinha chovido em janeiro.
18. Era um dia de delicia, bafejava um ar saudável, e na natureza ofertou, aspecto tão agradável, em todo resto se via, alegria admirável.
19. Eu com 18 anos, no verdor da mocidade, pra mim era o céu na terra, aquela oportunidade, de namorar as garotas, de outras localidades.
20. Compareceu nesse dia, uma grande multidão, missa em ação de graças, confissão e comunhão em todo se via, imensa satisfação.
21. Fileto que presidia aquela festividade, fez um brilhante discurso, naquela oportunidade, e disse Canoas ainda, será uma grande cidade.
22. E com os proprietários, teve um entendimento, de fundar um povoado, foi logo o seu pensamento, e como era apressado, queria dar andamento.
23. Pra começar o trabalho, foi convidar logo a gente, construiu logo uma casa e de Ivo para o poente, Manoel Galdino também, construiu outra na frente.
24. E foi construída outra, para o seu sogro Joventino, uma para Belchior, outra para Tomás Marcelino, lá das terras de Pocinhos, chegou Matias Paulino.
25. Canoas desde o começo, era terra hospitaleira, chegou Tribertino Leite, seu Jesuíno Pereira, Petronildo Guimarães, e o moço Miguel Nogueira.
26. E seu Biu de São Francisco, que mereceu confiança, trazendo seu empregado, José Bezerra de França, ele foi meu grande amigo, sempre guardo na lembrança.
27. Chateubriand Cavalcante, a negociar se decide, empregou em seu balcão Zé Amaro de Ataíde, que lá no Rio de Janeiro, agora mesmo reside.
28. Meu tio Chico Noberto, também casa construída, e o povo circunvizinho, para aqui se dirigia, e a feira do caruá, aqui mesmo evoluía.
29. Alguns vieram explorar, os negócios favoráveis, chegou seu Manoel Vieira, o Senhor Gabriel Chaves, o rapaz José Justino, ou seja José Gonçalves.
30. Seu Severino Sampaio, com motor de algodão, o senhor Pedro Simplicio seu irmão, e o velho Chico Bitá, vendeu farinha e feijão.
31. Vanderlan e Joaquim Maria, chegava na mesma data, com uma casa de negócio, mercadoria barata, chegou também Zé Caboclo, para fazer alpercatas.

32. Afinal nossa Canoas, teve importante impulso, como gigante forçoso, que tinha força no pulso, para o desenvolvimento, sempre apareceu recurso.
33. Mudo um momento de assunto, pra Vila de Santo Antonio, a moleza apoderou-se, de todo seu patrimônio, parece que ali reinava a tentação do demônio.
34. Começou com uma desgraça, mataram gente na feira, surgiu uma grande anarquia, de uma turma desordeira, os vícios de toda sorte, completou a bandalheira.
35. Desvirginaram donzelas, com vergonhoso pecado, um dia em praça pública, eu mesmo fui insultado, até o padre católico, lá fora desrespeitado.
36. Ai surgiu um castigo, que fracou seu progresso, quem se elevava em ascensão, baixou ligeiro em regresso, a mão da fatalidade, virou-lhe tudo ao avesso.
37. Deixou a vila de Santo Antonio, com seu grande dismantelo, para voltar a Canoas, fazendo um apelo, mostrando a religião, como teve o seu modelo.
38. Era o ano 36, em nossa povoação, chegou o padre Apolônio, pastor da educação, durante 22 anos, aqui foi capelão.
39. No ano de 37, um rocado alvissareiro, circulava em nosso meio, pela família Ribeiro, que ia chegar aqui, o padre Manoel Carneiro.
40. O povo se reuniu, para tal recepção, então de todos os sítios, formou-se uma multidão, de dia era sacramento, de noite era sermão.
41. Esse referido padre, era padre Carmelita, derrubou a capelinha, pra fazer outra bonita, sendo o divino padre, que a eucaristia habita.
42. Se construiu a Igreja, de todos foi o destino, os seus primeiros tijolos, chegaram por Virgulino, um carrinho de boi, com Américo Joventino.
43. Também outra caravana, se reuniu dessa vez, carros puxados por bois, acho que eram bem 6, para transportar madeira, das terras dos massapés.
44. Da construção da igreja, foi realizado um plano, ficaram bem satisfeitos, e logo no fim do ano, chegou o frei Odorico, missionário franciscano.
45. Aqui o frade falava, com arrogância tamanha, chamava de infeliz, a usa terra Alemanha, que Adolf Hitler fazia, contra o papa uma campanha.
46. No ano de 34, 17 de setembro, frei Damião aparece, esse virtuoso membro, de suas santas palavras, eu ainda hoje me lembro.
47. Fomos ao seu encontro, onde hoje é a Serrinha, foi transito interrompido, por muitos carros que vinha, quase não chega a igreja, com tanta gente que tinha.
48. O ilustre capuchino, que o Brasil todo aprova, de amor a nossa terra, queria dar uma prova, comum sorriso nos lábios, chamava Canoas nova.

49. Também padres seculares, aqui fizeram visitas, veio também Zé Carneiro, outro frade carmelita, todos diziam Canoas, é a terra e tem dita.
50. O progresso de Canoas, era rápido e importante, no ano de 44, veio outro visitante, o franciscano Manfredo, de uma palavra tocante.
51. Sabemos que nesse tempo, dominava a ditadura, depois da segunda guerra, da alta magistratura, protestava contra ela, e era parada dura.
52. Aquela pesada onda, foi crescendo dia a dia, a campanha eleitoral, era a voz da maioria, contrário a Getúlio Vargas, em prol da democracia.
53. Procedeu-se a eleição, nesse país brasileiro, e Eurico Gaspar Dutra, ocupar o lugar primeiro, foi eleito em nosso estado, pois era honesto e justiceiro.
54. E esse governador, como burguês e grã fino, foi viajar e deixou, em frente ao nosso destino, no governo do estado, o seu vice José Targino.
55. Não sei se este senhor, que achou de interessante, trocar o nome de Canoas, significativo importante, por este nome selvagem, feio e insignificante.
56. Tem na cacimba dos Bentos, um serrote atravessado, que oferece paisagem, de um para o outro lado, o rio mesmo com água, a gente passa folgado.
57. É porque naquele tempo, tem essa passagem boa, mesmo em dia de chuva, passa ali qualquer pessoa, e daí que se deriva, esse nome Canoas.
58. Já era o ano de 50, o do Jubilei falado, o nosso padre Apolônio, fundou o apostolado, uma irmandade santa, que o povo deixou de lado.
59. Muita gente associou-se, e tinha comunhão mensal, o tempo era bem 60, estava tudo legal, no fim do ano tivemos, tantas coisas infernal.
60. No ano de 52, a fome chegou aqui, era Eugênio Vasconcelos, prefeito de Picuí, mandou construir açudes, um no Abreu, outro aqui.
61. Assim Canoas marchava, em uma linha direta, das vilas da região foi sempre a mais predileta, no ano de 59, de Picuí se liberta.
62. O povo ficou alegre, em face da novidade, a profecia de padre Fileto, tornou-se realidade, quando dizia, Canoas, ainda será cidade.
63. Agora com esse evento tomaram outro destino, foi escolhido do povo o senhor José Paulino, pra assumir a prefeitura, como prefeito interino.

Anexos

Anexo 1

Parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MEMÓRIA E SENSIBILIDADES, NARRATIVAS QUE CONTAM VIDAS: HISTÓRIAS DO CICLO DO AGAVE EM CUBATI - PB(1950-1980)

Pesquisador: Silvano Fidelis de Lira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 23170313.6.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 550.161

Data da Relatoria: 06/02/2014

Apresentação do Projeto:

Durante as décadas de 1950-1980, a cidade Cubati, tornou-se uma das mais importantes produtoras de agave da região Nordeste do Brasil. A nossa perspectiva, buscando afastar-se da perspectiva econômica, está inserida dentro das concepções da História Cultural, na medida em que privilegia outros temas como a linguagem, o cotidiano, etc. (BURKE, 2005). Buscamos pensar como as narrativas dos idosos, sobre esse recorte temporal, desenham as suas memórias do passado, memórias constituídas a partir de sua sensibilidade. Memória, entendida, como uma arte, nesse sentido, dialogamos com autores como BOSI (1994); SEIXAS (2004).

Objetivo da Pesquisa:

Perceber como os idosos, que trabalharam nos campos e motores de agave em Cubati - PB, durante as décadas de 1950-1980, elaboram suas memórias a partir das narrativas do passado, imprimindo nelas suas sensibilidades, dessa forma promover um estudo que entrelace a memória desses sujeitos e a História Local do município.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo.

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

CEP: 58.051-900

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: eticaccs@ccs.ufpb.br; elianemduarte@hotmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



Continuação do Parecer: 550.161

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

Aprovar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

JOAO PESSOA, 10 de Março de 2014

Assinador por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador)

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: eticaccs@ccs.ufpb.br; elianemduarte@hotmail.com

Anexo 2

Termos de consentimento e livre esclarecimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre **Memória e sensibilidades, narrativas que contam vidas: histórias do ciclo do agave em Cubati – PB (1950-1980)** e está sendo desenvolvido por **Silvano Fidelis de Lira**, aluno do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof^a. **Dr^a. João Batista Gonçalves Bueno**.

Os objetivos do estudo são *entrevistar idosos que, durante as décadas de 1950-1980, viveram de forma direta ou indireta o período apice da produção de agave em Cubati – PB*. A finalidade deste trabalho é contribuir para a escrita da dissertação de mestrado e com a história local.

Solicitamos a sua colaboração para a realização de entrevistas orais com duração média de 20 (vinte) minutos, como também de sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos a área de Ciências Humanas e publicar em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo (caso seja de sua vontade). Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para sua saúde ou bem estar.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo da instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia desse documento.

Cubati, ____ de ____ de _____.

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa

